

Marina Ivanovna Mayorova

CASAS DE ALCAIDARIA

Estruturas habitacionais nos castelos portugueses entre os finais da Idade Média e os inícios da Época Moderna

Dissertação de Mestrado em História da Arte, Turismo e Património Cultural: Arte Medieval, orientada pela Doutora Luísa Trindade, apresentada ao Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coi

Faculdade de Letras

CASAS DE ALCAIDARIA

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	CASAS DE ALCAIDARIA. Estruturas habitacionais nos castelos portugueses entre os finais da Idade Média e os princípios da Época Moderna
Autor/a	Marina Ivanovna Mayorova
Orientador/a	Dra. Luísa Trindade
Coorientador/a	
Identificação do Curso	2º Ciclo em História da Arte
Área científica	História
Especialidade/Ramo	Arte Medieval
Data	2017

Índice:

Resumo	4
Abreviaturas usadas	5
Introdução	6
Parte I. Castelo, Alcaide-mor e o <i>Livro das Fortalezas</i> .	
Capítulo 1. Castelo – Função militar e função residencial	
a. Função militar	9
b. Função residencial	14
Capítulo 2. Alcaide-mor	21
Capítulo 3. <i>Livro das Fortalezas</i>	26
Parte II. Casas de Alcaidarias	
Capítulo 1. Castelos do Algarve e Alentejo	
a. Introdução	44
b. Organização do espaço no interior dos castelos	46
c. Funções e dimensões das casas	47
d. Torres de menagem	59
e. Materiais de construção e elementos decorativos	61
Capítulo 2. Castelos das Beiras	
a. Introdução	68
b. Organização do espaço no interior dos castelos	70
c. Funções e dimensões das casas	72
d. Torres de menagem	78
e. Materiais de construção e elementos decorativos	82
Conclusão	85
Fontes e bibliografia citadas	
a. Fontes impressas	90
b. Bibliografia	91
c. Fontes digitais	95
Anexo 1	96
Anexo 2	222

Resumo.

As silhuetas imponentes dos castelos que até hoje dominam a paisagem de muitas cidades e vilas portuguesas, remetem para tempos passados quando esses monumentos representavam o poder régio e serviam como centros militares, administrativos e judiciais do território. O seu desenvolvimento — desde a simples cerca até ao recinto complexo, dotado de várias torres, entre as quais a torre de menagem, com portas em cotovelo protegidas por cubelos e barbacãs, e muralhas antecedidas por cavas e fossos, foi promovido por monarcas e mestres das Ordens Militares, principalmente a do Templo. Mas o surgimento das armas de fogo no século XIV alterou por completo as regras de poliorcética e exigiu um novo tipo de fortaleza, tornando os castelos obsoletos. No decorrer dos séculos, o castelo não foi usado apenas para fins militares, servindo igualmente como local da residência dos alcaides-mores, pessoas que respondiam pela defesa das povoações e seus termos, assim como pela manutenção das próprias fortalezas. De que forma coincidiam as duas funções — militar e residencial no interior das praças-fortes, como se dividia o espaço, qual o programa construtivo? São essas algumas das questões a que o presente estudo pretende responder. O *Livro das Fortalezas*, inestimável testemunho iconográfico da primeira década do século XVI, constituiu a fonte principal, sendo a análise das suas plantas e desenhos acompanhada pelas descrições existentes na documentação coeva, sobretudo os *Tombos da Ordem de Cristo* e *Visitações da Ordem de Santiago*.

Palavras-chave: castelo, alcaide-mor, torre de menagem, casas de alcaidaria, Livro das Fortalezas, Duarte de Armas, habitação medieval.

Abstract.

The imposing silhouettes of castles, dominating landscapes of multiple Portuguese cities and villas, date back to when these monuments represented royal power and served as military, administrative and judicial centres of the region. Their progression from a simple fence to a complete enclosure with multiple towers, amongst which a keep, with reinforced gates, with walls preceded by moats, was promoted by the monarchs and the Masters of military orders, in particular the Order of Templar's. But the appearance of fire arms in XIV century modified completely the art of warfare and siege demanded a new type of fortress, turning thus the castles obsolete. Over the centuries warfare was not the only purpose of the castle; it also served as a place of residence of the wardens (alcaydes), people responsible for the protection of the surrounding lands and populations as well as the maintenance of the fortress itself. How were these two functions, military and residential, combined in the interior of the strong fort? How was the space shared? What plan was followed in construction? These are some of the questions that this study is aspiring to answer. The *Livro das Fortalezas*, an invaluable iconographic depiction from the first decade of the XVI century, was used as the primary source. The analysis of its plans and images is accompanied by descriptions from documentation contemporary to it, especially from *Tombos da Ordem de Cristo* and *Visitações da Ordem de Santiago*.

Key words: castel, alcayde (warden), keep, alcayde's housing, Livro das Fortalezas, Duarte de Armas, medieval habitation.

Abreviaturas usadas.

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ADTT – Arquivo Digital da Torre do Tombo

BNM – Biblioteca Nacional de Madrid

Introdução.

É vasta a bibliografia sobre a habitação medieval, tanto em Portugal, com noutros países europeus. O tipo de casa, as diferenças entre a habitação dos diversos estratos sociais, os materiais de construção, acabamentos, condições de conforto ou mobiliário usado, entre outros aspetos da vida quotidiana na Idade Média, estão descritos em diversas obras, várias das quais aqui usadas como suporte bibliográfico.

Ainda assim, pareceu-nos oportuno estudar as habitações que outrora existiram no interior dos castelos — as casas do alcaide-mor, a pessoa responsável pela guarda e manutenção do castelo bem como do comando militar da vila ou cidade. Até que ponto a estrutura militar condicionaria a estrutura habitacional? quais as suas exatas funções? dimensão, características? seriam similares às demais residências da nobreza erguidas em contexto civil?

A resposta a estas questões obrigou a rever algumas outras como as características do próprio castelo, a sua evolução e a forma como se alteraram as suas funções no decorrer dos séculos, permitindo por exemplo o avanço da função residencial, em detrimento da pertinência estritamente militar. Por outro lado, considerou-se necessário saber quem eram alcaides-mores – em que estrato social eram recrutados, quais as suas obrigações e os seus benefícios?

O estudo teve por base os desenhos de vistas e plantas do *Livro das Fortalezas*, realizado por Duarte de Armas na primeira década do século XVI, onde, com maior ou menor destaque, se retratam as alcaidarias dos castelos raianos.

Para responder às questões acima enunciadas, dividimos o trabalho em duas partes: a primeira parte compõe-se de três capítulos focando respetivamente os castelos, a figura do alcaide-mor e o *Livro das Fortalezas*.

O primeiro capítulo, dedicado aos castelos, revê a sua história, das reformas que sofreram para um mais eficaz desempenho da função militar e dos grandes protagonistas dessas reformas. Igualmente presente é a função residencial que as praças-fortes detiveram praticamente desde o seu aparecimento nos finais da Alta Idade Média, e o seu desenvolvimento, acompanhando as reformas militares bem como as alterações no campo social e administrativo. Em todos estes aspetos, os estudos realizados por Mário Jorge Barroca foram essenciais.

Sobre a figura do alcaide-mor, as suas funções, obrigações e benefícios, pela primeira vez definidos nas *Siete Partidas* de Afonso X de Castela, debruçamo-nos no segundo capítulo. Aqui incluímos os excertos da legislação de D. Duarte, das *Ordenações Afonsinas* e *Manuelinas* que diziam respeito à nomeação, às funções e às remunerações dos alcaides-mores que, em conjunto com os estudos sobre o desenvolvimento da arte bélica e dos novos sistemas de administração de territórios, traçaram o caminho do esvaziamento paulatino do cargo do alcaide-mor das suas competências judiciais, administrativas e, no fim, militares, até à sua transformação num cargo quase só honorífico, sem perder, entretanto, os seus rendimentos. Neste âmbito, revelou-se essencial a investigação de João Gouveia Monteiro.

O terceiro capítulo da primeira parte é dedicado ao *Livro das Fortalezas* e ao seu autor, Duarte de Armas. Recordámos os estudos já realizados sobre o tema bem como o seu aproveitamento para a análise de diversos ramos do saber, história, arquitetura, demografia, geografia, etc.. A análise do próprio *Livro*, a forma como terá sido realizado, as técnicas de desenho usadas por Duarte de Armas e a comparação dos dois Códices existentes estiveram igualmente presentes, para o que recorreremos especialmente aos trabalhos mais recentes de Paulo Pereira.

O cotejo dos desenhos de Duarte de Armas com os resultados dos vários estudos

feitos com base em documentação coeva, confirmou que os modelos das casas, a permeabilidade de aspetos rurais e urbanos, a presença de certas formas arquitetónicas como alpendres, varandas, balcões, escadas exteriores, etc., correspondem efetivamente ao que seria o uso frequente nos finais da Idade Média e inícios da Época Moderna. O que também significa que as alcaidarias por ele apresentadas não terão sido desenhadas de forma aleatória.

A segunda parte do trabalho foi dedicada à análise das plantas e dos desenhos dos castelos do *Livro das Fortalezas*. Dividimo-la em dois capítulos: o primeiro, dedicado aos castelos do Algarve e do Alentejo; o segundo, aos castelos das Beiras. Remata esta segunda parte uma conclusão sobre o que seria a essência da casa do alcaide-mor através da apresentação de uma "versão tipo".

O estudo da informação gráfica, iconográfica e escrita dos dois Códices do *Livro das Fortalezas* foi acompanhado pelo cotejo feito com as descrições coevas, existentes nos *Tombos da Ordem de Cristo* e nas *Visitações da Ordem de Santiago*. Isso permitiu definir a posição muito aproximada das casas, as suas funções, a forma como se organizava o espaço no interior das praças-fortes; as dimensões dos espaços da habitação e de serventias, e a quantidade relativa de construções destinadas a uma e a outra, o tipo de materiais usado para a construção e os acabamentos, bem como as condições de conforto que as casas ofereceriam.

A comparação das plantas para as quais existem descrições com as outras, que não as tinham, ajudou a estabelecer alguns paralelos e a definir as linhas gerais da organização dos espaços habitacionais.

Da maior relevância revelaram-se os levantamentos feitos no terreno, absolutamente essenciais para a interpretação mais acertada das plantas, para uma perceção do espaço no interior das praças-fortes e das suas dimensões reais. Foi esta a forma de resolvermos muitos dos problemas de escala, do posicionamento relativo de construções e das suas ligações. Nos raros casos de persistência, no interior dos castelos, de ruínas compatíveis com as estruturas desenhadas por Duarte de Armas, foi possível fazer medições ou confirmar medidas apresentadas nos *Tombos*, assim como ver o tipo de materiais usados na sua construção. A relação das casas com as torres da praça, principalmente com a torre de menagem que em várias fontes bibliográficas é apresentada como espaço habitacional por excelência, ficou igualmente mais esclarecida.

A divisão da segunda parte em dois capítulos foi determinada pelas diferenças existentes entre os castelos alentejanos e os castelos beirãos, quanto à forma das plantas, áreas, quantidade de torres e seu posicionamento, bem como pela disposição das construções no interior das praças.

Embora fosse nossa intenção incluir na segunda parte um outro capítulo, dedicado à análise dos castelos do Alto Douro e Minho, região onde existiam autênticos paços nas praças de Bragança, Mogadouro, Outeiro, Chaves, Montalegre, etc, este trabalho não foi realizado pelas diversas razões: a falta da documentação coeva com descrições já publicada; a falta de estudos arqueológicos incidindo sobre uma cronologia tardomedieval; o facto de, dos catorze castelos raianos existentes nesta região, sete estarem entregues à Casa de Bragança e três na posse da família dos Távora¹. A composição bastante complexa da maioria dessas residências e a sua pertença apenas a duas famílias da alta nobreza fez-nos pensar na possibilidade de os seus espaços serem organizados de forma diferente das alcaidarias do Alentejo e Beiras, cujas descrições foram retiradas dos *Tombos da Ordem de Cristo*.

¹ Não contabilizámos as praças de Freixo de Espada-a-Cinta, Vinhais, Monção, Valença do Minho, Vila Nova de Cerveira e Caminha apenas dotadas de cercas vilãs.

Para além da parte escrita, o trabalho contém dois anexos que constituem o segundo volume. Dessa forma, a leitura pode ser acompanhada pela informação complementar, desenhos, plantas e fotos, que permitem perceber melhor a parte descritiva.

O Anexo 1 inclui a informação sobre os castelos analisados na segunda parte do trabalho, organizado segundo o percurso de Duarte de Armas, de Castro Marim a Castelo Rodrigo. Para cada um dos trinta e um castelos apresenta-se a informação sobre a sua atual localização administrativa, o resumo da sua história com as datas de construção e intervenções realizadas em outras alturas, quem era o alcaide e qual o seu estado à época da visita de Duarte de Armas, bem como o seu estado atual.

A parte descritiva, acompanhada por cópias dos desenhos e da planta, retirados do *Livro das Fortalezas*, trata da aferição das orientações e da apresentação das casas e torres que poderiam ter alguma função para além da militar: a sua quantidade, localização, posicionamento em relação às muralhas, os elementos construtivos que eventualmente aparecem nas vistas, etc.².

Quando existem descrições da praça nos *Tombos da Ordem de Cristo* ou nas *Visitações da Ordem de Santiago* elas foram igualmente incluídas no Anexo 1, assim como as descrições do estado atual das torres de menagem e outros dados recolhidos durante o trabalho de campo. O cotejo com os relatos dos *Tombos* e das *Visitações* permitiu identificar nas plantas a posição exata das casas com certas funções. Além disso, segundo as dimensões indicadas nos *Tombos*, foi feito o desdobramento por pisos bem como das plantas à escala das alcaidarias de Nisa e Castelo Branco. A planta da alcaidaria de Mértola, na ausência das dimensões, foi desdobrada de forma esquemática. Essas plantas descodificadas e desdobradas estão incluídas no Anexo 1.

Finalmente, apresenta-se a bibliografia usada para elaboração deste anexo.

O Anexo 2 incorpora um conjunto de imagens, esquemas e fotografias que ilustram a segunda parte do texto.

Resta-nos, nesta breve introdução, clarificar o significado das palavras castelo, casa, residência e habitação.

Em várias fontes bibliográficas o castelo significa o conjunto da vila amuralhada e o castelejo, localizado na parte mais alta, e que representa o último recurso da defesa. Para este trabalho usamos o termo castelo como equivalente a um recinto relativamente pequeno, delimitado por muralhas, às quais podem ser adossadas várias torres, e uma ou duas portas. Destina-se as funções militares e ao abrigo da guarnição, e, quando o espaço permite, a residência do alcaide-mor.

A palavra “casa”, para os fins do presente trabalho, significa apenas uma construção delimitada por quatro paredes e sem divisórias interiores. Uma casa ou um conjunto de casas destinado para habitação humana é uma residência ou uma habitação. Uma casa ou um conjunto de casas destinado a outras funções são serventias ou casas de serviço.

² A aferição da orientação dos desenhos é feita a base do estudo realizado por Pedro Gameiro. GAMEIRO, Pedro Maria Afonso de Matos, *O Semblante Original das Fortalezas Medievais de Portugal*, Tese de Doutoramento em Engenharia Civil y Arquitectura. Universidade de Granada, 2014. Anexo I, Figura 17, pp. 28-31).

PARTE I. Castelo, Alcaide-mor e o *Livro das Fortalezas*.

Capítulo 1.

Castelo – função militar e função residencial

a. Função militar

No decorrer de longos séculos os castelos serviram de núcleo à volta dos quais se organizava a vida de povoações, e isso torna-os um objeto de estudo “(...) absolutamente necessário, não só para compreender como as populações se defenderam contra as piratarías, razias e invasões, como também para saber como foi organizado administrativa, judicial e estrategicamente o território dos estados”.³

São muitas as obras que estudam o papel dos castelos no decorrer da Idade Média do ponto de vista da história militar, social, arquitetura, etc.⁴ Estamos muito longe de tentar reproduzir aqui os resultados desses estudos, mas achamos por bem, por forma a minimamente contextualizar o objeto de estudo, referir de forma breve as origens do castelo e as reformas a que foi submetido com o progresso da poliorcética e a evolução da sociedade.

Desde os tempos pré-históricos chegaram-nos testemunhos da construção de fortificações que as comunidades levantavam à volta do seu *habitat* para se proteger a si e aos seus bens no caso de guerras locais ou invasões de tribos nómadas vindos de terras longínquas. No território da Europa Ocidental e, particularmente, no da Península Ibérica os estudos arqueológicos falam-nos da existência dos castros ainda pré-romanos; dos vários tipos de amuralhamentos à volta das cidades e vilas no tempo do Império Romano que incluíam cubelos ou torres de planta poligonal ou retangular, assim como diversificados sistemas de portas; do regresso à construção castreja depois da desestruturação do Império, quando, com a vinda de Godos e Alanos, as populações ficaram entregues a si próprias e tinham que se defender conforme podiam.⁵

Mas o castelo, no seu significado medieval, como “estrutura muralhada ocupando um pequeno espaço onde se concentra uma guarnição de soldados”⁶, deve ter aparecido nos primórdios de Reconquista Cristã, em meados do século VIII, no reinado de D. Afonso I de Astúrias (739-757). Por falta de provas documentais é difícil estabelecer a data exata do seu aparecimento, assim como por falta de provas materiais é difícil descrever a sua forma arquitetónica. Mas, segundo Mário Barroca, “a impressão geral com que se fica da análise de vários desses castelos é a de que deveriam ser estruturas muito rudimentares, com muros incipientes, aproveitando sempre que possível as facilidades concedidas pela morfologia do terreno para a defesa e onde desaterros artificiais acentuavam a diferença de cota. Implantados em locais elevados, privilegiando o campo de visão, as suas muralhas aproveitavam a presença de batólitos graníticos para se apoiarem, diminuindo assim o esforço de construção. Os seus espaços deviam ser reduzidos por forma a facilitar a defesa desse reduto e a minimizar o custo

³ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho. Desde início até 1220*. Trabalho complementar para prestação de provas de doutoramento em História da Arte. Porto: 1978, p. 24.

⁴ Além das obras de Carlos Alberto F. de Almeida, podemos referir aqui os trabalhos de Mário Jorge Barroca; Rita Costa Gomes, João Gouveia Monteiro, Humberto Baquero Moreno, Pedro Cid, Domingos Bucho, etc.

⁵ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, *Castelologia Medieval...* pp. 12-13 (Castros); pp. 16-20 (Sistemas defensivos tardo-romanos e suevo-visigóticos).

⁶ Definição de Mário Barroca. BARROCA, Mário Jorge. *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico. (Séc. IX a XII)*, in *PORTVGALIA*, Nova Série, Vol. XI-XII, 1990/91, p. 91.

de construção.”⁷

O aumento do território cristão com a fixação da fronteira nas margens do rio Douro, durante o reinado de D. Afonso III das Astúrias (866-910), implicou a divisão administrativa dos reinos em *territoria* e *civitates*. As *territoria*, grandes unidades geográficas apoiadas na divisão diocesana e com centros nas cidades episcopais, reuniam as vertentes administrativa, religiosa e militar, e a sua vastidão implicava a existência de muitos castelos e outros tipos de fortificações. As *civitates* correspondiam apenas aos critérios militares e o castelo, governado por um nobre, encontrava-se à frente do seu destino.⁸

No que diz respeito ao território de Portugal, vários tipos de fortificações, como castelos roqueiros, castros, atalaias, etc., no decorrer dos séculos X e XI, cobriram grande parte do território da região norte e noroeste até o rio Douro, pelo qual passava a fronteira.⁹ Carlos Alberto F. de Almeida contabilizou para a região de Entre-Douro-e-Minho cerca de 187 estruturas militares, identificadas na documentação medieval. Mas, segundo a sua opinião, este número não apresentava a totalidade deste tipo de construções.¹⁰ A quantidade de fortificações multiplicava-se nos sítios onde passavam as principais vias de comunicação ainda da tradição romana e mais tardias, nos locais de portelas e foz de rios (Portela de Leitões; região Argoncilhe-Feira; Ponte de Ave e Ponte de Lima por exemplo), assim como sobre entradas marítimas e fluviais (região Ovar-Esmoriz; foz de rios como Douro, Leça, Ave, Neiva, Lima, Minho, etc.). As linhas de defesa seguiam as vias de razias muçulmanas e incursões de piratas normandas. Por isso, os governantes da época davam tanta atenção à construção de castelos e cercas e ensinavam os seus povos a defende-las. Nessas obras tinham que colaborar todos, até os clérigos, “...havia uma relação muito íntima entre o bispo e a sua cidade, ...entre mosteiros e a construção de castelos”. O objetivo de fortificação era múltiplo – defesa de relíquias, de bens e de pessoas.¹¹

Para o século X, documentação coeva comprova a existência de castelos condais no território português, caso dos castelos de D. Flamula e de D. Mumadona Dias.

O avanço de Reconquista no século XI, promovido por D. Fernando I, o Magno (1037-1065), fixou as fronteiras dos reinos cristãos no Mondego e ditou a necessidade

⁷BARROCA, Mário Jorge. *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico*, p. 91.

⁸A Portugal correspondiam três grandes *territória*: o de Braga; o de Portucale, o de Coimbra, embora o último foi reconquistado por muçulmanos nos finais do século X; e dois *civitates* – o de Anegia e o de Santa Maria, constituído provavelmente depois da conquista de Coimbra por muçulmanos. Do castelo pré-românico de Santa Maria ainda restaram alguns vestígios: porta principal de Alcáçova (último quartel do século X ou início do XI) em arco ultrapassado, embora adulterada por intervenções posteriores que modificaram a sua silhueta moçárabe, esta porta ainda tem aduelas e impostas que são suficientemente elucidativas. A atual forma do perímetro de muralha corresponde quase na totalidade à planta do castelo primitivo, o que é testemunhado pelo aparelho de construção junto aos alicerces. A planta original de Alcáçova era munida de torreões retangulares nos ângulos o que evoca as construções moçárabes e põe ela em paralelo com a fase pré-românica do castelo de Lanhoso (remodelado por D. Pedro, bispo de Braga (1070-1091). BARROCA, Mário Jorge. *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico*, p. 92.

⁹Avanço da Reconquista com Afonso III das Astúrias (866-909): presúria do Porto por conde Vimara Peres e de Chaves por conde D. Odoário (872). A partir desses pontos foi feito o avanço na direção do norte e foram reconquistadas Braga e a região de Entre-Douro-e-Minho (Braga-Guimarães) – “...eixo de vital importância económica e demográfica”. A presúria de Chaves garantiu o controlo de eixo de circulação situado na bacia tectónica Régua/Verin que permitia o acesso até junto do Douro. Em 878, foi pela primeira vez tomada a Coimbra por D. Hermenegildo que, por algum tempo, colocou a linha fronteiriça para junto de Mondego. Essa progressão de forças cristãs permitiu que, em 914, a capital de Astúrias se transferisse de Oviedo para León. BARROCA, Mário Jorge. *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico*, p. 92.

¹⁰ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; *Castelologia Medieval*, p. 44.

¹¹ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; *Castelologia Medieval*, p. 45.

de uma nova organização administrativa e militar. As “terras” vieram substituir os *territoria* e *civitates*, o que limitou o poder condal transferindo grande parte dele para uma nova nobreza, constituída por infanções e tenentes.

A campanha das Beiras que, decorrida em meados do século XI, culminou com a conquista de Coimbra, em 1064, trouxe transformações importantes: por um lado inaugura-se uma fase de cercos prolongados, com recurso à “cavalaria pesada”, em ações planeadas e dotadas de apoio de retaguarda. Paralelamente, através de doação de várias cartas de forais às povoações das Beiras, D. Fernando I criou a cavalaria-vilã – uma cavalaria não nobre que formará a aristocracia municipal.¹²

À frente do novo condado de Coimbra, constituído por um vasto território “limitado a Norte pelo curso do Douro e estendendo-se até Coimbra e a todas as terras que as forças cristãs possuísem a Sul” ficou D. Sesnando Davides¹³. A recuperação das estruturas defensivas existentes a par do erguer de novas, em locais estratégicos foi uma das preocupações de D. Sesnando: castelos de São Martinho dos Mouros, Lamego, Montemor-o-Velho, Soure, Arouce e Penela, entre outros, são disso exemplo¹⁴.

A instituição das terras ficou marcada pela construção de novos castelos e pelo desaparecimento de vários dos antigos agora situados no interior, e por isso sem valor militar. Por outro lado, desenvolveram-se os castelos que passaram a governar as terras assumindo-se como centros jurídicos e administrativos.

A fundação do novo Condado em finais do século XI, na sequência da morte de D. Sesnando e do casamento de D. Henrique de Bolonha com D. Teresa, filha de D. Afonso VI de Leão, em 1096, trouxe para a ordem do dia a proteção de fronteiras meridionais contra as razias Almorávidas, sendo a guerra contra Islão usada como fator de coesão entre as famílias nobres do Norte e poderes concelhios do Sul do condado portugalense¹⁵. A política de D. Henrique foi continuada por seu filho D. Afonso Henriques (1139-1185) cuja ação militar permitiu aumentar o território quase em dobro levando-o até linha do Tejo em 1147, e até as praças de Évora, Moura, Serpa e Juromenha em 1157. Tendo por pano de fundo a manutenção e povoamento dos territórios conquistados, foram reconstruídos vários dos castelos das praças ocupadas e construídos novos (de Leiria, de Coruche, etc.). Não se tratou apenas de um investimento na fronteira meridional, merecendo a raia entre Portugal e Leão a mesma, se não maior, atenção por parte do monarca. “Foi desenvolvida uma cerrada linha de fortificações ao longo de fronteira, favorecendo a defesa das terras beirãs e preparando a expansão portuguesa para a região do Coa. Entre 1157 e 1169, foram atribuídos forais às localidades de Freixo de Espada-a-Cinta, Marialva, Moreira do Rei, Trancoso, Celorico da Beira, Aguiar da Beira, Linhares e, talvez ainda neste período, Penela da Beira”¹⁶.

A divisão administrativa do novo reino, herdada ainda dos tempos de Fernando Magno, estava representada por grandes domínios senhoriais, coutos das instituições religiosas, terras reguengas governadas por tenentes e vilas concelhias. Dessa forma, o exercício do poder militar, administrativo e jurídico dividia-se entre senhores laicos e eclesiásticos, representantes régios e concelhos. Independentemente disso, a organização da vida das povoações ligava-se aos castelos que dominavam o território,

¹² BARROCA, Mário Jorge. *História das Campanhas*, in BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.). *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003, pp. 32-33.

¹³ BARROCA, Mário Jorge. *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico*, p. 101.

¹⁴ BARROCA, Mário Jorge. *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico*, p. 102.

¹⁵ MORENO, Humberto Baquero, (coord.). *História de Portugal Medieval: político e institucional*.

Lisboa: Universidade Aberta, 1995, pp. 29-32. MATTOSO, José. *O Condado Portugalense*. In *História de Portugal*, dirigida por José Hermano Saraiva. Vol. 2. Lisboa: Publicações Alfa, 1983, p. 31.

¹⁶ MORENO, Humberto Baquero (coord.), *História de Portugal Medieval*, p. 60.

alcandorados nos pontos mais altos, com casario construído sob a proteção das suas grossas muralhas e, na maioria dos casos, cingidos pela cerca da vila.

A vinda para a Península Ibérica dos freires da Ordem do Templo é igualmente da máxima relevância no âmbito das estruturas defensivas. As Ordens foram “(...) na sua época, as organizações detentoras dos mais avançados conhecimentos militares, quer na arte de fazer a guerra, quer na arte de erguer fortificações”¹⁷, pelo que à Ordem do Templo se deve a primeira reforma na arquitetura militar portuguesa, segundo Mário Barroca “o mais coerente e arrojado programa de reforma de estruturas militares que Portugal conheceu ao longo do século XII”¹⁸. Na sequência do regresso de D. Gualdim Pais, depois de cinco anos de permanência no Próximo Oriente, o período compreendido entre 1156 e 1172 representou a reformulação ou construção dos castelos de Tomar, Pombal, Almourol; Penhas Róias; Longroiva, Soure, Cardiga, Zêzere, Idanha-a-Velha e Monsanto¹⁹. A torre de menagem, o alambor, os caminhos de ronda protegidos por peitoris e ameias, o hurdício, as portas protegidas por torres são algumas das importantes novidades então introduzidas. Além disso, pela primeira vez, em Tomar, foi construído o castelo que correspondia ao modelo do Sul, muçulmano, constituído por Alcáçova e Almedina, e não aos modelos nortenhos de castelos resumidos aos pátios de dimensões exíguas protegidos por muralhas.

A ocupação efetiva dos territórios conquistados marcava-se pela construção de novas fortificações e fundação de povoações à volta delas, assim como a guerra era decidida pela quantidade de castelos que se tomavam. Até os meados do século XIII a iniciativa de construção de castelos e outro tipo de fortificações ainda podia ser tomada pelo senhor ou tenente da “terra”, o que representava um certo perigo para integridade do território do país²⁰ o que não se coadunava com a progressiva centralização do poder régio. O primeiro rei que se opôs à construção de casas fortes por parte da nobreza foi D. Sancho I (1185-1211), chegando ao ponto de mandar destruir, em 1171, a casa-torre de D. Lourenço Fernando da Cunha²¹. Foi, todavia, com D. Dinis (1279-1325) que a construção de qualquer tipo de fortificação passou a ser do direito exclusivo de rei²². O triunfo do *Ius Crenelandi* foi preparado por várias reformas jurídicas e administrativas,

¹⁷ BARROCA, Mário Jorge. *A Ordem do Templo e a Arquitectura Militar Portuguesa do Seculo XII*. In *Portugalia*, Nova Série, Vol. XVII-XVIII, 1996/1997, p. 171.

¹⁸ BARROCA, Mário Jorge. *A Ordem do Templo...*, p. 196.

¹⁹ BARROCA, Mário Jorge. *A Ordem do Templo...*, pp. 195-196.

²⁰ Como o exemplo aqui podem servir os casos jurídicos do reinado de D. Afonso II ou reinado conturbado de D. Sancho II. (MATTOSO, José (dir.). *Dois séculos de vicissitudes políticas (1096-1325)*. In *História de Portugal*. Vol. 2. Editorial Estampa, 1993.) Ou o caso de castelos de Serpa, Moura e Mourão que faziam parte de dote de D. Beatriz, mulher de D. Afonso III que este rei doou à Ordem do Hospital, e o prior da mesma acabou por entregar de novo a Afonso X em troca das outras terras (*Livro dos Foraes, Escripturas, Doações, Privilégios e Inquirições*. Pref. de José Mendes da Cunha Saraiva. Vol.3. Subsídios para a História da Ordem da Malta. Lisboa: Arquivo Nacional do Ministério das Finanças, 1948, p. 122.

²¹ BARROCA, Mario Jorge. *Torres, Casas-torres ou Casas Fortes: a concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média*. Separata da Revista de História das Ideias, vol. 19. Coimbra: Faculdade de Letras, 1997/98, p. 53. Também no reinado deste monarca diminuiu drasticamente a atribuição de cartas de couto com objetivo de evitar “a limitação do poder do rei e uma diminuição dos seus rendimentos”, aumentando, em contrapartida, a conceção de cartas de foral (Torres Novas, Almada, Marmelar, Pontével, Povos, S. Vicente da Beira, Penedono, Guarda, Belmonte, Penamacor, Pinhel, etc.) MORENO, Humberto Baquero (coord.). *História de Portugal Medieval...*, pp. 75-76.

²² Um dos passos mais notáveis no processo lento da centralização do poder que se prolongou até os meados do século XVI.

implementadas por D. Dinis num período entre 1279 e 1288²³, a que se seguiria uma profunda modernização das estruturas militares desenvolvida entre 1288 e 1315, quando cerca de 57 castelos foram intervencionados ou construídos de raiz.²⁴ Destes, cerca de 80% localizavam-se na fronteira entre Portugal e Leão definida pelo Tratado de Alcañices, assinado em 1297²⁵. Às povoações que se fundavam à volta, eram atribuídas as cartas de foral estipulando os privilégios que visavam fixar gentes nas zonas de maior instabilidade e difícil acesso.

A reforma dionísia na arquitetura militar trouxe as modificações que transformaram o castelo concebido para “defesa passiva” no castelo de “defesa ativa”, matéria já descrita em detalhe por vários autores²⁶, pelo que aqui apenas as elencaremos: as torres de menagem passam a ser adossadas às muralhas, pelo exterior, por vezes em posição de canto; algumas torres passam a ter planta poligonal; multiplica-se a quantidade de torres adossadas às muralhas; são introduzidos e generalizados os sistemas do tiro vertical – balcões com matacões e *machicoulis*; generaliza-se o enquadramento das portas dos castelos por torreões; os adarves tornam-se mais largos e com escadas de acesso adossadas às muralhas; as ameias ganham o dobro de largura em relação às abertas e incluem seteiras cruciformes.

Mas porque a partir do século XIV, o controle de um território passa a ser conseguido pela conquista das suas principais cidades²⁷, as cercas e muralhas urbanas são dotadas das mais recentes modificações, esforço particularmente sentido no reinado de D. Fernando.

No decorrer dos séculos XIV e XV, castelos e cercas são rodeados por barbacãs extensas ou barbacãs de portas²⁸, elementos muito uteis face ao desenvolvimento das armas de fogo, cujo aparecimento em Portugal é documentado para o ano de 1381,

²³ Essas reformas tinham como objetivo de esvaziar de poder as tenências de castelos. O cargo de tenente deixa de existir a partir de 1287, antes disso as “terras” começam a ser referidas como julgados o que, mantendo o espaço geográfico inalterado, acentua muito mais a dimensão civil e judicial, diminuindo a dimensão militar. Os alcaides, funcionários de nomeação régia, substituem os Tenentes, membros de alta nobreza que governavam as terras. Aos alcaides está conferido o poder militar, enquanto os poderes civil e judicial são da competência de meirinhos e juízes, também de nomeação régia. Mais uns passos nesse sentido foram dados em 1322, com instituição dos Besteiros do Conto, e, mais tarde já no reinado de D. Afonso IV, quando os Corregedores das Comarcas foram incumbidos de visitarem os castelos para verificar o seu estado e o estado de arsenais. (BARROCA, Mário Jorge; *D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa*; Universidade do Porto; *Revista da Faculdade de Letras*, II Série; Vol. XV; Tomo I; Porto; 1998. Pp. 805-806).

²⁴ BARROCA, Mário Jorge. *Arquitectura Militar*. In BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.). *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003, p.118.

²⁵ A lista dos castelos intervencionados no reinado de D. Dinis, assim como o mapa da sua localização, foi elaborada por Mário Barroca (BARROCA, Mário Jorge. *D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa*. Porto: Universidade do Porto; *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, Vol. XV, Tomo I, 1998, pp. 820-822).

²⁶ BARROCA, Mário Jorge. *D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa*. Porto: Universidade do Porto; *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, Vol. XV, Tomo I, 1998. MONTEIRO, João Gouveia. *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média, Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Lisboa: Colibri, 1999. BARROCA, Mário Jorge, *Arquitectura Militar*. In BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.), *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 1. Círculo de Leitores, 2003. MONTEIRO, João Gouveia; *Castelos e Armamento*, In BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.), *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 1. Círculo de Leitores, 2003, etc.

²⁷ BARROCA, Mário Jorge. *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. 1. Porto, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 345.

²⁸ Os exemplos mais precoces de barbacãs datam dos finais do reinado de D. Afonso IV ou início do reinado de D. Pedro I. Em 1358 já existiam barbacãs em Crato e em Amieira. (MONTEIRO, J. Gouveia; *Castelos e Armamento*, p. 173).

durante a terceira guerra fernandina²⁹. No século seguinte, a pirobalística ganha uma importância considerável, facilmente medida pelo facto de, no reinado de D. João II, em 1488, o monarca mandar “...prover, fortalecer e reparar todas as cidades, villas e castelos dos extremos dos seus reynos, assim no reparo e defensam dos baluartes, cavas muros e torres, como em artilharias, pólvora, salitre, armas, almazens, e todas as outras cousas necessarias”.³⁰

Dos meados do século XV datam as primeiras troneiras que rapidamente se difundem e ganham novas formas (em T, cruzetadas e recruzetadas), surgindo nos muros e cubelos das barbacãs, em ameias e parapeitos dos adarves ou nos pisos superiores das torres de menagem.

É talvez em função desta atualização que, em 1508, D. Manuel, mandou o seu escudeiro Duarte de Armas fazer o levantamento dos castelos da raia terrestre para averiguar do seu estado. O resultado desse levantamento, o *Livro das Fortalezas*, é um documento do valor inestimável que nos informa do aspeto e do estado dos 55 castelos das povoações raianas, a que acrescem as vilas de Barcelos e de Sintra, álbum que analisaremos de forma detalhada no 3º capítulo deste trabalho.

Chegada ao limite a capacidade de adaptação das velhas construções, o desenvolvimento das armas de fogo e aumento do seu poder destrutivo obrigaram a repensar toda a estrutura arquitetónica das fortalezas. Ao reinado de D. Manuel corresponde um intenso período experimental a que pertencem obras como a Torre de Belém, o castelo de Vila Viçosa, o castelo-paço de Évora-Monte, ou outras erguidas na costa africana, pensadas e realizadas pelos Arruda³¹. Ao longo deste percurso, o baluarte moderno, progressiva mas definitivamente, substituiria a torre medieval.

b. Função residencial

O castelo propriamente dito — espaço exíguo rodeado por uma muralha alta — desde sempre precisou de ter alguma construção no seu interior para dar abrigo à guarnição e guardar bens essenciais, como água e alimentos, determinantes por ocasião dos assédios. Nos tempos remotos, essas construções resumiam-se às casas feitas de madeira ou o próprio castelo tinha a forma de uma torre (caso da torre de D. Flamula, em Trancoso), não se destinando a estadia prolongada, vivendo os membros das guarnições de forma permanente nas casas localizadas nas povoações adjacentes. Para o século XI, temos testemunhos documentais da existência do paço de D. Pedro (1070-1091), bispo de Braga, no interior do castelo de Lanhoso, e da possibilidade de habitação permanente nos castelos de Montemor-o-Velho e de Penacova³². No interior do castelo de Soure, construído ou reconstruído por D. Sesnando durante o reinado de D. Afonso VI de Leão (1065-1109), no canto SE da praça, existia uma casa com sobrado do qual até hoje subsistem quatro ajimezes (um deles entaipado) com arcos ornamentados com frisos de pontas de diamante, que na altura pertenciam a um “andar nobre” localizado no primeiro piso, enquanto no rés-do-chão estavam rasgadas apenas

²⁹ MONTEIRO, J. Gouveia. *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri, 1999, p. 39.

³⁰ RESENDE, Garcia de. *Cronica de D. João II e Miscelânea*. Reimpressão fac-similada da nova edição conforme a de 1798, com prefácio de Joaquim Veríssimo Serrão. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa de Moeda, 1973, p. 102.

³¹ BARROCA, Mário Jorge. *Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)*. In *Portugalia*, Nova Série, Vol. XXIV, 2003, p. 98.

³² ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Castelologia Medieval...*, p. 54.

umas frestas³³. É provável que essa casa servisse de residência ao alcaide.

Entre 1156-1159, os Templários ergueram o castelo de Pombal, em cujo interior existiam várias construções destinadas aos freires, o paço para o Mestre e uma pequena igreja consagrada a S. Miguel. Só mais tarde, em 1171 foi erguida a torre de menagem³⁴. A organização do espaço no interior do castelo de Tomar, cuja construção levou dez anos (1160-1170), e que foi desde o início pensado como a sede da Ordem do Templo, foi muito mais complexa. Aqui, o espaço cercado por muralhas incluía a alcáçova e a almedina, separadas por um pátio. A alcáçova era reservada para uso exclusivo dos freires, e a almedina para moradores da vila. Na alcáçova encontravam-se dois polos principais: a igreja e o castelo, propriamente dito, unidos por um espaço onde se localizavam várias construções destinadas aos freires³⁵.

Nos castelos-conventos erguidos pelas ordens militares (castelo de Belver e castelo de Avis, na primeira década do século XIII pelas Ordens de Hospital e de Avis, respetivamente; castelo de Alcácer do Sal nos finais do mesmo século pela Ordem de Santiago; castelos do Crato, Flor-de Rosa e da Amieira, pela Ordem de Hospital, em meados do século XIV, etc.) a composição seria muito mais complexa do que as residências de alcaides, mas todas essas construções sofreram várias remodelações nos séculos seguintes e, por falta de testemunhos documentais e arqueológicos, não é hoje possível saber com exatidão como se organizava o espaço no seu interior.

Para as casas de alcaides podemos supor que fosse bastante simples, pelo facto do espaço no interior dos castelos ser muito exíguo e estar sobretudo destinado à organização de operações militares. Quando a partir dos meados do século XII aumentam as torres adossadas às muralhas e se vulgarizam as torres de menagem no interior das praças é possível que muitas delas fossem usadas para habitação, principalmente a partir do reinado de D. Dinis quando as últimas aumentam em área e altura. Tanto mais que o seu exemplo é mimetizado pela nobreza que começa, também a partir do século XII, a erguer casas-fortes, ou casas-torres³⁶. A organização do espaço interior nas casas-torres e torres de menagem era muito semelhante: normalmente tinham dois ou três pisos acima do térreo; quando este não era maciço aproveitava-se para servir de armazém para bens alimentares, armamento ou utensílios; no caso das torres de menagem também podia ser feita aqui a cisterna ou o aljube; os pavimentos interiores eram feitos de madeira e apoiados em travejamentos de vigas; a comunicação entre pisos garantia-se por escadas de madeira que podiam ser móveis ou fixadas às paredes; o acesso à entrada da torre que na esmagadora maioria dos casos se encontrava ao nível do 1º andar, era servido por uma escada móvel de madeira que se recolhia no caso de perigo. O espaço reservado ao alcaide e sua família ocupava preferencialmente o segundo ou terceiro andar da torre, os mais altos e, conseqüente, de maior privacidade. O primeiro andar poderia ser ocupado pela guarnição, ou servir da “sala” de receção e refeições.

Durante o reinado de D. Dinis divulgam-se as abóbodas e as escadas abertas na grossura das paredes das torres de menagem. Se as primeiras aumentaram a resistência

³³ BARROCA, Mário Jorge. *A Ordem do Templo...* P. 183.

³⁴ Desse paço ainda encontramos ecos na Carta de Procuração do Concelho de Pombal às cortes de 1383, que foi passada “...dentro do Castelo da dicta vila (de Pombal) nos Paaços omde pousa ho Meestre de Christos...” BARROCA, Mário Jorge. *A Ordem do Templo...* P. 189.

³⁵ BARROCA, Mário Jorge. *A Ordem do Templo...* Pp.191-192.

³⁶ BARROCA, Mário Jorge; *Torres, Casas-torres ou Casas Fortes...* P. 53. Outros estudos das torres senhoriais que falam da sua organização interior e do seu desenvolvimento em paços e solares foram feitos por AZEVEDO, Carlos. *Solares Portugueses. Introdução ao estudo da casa nobre*. 2ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1988. SILVA, José Custódio Vieira da, *Paços Medievais Portugueses*. Lisboa: Edições ASA, 1995, etc.

das estruturas e a altura dos tetos, as segundas aumentaram a privacidade dos diferentes compartimentos. Em vários castelos foram construídas torres de menagem com paredes rasgadas por grandes janelas, dotadas de lareiras com chaminés no seu interior (castelo de Mértola, datado dos finais do século XIII, ou nos castelos de Castelo de Vide ou de Mourão, do início do século XIV). A adaptação das torres de menagem a habitação atingiu o seu apogeu com a reconstrução da torre de Estremoz, no reinado de D. Fernando, e com a construção das torres de Bragança e Chaves, e a renovação da torre de Beja, no reinado de D. João I³⁷.

Mas, por grandes que fossem, as torres de menagem apresentavam evidentes limitações decorrentes de um espaço interior reduzido das grossíssimas paredes, já para não falar do objetivo essencialmente militar da sua existência e do seu grande valor simbólico. Por essas razões e talvez pela experiência da construção de alcadiarias no interior de algumas praças sem necessidade de recorrer a torres (castelos de Soure, de Pombal e outros, já aqui referidos), as casas de habitação e de serventias continuaram a aumentar nas praças-fortes. Em muitos casos teriam dois pisos, o primeiro ou sobrado reservado para habitação, o térreo para serventias tais como cozinhas, estrebarias, celeiros, etc. Eram feitas de materiais fracos como a madeira, usada tanto para paredes, como para coberturas, cal e palha, ou pedra irregular misturada com argamassa. Isso tornava-as mais vulneráveis, mas, por outro lado, permitia que a sua renovação ou reconstrução fosse particularmente rápida³⁸.

O fim do processo de Reconquista no território português terá levado a um acentuar do processo de residencialização dos castelos, principalmente sentido nas zonas interiores do país, onde os castelos perderam parte considerável do seu valor militar (caso do castelo de Alter do Chão, onde D. Pedro I manda levantar algumas casas; do castelo de Porto de Mós, onde D. Fernando manda reparar os paços; do castelo de Óbidos, em cujo interior D. Fernando tinha paços; já falamos dos castelos de Amieira, de Tomar, Alcácer do Sal, Palmela e outros). A partir do século XV, o direito de construir paços no interior das praças-fortes deixa de ser exclusivo do rei ou de mestres e comendadores das Ordens Militares.

A ascensão da dinastia de Avis nos finais do século XIV, a afirmação da sua legitimidade a par das influências porventura trazidas por D. Filipa de Lencastre, desencadearam uma importante ação construtiva, em grande parte dirigida para a reconstrução das estruturas residenciais da corte, de que os Paços de Sintra e Leiria são os melhores exemplos e aqueles que em melhores condições chegaram aos nossos dias.

Ação que foi seguida pelos infantes D. Pedro em Tentúgal, D. João em Belas, D. Henrique em Tomar e, com um certo espírito de concorrência à casa do rei, D. Afonso, filho natural de D. João I, 8º conde de Barcelos, 2º conde de Neiva e 1º duque de Bragança. Como Vieira da Silva sublinhou "o exemplo dado pelas Casas de Avis e de Bragança – as mais importantes do reino – foi seguido de perto pela restante nobreza que, na medida das suas possibilidades e uma emulação notória, procurou corresponder à nova imagem que se lhe exigia e que passava pela posse de paços mais convincentes"³⁹. A casa no interior do castelo, identificada pelo brasão que inevitavelmente encima a porta ganha um imenso valor simbólico convocando publicamente a ancestralidade e nobreza da linhagem.

³⁷ DIAS, Pedro. *A Arquitectura Gótica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, pp. 207-213.

³⁸ A presença de anexos está registada tanto para torres senhoriais (torre de Paranho onde há vestígios de anexos construídos ainda no século XIII), como para castelos (castelo de Valhelhas, onde, no século XIII, havia casas habitadas por cavaleiros da Ordem de Alcântara, anexos a uma torre). GOMES, Rita Costa; *Castelos da Raia*; Vol. 1; *Castelos da Beira*; Ministério da Cultura; IPPAR; Lisboa; 1996. P. 43.

³⁹ SILVA, José Custódio Vieira da; *Paços Medievais Portugueses*. P. 166.

Os três exemplos que se seguem parecem cobrir no essencial o leque dos modelos usados nas residências construídas no interior das praças-fortes, em meados do século XV.

O paço erigido no castelo de Porto de Mós por D. Afonso, Conde de Ourém e filho primogénito do 1º Duque de Bragança, é um dos exemplos mais sofisticados das casas senhoriais elevadas no interior das praças-fortes no século XV. Foi construído em 1449-1450, com aproveitamento de todas as muralhas e integração das quatro torres existentes no castelo. A simetria da planta e a forma de organização de espaços interiores e exteriores deixa perceber que a construção foi feita com base num plano previamente elaborado. (Figura 1.) O paço é constituído por três corpos que, em forma de U, ocupam o espaço ao longo de muralhas S, O, N da praça-forte. Através de portas interiores, estes corpos ligam-se às quatro torres do castelo aproveitando o seu espaço. Ao centro, entre os 3 corpos, fica o pátio interior, com a boca de cisterna no meio. O 4º lado do pátio é delimitado por um pórtico “italianizado”. Um espaço bastante largo, entre a entrada do castelo e a torre do angulo NE, está livre de construções e cumpre as funções de pátio de entrada. A abóbada de berço quebrado, em que se apoia a torre SE, amplia o espaço da entrada. No partido geral, assume grande protagonismo a varanda aberta no alçado sul, subdividida em duas partes, com coberturas em abóbodas nervuradas, apoiadas em mísulas cónicas com decoração vegetalista. Tudo indica que o mesmo tipo da varanda existisse no alçado norte. A presença de diferentes formas e decorações muito variadas faz deste paço uma obra exemplar de ecletismo tardo-medieval onde a simetria e simplicidade renascentista já estão presentes, mas onde o uso de formas diferentes de portas e janelas e a sua posição descentrada é tão próprio da Idade Média; as mísulas e chaves das abóbodas das varandas repetem os modelos decorativos da vizinha Batalha, convivendo com a decoração clássica do pórtico. Neste paço estão ainda presentes vários elementos militares da Idade Média, como ameias, *machicoulis* e matacões nos balcões e na abóboda da entrada bem como troneiras cónicas. Todavia, como notou Dr. Vieira da Silva, neste contexto todos esses elementos tornam-se mais retóricos do que funcionais⁴⁰.

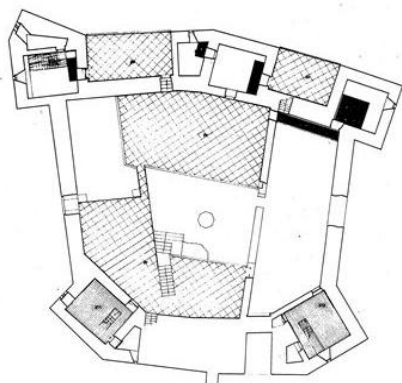
Embora não se saiba com exatidão qual era a distribuição de espaços no interior, é muito provável que o piso térreo abrigasse vários tipos de serventias. No primeiro andar ficariam as salas, servidas por escadas exteriores e que, por sua vez, davam o acesso às varandas. Nas torres podiam situar-se as câmaras, seguindo o exemplo do paço de Leiria, com o há grandes paralelismos na abertura da fachada sul ao exterior⁴¹, bem ao gosto do humanismo nascente.

Outra residência construída na mesma altura, mas de forma completamente diferente é a do castelo de Santa Maria da Feira. (Figura 1.) Aqui, Fernão Pereira, entre 1448-1467, erigiu um paço que transformou numa única construção o castelo primitivo. Fecha-se a descrição de Vieira da Silva:

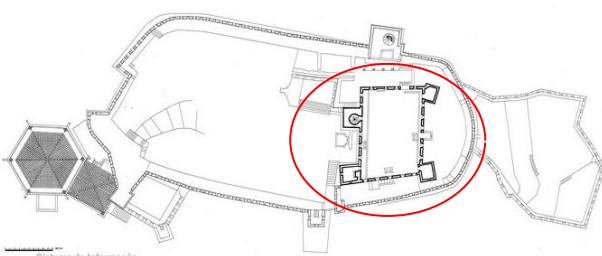
⁴⁰ SILVA, José Custódio Vieira da, *Paços Medievais Portugueses*. P. 154.

⁴¹ Além das possíveis camaras se encontravam no interior das torres os acessos a troneiras, a torre SE tem no piso médio um nicho parecido com armário de parede, possivelmente feito mais tarde; a torre NE, única que tinha cobertura de abóbodas em todos quatro pisos, ainda tem uma latrina.

Figura 1. Exemplos de plantas e fachadas das residências, construídas no interior dos castelos no século XV. ⁴²



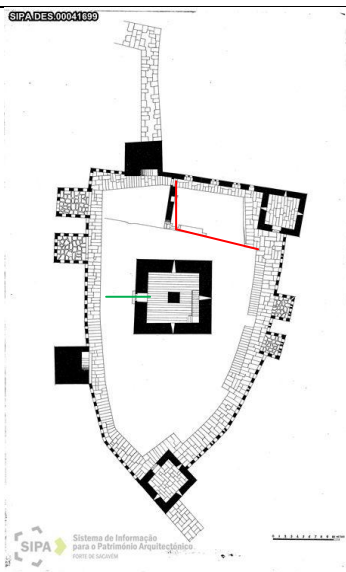
Alçado principal.



2. Castelo de Sta. Maria de Feira. Planta ao nível superior.

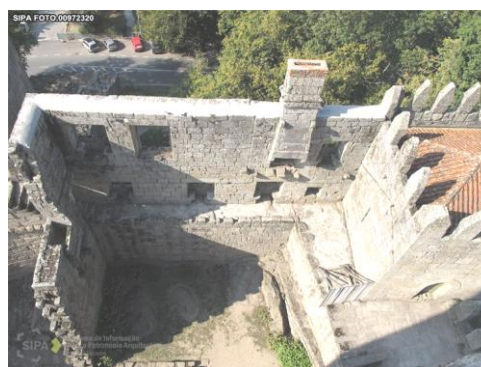


Vista do Oeste.



3. Castelo de Guimarães.

- - área de implantação da alcaidaria.
- - ponte de ligação entre a torre de menagem e adarve.



Ruína da alcaidaria. Vista de cima.

⁴² Imagens retiradas de SIPA - <http://www.monumentos.pt>

“A torre de menagem do castelo assenhoreou-se de todo o retângulo antigo que constituía o forte primitivo, aproveitando-lhe as bases para construir um conjunto maciço em que se incorporaram as próprias torres, dando-se-lhes papel acrescido de contrafortes, por esse motivo apenas na face sul, onde as torres são maciças até o eirado, se verificou a necessidade de levantar, a meio, um contraforte mais estreito (...). A novidade é a audaciosa abóboda de berço quebrado, lançada sobre o vasto espaço interior (cerca de 15x9 m), ao nível do segundo piso que se eleva a cerca de 8 metros. Construída em granito de bom aparelho isódomo, apoia-se em três fortes arcos torais chanfrados que descansam em mísulas piramidais sem qualquer decoração. O acesso a esta sala faz-se a partir do nível térreo, por escada aberta na espessura do muro nascente, enquanto o acesso ao eirado se pratica, desde a sala, por escada de caracol, aberta na torre de nordeste. O conforto interior está presente nas três lareiras existentes na sala e em uma outra a um nível mais elevado, correspondendo a um terceiro piso de habitação, que as aberturas existentes na curva de abóboda juntamente com alguns cachorros destinados a receber as traves do respetivo soalho, indicam com clareza.”

O acesso a este terceiro piso é feito por uma pequena escada em caracol escondida em volume que se salienta no muro nascente da sala. Também ao terceiro piso pertence uma grande janela com assentos, rasgada na parede poente.⁴³ É óbvio que a organização do espaço no paço da Feira não tem nada a ver com o do Porto de Mós. Uma sala nobre, ampla, destinada às reuniões e receções solenes; um piso em cima, provavelmente, dividido em vários aposentos.

Acrescentamos a esses dois exemplos um terceiro, de uma habitação muito mais simples, construída também aos meados do século XV por mando do duque de Bragança, no castelo de Guimarães. (Figura 1.) Erigida com aproveitamento do adarve, a casa de alcaide era constituída por quatro pisos: no piso térreo e no primeiro andar, adossados à muralha, encontravam-se as serventias; o segundo piso, que aproveitava a largura do adarve, era reservado para uma sala de receção, aquecida por uma lareira e iluminada por três janelas de verga reta, abertas na parede norte; no terceiro piso encontrava-se uma câmara com metade da área da sala, aquecida por lareira e iluminada por janela. No século XVI ou a área da câmara foi alargada, ou, o que achamos mais provável, foi feita a segunda câmara que ocupou o resto do espaço por cima da sala, para iluminação da qual foram rasgadas mais duas janelas de verga reta e lintéis decorados. Ainda é visível o desnível entre os pavimentos das duas câmaras. Embora o castelo possuísse uma das maiores torres de menagem de Portugal, dividida no interior em quatro pisos, a casa de alcaide não tinha ligação direta com a estrutura. Possivelmente existiria alguma ligação com torre norte, à qual estavam adossados os dois últimos pisos da alcaidaria. No que sobrou da parede poente da sala ainda existe uma porta que dá acesso à escada da torre do sino e ao adarve pelo qual se chega ao passadiço que leva à entrada da torre de menagem.

Para além da "posse" de um castelo constituir um privilégio, a partir das *Ordenações Afonsinas*, nos meados do século XV, a alcaidaria tornou-se uma importante fonte de rendimentos para as famílias nobres. Estabelecida a paz com Castela em 1479, o processo de residencialização de castelos pôde estender-se à zona de fronteira: o castelo de Mogadouro abrigou o paço de veraneio da família dos Távora, os

⁴³ SILVA, José Custódio Vieira da, *Paços Medievais Portugueses*. Pp. 181-182.

Cabrais construíram um paço no castelo de Belmonte, os Coutinhos, no castelo de Penedono, etc.⁴⁴. Nos capítulos seguintes veremos vários exemplos de posse de alcaidarias pela mesma família durante dezenas, ou até centenas de anos, com o cargo de alcaide-mor a passar de pai para o filho. Acresce que muitas vezes, o mesmo nobre recebia alcaidarias de dois ou mais castelos: Álvaro Pires de Távora, entre 1495-1531, detinha as alcaidarias de Mogadouro, Penas Roias e de Miranda do Douro; D. Francisco Coutinho, entre 1476-1530, era alcaide-mor de Castelo Bom e Castelo Rodrigo; o Marquês de Vila Real, D. Fernando de Meneses, deteve entre 1499-1523, as alcaidarias de Almeida, Valença do Minho e de Caminha; etc.⁴⁵. Membros de alta nobreza e como tal detentores de muitos outros cargos que tinham que exercer junto da Corte ou participando nas expedições marítimas da época, nomeavam os homens da sua confiança para o exercício da função de alcaide-mor, sendo estes os que aí residiam.

Muitas praças-fortes beneficiaram de novas residências para alcaides, graças à preocupação de D. João II que, em 1488, “...em todas as fortalezas mandou de novo fazer aposentamentos, e casas para isso ordenadas”⁴⁶. Esse esforço visava criar condições mais favoráveis capazes de manter os alcaides-mores, ou as pessoas que os substituíam, nos castelos a eles entregues, evitando assim o abandono e posterior degradação dos mesmos. O processo de financiamento de construção de novas alcaidarias teve a sua continuação no reinado de D. Manuel. Entre os castelos da raia, os de Castro Marim, Alpalhão, Almeida, Terena, e praticamente todos da região das Beiras, beneficiaram não apenas de reformas militares, como da renovação das casas dos alcaides.

⁴⁴GOMES, Rita Costa. *Castelos da Raia*. Vol.1, pp. 53-54.

⁴⁵ARMAS, Duarte de. *Livro das Fortalezas*. Edição fac-similada com a introdução de Manuel da Silva Castelo Branco. 2ª Edição (1ª edição em 1990); Lisboa: Edições INAPA, 1997, pp. 15-16.

⁴⁶RESENDE, Garcia de. *Cronica de D. João II e Miscelânea*. P. 102.

Capítulo 2. Alcaide-mor.

A figura do alcaide-mor está direta e indissociavelmente ligada ao castelo medieval. A palavra alcaide provém do árabe "*al-qaid*", governador de praça, e, apesar de o cargo ter conhecido outras designações, como "*pretor*", o termo árabe acabou por prevalecer. A existência de alcaides no território peninsular reconquistado por cristãos está comprovada documentalmente desde o século XI⁴⁷. No mundo islâmico, o alcaide era a pessoa a quem cabia o exercício de funções militares, administrativas e judiciais na povoação que lhe era entregue. Nos reinos cristãos, no início "(...) a palavra manteve o sentido de alguém que, em representação do monarca ou senhor da terra, não só comandava a guarnição militar da fortaleza, como podia igualmente exercer jurisdição sobre os cavaleiros e superintendência sobre a administração tanto da justiça como dos negócios comuns"⁴⁸.

A primeira legislação que trata da figura do alcaide e de vários assuntos relacionados com castelos foi promulgada por Afonso X de Castela, O Sábio, em *Las Siete Partidas*; Partida II; Título XVIII *Que fala de qual debe seer el Pueblo en guardar, et en bastecer, et en defender et en dar los castiellos et las fortalezas del rey et del regno*.⁴⁹ Nas 32 *Leys* que constituem este Título, e que foram escritos *segun fuero antiguo de España*, Afonso X debruça-se sobre a guarda dos castelos, protocolo da sua entrega aos senhores e alcaides, formas de devolução ao senhor ou rei; das qualidades dos homens que podem ser nomeados alcaides, das suas obrigações, do abastecimento dos castelos em viveres e armas e a sua manutenção, etc. O exposto nas *Siete Partidas* serviu de base à realidade portuguesa praticamente até os finais do século XV. Só no início do reinado de D. João II, como adiante veremos, foi elaborado o texto de menagem e o protocolo da sua prestação.

Para as *Ordenações Afonsinas* aproveitaram-se praticamente sem alterações, quatro leis das *Siete Partidas*: *Ley VI* que fala das qualidades de pessoa a ser nomeada como alcaide, *Ley VII*, sobre a nomeação do sucessor do alcaide no caso de este se ausentar do castelo; *Ley VIII* sobre a nomeação do sucessor do alcaide, caso este morrer *sem fala*; *Ley XII* sobre a guarda de castelos *con esfuerzo et con ardimiento*. Desses textos foi constituída a parte introdutória e as primeiras sete cláusulas do Título LXII *Dos Alquaides Moores dos Castelllos*. As restantes 17 cláusulas dizem respeito a *direitos e cousas que aos Alquaides Moores pertence haver*, isso é, aos rendimentos das alcaidarias, baseados em diversas penas e coimas⁵⁰.

A principal tarefa do alcaide-mor era a guarda do castelo, e o pior que lhe poderia vir a acontecer era perde-lo, por sua culpa, para o inimigo. Tal seria considerado traição podendo ser punível com pena de morte. Acresce que a má fama perduraria, manchando a família e todos os seus descendentes. Por isso, o alcaide deveria ser escolhido entre as pessoas de boa linhagem (para temer a má fama); leal ao Rei e ao Reino, pronto para enfrentar os perigos, até à morte, bem como dificuldades como frio, sede, fome, e possibilidade de perder os seus entes queridos; entendido em mester da guerra e defesa de castelos; não deveria ser muito contido, nem muito gastador, mas saber partilhar o que tem com os seus homens; não podia ser muito pobre para não

⁴⁷ BARROCA, Mário Jorge. *Organização Territorial e Recrutamento Militar...* . P. 94.

⁴⁸ MONTEIRO, João Gouveia. *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média*. P. 275.

⁴⁹ *Las Siete Partidas del Rey Don Afonso El Sabio*. Partida II, Título XVIII. Por la Real Academia de la Historia, Madrid en la Imprenta Real, Año de 1807, Tomo II. (Versão virtual).

⁵⁰ *Ordenações Afonsinas, Livro I, Título LXII, Dos Alquaides Moores dos Castelllos*. Versão on-line: <http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/afonsinas/pagini.htm>

cobiçar as tenças para a manutenção do castelo. O seu ofício incluía o cumprimento de todas as suas obrigações de manutenção, guarda e defesa do castelo de melhor maneira possível, mantendo-o abastecido em mantimentos e armamento necessário e com guarnição composta por homens devidamente preparados. No caso de guerra não deveria (...) *partir delle (do Castelo) no tempo de prigo; e se aquecesse que lho cercassem, e o embargassem, deue-o d'emparrar ataa morte; e por veer atormentar, ou ferir, ou matar os filhos, ou a molher, ou outros homees quaaesquer, que amasse, nem por seer elle preso, ou atormentado, ou ferido de morte, ou ameaçado de matar, nem por outra razom, que seer podesse de mal, ou de bem que lhe fezessem, ou promettessem de fazer, nom deue dar o Castello, nem mandar que o dem; ca se o fezesse cahiria em caso de treïcom, como aquelle que traee Castello de seu Senhor.*⁵¹

Sendo a lealdade a qualidade determinante, a experiência militar nem sempre foi essencial e, tanto em Portugal como na vizinha Castela, foram nomeados como alcaides-mores “vassalos, criados, “continos”, guardas reais, contadores-mores, capitães reais, etc.” ou seja, pessoas nem sempre familiarizadas com o serviço militar⁵².

Para guardar e defender o castelo os alcaides-mores tinham uma guarnição constituída por homens da sua confiança. Considerando a quantidade de castelos que existia em Portugal, está-se perante um exército de guarnições o que torna o papel dos alcaides na defesa do reino de grande relevância. Por isso, qualquer agravamento de situação político-militar interna obrigava a monarquia a esforçar-se para garantir a fidelidade “da maior e mais importante parte das alcaidarias do reino”⁵³.

São vários os exemplos de histórias em torno da lealdade dos alcaides: na guerra civil de 1245-47, D. Afonso III distinguiu a Vila de Óbidos com o título de "Sempre Leal" valorizando a recusa do alcaide em entregar-lhe o castelo por ter prestado homenagem a D. Sancho II. Durante a guerra civil de 1385-87, D. João I foi obrigado à reconquista de vários castelos portugueses desde Melgaço até Castro Marim, porque tinham tomado o partido de D. Beatriz⁵⁴.

A nomeação de alcaides na altura da formação do reino podia ser feita pelo rei, por um tenente, senhor da terra, um mestre das ordens Militares ou por homens-bons dos concelhos.⁵⁵ Nos reinados de D. Afonso III e de D. Dinis, todavia, foram tomadas medidas enérgicas para alterar esta situação: a nova divisão administrativa do território, a extinção de tenências e do cargo de tenentes e a reivindicação do direito régio de nomear os oficiais do reino. A nacionalização de Ordens Militares foi igualmente importante para esse fim. No reinado de D. Duarte foi promulgada a Lei *Dos Direitos Reaes que aos Reys pertence d'aver em Seus Regnos per direito Comum* e onde, no ponto 25 se estipula que pertence ao direito real "*fazer Officiaaes de Justiça, assy como Corregedores, Ouvidores, Juizes, Meirinhos, Alquaides, Taballiães e quaaesquer outros Officiaaes*. Esta lei foi incluída nas *Ordenações Afonsinas*⁵⁶. Todavia, a este Códice legislativo faltava a definição do protocolo de entrega e devolução de castelos, bem como o texto de menagem a prestar pelo alcaide-mor na altura de receber o castelo das mãos do monarca. Essa lacuna, foi de resto motivo de desentendimento entre D. João II

⁵¹ *Ordenações Afonsinas, Livro I; Título LXII, Dos Alquaides Moores dos Castellos*. Versão on-line: <http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/afonsinas/pagini.htm>

⁵² MONTEIRO, J. Gouveia, *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média*, p. 249.

⁵³ MONTEIRO, J. Gouveia. *Organização e Formação Militares*. In BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.), *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 1. Círculo de Leitores, 2003, p. 211.

⁵⁴ MONTEIRO, J. Gouveia, *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média*, p. 238.

⁵⁵ MONTEIRO, J. Gouveia, *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média*, p. 236-243.

⁵⁶ *Ordenações Afonsinas, Livro II, Título XXIII; Dos Direitos Reaes que aos Reys pertence d'aver em Seus Regnos per direito Comum*. Versão on-line: <http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/afonsinas/pagini.htm>

e alta aristocracia, nas vésperas das Cortes de Évora de 1481, onde o novo monarca deveria receber os juramentos da lealdade de todos representantes do reino. Sobre isso relata Rui Pina: “(...) *antes dessas menagem se fazerem, el-rei com o duque (duque de Bragança) e seus irmãos e com os do Conselho, consultava e praticava das palavras formais em que se as ditas menagens fariam, em que houve grandes debates e fundamentos de muitos agravos pela rigorosa forma em que ao el-rei queria e quis obrigar. Porque até o seu tempo tanta negligência e tão pouco provimento ou tanta confiança houve nos reis passados e seus oficiais que com grande dificuldade se pode saber e achar em escrito alguma das menagens que seus alcaides em tantos tempos lhe fizeram*”⁵⁷.

Foi justamente nessa altura que se elaborou o texto da menagem e se decidiu sobre a realização de *um solene livro (...) em que as menagens, que todos os alcaides pelos tempos fizessem, fossem nele autenticamente escritas, com lugar dia, mês e ano e com os alcaides e testemunhas nele assinadas*. A menagem começava pelo reconhecimento do rei *como muito alto, muito excelente, e muito poderoso meu verdadeiro, e natural Rei e Senhor*⁵⁸. Este texto, juntamente com o protocolo de entrega de castelos, foi incluído no Título LV *Dos Alcaides Moores dos Castelos das Ordenações Manuelinas*.⁵⁹ Também nesse Título foi incluída a cláusula que determinava onde devem ser colocados os alcaides-mores, e foi retirada a cláusula que lhes permitia substituir os homens de alcaidaria *se o dito Alcaide Moor achar, que os homees da dita Alquaidaria, ou cada huã deles nom som taaes quaaes compre pela servir a dita Alquaidaria*⁶⁰. No restante, as *Ordenações Manuelinas* mantiveram o texto da legislação anterior, principalmente no que dizia respeito às qualidades pessoais do alcaide e às suas obrigações militares, embora tivessem ajustado às condições da época os tipos de penas e valores das coimas que contribuía para os rendimento das alcaidarias.

Teoricamente, era o rei que escolhia as candidaturas e investia os alcaides mas, na prática, até aos finais da Idade Média e à finalização do processo de centralização do poder, ocorrida em meados do século XVI, a nomeação de alcaide-mor esteve dividida entre o rei, os senhores de terras e os Mestres de Ordens Militares, ainda que nos últimos dois casos carecesse da aprovação do monarca⁶¹.

Além do governo militar, os alcaides-mores deveriam controlar o trabalho de policiamento nos termos do seu castelo. Para isso nomeavam alcaides pequenos que, à frente de um grupo de homens jurados, escolhidos por oficiais dos concelhos ou pelo próprio alcaide-mor, faziam rondas pelas ruas das vilas, de dia e de noite, apanhavam e prendiam os malfeitores, controlavam a posse de armas, cobravam as coimas e penas, etc. Os mantimentos do alcaide pequeno e dos seus homens eram pagos pelo alcaide-mor das cobranças que estes últimos faziam e que constituíam os rendimentos de Alcaidaria. Para controlar o trabalho de policiamento, o alcaide-mor podia nomear dois escrivães (*de Villa e de monte*) ou pôr um dos seus escudeiros a andar com alcaide pequeno *“de noute e de dia quando ouuerem de andar, e o dito Escudeiro requiera ao Alcaide pequeno que seja bem deligente em requerer todos os direitos, que pertencem de dita Alcaidaria”*⁶².

⁵⁷ PINA, Rui. *Cronica de D. João II*. Publicações Alfa, pp. 12-13.

⁵⁸ PINA, Rui. *Cronica de D. João II*. Pp.12-13.

⁵⁹ *Ordenações Manuelinas, Livro 1, Título LV, Dos Alcaides Moores dos Castelos*. Versão on-line: <http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/manuelinas/>

⁶⁰ *Ordenações Afonsinas, Livro I, Título LXII, Dos Alcaides Moores dos Castellos*. Versão on-line: <http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/afonsinas/pagini.htm>

⁶¹ MONTEIRO, J. Gouveia. *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média*. Pp. 240-243.

⁶² *Ordenações Afonsinas, Livro 1, Titulo XXX, Do Alcaide pequeno das Cidades e Villas*

A circunscrição das funções dos alcaides-mores à atividade militar e de policiamento tinha começado nos reinados de D. Afonso III e D. Dinis quando foram criados os cargos de juízes, meirinhos, almoxarifes e corregedores. No fundo, tratava-se não só de melhorar as cobranças fiscais e o exercício da justiça, agora a cargo de pessoas cada vez mais profissionalizadas, como também de limitar o poder dos alcaides-mores, controlado por outros funcionários régios⁶³. Até o estado dos castelos era controlado pelos corregedores, competindo-lhes “verificar se estavam fornecidos dos apetrechos necessários à defesa; verificar o estado de conservação de torres e muralhas mandando-os conservar quando necessário; saber dos indivíduos aptos para serviço militar, etc”.⁶⁴

Em meados do século XV, quando entram em vigor as *Ordenações Afonsinas*, a posse de alcaidarias transforma-se em cargo bastante rentável. Já antes disso a atividade dos alcaides era remunerada por atribuição de tenças, parte das quais servia para manutenção do castelo, pagamento às guarnições, alcaides pequenos e seus homens. As *Ordenações Afonsinas* legalizaram os rendimentos de alcaides-mores, baseando-os nas cobranças de penas e coimas, mas as tenças continuaram a existir, constituindo desta forma um acréscimo considerável aos seus rendimentos. No reinado de D. João II, por exemplo, quando Diogo Lopes de Sousa, em Junho de 1484, foi nomeado alcaide-mor, fronteiro e capitão de Arronches, recebeu, em conjunto com esses cargos, as vilas de Miranda, Podendes e Folgoso, padroados no valor de 118 288 reais bem como 20 000 reais de tença, direitos de judiaria e dízima das sentenças de Arronches⁶⁵. Fernão de Lima nomeado fronteiro, capitão e alcaide-mor de Guimarães em Agosto de 1484, D. Diogo de Castro, capitão e alcaide-mor de Sabugal e Alfaiates em Outubro de 1485, são outros exemplos semelhantes⁶⁶.

Desde o início, o verdadeiro significado do ofício de alcaide-mor revelava-se durante períodos de guerra declarada. A eles competia defender as cidades e vilas, controlar caminhos e nós de comunicação, recrutar e comandar os efetivos militares até serem integrados nas hostes, sob comando superior. Mas o desenvolvimento das estruturas militares e a criação dos cargos de anadel e coudel retirou-lhes algumas competências. A lei de 7 de Agosto de 1549, promulgada por D. João III, deu início à militarização geral da sociedade. Vinte anos mais tarde, em 1570, já no reinado de D. Sebastião, foi promulgado *O Regimento de Capitães-Mores & mais capitães* que transferiu para as câmaras o direito de eleger capitães-mores e capitães, a partir de então chefes militares dos concelhos e das povoações, com “a tarefa de enquadrar e de tomar a responsabilidade pela organização militar do território, atribuindo-lhes, desta forma, uma autoridade local que até então pertencia aos senhores e aos alcaides-mores”⁶⁷. Embora o mesmo *Regimento* previsse que os senhores ou alcaides-mor pudessem ser nomeados capitães-mores, caso residissem no concelho, o novo tipo de fortalezas e de armamento, assim como as novas regras de fazer a guerra, exigiam “saberes

e cousas que a seu officio pertencem. Essas cláusulas, praticamente sem alterações, foram compiladas para *Ordenações Manuelinas*. (*Ordenações Manuelinas, Livro 1, Título LV, Dos Alcaides Moors dos Castelos*. Versão on-line: <http://www1.ci.uc.pt/ihiti/proj/manuelinas/>).

⁶³ RODRIGUES, Maria Teresa Campos. *Aspetos da Administração Municipal de Lisboa no século XV*. Separata dos números 101 a 109 da “*Revista Municipal*”. Lisboa, 1968, p. 42.

⁶⁴ RODRIGUES, Maria Teresa Campos. *Aspetos da Administração Municipal de Lisboa...* P. 42.

⁶⁵ MENDONÇA, Manuela, *Chancelaria de D. João II. Índices*; Vol. I.; Fontes documentais. Lisboa: Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, 1994, pp.235, 237, 238, 249.

⁶⁶ MENDONÇA, Manuela, *Chancelaria de D. João II*, pp. 264- 265.

⁶⁷ MAGALHÃES; Joaquim Romero. *As estruturas políticas de unificação*. In MATTOSO, José (dir.); *História de Portugal, No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*, Vol.3, Círculo de Leitores, 1993, pp. 108-110.

especializados”, o que, por sua vez, levou à formação de um exército regular comandado por profissionais da guerra. Embora as *Ordenações Manuelinas* reiterassem os deveres do foro militar do ofício de alcaide-mor, o seu cargo, já nos primeiros meados do século XVI, era cada vez mais vocacionado para o trabalho de policiamento⁶⁸. A partir do século XVII, o cargo passou a ser apenas honorário⁶⁹.

⁶⁸ MONTEIRO, J. Gouveia. *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média*. P. 277.

⁶⁹ *Enciclopédia Luso-Brasileira de cultura*, Vol. 1. Lisboa-São Paulo: Editorial Verbo, 1998, p. 1109.

Capítulo 3. *Livro das Fortalezas.*

O *Livro das Fortalezas*, feito em 1509-1510 a mando de D. Manuel pelo seu escudeiro Duarte de Armas, é um documento de inestimável valor que, através dos desenhos, plantas e legendas nele contidos, apresenta 55 castelos e povoações localizadas ao longo da fronteira entre Portugal e Espanha, de Castro Marim até Caminha. A essa linha fronteiriça coesa, e por razões ainda hoje desconhecidas, acrescem as vistas de Barcelos e Sintra.

Na realidade, existem duas versões do Álbum: o Códice A pertencente ao acervo da Torre do Tombo (TT), e pela primeira vez documentado em 1655 por Manuel Severim de Faria, e o chamado Códice B, da Biblioteca Nacional de Madrid (BNM), tornado público em 1910 por Manuel Gonzalés Simancas, especialista em arqueologia militar. Refira-se ainda que, em 1642, Brás Pereira de Miranda fez cópias aguareladas dos desenhos contidos no Códice A⁷⁰.

No decorrer do século XX, desde 1922, ano em que Teixeira de Carvalho realizou "um valioso estudo crítico-bibliográfico"⁷¹ sobre Duarte de Armas, até hoje e ao mais recente investimento de João José Alves Dias⁷², foram realizadas várias análises pormenorizadas do *Livro das Fortalezas*, incidindo sobre diferentes vertentes, da diplomática ao estudo arquitetónico, da geografia à componente militar, urbanística, etc.. Em vários desses estudos foram compilados e discutidos os dados biográficos relativos a Duarte de Armas, debatida a datação do *Livro* ou o seu verdadeiro objetivo. Foi igualmente realizado o cotejo entre os Códices A e B, bem como avançadas hipóteses explicativas para a existência do Códice B em Espanha⁷³. Por vários dos autores, aliás, é defendida a hipótese da existência de um terceiro código, denominado como Códice C, entretanto desaparecido. É provável, como anotou Pedro Cid, que fossem folhas soltas de apontamentos e esboços feitos por Duarte de Armas durante a viagem que terão servido de base para o Códice B, por sua vez base preparatória para a versão final, que parece ser o Códice A⁷⁴.

⁷⁰ ARMAS, Duarte de, *Livro das Fortalezas*. 1997, p. 2.

⁷¹ CORTESÃO, Armando. *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos séculos XV e XVI*. Vol. II. Lisboa: Edição "Seara Nova", 1935, p. 112.

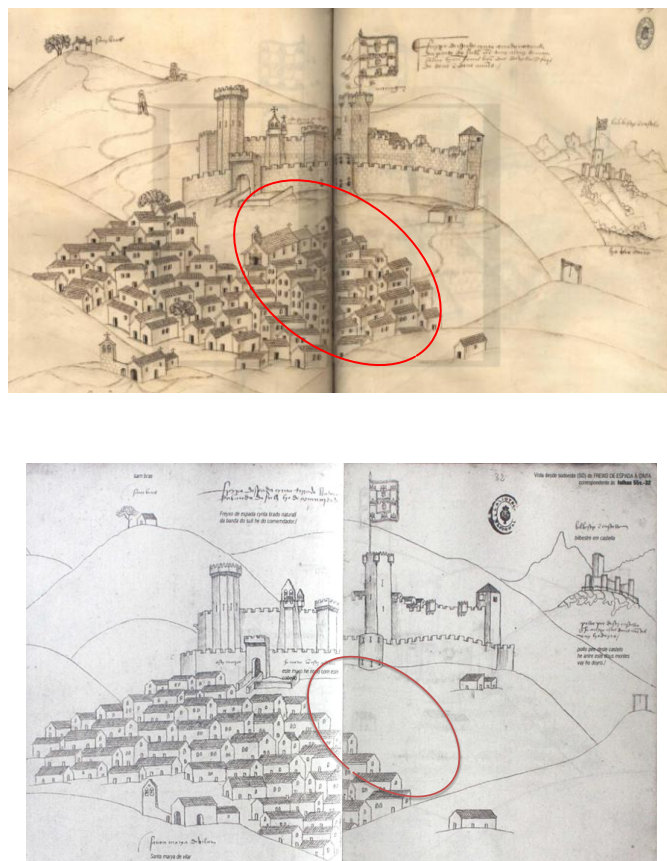
⁷² ARMAS, Duarte de, *Livro das Fortalezas*, Edição fac-similada, apresentação de João José Alves Dias. Idanha-a-Nova, 2016.

⁷³ É impossível apresentar a lista completa de autores e das suas obras onde se faz o estudo do *Livro das Fortalezas* ou onde este *Livro* é usado para estudos em diversos ramos como demografia, urbanismo, arquitetura militar ou civil, ou da história das determinadas povoações. Muitas dessas obras serviram de fonte para o presente trabalho, entre elas: ARMAS, Duarte de; *Livro das Fortalezas*, 1997. PEREIRA, Paulo, *A "Fabrica" Medieval. Conceção e construção na arquitectura portuguesa (1150-1550)*. Dissertação de doutoramento. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: 2011, pp.562-792. DUARTE, Luis Miguel; *1449-1495: O Triunfo da Pólvora*, in BARATA, Manuel Themudo; TEIXEIRA, Nuno Severiano. *Nova História Militar de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Circulo de Leitores, 2003, pp.365-391. DIAS, João José Alves. *Gentes e Espaços (em torno da população portuguesa na primeira metade do século XVI)*. Fundação Calouste Gulbenkian. Braga: 1996, pp. 71-95. GONÇALVES, Iria. *Percorrendo a fronteira na companhia de Duarte de Armas*. In *Media Aetas; Revista de Estudos Medievais*, II Série, Vol. 2. Ponta Delgada: 2005/2006, pp.67-100. CID, Pedro. *Castelo de Vide e o álbum de Duarte de Armas: algumas notas*. In *Estudos e Património*, nº8, IPPAR. Lisboa: 2005, pp. 108-119. TRINDADE, Luísa. *Urbanismo na composição de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, pp. 90-95. CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*. Braga: CITCEM, 2011.

⁷⁴ CID, Pedro. *Castelo de Vide e o álbum de Duarte de Armas: algumas notas*. In *Estudos/Património*, nº8, IPPAR. Lisboa: 2005, p. 114.

Embora existam algumas dúvidas sobre autoria desses dois códices⁷⁵, como sublinhou Pedro Cid, “...o que importa acentuar é a flagrante similitude que há entre os dois documentos, nomeadamente quanto à escala e a disposição geral que as fortalezas ganham nas suas páginas, ou ainda quando ao teor, letra e localização das respetivas legendas. É de referir também que um dos álbuns completa nitidamente o outro, com o exemplar da Torre do Tombo a incluir nas suas imagens aquilo que no do Madrid, em muitas povoações surge indicado apenas por escrito”⁷⁶. Quando comparados, os códices A e B revelam discrepâncias mínimas, revelando uma “definição tipológica” ao nível dos elementos construtivos. Esta definição apresenta-se não só no desenho de estruturas militares ou outros elementos arquitetónicos, como igrejas, casas, pontes, etc., como também na apresentação de cenário natural (montes e serras, rios, arvoredo, etc.)⁷⁷. A maior quantidade de detalhes, apresentadas no Códice A, confirma a existência de outros esboços e apontamentos. Se comparadas as vistas de Freixo de Espada-a-Cinta, chega-se facilmente à conclusão que para completar a do Códice A, Duarte de Armas precisava de mais apontamentos como o casario do lado direito da vila, incluindo a igreja de S. Miguel. (Figura 2.)

Figura 2. Vistas de Freixo de Espada-a-Cinta da banda do sul (SO): Códice A, fl.77 (em cima); Códice B, fl.32 (em baixo).



⁷⁵ DIAS, João José Alves. *Gentes e Espaços (em torno da população portuguesa na primeira metade do século XVI)*. Fundação Calouste Gulbenkian. Braga: 1996, pp. 71-82.

⁷⁶ CID, Pedro. *Castelo de Vide e o álbum de Duarte de Armas: algumas notas*. P. 114.

⁷⁷ CID, Pedro. *Castelo de Vide e o álbum de Duarte de Armas: algumas notas*. P.114.

Desta forma, existem atualmente:

- *Códice A* (ANTT 17), em folhas de pergaminho, com “panorâmicas” de 409 x 350 mm, dos 55 castelos e povoações, executadas de dois pontos de vista diferentes, mais uma “panorâmica” de Barcelos e três de Sintra; na segunda parte inclui plantas de 45 castelos e 6 cercas urbanas, agrupados em duas plantas por cada fólio. No início do *Códice* encontra-se o índice das vistas e no fim uma *Tauoada das fortalezas* com descrição do percurso feito por Duarte de Armas e indicação das distâncias entre as povoações.
- *Códice B* (BNM 18) (incompleto), em folhas de papel de linho, com “panorâmicas” de 404 x 296 mm, apresenta vistas de 37 praças-fortes, de Assumar a Caminha (à exceção de Montalvão), tiradas de dois pontos diferentes.
- Cópia aguarelada do *Livro das Fortalezas*, de Brás Pereira de Miranda, realizada em 1642.

Em 2016 foi publicado por João José Alves Dias o primeiro volume, dos quatro em que se dividirá a obra que visa a edição fac-similada dos *Códices A e B*, e da cópia feita por Brás Pereira de Miranda. No último volume, segundo o autor será feito o trabalho “de comparação e articulação acompanhados por comentários”, que ajudarão estabelecer as ligações entre esses três *códices* existentes e, provavelmente, esclarecer as dúvidas a cerca da autoria, a forma de produção e a composição original do *Livro das Fortalezas*⁷⁸.

Como referido acima, o *Livro das Fortalezas* foi produzido em 1509-1510. Segundo Manuel Castelo Branco, o trabalho do campo, terá sido feito por Duarte de Armas num período relativamente curto, considerada a distância percorrida e a quantidade de informação recolhida. A viagem começou na primavera, em Castro Marim, e terminou em Setembro de 1509, em Caminha. Ao trabalho de “gabinete” foram dedicados os restantes meses deste ano e os primeiros do ano seguinte, de maneira que, em Março de 1510 a versão final (o *Códice A*) do *Livro das Fortalezas* já se encontrava pronta⁷⁹.

O *Códice A* divide-se em duas partes: a primeira é composta por debuxos (ou vistas) de castelos e povoações “*tirados natural*” de dois pontos de vista diferentes; a segunda inclui as “*pratafarmas*” (plantas) dos castelos propriamente ditos⁸⁰. Das fortalezas, localizadas ao longo da raia, três - Alegrete, Marvão e Portalegre - por razões desconhecidas, não foram incluídas no *Livro*, embora sejam referenciadas no índice⁸¹. Nesta segunda parte faltam as plantas das cercas de Assumar, Valença do Minho e Vila Nova de Cerveira. Poder-se-ia pensar que tal fora uma escolha deliberada por nessas povoações não existirem castelos propriamente ditos, mas tal hipótese choca com a

⁷⁸ Às dúvidas levantadas por João José Alves Dias no estudo realizado sobre a população portuguesa no século XVI decorrentes das divergências existentes entre os *Códices A e B* no que toca à representação dos povoados (DIAS, J. José Alves; *Gentes e Espaços...*, pp. 71-82), o autor acrescenta outras relacionadas com a forma de produção do *Livro*, se no terreno ou em gabinete, se contou com um ou dois autores, as dúvidas suscitadas pelas supostas figuras de Duarte de Armas e seu ajudante, pormenores do desenho relativos aos estandartes, a forma inicial do *Livro das Fortalezas*, etc. Essas dúvidas são expostas no artigo de apresentação que Alves Dias escreveu para esta nova edição. (ARMAS, Duarte de, *Livro das Fortalezas*, 2016.)

⁷⁹ ARMAS, Duarte de; *Livro das Fortalezas*, 1997, p. 16.

⁸⁰ Alves Dias é de opinião que essas duas partes são na realidade as mencionadas como dois livros por Manuel Severim de Faria “(...) das plantas e monteias destes lugares se fizeram dois livros que mandou El-Rei por na Torre do Tombo, onde ainda estão”, e não os *Códices A e B*, justificando isso pelo facto do conceito de “livro” ser diferente na época. (ARMAS, Duarte de, *Livro das Fortalezas*, 2016, p. 20)

⁸¹ ARMAS, Duarte de, *Livro das Fortalezas*, 1997, p. 12.

inclusão das plantas de Juromenha, Ouguela, Freixo de Espada-a-Cinta, Vinhais, Monção e Caminha, nas mesmas condições. Nestes casos, Duarte de Armas executou as plantas das cercas indicando as torres, entradas e barbacãs (em Juromenha e Ouguela também estão desenhadas as plantas das igrejas que existiam no interior das cercas), acrescentando ainda legendas com dimensões e outras informações que achou necessárias. Deixou livre todo espaço interior que, na realidade, era preenchido pelo casario que se entrevê nos desenhos ou que é confirmado pelo *Numeramento de 1527*, caso de Juromenha e Ouguela⁸².

“As mais antigas plantas de edificios nacionais (...) são incrivelmente rigorosas e elucidativas”⁸³, embora feitas de forma bastante esquemática. A sua configuração, em geral, corresponde à configuração real das praças-fortes. Como prova disso, Paulo Pereira na sua dissertação de doutoramento cotejou plantas de vários castelos, executadas pela DGEMN, com as *prataformas* de Duarte de Armas⁸⁴. Da mesma forma, parecem verossímeis as medidas tiradas pelo escudeiro, usando para tal o palmo (0.22 m), vara (1.1m), lança, corda e, para distancias maiores, a légua (5.4 km).

“A comparação entre as plantas desenhadas por Duarte de Armas e as plantas executadas modernamente, permite estabelecer o grau de precisão atingido por aquele autor. Pese embora ser muito frequente a distorção em desenho, verifica-se que as dimensões se encontram consideravelmente corretas, mesmo que se proceda por aproximação, atendendo ao sistema de medidas-padrão medieval ou tardomedieval que, apesar de distante do rigor introduzido modernamente pelo sistema métrico, se sabe hoje encontrar-se razoavelmente unificado no reino português, pelo menos desde D. João I”⁸⁵.

A hipótese sobre o método de trabalho do escudeiro foi desenvolvida por Manuel Castelo Branco:

“Suponho que Duarte de Armas começaria por percorrer a área correspondente ao castelo, tomando nota das suas particularidades. Depois, procuraria um ponto elevado donde pudesse abarcar o conjunto (o eirado da torre de menagem seria o sítio ideal); daí procederia ao traçado geral das linhas de contorno dos diferentes elementos construtivos (ex.: menagem, cubelo, barreira, cisterna, pátio, “*apousentamento*”, etc.); por fim executava as medições consideradas necessárias, utilizando para isso uma corda e auxiliado pelo seu criado. A corda permitia a avaliação fácil das alturas de torres, cubelos, muros e barreiras, aonde os medidores se deslocavam sempre que possível.”⁸⁶

⁸² COLLAÇO, Júlio Tello de Magalhães. *Cadastró da população do Reino (1527)*. *Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*. Lisboa: 1929, pp. 60 e 43, respetivamente.

⁸³ CID, Pedro, *Castelo de Vide e o álbum de Duarte de Armas: algumas notas*. P. 115.

⁸⁴ PEREIRA, Paulo, *A “Fabrica” Medieval. Conceção e construção na arquitectura portuguesa (1150-1550)*. Vol. 2. Pp. 587-592 (neste processo parecem detetar-se dois equívocos relacionados com as plantas da DGEMN: no caso do castelo de Mourão (p. 590) a planta apresentada não é do castelo de Mourão, mas parece ser a do castelo de Noudar; no caso do Castelo Mendo (p. 592) em vez de planta da praça-forte, é usada a planta da cerca velha da vila).

⁸⁵ PEREIRA, Paulo. *A “Fabrica” Medieval....* Vol. 2. Pp. 581-582.

⁸⁶ ARMAS, Duarte de. *Livro das Fortalezas*. 1997, p. 19.

Como referido, na maioria dos casos a forma das praças-fortes corresponde à realidade, embora a ausência de escala não deixe perceber as dimensões reais dos elementos apresentados em cada planta, assim como as diferenças das áreas ocupadas por cada castelo. Por exemplo, a área do castelo de Penha Garcia (fl.127) parece apenas um pouco inferior à do castelo de Olivença (fl.123v), quando na realidade a torre da menagem do segundo castelo ocupa um espaço maior que toda a praça-forte do primeiro. Paulo Pereira avança a hipótese de a distorção de plantas não ter sido apenas provocada pelo facto de serem feitas “a olho”, mas também pelo facto de o escudeiro ter decidido colocar duas plantas por fólio de pergaminho, com objetivo de poupar o material⁸⁷.

Uma outra distorção nas plantas de Duarte de Armas é a sobreposição de pisos, justificada pela falta do conhecimento do processo de desdobramento, que na altura ainda não era dominado nem por desenhadores, nem por mestres pedreiros.⁸⁸ A falta da escala foi compensada pela indicação de dimensões - alturas, comprimentos, grossura de paredes e muralhas - e a sobreposição dos pisos, por legendas que referem a existência de abóbodas, sobrados ou quantidade de vãos.

A uniformidade de plantas é conseguida através do uso dos mesmos símbolos na apresentação de certos elementos arquitetónicos. Paulo Pereira fez o apanhado dos símbolos mais usados, explicando a sua simplicidade como “formas expeditas de representar em planta um determinado objeto arquitetónico, com modalidades ainda hoje em uso, sempre que se esquematiza sem excessivos rigores de precisão”⁸⁹. Porém, para transmitir uma imagem mais próxima ao original, Duarte de Armas usa variações dessas formas, por exemplo, na apresentação de diferentes formas das escadas, de poços e cisternas, alpendres, etc. (Anexo 2, Figuras 18 e 19).

As vistas dos castelos e vilas obedecem ao mesmo princípio de rigor aproximativo. Manuel Castelo Branco considera-as

“tiradas de pontos diferentes, por forma a abrangerem os seus aspectos mais interessantes... Na maioria (45 pov.), estas vistas correspondem a bandas opostas (180°); algumas, porém, estão a 90° (5), a 135° (4) e mesmo a 157°,5 (1); de Sintra (3) formam ângulos diferentes e o seu número elevado justifica-se pelo empenho de obter uma representação mais completa. As perspectivas parecem tiradas de locais em geral bastante distanciados das povoações (pois só assim se alcançaria um melhor enquadramento do conjunto) e situados, por vezes, mesmo para lá da linha fronteira...”⁹⁰.

A maneira de Duarte de Armas compor as imagens, simultaneamente sintética e “naturalista” com a presença obsessiva de pormenores construtivos⁹¹, suscitou algumas dúvidas sobre as suas qualidades de desenhador e/ou cartógrafo, bem como do seu conhecimento das técnicas coevas de representação⁹².

⁸⁷ PEREIRA, Paulo. *A “Fabrica” Medieval....* Vol. 2. P. 576.

⁸⁸ PEREIRA, Paulo. *A “Fabrica” Medieval....* Vol. 2. P. 575.

⁸⁹ PEREIRA, Paulo. *A “Fabrica” Medieval....* Vol. 2. P. 579.

⁹⁰ ARMAS, Duarte de. *Livro das Fortalezas*. 1997, p. 17.

⁹¹ CID, Pedro. *Castelo de Vide e o álbum de Duarte de Armas...* P. 115.

⁹² PEREIRA, Paulo. *A Guerra e a Arte no Contexto Português*. In BARATA, Manuel Themudo; TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.). *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 5. Círculo de Leitores, 2003, pp. 392-394; PEREIRA, Paulo, *O Livro das Fortalezas in A Arquitetura Imaginária. Pintura, Arquitetura, Artes Decorativas*, Catálogo de Exposição. Lisboa: MNAA, 2012, pp. 42-43. CID, Pedro. *Castelo de Vide e o álbum de Duarte de Armas...*, pp. 108-119.

O estudo minucioso das imagens do *Livro das Fortalezas* feito por Paulo Pereira permitiu-lhe concluir que, para conseguir a imagem de forma como ela nos aparece, o escudeiro deveria fazer esboços a partir de vários pontos e sob ângulos diferentes, que resultaram depois numa imagem composta naturalmente distorcida relativamente à imagem natural, numa tentativa de introdução da maior quantidade de detalhe possível. Trata-se de planos que se sobrepõem, correspondendo cada plano a uma realidade visual, ou melhor, a *um tipo de visualidade*⁹³. Para exemplificar a sobreposição de imagens, Paulo Pereira desdobrou a vista SE de Castelo Branco:

“Para ilustrar este tipo de compromisso num mesmo fólio, socorro-me do seguinte esquema (...) - os *quatro planos* são o desdobramento do grande cenário que é a vista de Castelo Branco, com o primeiro plano – mais perto do observador – em vista oblíqua; o segundo plano, também em vista oblíqua, com um compromisso com a vista do voo de pássaro (de modo a revelar o mais possível da constituição urbana da vila intramuros e a conferir profundidade perspéctica ao contorno da colina e encosta); e o terceiro plano, compreendendo o castelo – a um nível raso, de cerca de 10° ou de perfilamento –, complementado com a representação de um fundo longínquo de colinas, a cerca de 30° em vista oblíqua. Imaginando, portanto, que cada plano se inscreve numa transparência e que a sobreposição das transparências forma a imagem final (como no multiplano do cinema), eis-nos perante o seguinte esquema”⁹⁴. (Figura 3.)

Esta imagem composta está na origem da distorção e de erros na orientação das vistas. De facto, Pedro Gameiro aferiu as orientações de todos os debuxos dos Códices A e B detetando que, para onze castelos, até as mesmas vistas têm indicações diferentes como se o próprio Duarte de Armas tivesse hesitado na determinação do ponto cardeal a partir do qual foi feito o desenho⁹⁵.

Este autor detetou erros na orientação das vistas para 35 povoações das 57 representadas no Códice A, e para 23 das 37 incluídas no Códice B⁹⁶. Razão por que todos os desenhos de Duarte de Armas devem ser conferidos no terreno, assim se evitando “a peculiar situação de que padecem tantos dos “enganos” apontados às imagens do seu livro, muitos dos quais, não têm afinal qualquer fundamento concreto”⁹⁷.

⁹³ PEREIRA, Paulo. *A “Fabrica” Medieval...*. Vol. 2. P. 611.

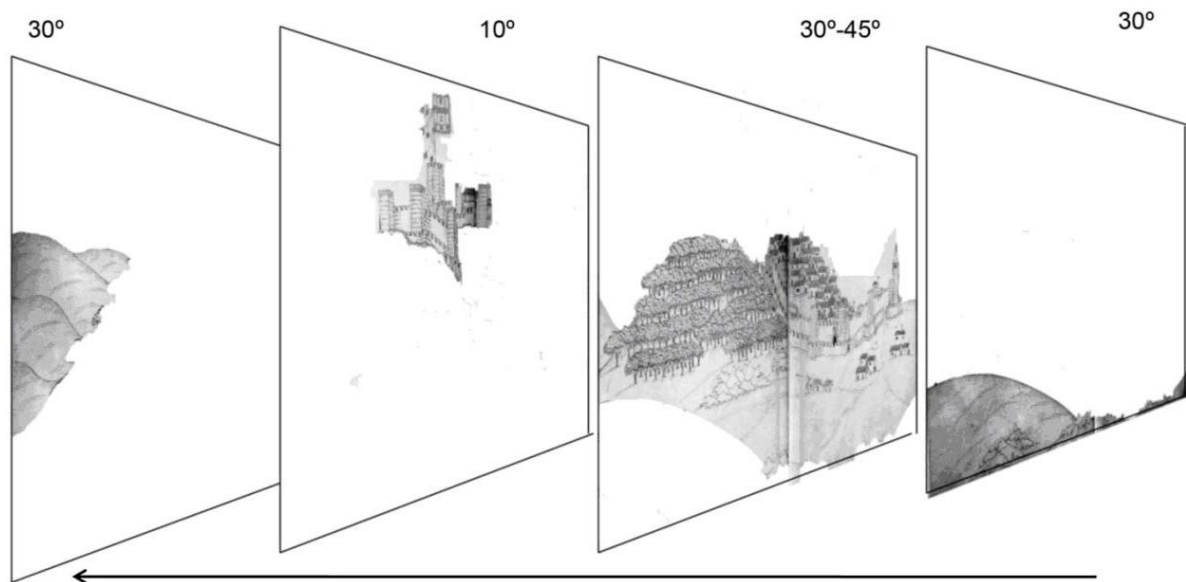
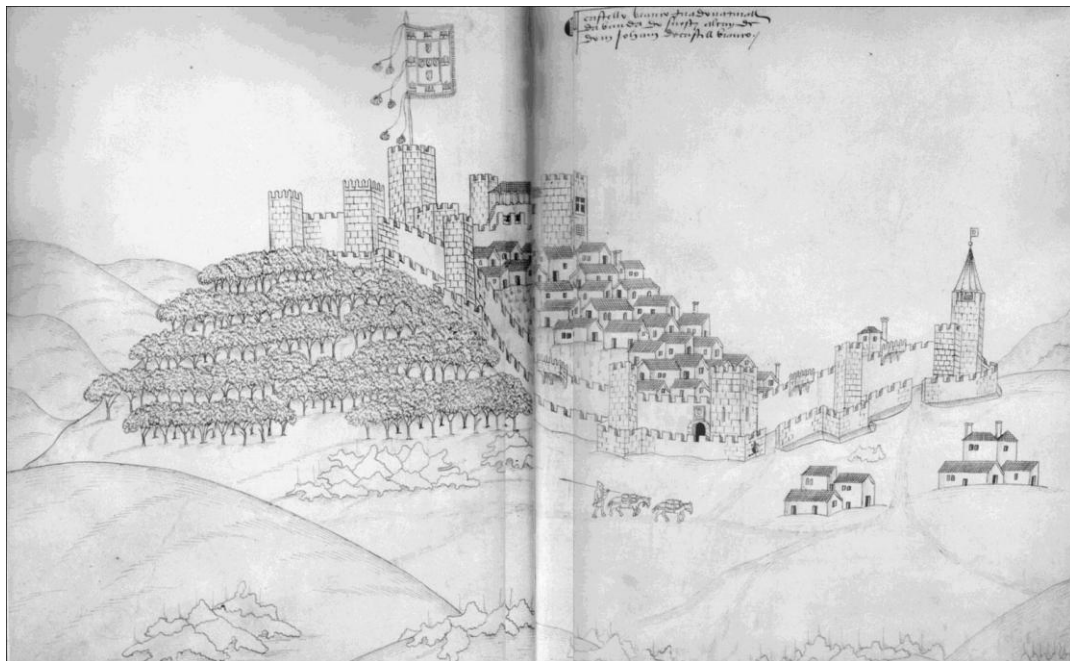
⁹⁴ PEREIRA, Paulo. *A “Fabrica” Medieval...*, Vol. 2. P. 609-611.

⁹⁵ GAMEIRO, Pedro Matos. *O Semblante Original das Fortalezas Medievais de Portugal*. Tese de Doutoramento em Engenharia Civil y Arquitectura, Universidade de Granada, 2014, Anexo I, p. 19.

⁹⁶ GAMEIRO, Pedro Maria Afonso de Matos; *O Semblante Original das Fortalezas Medievais...*, Anexo I, Figura 17, pp. 28-31.

⁹⁷ CID, Pedro; *Castelo de Vide e o álbum de Duarte de Armas...*, p. 111.

Figura 3. Desdobramento da vista do Castelo de Castelo Branco e muro da vila, sueste, fl. 52. Esquema “multiplano” demonstrando a seqüência dos diferentes ângulos conjugados numa só vista⁹⁸.



⁹⁸ Imagens retiradas de PEREIRA, Paulo. *A “Fabrica” Medieval...* . Vol. 2. Pp.609-610.

O caso de Monsaraz (Figura 4.) é um bom exemplo de distorção na orientação dos desenhos. A vista *da banda do oeste* (fl.15), que corresponde na realidade à do Sul, apresenta-nos no primeiro plano três torres do castelo, posicionadas na mesma linha, a que acresce a torre de menagem, a porta falsa, um cubelo da barbacã dotado de troneiras, duas torres que pertencem à cerca da vila, última das quais a que flanqueia a Porta da Vila. Na verdade, todavia, a porta falsa encontra-se ladeada pelas torres SO, adossada a meio da muralha, e pela torre S, que abraça o vértice das muralhas SO e SE. A terceira torre, coberta por coruchéu, é a torre do ângulo E. Das torres da cerca, a primeira é bastante afastada do castelo e ladeia o postigo; a segunda, que é da Porta da Vila, não seria visível a partir deste ângulo. Na vista *da banda de leste* (fl. 16), que é, na verdade, a do Norte, estão visíveis a Porta da Vila e a Porta de Évora, abertas na mesma direção; ao mesmo tempo, a extensão da vila, a partir das portas até o castelo, está muito encurtada, o que permite ao autor apresentar no fundo as torres do castelo. Graças a essas distorções, todos os elementos importantes estão presentes, preservando-se a sua disposição relativa.

A necessidade de conferir os desenhos com o que ainda persiste no terreno está bem documentada pelo caso de Castelo Mendo, uma vila que, graças à fraca dinâmica urbana, mantém em grande parte a sua feição medieval. O cotejo da planta atual com a *vista da banda do norte*, na realidade do NO (fl. 70), foi feito por Margarida Tavares de Conceição permitindo corrigir o erro de identificação das portas da vila. A Porta de Guarda que aparece no primeiro plano da vista ladeada por duas torres, atualmente tem apenas uma (Figura 5). Por esta razão, no desenho de Duarte de Armas, ela é confundida com a Porta da Vila que continua flanqueada por duas torres. “Porém, esta identificação invalida uma correta interpretação da mancha urbana. Ao contrário, se lermos a referida porta como Porta da Guarda, o entendimento do núcleo urbano não oferece dúvidas de maior. Nota-se uma rarefação de edificações entre a Porta da Guarda e a “Porta Falsa”, e entre esta e a Porta do Sol, sendo uma maior densidade em torno da Rua da Praça, Largo de S. Vicente e rua Direita”⁹⁹.

A veracidade de desenhos de Duarte de Armas foi reconhecida por vários autores, principalmente no que diz respeito às estruturas militares, localização de igrejas, pontes, fontes e outros edifícios relevantes¹⁰⁰. Praticamente todos fazem referência ao rebatimento propositado que permite ver os elementos que de outra forma estariam invisíveis, e à verticalização intencional das estruturas militares e outros edifícios de prestígio, cuja importância, desse modo, é sublinhada por Duarte de Armas. Segundo Pedro Matos Gameiro, as imagens do Códice B são “mais fidedignas do ponto de vista das proporções das partes representadas”¹⁰¹. Como o Códice A deveria ser apresentado ao rei, o mesmo autor considera o aumento gradual do tamanho dos elementos mais importantes: “as cercas da vila em relação aos lugares onde essas se implantam, (...) a muralha do castelo em relação à cerca da vila, (...) a torre de menagem em relação à muralha e, por fim, (...) as bandeiras e estandartes em relação à própria torre de menagem”, como “um processo contínuo de exaltação dos símbolos de poder e dominância real sobre os territórios”¹⁰².

⁹⁹ CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da. *Castelo Mendo: a partir de um espaço urbano medieval*. In FERREIRA, Maria do Céu et al. (eds). *Beira Interior. História e Património*. Guarda: 1998, p. 304.

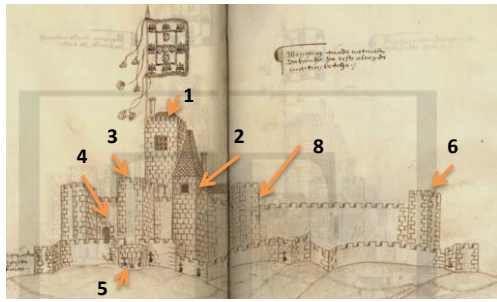
¹⁰⁰ ARMAS, Duarte de; *Livro das Fortalezas*, 1997; PEREIRA, Paulo, *A “Fabrica” Medieval...*, 2011; DIAS, João José Alves; *Gentes e Espaços*, 1996; GAMEIRO, Pedro Matos; *O Semblante Original das Fortalezas...*, 2014; MONTEIRO, J. Gouveia; *Os Castelos Portugueses...*, 1999; CID, Pedro; *Castelo de Vide e o álbum de Duarte de Armas...*, 2005; TRINDADE, Luísa; *Urbanismo na composição de Portugal*, 2013; CONDE, Manuel Sílvio Alves, *Construir, Habitar: a casa medieval*, 2011, etc.

¹⁰¹ GAMEIRO, Pedro Matos. *O Semblante Original das Fortalezas...*, Anexo I, p. 15.

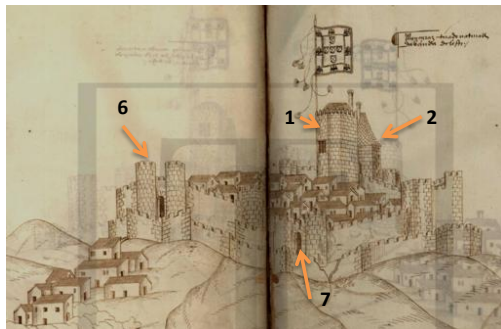
¹⁰² GAMEIRO, Pedro Matos. *O Semblante Original das Fortalezas...*, Anexo I, p.15.

Figura 4. Cotejo das vistas de Duarte de Armas com vistas aéreas atuais de Monsaraz.

1. Torre de Menagem. 2. Torre E. 3. Torre S. 4. Porta falsa (de traição). 5. Cubelo da barbacã dotado de troneiras. 6. Porta da Vila. 7. Porta de Évora. 8. Torre da cerca.



Vista da banda do oeste. Fl. 15 (Na realidade do S)



Vista da banda do leste. Fl. 16 (Na realidade do N)

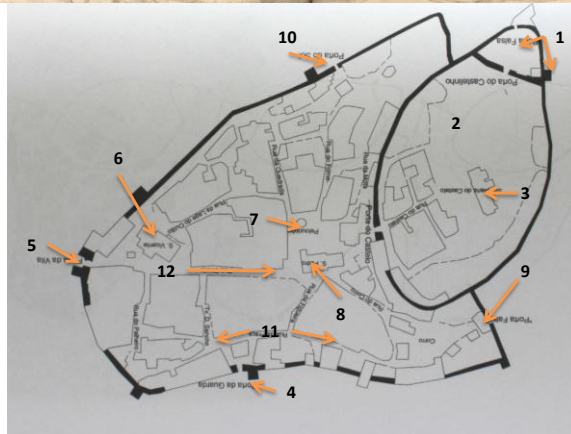
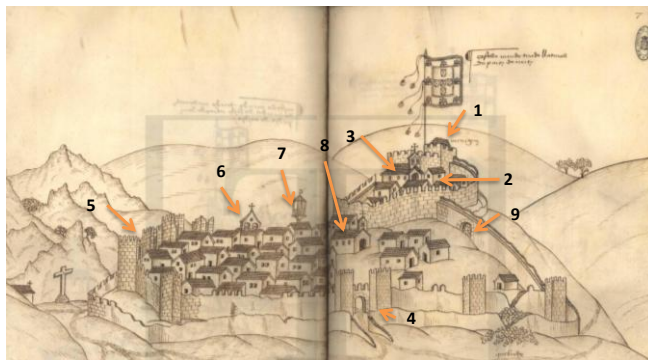


Figura 5. Castelo Mendo. Vista da banda do norte (na realidade do NO) do Livro das Fortalezas, Fl. 70, e a planta atual da vila.

1. Castelo e a torre de menagem.
2. Cerca velha.
3. Igreja de Sta. Maria de Castelo.
4. Porta da Guarda.
5. Porta da Vila.
6. Igreja de S. Vicente.
7. Pelourinho.
8. Igreja de S. Pedro.
9. Porta falsa da cerca.
10. Porta do Sol.
11. Rua da Praça.
12. Rua Direita.

Como o objetivo principal do presente trabalho é o estudo dos espaços residenciais existentes no interior das praças-fortes, interessa-nos, sobretudo, observar a forma de representação de povoações por Duarte de Armas, no que diz respeito à habitação: tipologia, formas estruturais (coberturas, portas, janelas, alpendres, varandas, etc.), presença de chaminés, talvez algum detalhe decorativo, etc. Para isso procedemos à análise das vistas do *Livro das Fortalezas*, aferindo os resultados com os estudos de habitação medieval, baseados em documentação coeva.

Embora o alvo do trabalho de Duarte de Armas fosse a representação mais rigorosa possível das estruturas militares e do seu estado de conservação, segundo Manuel Sílvio A. Conde, ainda que essencialmente de feição ilustrativa, as imagens das povoações raianas podem ser consideradas “expressões fidedignas da realidade, no que se refere a tendências gerais”¹⁰³.

A apresentação de “forma credível do desenvolvimento das povoações da época” por Duarte de Armas, também foi aferida por Luísa Trindade para várias vilas fronteiriças (Arronches, Bragança, Caminha, Chaves, Miranda do Douro, Monção, Monsaraz, Montalvão, Nisa, Terena e Valença) apresentadas no *Livro das Fortalezas* e cotejadas com vestígios ainda existentes, comparação com os dados documentais coevos, entre eles o *Numeramento de 1527* e *os Tombos da Ordem de Cristo*¹⁰⁴. Além do mais, a análise permitiu concluir que o “tipo” de casa, embora evidentemente padronizado e utilizado em bloco, corresponde na essência à realidade coeva, e que “os critérios de utilização de um maior ou menor número de sobrados ou de chaminés, de coberturas de telha ou colmo, sempre proporcionais à importância do povoado, coincidem com o que a historiografia da especialidade tem vindo a apurar, provando não serem aleatoriamente utilizados por Duarte de Armas”¹⁰⁵.

A escala de apresentação do casario é muito diminuta, o que não permite que sejam retratados muitos detalhes. Apesar disso, podemos distinguir vários modelos de casas que correspondem aos tipos definidos por Manuel Sílvio A. Conde. Segundo este autor a casa corrente medieval correspondia a três tipos principais: a casa unicelular (casa térrea de uma divisão); casa bicelular com alargamento no sentido horizontal (casa térrea com duas divisões); casa bicelular com alargamento no sentido vertical (dois pisos, duas divisões, ou casa com sobrado)¹⁰⁶. Os outros modelos de casas (casa pluricelular) derivam de combinação dos três modelos principais. Todos três tipos aparecem nos desenhos com predominância de casas térreas para povoações pequenas, e presença de casas com sobrados em vilas grandes e cidades.

O carácter semirural das cidades medievais do ocidente europeu tem sido apontado por diversos autores e está bem evidenciado nos desenhos de Duarte de Armas. A permeabilidade entre a casa rural e casa urbana transparece no uso de tipos semelhantes (embora no meio urbano apareça mais a casa de sobrados), a tendência para criação de animais (principalmente de porcos e galinhas), e plantação de algumas culturas ou árvores de fruto nos quintais traseiros das casas ou nos espaços ocupados por pardieiros¹⁰⁷. No *Livro das Fortalezas*, quadros deste género estão retratados nas vistas de Castro Marim (fl. 2), Alandroal (fl.19), Monforte (fl.34), Nisa (fl. 48), Castelo Branco (fls. 52-53), Almeida (fls. 73-74), Bragança (fl.89), entre outras, com maior incidência nos arrabaldes.

¹⁰³ CONDE, Manuel Sílvio Alves; *Construir, Habitar: a casa medieval*, p. 20.

¹⁰⁴ TRINDADE, Luísa, *Urbanismo na composição de Portugal*, p. 90.

¹⁰⁵ TRINDADE, Luísa, *Urbanismo na composição de Portugal*, p. 94.

¹⁰⁶ CONDE, Manuel Sílvio Alves; *Construir, Habitar: a casa medieval*, pp. 20-21.

¹⁰⁷ CONDE, Manuel Sílvio Alves; *Construir, Habitar: a casa medieval*, p. 179.

A maioria das casas é de um só piso, mas como foi dito acima, nas vilas grandes como Elvas, Bragança, Campo Maior, Olivença, são muitas as que se elevam num sobrado. As casas de três pisos (com dois sobrados) aparecem apenas em uma das vilas raianas como Freixo de Espada-a-Cinta (fl.77), mas são documentadas também para Bragança e Mogadouro¹⁰⁸. As áreas de implantação da morada urbana, em finais de Quatrocentos e inícios de Quinhentos, foram calculadas por Sílvio Alves Conde, verificando-se ser a de Elvas a que apresenta maiores dimensões (96 m²)¹⁰⁹. Nos desenhos de Duarte de Armas esta vila é uma das poucas que ainda não têm arrabaldes, havendo, pelo contrário, ainda muito espaço livre no interior da cerca urbana. Ausência de arrabaldes é igualmente confirmada pelo *Numeramento de 1527*, onde se indica um total de 1916 fogos no interior da cerca¹¹⁰.

As coberturas das casas, na sua esmagadora maioria, são feitas de telha, armada em uma ou duas águas. Entretanto, nas Beiras (Penha Garcia, fl.59) e, principalmente em algumas das vilas transmontanas (Penas Roias, fls.81-82; Vimioso, fl.85; Outeiro, fl.87-88; Vinhais, fls.91-92; Montalegre, fl.97; Portelo, fls.99-100; Piconha, fls. 101-102; Castro Laboreiro, fl.103) está presente o uso de coberturas de palha, colmo, e cortiça. Todavia, no Alentejo e Algarve, além de telha, estão em uso coberturas em eirado (Alcoutim, fl. 4; Moura, fls.9-10; Mourão, fl.14). Essas diferenças regionais correspondem às tendências da época apresentadas nos estudos da habitação medieval¹¹¹. Em casos muito raros aparecem coberturas de quatro águas: Castro Marim (fl.2), Mourão (fl.13), Elvas (fl.26), Arronches (fl. 32) e Monforte (fls.33-34) para regiões de Algarve e Alentejo; nas vilas de Castelo Branco (fls.52-53), Sabugal (fl.66) e Almeida (fls.73-74) para a região das Beiras; e nas vilas de Freixo de Espada-a-Cinta (fl.77), Mogadouro (fl.79), Miranda do Douro (fls.83-84), Vimioso (fls.85-86), Monforte do Rio Livre (fl.94), Chaves (fl.95), Melgaço (fl.105) e Monção (fl. 107) nas regiões de Alto Douro e Minho. A cobertura de uma água ou de eirado era mais simples e menos dispendiosa, razão que explica a sua maior frequência.

As fenestraçãoes – portas e janelas – na casa corrente medieval são reduzidas ao mínimo necessário. Frequentemente, as casas térreas de uma só divisão têm apenas uma porta que permite o acesso, a iluminação e o arejamento. Por questões de segurança, entre outras, as janelas abrem-se sobretudo nos sobrados, rasgando-se frestas no rés-do-chão.

Nos debuxos do *Livro das Fortalezas*, praticamente em todas as povoações, aparecem casas, tanto térreas como sobradadas, com duas ou mais portas. (Figura 6.) Em casas térreas, tal indica a existência de mais que uma divisão no seu interior o que pressupõe a separação das funções de produção, armazenamento, guarda de animais e/ou habitação. Nas casas sobradadas uma das portas pode levar à oficina, ao armazém ou à tenda, e a outra, ao lado, dar acesso à escada para o primeiro andar reservado como espaço residencial a que, em muitos casos, também se junta a função de armazém¹¹².

¹⁰⁸ CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*, p. 24.

¹⁰⁹ CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*, p. 224.

¹¹⁰ COLLAÇO, Júlio Tello de Magalhães. *Cadastro da população do Reino*, p.34.

¹¹¹ CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*, p.. 234. TRINDADE, Luísa. *A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna*. Coimbra: Camara Municipal, 2002, p. 64.

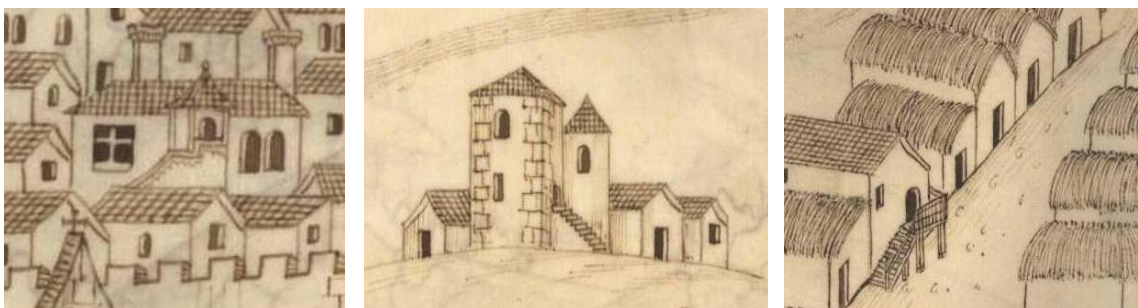
¹¹² CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*, pp. 29-30. TRINDADE, Luísa. *A Casa Corrente...*, p. 53.

Figura 6. Casas com duas portas (de esquerda à direita): Bragança (fl.82); Idanha-a-Nova (fl.54); Castro Marim (fl.1)



A presença das escadas interiores e exteriores é testemunhada por documentação coeva. Entretanto, no *Livro das Fortalezas* temos apenas três exemplos de escadas exteriores: duas em Castelo Branco (fl. 53), uma em Vinhais (fl. 91) (Figura 7.). Na opinião de Luísa Trindade este facto deve-se mais ao carácter estereotipado com que Duarte de Armas representa o casario, do que a constatação de uma realidade¹¹³. Uma das casas representadas com escada, em Castelo Branco, corresponde a uma casa senhorial localizada no espaço intramuros, sendo a escada feita de pedra, com patamar coberto por um alpendre de quatro águas apoiado em colunelos. A casa com escada de Vinhais é muito mais modesta, mas curiosa: localizada no arrabalde, é uma casa constituída por dois compartimentos com coberturas separadas, uma de telha armada em duas águas, que pertence à parte principal; outra de palha, numa só água, que cobre um anexo térreo com entrada individual. A escada que leva ao sobrado com duas janelinhas é feita de madeira e apoia-se em três esteios. A casa distingue-se das outras, todas térreas, maioritariamente palhaças e sem janelas, denunciando o maior desafogo económico do seu proprietário. Outro caso parecido, quando a aparência da casa está relacionada com a “posição social” do seu dono, pode ser apreciado na vista *da banda do sull* de Portelo (fl. 99). (Figura 8.) No meio das casas térreas, palhaças e sem janelas, mas na maioria com duas portas, há uma com alpendre, também de palha, apoiado em quatro esteios de madeira. A casa tem uma janela e um banco largo, encostado à parede por baixo dela. Por trás da casa há um pomar com árvores, sem igual nessa aldeia.

Figura 7. Escadas exteriores (de esquerda à direita): Castelo Branco (fl.53), casa senhorial e estalagem; Vimioso (fl.91)



Os alpendres nos desenhos do escudeiro de D. Manuel, aparecem duas vezes: a primeira é referida acima, em Portelo; a segunda é em Penha Garcia (Figura 8) embora a presença de construções do género fosse usual na época, principalmente no centro e sul

¹¹³ TRINDADE, Luísa. *A Casa Corrente...*, p. 54.

de Portugal, enquanto para norte seriam mais frequentes as casas com varandas, balcões ou *adufas*¹¹⁴.

Imagens desses elementos podem apreciar-se nas vistas de Monção (uma casa senhorial com *adufa*, fl.107), de Melgaço (uma casa senhorial com balcão, fl.105), de Mogadouro (paço de alcaides com balcões, fl.79). (Figura 9). No paço dos alcaides de Mogadouro havia um sobrado em ressalto (fl.80), o que, sendo bastante usual em cidades e vilas nortenhas, tinha igualmente a expressão em Coimbra, Santarém e, sobretudo Lisboa¹¹⁵. Um outro elemento bastante comum nas vilas e cidades medievais, mas que aparece apenas uma vez no *Livro das Fortalezas* é o passadiço (Castelo de Vide, fl. 44)¹¹⁶. (Figura 9)

Já nos referimos à existência de janelas, principalmente nas casas com sobrados. Duarte de Armas nos seus debuxos apresenta-nos três tipos que deveriam ser os mais comuns à época: janela em arco simples, de arco duplo e janela de verga reta. Infelizmente, a escala e o carácter padronizado da apresentação do casario não lhe permitiu retratar os pormenores decorativos que em alguns casos surgiriam nas molduras de janelas e portas, “indicadores preciosos de uma época, mas também de algum desafogo económico, de estatuto social”¹¹⁷. Várias dessas portas e janelas, de “cronologia incerta, mas denominadas “manuelinas”, aparecem nos centros históricos de vilas e cidades de Portugal. (Anexo 2. Figura 39) “É vulgar, já não estarem *in loco*, pois a ornamentação pétreia tendeu a ser reaproveitada, e por vezes até reproduzida, mas é natural que em muitos casos não se encontrem longe dos locais de origem”¹¹⁸.

Figura 8. Casas com alpendres: em Portelo (fl.99), em Penha Garcia (fl.59)



¹¹⁴ CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*, p. 87, 135, 223.

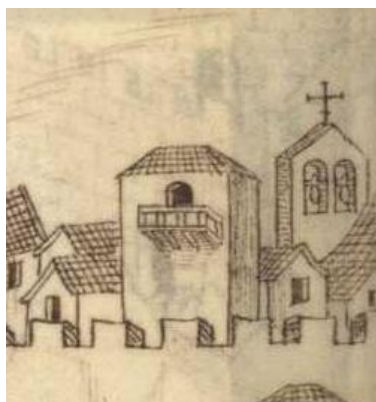
¹¹⁵ CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*, p. 234.

¹¹⁶ TRINDADE, Luísa. *A Casa Corrente...*, p. 61.

¹¹⁷ TRINDADE, Luísa. *A Casa Corrente ...*, p. 51.

¹¹⁸ CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*, p. 56.

Figura 9. Elementos arquitetónicos diferentes: casa com balcão em Melgaço (fl.105); casa com adufa em Monção (fl.107); casa com piso sobressaído em Mogadouro (fl.180); casa com passadiço em Castelo de Vide (fl.44).

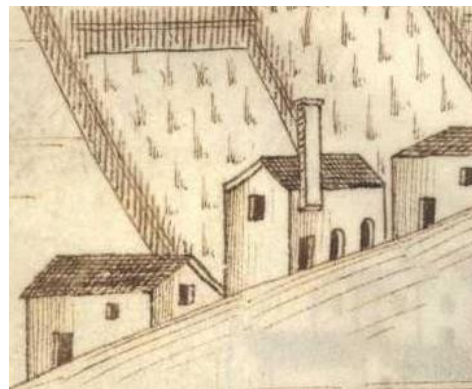


Curiosa é também a forma como Duarte de Armas representa as chaminés: para além das que coloca nas grandes residências senhoriais ou alcaidarias, ao nível da casa corrente elas aparecem sempre em último plano, ou em casas que não têm outros imóveis por trás. Dessa forma as chaminés não se confundem com outras formas arquitetónicas. Possivelmente o desenhador optou por este método apenas para marcar a presença de chaminés numa determinada vila, apresentando o número maior ou menor desses dispositivos para expor a sua maior ou menor divulgação. A sua quantidade é muito maior nas vilas alentejanas do que nas Beiras ou nas regiões nortenhas. As formas de chaminés são variadas: retangulares, cilíndricas ou cónicas, com coroamentos ou sem eles. Na maioria dos casos parecem ser projetadas em altura a partir dos telhados mas, nas vistas de Assumar (fl. 35), Castelo de Vide (fl. 44), Castelo Branco (fl. 53) e Lapela (fl. 109), são bem visíveis as chaminés projetadas das paredes. (Figura 10.) No início do século XVI a difusão de chaminés em Portugal ainda não chegara a todas camadas sociais. O escoamento do fumo da lareira na casa corrente fazia-se, na sua esmagadora maioria, de forma precária levantando duas ou três telhas de cobertura, ou através de portas e janelas. “A presença de chaminé, o seu volume e profusão também eram o sinónimo do prestígio e da prosperidade”¹¹⁹. No *Livro das Fortalezas* este dispositivo aparece nas torres de castelos, adaptadas às funções residenciais, casas de alcaides, grandes casas senhoriais e, de forma bem mais tímida, na casa corrente. “A introdução tardia da chaminé transparece nas estruturas em ressalto propositadamente criadas nas

¹¹⁹ TRINDADE, Luísa. *A Casa Corrente...*, p. 67.

fachadas para as receber, tornando-a, por isso, em mais um dos elementos caracterizadores do alçado ou frontaria da casa corrente”¹²⁰.

Figura 10. Tipos de chaminés. De secção retangular em Castro Marim (fl.1); projetada da parede em Assumar (fl.35); de secção cilíndrica no Sabugal (fl.66). Dois tipos de chaminé na mesma casa – Castelo Branco (fl.53)



Foram já referidos os raros casos de construções com coberturas de quatro águas. Nos desenhos de Duarte de Armas elas surgem apresentadas de duas maneiras: ou fazem parte de grandes casas senhoriais, constituídas por vários corpos, ou são edifícios isolados. As casas senhoriais, localizadas no interior de vila ou nos campos adjacentes, distinguem-se das demais pelo tipo de cobertura, formas e dimensões generosas, janelas, existência de corpos diferentes unidos por paredes-meias mas com coberturas separadas, presença de chaminés e escadas exteriores. As que são implantadas no meio rural (Castelo de Vide, Vimioso) podem servir como ilustração de *domus fortis* – a casa-torre com anexos residenciais e de serviços a sua volta¹²¹. (Figura 11 e 12)

¹²⁰ TRINDADE, Luísa; *A Casa Corrente...*, p. 67.

¹²¹ CONDE, Manuel Sílvio Alves; *Construir, Habitar: a casa medieval*, pp. 48-54.

Figura 11. *Domus Fortis*: Castelo de Vide (fl.44); Vimioso (fl.85).



Figura 12. Casas turriformes: Elvas (fl.26), Almeida (fl.73), Monção (fl.107).



No *Livro das Fortalezas*, além de *domus fortis* e casa turriforme, as coberturas de quatro águas aparecem em mais duas ocorrências: as casas de audiências em Mourão (fl.13), Sabugal (fl.66) e Melgaço (fl.105), (Figura 13), e uma estalagem ao pé de Castelo Branco.

Sendo a Casa das Audiências um dos símbolos do poder municipal, Duarte de Armas representa-as em escala superior à do restante casario. Formam uma construção de planta quadrangular, com cobertura de quatro águas em telha, com cunhais em silhares de pedra e janelas grandes, mas de formas diferentes: em Mourão de arco simples com peitoril de grade de ferro; em Sabugal de arco duplo, e em Melgaço, um janelão duplo de verga reta. Há mais um edifício do género em Ouguela (fl.30) embora aqui seja apenas um alpendre junto ao qual Duarte d'Armas escreve “*aqui faz se audjencia*”. Em todas as povoações as Casas das Audiência estão localizadas ao lado da Porta da Vila, mas fora das cercas o que é compreensível para Ouguela, Mourão e Sabugal com grandes arrabaldes em pleno crescimento. Outros símbolos do poder local representados nos desenhos de Duarte de Armas são os pelourinhos e as forcas¹²².

¹²² Duarte d'Armas desenhou os pelourinhos de seis vilas: Montalvão, Idanha-a-Nova, Sabugal, Mogadouro, Penas Roias, Castelo Mendo. Destes, chegaram aos nossos dias apenas dois: o de Mogadouro e o de Castelo Mendo. Embora igualmente datados do século XVI, são muito diferentes dos representados no *Livro das Fortalezas*. Como todas essas vilas receberam forais novos a partir de 1510 em diante, se coloca a hipótese de novos pelourinhos serem construídos depois de concessão dos forais.

Figura 13. Casas de audiência. Mourão (fl.13); Ouguela (fl.30); Sabugal (fl.66); Melgaço (fl.105).



Para finalizar, importa mencionar, ainda que de forma breve, os materiais usados na construção da casa corrente. Como foi provado pela historiografia da especialidade, a teoria da “civilização de barro” para o Sul e da “civilização de granito” para o Norte, é sustentável apenas parcialmente.

“Na verdade, a Idade Média conheceu arquiteturas de pedra, de terra e de madeira, e sobretudo, arquiteturas integradoras desses materiais. A opção por uma ou outra dessas soluções dependia dos materiais que existissem localmente, das possibilidades de trazê-los do exterior, a custo comportável, da cultura construtiva local, e das decisões dos proprietários sobre o custo e a durabilidade desejados”¹²³.

O uso de pedra dizia respeito sobretudo às construções de prestígio, como castelos, igrejas, paços, etc., aparecendo na casa corrente maioritariamente como elemento estruturante: em alicerces, cunhais, paredes-mestras, ou na construção de escadas, guarnições de arcos, janelas e portas. O material mais recorrente era a terra. Podia ser terra crua em forma de taipa ou adobes, ou em conjunto com outros materiais como madeira, pedra, barro e cal. Ou podia ser a terra cozida na forma de tijolo e telha, quase omnipresentes. Argamassas feitas de mistura de cal com terra, água e areia usavam-se para assentamento e revestimento de alvenarias.

A maioria das casas era construída com recurso a vários materiais: as paredes-mestras levantavam-se em cantaria, silharia ou alvenaria (ordinária, de pedra seca ou

¹²³ CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*, p. 215.

insossa), ou de tijolo, taipa ou adobe. Além disso apareciam muitas paredes mistas: de pedra e taipa, pedra e adobe, pedra e tijolo, frontal ou tabique, de ripa e barro e de varas e barro. Para as paredes recorria-se frequentemente à alvenaria ordinária, reservando-se a pedra lavrada para os cunhais e para a guarnição dos vãos. As paredes interiores faziam-se de pinho, cortiça, esteira, canas, palheiro, pedra, pedra e barro, sebe barrada, frontal, de tabique, taipa, tijolo, parede ou meia parede, grades de pau.

A madeira (castanho, carvalho, sobreiro, pinheiro) era usada em armações para coberturas, travejamento de paredes, em paredes e divisórias, pavimentos dos sobrados, escadas, revestimentos de tetos, portas, portadas, etc. Outros elementos vegetais como colmos, palha, giesta, o piorno e cortiça, serviam para coberturas das casas ou em forros.

O ferro era mais usado para dispositivos de segurança, junção de elementos de madeira, e também para elementos decorativos como cataventos, cruzes, insígnias¹²⁴.

Não há provas documentais do uso de vidraça em Portugal antes do século XVI, a proteção de janelas fazia-se com portadas de madeiras, “embora tecido, papel e pergaminho, oleados e encerados para maior transparência e resistência, também pudessem ocorrer”¹²⁵.

¹²⁴ CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*. Pp.215-219.

¹²⁵ TRINDADE, Luísa. *A Casa Corrente em Coimbra...* . P.57.

Parte II. Casas de Alcaidarias

Capítulo 1. Castelos do Algarve e Alentejo.

a. Introdução.

No *Livro das Fortalezas* são apresentados 22 castelos pertencentes às regiões do Algarve e Alentejo: dois, Castro Marim e Alcoutim, no Algarve; os restantes distribuídos ao longo da fronteira alentejana. A proximidade de fronteira entre Portugal e Castela está claramente assinalada nos desenhos de Duarte d'Armas por castelos castelhanos que aparecem nos debuxos de Mourão, Olivença, Campo Maior, Ouguela¹²⁶, ou indicações de *Castella* nas margens opostas dos rios, em Alcoutim e Noudar.¹²⁷

Na sua maioria, os castelos são acompanhados de vilas amuralhadas, à exceção de Alcoutim e Alpalhão que são povoações chãs ou sem cerca. Já em Assumar, se a vila é defendida por uma cerca, não existe castelo propriamente dito.

As vilas de Assumar, Montalvão, Juromenha e Ouguela não foram incluídas na presente análise pelas seguintes razões:

- em Assumar não há castelo propriamente dito, apenas a vila amuralhada, como já referido;

- em Montalvão, o castelo surge nos desenhos de Duarte de Armas quase só como fundações escarpadas de muralhas e torres¹²⁸;

- nas vilas de Juromenha e Ouguela Duarte d'Armas regista apenas igrejas no interior das cercas, sem qualquer outra construção. Em relação a Juromenha, a legenda deixada pelo escudeiro refere expressamente "*nõtem mais castello nem fortaleza que esta tore*"¹²⁹, informação confirmada pelo *Numeramento de 1527* que relata ser "*a vila cerquada e sem castello somente huma torre de menagem*"¹³⁰. Assim, percebe-se que as muralhas representadas nos debuxos e na planta dizem respeito à cerca da vila e não a um castelo propriamente dito. Embora, segundo o *Numeramento*, a cerca tivesse casas no seu interior, elas não são visíveis nos desenhos. No caso de Ouguela a informação de *Numeramento* é mais concisa, indicando apenas 144 fogos na cerca e arrabalde.¹³¹ Como nos desenhos de Duarte d'Armas aparece uma única cerca com um arrabalde a Este, supomos que, como em Juromenha, não existisse castelo mas apenas vila cercada.

A maioria dos castelos encontra-se na posse da Coroa. Os de Castro Marim; Nisa e Alpalhão são comendas da Ordem de Cristo. Os castelos de Alandroal e de Noudar pertencem à Ordem de Avis, e o castelo de Mértola, à Ordem de Santiago. Por último, os castelos de Monsaraz e de Monforte fazem parte de património da Casa de Bragança que detém as alcaidarias e nomeia alcaides pequenos.

Embora, segundo a *Lei Mental* os castelos e os seus termos constituíssem património da Coroa, podiam, e foram efetivamente, entregues a famílias nobres como reconhecimento de feitos militares ou políticos, em cuja posse permaneceram durante décadas ou mesmo centúrias. Assim aconteceu com a comenda de Mértola, nas mãos da

¹²⁶ *Livro das Fortalezas*. Arquivo Digital da Torre do Tombo (ADTT). Fls. 14, 24, 28, 29, respetivamente.

¹²⁷ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fls. 4 e 12, respetivamente.

¹²⁸ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fls. 50-51.

¹²⁹ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fl. 22.

¹³⁰ COLLAÇO, Júlio Magalhães; *Cadastro da população do Reino*. P. 60.

¹³¹ COLLAÇO, Júlio Magalhães; *Cadastro da população do Reino*. P. 43.

família Mascarenhas desde 1485 até 1759. A vila e o castelo de Serpa, por seu lado, estiveram na posse dos Melo desde 1398 aos inícios do século XVIII, sendo, no período que aqui nos ocupa, Garcia de Melo quem deteve o cargo de alcaide-mor durante 24 anos. A posse da alcaidaria do castelo de Mourão permaneceu na família Mendonça Furtado de 1478 até meados do século XVII, com Diogo de Mendonça a exercer a função de alcaide-mor durante 40 anos (1476-1516). As terras e castelos de Campo Maior e de Ouguela foram da família Teles da Silva de Meneses desde meados do século XV até finais do século XVI.

São conhecidos vários casos de alcaides que exerceram o seu cargo por períodos superiores a 30 anos: Gonçalo Álvares de Abreu no castelo de Assumar (1480-1512), António de Azevedo (o Almirante) no castelo de Juromenha (1506-1543), D. Rodrigo de Eça no castelo de Moura (1492-1531), Duarte de Melo no Castelo de Vide (1496-1536), D. Martim Afonso de Silveira no castelo de Terena (1482-1527).

Quando, em 1508, D. Manuel, mandou Duarte de Armas fazer o levantamento dos castelos fronteiriços para averiguar o seu estado e providenciar as intervenções necessárias, tinham passado já quase 30 anos desde que fora estabelecida a paz entre Portugal e Castela. A situação na fronteira estava calma e as vilas raianas, principalmente localizadas perto de grandes vias fluviais ou terrestres, tinham sofrido um desenvolvimento considerável.

A análise dos desenhos do *Livro das Fortalezas* em conjunto com os dados do *Numeramento de 1527* são particularmente relevantes sobre as dimensões e o estado económico dessas vilas.

O facto de Elvas (1916 fogos), Olivença (1053 fogos) e Campo Maior (632 fogos)¹³², se situarem na via que ligava Lisboa a Madrid e Sevilha foi um dos principais fatores de crescimento económico e populacional. Por esses centros urbanos “transitaram e permaneceram, em certos casos, durante longo tempo, (...) comitivas reais, embaixadas de altos dignatários de nobreza e da Igreja, mercadores, viajantes de renome, e até exércitos constituídos por milhares de soldados”¹³³.

À exceção de Mértola, Elvas e Arronches, ainda contidas no interior das suas cercas, todas as restantes tinham já extravasado a muralha, ganhando arrabaldes no aro envolvente. A densidade de construções, principalmente no interior das cercas, é grande, o que, na maioria dos casos, se justifica pela falta de espaço e, simultaneamente, explica a ocupação aditiva e informal, própria de tecidos sob tensão. Os arrabaldes, por seu lado, revelam já uma implantação planeada e regular, caso de Alandroal, de Monforte ou Castelo de Vide, com abertura de ruas mais largas e retilíneas, ao mesmo tempo que os lotes são equitativamente divididos e as casas correspondem, aproximadamente, ao mesmo padrão. (Anexo 2. Figura 1).

A esmagadora maioria do casario dessas vilas apresenta cobertura de telha, um ou dois sobrados e chaminés, só inexistentes em Olivença. Além disso, as vilas de Olivença, Elvas, Arronches e Castelo de Vide já têm relógios mecânicos instalados em torres das cercas¹³⁴. (Anexo 2. Figura 2).

A vila mais pobre, no que é confirmado pelo *Numeramento*, é a de Noudar, com apenas 6 fogos. As casas estão ocultas pela cerca que se encontra bastante degradada, não havendo construções no exterior, tal como também não se vislumbram campos

¹³² COLLAÇO, Júlio Magalhães. *Cadastro da população do Reino*, pp. 34, 35, 36, respetivamente.

¹³³ VIEIRA, Rui Rosado. *Centros Urbanos no Alentejo Fronteiriço. Campo Maior, Elvas e Olivença. De inícios do século XVI a meados do século XVII*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p. 18.

¹³⁴ A torre do relógio de Castelo de Vide está indicada como tal apenas no Códice B. (GAMEIRO, Pedro Matos. *O Semblante Original das Fortalezas Medievais*. Anexo II, Reprodução do Códice B, Fl. 4.)

cultivados.¹³⁵

O estado económico das vilas parece estar diretamente relacionado com as condições em que se encontram os seus castelos e respetivas alcaidarias. As grandes casas em Elvas, Mértola ou Campo Maior e a ausência de pelo menos uma casa sobradada no castelo de Noudar, confirmam esta hipótese.

b. Organização de espaço no interior de castelos.

A análise das plantas do *Livro das Fortalezas* rapidamente permite concluir que não existe uniformidade na organização dos espaços interiores das praças-fortes. (Anexo 2. Figura 3).

A quantidade, provavelmente qualidade, e a localização de construções devem corresponder às necessidades do momento e não a algum planeamento prévio. Na maioria dos casos as construções distribuem-se ao longo das muralhas, a elas adossadas, o que não só aproveita o muro para a parede do fundo como, principalmente, deixa livre um espaço central, necessário a toda a vivência no interior do castelo, seja em tempos de paz seja em períodos de guerra.

Nos castelos de Serpa, Noudar e Campo Maior ocupam praticamente todo o perímetro da praça; nos castelos de Castro Marim, Olivença, Elvas, Arronches, Monforte, Alpalhão, Castelo de Vide e Nisa estão dispostas em U; em Moura e Alandroal localizam-se ao longo de duas muralhas; em Alcoutim a maioria das casas encontra-se num canto em forma de L havendo outras duas casas no meio da praça.

A construção de casas ao longo das muralhas e, principalmente, o facto de serem adossadas, prejudica, ou pelo menos dificulta, o acesso aos adarves. No castelo de Arronches, por exemplo, uma das duas escadas de acesso encontra-se no interior de um quintal vedado, estando a outra no interior de uma das casas; em Olivença há uma única escada de acesso ao adarve que se encontra no interior de uma das casas; em Elvas e em Alpalhão não há nenhuma escada visível. Em Castelo de Vide a entrada principal da praça leva a um alpendre e, em vários castelos (Mértola, Serpa, Alandroal, Elvas, Alpalhão e Nisa), o acesso às portas de traição encontra-se no interior das casas. Nos castelos de Mértola, Alcoutim, Alandroal, Monforte e Alpalhão os sobrados das casas são construídos por cima de adarves; nos castelos de Terena, Moura, Nisa e Alcoutim na espessura de muralhas são rasgadas janelas.

Para além da localização, também a quantidade de casas e as suas dimensões varia muito de castelo para castelo. As seis casas de Terena¹³⁶ ocupam apenas um canto, enquanto em Alpalhão a mesma quantidade de casas, mas com dimensões sensivelmente maiores, está distribuída ao longo de todo o perímetro interior da praça. Mais de uma dezena de casas pode ser contabilizada nas praças de Mértola e Olivença (12), Serpa (13), Castro Marim (14), Campo Maior (15), Elvas e Arronches (18), Nisa (19) e Moura (20).

Quase metade de castelos inclui “espaços verdes”, ou no interior da praça, ou imediatamente ao lado das muralhas: em Moura há um laranjal no meio da praça; em

¹³⁵ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fls. 11-12.

¹³⁶ O castelo de Terena, o mais tardio, apresenta um conjunto de casas no canto SE, que ocupa um espaço relativamente pequeno se comparado com a área total (Anexo 2. Figura 5). Na altura da visita de Duarte de Armas, o castelo não tinha ainda torre de menagem, construída entre 1509 e 1517, possivelmente por Francisco de Arruda. O erguer da torre de menagem obrigou à deslocação da entrada principal e das escadas de acesso ao adarve, provocando, segundo Mário Barroca, alterações na localização das casas de alcaidaria. (BARROCA, Mário Jorge. *Terena. O castelo e a Ermida de Boa Nova*. Lisboa: Edição IPPAR – Direção Regional de Évora, 2006, pp 95-96).

Monsaraz um quintal com árvores; em Elvas um jardim; registam-se quintais vedados em Arronches e Monforte (Anexo 2. Figura 6.). No Alandroal, concretamente no espaço da liça e ao lado da porta de traição, há um pomar com árvores. Em Nisa, logo em frente à porta falsa e com acesso por ela, há uma horta ou um campo cultivado e, no interior da praça desse castelo, ao centro, encontra-se uma grande amoreira com assentos em volta. As varandas das câmaras são feitas por cima do pátio do poço onde, possivelmente, existem algumas plantas¹³⁷.

Embora não tenha sido representado por Duarte d'Armas por se encontrar fora do recinto do castelo, sabemos, através de tombo coevo, que o castelo de Alpalhão também possuía um quintal com árvores de fruto (laranjeiras, limoeiros, ameixoeiras, pereiras, etc.). Com uma área de 24 x 8v (ou seja cerca de 233 m²), estendia-se ao longo do muro sul, a partir da torre de menagem até o torreão SO, sendo o acesso feito a partir da loja existente por baixo da sala, através de uma porta pequena (porta de traição) registada na planta¹³⁸. (Anexo 1. P.160)

As praças dos castelos de Mourão e de Monsaraz são divididas em duas partes por um muro com porta. A parte maior da praça é ocupada por casas que, no caso de Mourão, estão adossadas às muralhas e ao muro de separação em todo seu perímetro; no caso de Monsaraz, em forma de L localizam-se ao longo de duas muralhas. Na parte inferior da praça, nos dois castelos, encontram-se cisternas e algumas árvores. Em Castelo de Vide e Olivença há espaços congéneres, localizados nas partes mais largas da liça. Divididas por um muro com passagem em forma de arco, as liças abrigam: em Castelo de Vide, na parte mais pequena, uma cisterna, e na maior, uma horta; em Olivença há um poço de “*mujta auga*” ao lado do muro de separação¹³⁹. (Anexo 2. Figura 4)

c. Funções e dimensões das casas.

Pelas suas funções as casas existentes nas praças-fortes podem ser divididas em três grupos: espaços religiosos; espaços habitacionais e serventias.

Os espaços religiosos, representados em forma de capelas ou oratórios, existem em Castro Marim, Monsaraz, Mourão, Monforte, Mértola, Arronches. Não são grandes, variando as dimensões entre os 43 m² da capela de Mértola e os 12.7 m² do oratório de Castro Marim. Em Mourão, Arronches e Castro Marim estão incluídas no conjunto de casas, mas afastadas dos espaços residenciais. Em Mértola, Monsaraz e Monforte estão isoladas. Na praça de Campo Maior não há capela ou oratório, mas um testemunho interessante refere a existência de quatro capelas nas quatro paredes do segundo andar da torre de menagem desse castelo: “*Esta torre tinha uma cisterna no primeiro pavimento, cujos canos se reconheciam. No segundo pavimento tinha uma casa, e nas quatro paredes dela tinha quatro capelas*”¹⁴⁰.

Os espaços de habitação são constituídos por salas e câmaras. Algumas décadas antes, D. Duarte escrevera a sua famosa obra *Leal Conselheiro*, onde, no Capítulo LXXXI *Das casas do nosso coração*, apresentou, numa alegoria, a ordenação de cinco

¹³⁷ GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. I, *Comendas a Sul do Tejo (1505-1509)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2002, pp. 6-8.

¹³⁸ GONÇALVES, Iria (org.); *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. I, p.31.

¹³⁹ *Livro das Fortalezas*. AVTT, Fl. 125v, 123v, respetivamente.

¹⁴⁰ Descrição da torre de menagem no manuscrito de Esteves da Gama de Moura e Azevedo que foi Governador da praça do Campo Maior entre 1705 e 1741. Documento citado por BUCHO, Domingos, *Fortificações de Campo Maior. História, Arquitetura e Restauro*. Portalegre: Região de Turismo de São Mamede, 2002, p. 33. (Anexos. p. 51)

casas *como costumam senhores*¹⁴¹. A essas cinco casas correspondem os seguintes espaços habitacionais: sala, antecâmara, câmara, trascâmara e oratório, cuja presença, já na altura, deveria ser habitual nas casas senhoriais, principalmente das famílias mais abastadas.

As salas eram espaços destinados ao uso comum do senhor e da sua família alargada, incluindo parentes e pessoas próximas. Espaço de refeições era também aí que se recebiam as visitas. Além disso a sala servia como distribuidor, sendo através dela que se tinha acesso às camaras. Na antecâmara recebiam-se já só as pessoas mais próximas, ao passo que a câmara funcionava como espaço de dormir, não necessariamente individual; a trascâmara era usada como guarda-roupa, seguida do oratório, o espaço mais íntimo que, em alguns casos, funcionava igualmente como privada ou retrete¹⁴². Na ausência de corredores de distribuição, a ligação entre os vários compartimentos fazia-se de forma direta: da antecâmara entrava-se na câmara, e desta na trascâmara, seguindo-se o oratório. Esta sequência corresponde ao ideal da casa, mas nem sempre pôde ser cumprida por falta de recursos ou por falta de espaço que, no caso das praças de armas, terá sido certamente uma das razões mais frequentes.

Os *Tombos* da Ordem de Cristo e as *Visitações* da Ordem de Santiago constituem nesta matéria fontes indispensáveis pelas descrições que incluem das residências dos alcaides de Castro Marim, Mértola, Alpalhão e Nisa.

A residência de Castro Marim é de todas a mais simples, sendo constituída por uma sala e uma câmara ligadas por porta interior. As duas divisões situam-se ao nível do sobrado e ocupam uma área de cerca de 70 m² (Anexo 1. Pp. 97-101) *A salla sobradada (...) tem hũa chaminee e hũa cantareira e duas janelas sobre o dito patio (...) e leua per baixo hũa logea e hũa çotea*, enquanto a *camera oliuellada com hũus boons almarios* tem por baixo dela *hũa logea deste tamanho*.¹⁴³ Isso faz supor que ou a sala se encontra no nível superior em relação à camara, ou pé direito do piso térreo era tão alto que permitia a criação de entrepiso. As duas divisões têm coberturas separadas: a da sala é de duas águas; a da câmara de uma só. A porta de entrada da sala encontra-se a meio da escada do acesso ao adarve. Os *Tombos* não falam da janela na câmara, entretanto ela aprece na planta de Duarte de Armas protegida por grade de ferro. O conforto é garantido pela existência de uma chaminé na sala, sendo o teto da câmara forrado de canas. Atualmente, na praça deste castelo ainda são visíveis as fundações das casas outrora existentes. Ainda que não correspondam na totalidade à planta de Duarte de Armas, permitem identificar as construções por ele desenhadas. (Anexo 2. Figura 6).

A residência de Alpalhão é uma das poucas que inclui a torre de menagem (Anexo 1. Pp. 157-160). É bastante simples em planta: *hũa salla sobradada e oliuellada de castanho em três painees. e //tem hũa janella ao norte e outra ao sul ambas de assentos com suas portas bõoas e nouas. e ao ponente tem hũa boa chaminee e desta salla sobem pera ho primeiro sobrado da torre per hũa escada de madeira de poucos degraaos*.¹⁴⁴ A partir do primeiro andar da torre, e de novo por uma escada de madeira, sobe-se ao segundo piso. Embora as divisões da torre não sejam designadas nos *Tombos* por câmaras, pelo seu afastamento da entrada e pela maior privacidade que ofereciam, servem certamente essa função. Os tetos da sala e dos andares da torre são forrados com madeira de castanho em três painéis. Em cada divisão há uma lareira (as duas lareiras da

¹⁴¹ DOM DUARTE, *Leal Conselheiro*, Edição crítica, introdução e notas de Maria Helena Lopes de Castro. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999, p. 294.

¹⁴² SILVA, José Custódio Vieira da, *Paços Medievais Portugueses*, p. 30.

¹⁴³ GONÇALVES, Iria (org.); *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. I, p.133.

¹⁴⁴ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol.1, p.30.

torre são ligadas à mesma chaminé, chaminé de dois fogos), e janelas com assentos: duas na sala, uma no primeiro piso e quatro no último andar da torre. No total, a parte habitacional ocupa uma área de cerca de 116 m². Por mando do alcaide foi construída, no interior da praça, uma casa para a guarnição, com uma área de 30 m².

A área habitacional do castelo de Nisa é mais complexa. (Anexo 1. Pp. 164-169). Aqui, a sala é térrea e precedida por um alpendre com arcada, *com seus poyaaes d arredor*¹⁴⁵. A partir da sala faz-se o acesso a várias casas: *aalem da dicta salla estaa hũua camera sobradada madeirada de nouo telhada de telha vãa (...) e sobem della (da sala) pera ha dita camera per hũua escadaa de madeira com sua porta d alcapooe (...) junto da dita sala contra ho norte estaa hũu retrete pequeno de despejos da casa*¹⁴⁶. Junto à câmara e com acesso a partir dela há uma casa que serve de guarda-roupa. Por baixo da câmara e da guarda-roupa há lojas térreas com a mesma área dos sobrados, sendo o acesso feito a partir da sala e do alpendre, respetivamente. Curiosamente, é no interior da sala que se encontra a porta de traição, rasgada na muralha. Da câmara acede-se à varanda virada para o pátio do poço; do outro lado do pátio há mais uma câmara ao nível do sobrado e que, embora mais pequena, é igualmente dotada de varanda. É possível que o acesso de uma camara à outra fosse feito através das varandas. A sala não tem janelas, chaminé, ou forra no teto. A primeira câmara tem chaminé, uma fresta e uma janela de assentos, de verga reta e com grade de ferro, bem visível no desenho de Duarte de Armas¹⁴⁷; a segunda câmara apresenta o teto forrado com cortiça.

Pela descrição inserta nos *Tombos*, parece que todas as casas, incluindo as varandas, têm coberturas separadas. A área habitacional, incluindo a sala, duas câmaras, guarda-roupa e uma das varandas (para a segunda não são indicadas as dimensões), perfazem cerca de 185 m². Além disso, a torre NE do castelo, coberta de telha e com acesso por uma escada que também serve o adarve, tem dois sobrados, um deles dotado de chaminé e de uma grande janela. A área desse sobrado é de cerca de 36 m² e, ao lado da torre, o alcaide-mor mandou construir um novo *apousentamento*. É possível que os sobrados da torre servissem de habitação ao alcaide pequeno ou a membros da guarnição. Embora a planta de Duarte de Armas não tem a correspondência exata com a descrição nos *Tombos*, fizemos o seu desdobramento por pisos procurando interpreta-la de melhor forma (Anexo 1. Pp. 168-169).

O complexo habitacional do castelo de Mértola apresenta algumas diferenças relativamente aos restantes. (Anexo 1. Pp. 105-110). A sala, localizada no sobrado e com porta de entrada servida por uma escada de pedra, encontra-se no meio das outras casas. A partir dela, por uma porta interior, faz-se o acesso a duas câmaras, uma localizada atrás da outra, à direita de quem entra. Por baixo das câmaras há um entressolho e um sótão, mas não há indicações dos pisos existentes por baixo da sala. Todavia, como nos desenhos as janelas da sala e das câmaras aparecem ao mesmo nível, ou existiam aqui dois pisos abaixo dela, ou o pé direito do piso térreo, como no caso de Castro Marim, era bastante alto. A sala tem uma chaminé e duas janelas, uma com grade de ferro virada para praça, outra virada para fora. Quanto às câmaras, uma delas apresenta chaminé e ambas são dotadas de janela e tetos forrados de pinho, “olivelados”, como então se dizia. *E da outra parte da salla estaa hũua casa do andar della do amtressolho e outra em çima forrada de cortiça E de baixo destas hũu sotam do*

¹⁴⁵ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo...*, Vol.1, pp. 6-8.

¹⁴⁶ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo...*, Vol.1, pp. 6-8.

¹⁴⁷ *Livro das Fortalezas*, ADTT, Fl. 49.

*qual vay hũa porta pera a porta de treißam*¹⁴⁸. Nas *Visitações* não está especificada a função do compartimento forrado de cortiça, mas nos debuxos de Duarte de Armas ele é representado com duas janelas de verga reta, uma virada para fora e outra para interior da praça, e uma chaminé¹⁴⁹. Segundo a planta, a partir do entressolho, ou a partir desse compartimento de cima, tinha-se acesso a uma outra divisão, situada no interior de uma torre antiga¹⁵⁰, bem visível nos desenhos de Duarte d'Armas¹⁵¹, mas não referenciada pelas *Visitações*.

As três partes da alcaidaria têm coberturas separadas, cada uma armada em quatro águas. Infelizmente, as *Visitações* não falam das dimensões das casas, não sendo por isso possível calcular a área que a residência do alcaide ocupava na altura.

Fizemos o desdobramento por pisos da planta de Duarte de Armas¹⁵² (Anexo 1. Pp.110-111) e recorreremos à reconstrução virtual da casa de alcaide, realizada por Joaquim Boiça e Maria de Fátima Rombouts de Barros no livro *Castelo de Mértola*¹⁵³, o que permite compreender com maior facilidade a forma como o espaço foi organizado (Anexo 2. Figura 8). Além da casa de alcaidaria, existe no interior da praça um outro espaço de habitação: o compartimento situado no interior da torre sul, com cerca de 11 m². Com uma das paredes rasgada por um ampla janela de verga reta, servia de residência ao alcaide pequeno.

Estes exemplos permitem perceber como as casas dos alcaides variavam muito quer em número, quer ao nível das dimensões dos compartimentos.

Faremos de seguida uma análise dos eventuais espaços habitacionais apresentados noutras plantas. Consideramo-los eventuais por não termos provas documentais que confirmem a sua função. Na realidade, a presença de chaminés e escadas em algumas delas não garante o seu uso como espaço residencial. A prova disso é um excerto da carta de Nuno Velho, de 1510, endereçada a D. Manuel: "*Eu vim a villa de Portel a veer as obras da fortelleza homde achey (...) que estavam aynda por fazer estas cousas – s - as duas cassas, que se fizeram pera o almazém e mantimentos, estan por cobrir e por solhar e por acabar duas chiminez, que se nellas começaram, e asy por fazer a escada de seruidam destas casas*"¹⁵⁴.

Apesar disso, é provável que os aposentos de alcaide-mor se encontrassem nos sobrados, tal como preferencialmente ocupariam casas contíguas e com ligações internas. De todos, seriam os primeiros a ser dotados de chaminés e de janelas que abrissem os compartimentos ao exterior, como foi próprio da época e transversal a toda a habitação nobre, qualquer que fosse a sua localização, urbana, rural ou no interior de castelos. Dessa forma, escolhemos os espaços que melhor correspondem a esses princípios.

A mais complexa, sem dúvida, é a planta da alcaidaria do castelo de Moura. Além de ser a praça que mais construções tem - vinte casas no total - o conjunto que constitui a residência de alcaide-mor é composto por nove casas dispostas em fileira dupla ao longo da muralha SO. Este conjunto é dividido em duas partes, com quatro e

¹⁴⁸ *Mértola 1515-I-12. Visitaçam do Castello e Fortaleza da dita villa*. Documento citado por SANTOS, Vítor Pavão dos, *As "Casas" do alcaide-Mor de Mértola no início do século XVI*. Braga, 1977, pp. 11-12.

¹⁴⁹ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fls. 5 e 6.

¹⁵⁰ BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de, *O castelo de Mértola. História, Espaço e Formas, sécs XIII-XXI*. Mértola: Camara Municipal, 2013, p. 83.

¹⁵¹ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fls. 5,6, 121vº.

¹⁵² Na ausência das medidas o desenho foi feito da forma aproximada.

¹⁵³ BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola*, pp. 99, 101.

¹⁵⁴ VITERBO, Sousa. *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*, Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899, p. 58.

cinco casas, respetivamente, das quais três casas da primeira e quatro casas da segunda parte são ligadas entre si por portas interiores. (Anexo 1. Pp. 116-119). Aparentemente, não há ligações interiores entre duas partes da residência. Embora as casas tenham indicação de aposentamentos sobradados, não é visível qualquer escada exterior, o que implica a existência de escadas interiores e dificulta a perceção da organização de espaços. Não há descrições coevas dessa residência e as escavações arqueológicas que foram realizadas no local entre 1989 e 2013 não forneceram dados sobre as dimensões dos referidos compartimentos.¹⁵⁵ O único pormenor que Duarte de Armas deixou nos seus desenhos é o de uma grande janela em arco, protegida por grade de ferro, aberta na espessura da muralha SO, ou seja, integrada numa das casas da primeira parte.

Além das casas do alcaide, há duas torres nesse castelo que chamam a atenção. A torre do ângulo E, com janelas rasgadas em dois níveis e com uma porta emoldurada por um arco de ferradura, é quase tão alta como a torre de menagem (20 e 23 v, respetivamente). Cada compartimento, um por piso, tem uma área de cerca de 43 m². A outra torre situa-se no ângulo sul, tendo o compartimento interior uma área de cerca de 8 m², coberto por abóboda e com duas janelas em arco. Embora sem provas documentais, não deixamos de fora a hipótese de, pelo menos a torre nascente, poder ter sido usada como mais um espaço de habitação.

As plantas de Campo Maior e de Elvas são também bastante complexas. Em Campo Maior (Anexo 1. Pp. 147-150), ao longo da muralha NE e em fileira dupla, estão dispostas nove casas. Uma delas possui uma varanda com arcada, localizada ao nível dos sobrados (sobre ela Duarte de Armas escreveu *apousentamento sobradado*¹⁵⁶). A partir dela faz-se o acesso a outras duas casas, contíguas e situadas na primeira fila, e às casas da segunda fila, seis no total, das quais três, mais a N, surgem ligadas entre si por portas interiores (para as duas últimas casas do outro lado não são indicadas entradas, sendo possivelmente divisões que fazem apenas parte do piso térreo). Também aqui não é visível qualquer escada exterior que leve aos sobrados, sendo provável que existisse uma escada no piso térreo por baixo da varanda.

A torre N que se encontra por trás dessas casas, logo na altura ou uns anos mais tarde, foi incluída no conjunto residencial. É uma das duas torres (a segunda é a torre O) que resistiu até os nossos dias. No seu interior há uma sala ao nível do adarve, coberta por abóboda de berço, com três janelas grandes de assentos opostos, uma delas com riquíssima moldura. Ao lado dessa torre há uma latrina (Anexo 2. Figura 9). Além desse grande conjunto de casas, o castelo de Campo Maior tem ainda mais uma casa com sobrado, adossada à muralha SO (do lado oposto da praça e perto da porta de traição). O acesso ao sobrado é feito por uma escada exterior adossada à parede da própria casa que, segundo os exemplos acima apresentados, pode ter sido a residência de alcaide pequeno ou da guarnição.

No castelo de Elvas as casas de alcaidaria estavam igualmente dispostas em fileira dupla adossada à muralha NE (Anexo 1. Pp. 143-146). A entrada fazia-se a partir de uma das casas da primeira fila que, com função distribuidora, dava acesso a dois compartimentos, um lateral, outro por trás. Esse último, pela sua dimensão, seria possivelmente uma sala localizada no piso térreo, fazendo-se a partir dela o acesso aos três sobrados contíguos e dispostos à volta de um pequeno jardim situado no meio das casas. Essa disposição lembra a alcaidaria da Nisa, onde a partir da sala térrea se subia

¹⁵⁵ MACIAS, Santiago; GASPAR, Vanessa; VALENTE, José Gonçalo. *Castelo de Moura: Escavações Arqueológicas (1989-2013)*. Moura: Camara Municipal de Moura, 2016, pp.71-77.

¹⁵⁶ *Livro das Fortalezas*, AVTT, Fl. 124.

aos sobrados dispostos em volta do pátio do poço. É provável que também em Elvas a escada se encontrasse no interior da suposta sala. As casas com sobrados tinham coberturas separadas e três chaminés. Duas das torres com acesso pelo adarve situam-se por trás das casas podendo eventualmente, pela sua proximidade, fazer a parte do conjunto habitacional. A primeira é a torre norte, com cobertura de telha em quatro águas e dotada de uma grande janela. O compartimento interior tem uma área de 20m². A segunda é a torre adossada à muralha NE, pelo lado exterior, também com uma janela grande e com área interior de 10 m².

O edifício que atualmente existe na praça de Elvas (muito submetido aos trabalhos de restauro nos anos 40 do século XX¹⁵⁷), pouco tem a ver com a planta de Duarte de Armas. Mas no interior da praça estão a descoberto as fundações das casas outrora aqui existentes e que podem ser cotejadas com a planta do *Livro das Fortalezas* (Anexo 2. Figura 10), ajudando a perceber a volumetria das construções bem como a sua disposição.

Da mesma forma que a alcaidaria de Moura, o paço do castelo de Alandroal é dividido em duas partes aparentemente sem ligação interior, embora tivessem uma parede conjunta e cobertura comum (Anexo 1. Pp. 135-138). Do lado poente situavam-se duas casas com sobrados ligados por porta interior, com acesso por uma escada exterior que, ao mesmo tempo servia o adarve e a torre de menagem, erguida nas proximidades. A parte nascente era constituída por duas casas, também ligadas entre si por porta interior, e pelas torres do angulo NE – uma construção invulgar constituída por duas torres, uma, mais baixa, adossada à muralha nascente pelo lado exterior, e outra, maior, com dois andares acima do adarve, adossada à primeira. No piso térreo das torres encontrava-se a Porta da Traição que levava à liça do lado nascente, onde ficava o pomar. Nos sobrados desta parte contavam-se cinco compartimentos ligados por portas interiores: dois são das casas da praça e três encontram-se no interior das torres. Esses últimos têm grandes janelas (em arco duplo, arco simples e verga reta) e três chaminés, uma em cada divisão. As torres têm coberturas de telha, armada em quatro águas. A escada de acesso aos sobrados deste lado não aparece na planta mas, quando nos anos 50 do século XX, foi demolida a prisão que veio substituir o paço de alcaides, foi posta a descoberto uma escada adossada à muralha norte. Se esta escada já existia aquando da visita de Duarte de Armas, encontrava-se no interior das duas casas do fundo, servindo de acesso aos sobrados e de ligação entre duas partes da habitação (Anexo 2. Figura 11).

Nos castelos de Monforte, Alcoutim e Arronches, assim como em Mértola, o espaço que serve de distribuição encontra-se entre várias casas. Em Alcoutim é um compartimento térreo com uma escada interior que leva ao sobrado, a partir do qual se acede a dois compartimentos que o ladeiam, bem como a mais um por cima dele. (Anexo 1. Pp. 102-104) Em Arronches a distribuição é conseguida através de uma casa maior que as outras, no interior da qual se encontra uma escada de dois vãos que dá acesso à porta da torre de menagem e, provavelmente, ao primeiro dos três sobrados, dispostos em fila, de forma contigua. (Anexo 1. Pp. 151-153) Em Monforte as casas são construídas em torno da torre de menagem que está incluída no espaço habitacional composto por cinco compartimentos (dois no interior da própria torre) (Anexo 1. Pp. 154-156). Tanto em Arronches como em Monforte, as casas com sobrados têm coberturas separadas, sendo dotadas de janelas e chaminés.

¹⁵⁷ Informação da SIPA - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3225

Nos castelos de Serpa e de Monsaraz há três e quatro casas com sobrados, respetivamente, dispostas em fila e ligadas por portas interiores, com acessos por escada exterior que leva até a porta da primeira casa. Em ambos os casos, as escadas são construídas de propósito mas, se em Serpa a solução é muito simples – escada de um vão adossada a uma das casas, em Monsaraz (Anexo 1. Pp. 128-131) o quadro é diferente. Aqui, o acesso à primeira casa encontra-se por trás de um alpendre, localizado no canto sul da praça: primeiro sobe-se até uma certa altura pela escada adossada à muralha SO e que serve os adarves; depois rodando 90°, segue-se por uma passagem aberta entre a muralha SO e parede traseira do alpendre até uma outra escada que leva ao corredor que dá acesso à entrada da casa, situada no canto nascente da praça. Do lado exterior, o angulo nascente é abraçado por uma torre com aspeto muito pitoresco. Esta, com cobertura em coruchéu piramidal escamada, apresenta uma ampla janela e uma chaminé, ambos chegados aos nossos dias (Anexo 2, Figura 12). O compartimento no interior da torre tem de cerca de 36 m² e, embora na planta não se indique a porta de entrada, a própria localização da torre leva a crer que o acesso se fizesse a partir da residência do alcaide. A partir dessa primeira casa acede-se, por portas interiores, às outras três, posicionadas em fila. Todo esse conjunto está adossado à muralha NE. Quando, foram demolidas todas as casas que existiam na praça de Monsaraz, ficaram a descoberto duas portas ao nível do primeiro e segundo andar, ligadas entre si por uma escada localizada no interior dessa muralha (Anexo 2, Figura 13). Não há dados sobre a altura da construção dessa escada e abertura das portas, eventualmente, já tinham existido no início do século XVI. Se for esse o caso, então a alcaidaria teria três pisos, sendo a ligação interior entre o primeiro e o segundo andar feita por essa escada, ao passo que o acesso ao primeiro andar se faria pela escada exterior.

A alcaidaria de Mourão (Anexo 1. Pp. 123-127), embora simples, é uma das mais interessantes já que aqui, como em Castro Marim e em Elvas, subsistiu grande parte das fundações correspondentes à planta de Duarte de Armas. Das casas localizadas no canto entre a muralha norte e muro que divide a praça em duas partes não há muito para dizer, existindo apenas uma parede e a escada de acesso ao adarve. Já das casas que se encontravam adossadas às muralhas nascente e sul são ainda visíveis as bases das paredes interiores e exteriores bem como o que parecem ser indícios da entrada principal. Do outro lado da divisória encontram-se duas cisternas, a escada do acesso ao adarve e a torre SO que protege a porta de traição (Anexo 2. Figuras 14 e 15). As três casas dispostas em fila ao longo da muralha S ocupavam, no total, uma área de 107 m². Duarte de Armas indica que eram *todas sobradadas*¹⁵⁸. O sobrado do meio, servido por uma escada exterior, tinha uma área de quase 48 m², desempenhando provavelmente funções de sala, tendo de cada lado uma câmara com áreas de 34 m² e 25 m². Na planta não estão indicadas as portas interiores para esses três sobrados, apenas entradas individuais das lojas no piso térreo. Por trás da casa, no canto SE, há uma torre que tem, segundo os desenhos de Duarte de Armas, cobertura de telha armada em quatro águas, duas janelas grandes, uma delas com grade de ferro, e uma chaminé¹⁵⁹. O quadro é muito parecido com o castelo de Monsaraz, sendo aliás, muitos os aspetos em comum nesses dois castelos. O compartimento interior da torre tem uma área de cerca de 24 m² fazendo-se a entrada a partir do adarve. Embora não haja ligações diretas entre a casa e a torre, assim como não há portas interiores entre os sobrados, não deve pôr-se de lado a possibilidade da estrutura turriforme fazer parte da habitação. Ao lado da torre que se

¹⁵⁸ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fl. 122v.

¹⁵⁹ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fl. 13.

encontra sensivelmente a meio da muralha sul, existia uma latrina¹⁶⁰. Na vista da banda de nascente, consegue ver-se, acima das ameias, o telhado comum aos vários sobrados podendo colocar-se a hipótese de haver alguma(s) saída(s) dos sobrados para o adarve. A parte superior das torres SE e S foi completamente reconstruída nos anos 60-70 do século XX, mas a da torre SO ainda subsiste com o seu traço original. É provável que o compartimento no interior da torre SE, embora maior em área (o da torre SO tem apenas 11 m²) e dotado de janelas grandes e uma chaminé, fosse semelhante ao da torre SO (Anexo 2. Figura 16).

À muralha nascente adossam-se três casas. Uma delas, junto à torre de menagem e com uma área de 14 m², funcionava como capela; a segunda casa teria cerca de 20 m² e a terceira 16 m². No interior dessa última existia uma escada (parte dela ainda visível) que dava acesso ao adarve e que Duarte de Armas indicou na planta como se tivesse a porta de alçapão (Anexo 2. Figura 14).

Em Castelo de Vide há quatro casas dispostas em fila, com indicação de *apousentamentos sobradados*, três das quais com entradas individuais. Apenas a casa do meio tinha acesso por escada exterior, existindo uma porta interior que ligava a terceira e a quarta casa. No interior dessa última terá existido a escada de acesso à porta da torre de menagem (Anexo1. Pp. 161-163). A torre tem *muy bom apousentamento em cyma*, com janelas grandes e duas chaminés. Conta ainda com aljube e cisterna nos pisos inferiores. Certamente, existiriam escadas interiores em outras casas com sobrados. O que permite colocar várias hipóteses: a procura de uma maior privacidade ou a atribuição de espaços de habitação diferentes a pessoas e famílias diferentes (por exemplo, alcaide-mor no apousento da torre de menagem e alcaide pequeno em casa com escada exterior). Também seria muito provável que algumas dessas casas não fizessem parte de espaços habitacionais, ainda que dotadas de escadas, janelas e chaminés.

No castelo de Olivença (Anexo1. Pp.139-142) entre quatro casas, indicadas como *sobradadas* que em fileira dupla se adossam à muralha SE, três comunicam entre si por portas interiores; a do fundo está ligada, por duas portas interiores rasgadas na mesma parede, com duas casas da primeira fila que são paredes-meias ainda que sem ligação interior. É provável que algumas dessas casas fossem apenas térreas e só as segundas tivessem sobrados, mecanismo comum nos finais da Idade Média e que surge na documentação como o "meio-sobrado". Isso torna a planta da eventual habitação muito mais simples. A segunda casa da primeira fila tinha uma escada que dava acesso ao sobrado onde certamente funcionava a sala, atrás da qual ficava uma câmara. Na mesma casa encontrava-se também a escada de acesso ao adarve, a partir do qual se acedia diretamente à porta do primeiro andar da torre de menagem. Além dessas duas casas sobradadas, e das salas da torre de menagem, também o compartimento da torre-albarrã, com cerca de 49 m² de área útil, coberto por uma abóboda de berço e construída no reinado de D. Dinis, poderá ter servido como espaço habitacional.

A alcaidaria do castelo de Terena (Anexo 1. Pp. 132-134) é semelhante à de Castro Marim: dois compartimentos nos sobrados, um atrás do outro, ligados por porta interior. O acesso ao primeiro sobrado faz-se por uma escada interior. A casa do fundo terá servido de câmara, sendo dotada de uma janela grande aberta na espessura da

¹⁶⁰ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fl.122v. Não pode ser o balcão com matacões, porque é o único elemento desse género que aparece no castelo e a sua localização no canto entre a torre e a muralha, longe das entradas e por cima da liça que já está protegida por barbacã e uma cava, anula esta hipótese.

muralha e protegida com grade de ferro.

Em Noudar não há nenhuma casa com sobrado, mas existem *apousentamentos térreos* de dimensões generosas e todos com entradas individuais. Alguns podiam ser usados como habitação para o alcaide pequeno e/ou para a guarnição, já que existe mais um *apousentamento bom* no primeiro andar da torre de menagem, eventualmente residência do alcaide-mor (Anexo 1. Pp. 120-122). O acesso a este aposento fazia-se por uma escada encastrada entre a parede NE da própria torre e uma outra casa¹⁶¹. O levantamento feito no terreno mostrou que este teria uma área de 16 m², sem qualquer janela, e com um nicho ao fundo. A segunda saída deste aposento leva ao corredor onde se encontra a segunda porta exterior deste piso, virada a SE, e a escada de acesso à cisterna e ao eirado. A torre tem mais um compartimento no piso térreo com 20.7 m² no piso térreo. Os dois aposentos têm cobertura de abóboda de berço e estão ligados entre si por uma escada móvel. (Anexo 1. P.122 e Anexo 2. Figura 17)¹⁶².

Grande parte das construções existentes nas praças de armas é usada como espaço de serventia: cozinhas, casas de forno, despensas, adegas, celeiros, palheiros, estrebarias, casas de prisão, casas de armas e de mantimentos, armazéns, etc. Alguns castelos têm apenas alguns destes espaços/funções — no castelo de Alpalhão, por exemplo, há apenas cozinha, uma estrebaria e um celeiro — noutros, destinam-se várias casas para o mesmo fim, caso do castelo de Nisa onde há três estrebarias para as azêmelas e os cavalos.

As casas de prisão nem sempre são construídas na praça, como em Castro Marim; em vários castelos existem aljubes nos pisos inferiores das torres de menagem (Monsaraz, Campo Maior e Castelo de Vide), sendo único o caso de Juromenha, onde o aljube se situa por baixo da capela-mor da igreja. Todavia, eram compartimentos que tinham apenas a porta de entrada. As *Visitações* da Ordem de Santiago realizadas ao castelo de Palmela, em 1510, incluem a descrição de um desses espaços:

*Item A dita torre de menagem tem na emtrada hūua casa gramde com hūua chamjnee e hūua jenella gramde bem lavrada / com grades de ferro / e desta casa vay hūua escada pera baixo pera a casa omde estaa a cisterna e abaixo desta casa da cisterna estaa outra casa que agora he ordenada pera cadeya / e nesa casa de cadeya estaa hūa porta com suas grades de paaio fechadas por omde se metem os presos na dita casa de cadeya por nam emtrarem pollo castelo //*¹⁶³.

A cisterna e/ou poço são construções presentes em todos os castelos sendo a “exceção que confirma a regra” o castelo de Alpalhão. As cisternas, normalmente subterrâneas ou meio soterradas, também podiam ser construídas no interior das torres de menagem (castelo de Noudar, Elvas, Castelo de Vide). São de planta retangular ou quadrada, cobertas por abóbodas, por vezes dotadas de escadas interiores que possibilitavam o acesso à água (castelo de Mértola). Na maioria dos castelos, as cisternas resistiram até os nossos dias (foram eliminadas apenas nas praças de Monsaraz e Terena), enquanto a esmagadora maioria dos poços foi entulhada (em bom estado

¹⁶¹ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fl.122. Atualmente a escada encontra-se adossada à muralha NO.

¹⁶² As medidas do primeiro piso foram tiradas durante o levantamento. A planta e as fotos do piso térreo são gentileza do Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia de Barrancos.

¹⁶³ SANTOS, Vítor Pavão dos, *“Visitações de Palmela e Panoias”*, *Documentos para a História da Arte em Portugal*, Vol. 11. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, pp. 23-25 (fl. 22).

permanecem apenas nas praças de Serpa e de Castelo de Vide).

As cozinhas existiriam seguramente em todas as praças onde houvesse espaço habitacional. A sua localização, em relação às residências, não parece seguir qualquer regra ou padrão. Podem estar encostadas às salas com ligações diretas pelas escadas ou portas interiores (Castro Marim e Alpalhão), ou encontrar-se do outro lado da praça (Nisa e Mértola). Por razões óbvias, não devem estar muito afastadas dos poços ou cisternas, despensas e adegas. Pelas descrições que encontramos nos *Tombos* dos castelos de Castro Marim, Nisa e Alpalhão verifica-se como variam em tamanho, quantidade e áreas de apoio: se para Alpalhão está indicada apenas uma cozinha de 23m², para Nisa temos cozinha e despensa perfazendo no conjunto 48 m²; para Castro Marim, cozinha, casa de forno, amassaria e despensa, ocupam um total de 93 m². As coberturas das cozinhas eram feitas com telha vã assente em madeiramentos de uma ou duas águas, sendo a de Castro Marim estava forrada com caniços. A presença de despensas está documentada para dois dos quatro castelos, enquanto em dois outros (Mértola e Alpalhão), as cozinhas têm adjacentes outras casas que, apesar das funções não serem definidas, deverão ter servido como despensas. Em Nisa a cozinha tinha uma cantareira.

Estrebarias e palheiros eram igualmente imprescindíveis: localizados em casas bastante espaçosas, as estrebarias eram munidas de manjadoiras e podiam alcançar áreas de 39 m² (Castro Marim), 87 m² (Alpalhão) e 119 m² (área conjunta de três estrebarias) em Nisa, onde a estrebaria mais pequena é de 19 m² e a maior é de 60 m². Uma das estrebarias do castelo de Nisa tem uma parte do teto forrada com cortiça. Para os palheiros dispomos apenas das dimensões do de Castro Marim, com cerca de 42 m².

Nas plantas de quatro dos 18 castelos aparecem alpendres (Nisa, Monsaraz, Campo Maior, Castelo de Vide)¹⁶⁴, e em dois desses castelos há casas dotadas das varandas (Nisa e Campo Maior). Se em Nisa e em Campo Maior o alpendre e a varanda, respetivamente, servem de distribuidores para espaços residenciais, em Castelo de Vide e em Monsaraz eles têm funções diferentes. Na planta do castelo de Monsaraz o alpendre é uma casa fechada, com uma porta de entrada (ao contrário do alpendre de Nisa que tem uma parede em arcada) e ao lado dele está escrito *este he alpendre cuberto de telhado em que esta ho almazém desta fortaleza*. Em Castelo de Vide, por seu lado, o alpendre é uma casa que ocupava praticamente todo comprimento da muralha NO, dotado de uma porta de grande dimensão, de verga reta e com mainel a meio, virada para centro da praça (SE). Nas paredes laterais há mais duas portas: uma, do lado NE, servia como porta da entrada principal da praça; outra, do lado SO, era a porta de uma casa localizada no fundo do alpendre, eventualmente, a casa de mantimentos ou de armas (Anexo 2. Figura 18).

A presença de casas de armas está documentada para Castro Marim e para Mértola, ocupando no primeiro uma das casas da praça com uma área de 46 m²; no segundo o piso superior da torre de menagem. E apenas para um dos castelos, de Alpalhão, está documentada a presença de um celeiro telhado e “*ladrilhado por baixo*”, com área de 31m².

¹⁶⁴ Para o castelo de Campo Maior consideramos como alpendre o piso térreo por baixo da varanda. Desconfiamos que a casa grande que serve de distribuidora no castelo de Arronches, também é um alpendre, mas como não está indicada como tal na planta, não a incluímos aqui.

Há outros espaços, como lojas, entressolhos e sótãos que podemos denominar de “casas multiusos”, e que se encontram por baixo dos espaços residenciais. Há, igualmente, compartimentos, tanto térreos, como sobradados, para os quais não são definidas funções.

A proporção de casas de serventia em relação às casas de habitação é também muito variável. Praticamente em todos os castelos a quantidade de serventias é muito superior à quantidade de espaços residenciais. Em Terena às duas habitações nos sobradados, contrapõem-se duas lojas no piso térreo, três casas de apoio e a casa da cisterna. Há castelos onde as diferenças são ainda mais significativas: em Alpalhão, excluindo a torre de menagem, para uma sala no sobrado (de 50 m²) há cinco casas térreas e a loja por baixo da sala com uma área total de 191 m²; em Castro Marim para dois compartimentos de habitação com uma área de 70 m², identificamos 12 casas de serventia com uma área de 352 m²; em Nisa onde seis compartimentos, incluindo as varandas, que fazem parte de residência, formam um conjunto com 185 m², existem doze casas de serventia com uma área de 266 m² (nesse número não estão incluídos alpendre, retrete, corredor e palheiro para os quais não temos dimensões). Os casos mais paradigmáticos neste sentido são os do castelo de Arronches onde contra três possíveis espaços habitacionais se contabilizam catorze serventias; o de Serpa onde a proporção é de 3 para 10 e Olivença, com um ratio de 3 para 9. No castelo de Monsaraz todos os serviços parecem localizar-se nas lojas por baixo dos sobradados, onde ficariam os espaços residências, e o alpendre.

Vimos já, ao longo do trabalho, como praticamente em paralelo com a viagem de Duarte de Armas, decorriam as visitas das Ordens Militares. Os Tombos que deixaram, as descrições e o elenco do que, por estar em mau estado, deveria ser refeito, permite-nos hoje cotejar com algum detalhe, os desenhos de Duarte de Armas e enriquecê-los com pormenores vários, método sobretudo possível para as casas dos comendadores da Ordem de Cristo situadas nas regiões a Sul do Tejo e do Médio Tejo.

Nas comendas de Cardiga e de Casével há casas-torres, à volta das quais se organizam outras casas. Na última, a casa-torre tem um sobrado com chaminé e janela, uma sala térrea com forno e uma cozinha ao lado, dotada de um balcão de despejos. Resista-se ainda uma câmara no sobrado entre a torre e a cozinha, não havendo todavia indicações sobre escada de acesso; crescem duas estrebarias, lagar de azeite e uma casa de pousada para homens¹⁶⁵. Na comenda de Cardiga, por sua vez, as casas são ligadas à torre que se ergue em três sobradados: o do meio é rasgado por janelas de assentos e o de cima dotado de armários. O primeiro sobrado da torre, tem uma porta interior que dá acesso à sala com três janelas de assentos e uma chaminé. Liga-se à cozinha, que se encontra ao mesmo nível, sendo descrita para este espaço a existência de uma chaminé, uma cantareira de pinho, uma capoeira (!) e uma janela de assentos. A escada de acesso aos sobradados encontra-se no interior de uma despensa por baixo da cozinha, enquanto por baixo da sala há uma estrebaria¹⁶⁶.

Muito mais complexas são casas de comendadores de Dornes e de Pussos. Em Dornes, as casas são organizadas à volta da sala térrea, com uma chaminé, precedida por um alpendre que tem o mesmo comprimento. A partir da sala, uma escada forrada leva ao sobrado onde se encontra uma câmara dotada de chaminé e janela. Por baixo da câmara há um armazém de azeite. Da câmara descem duas escadas: uma para celeiro,

¹⁶⁵ GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol. II. *Comendas do Médio Tejo (1504-1510)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2005, pp. 199-200.

¹⁶⁶ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. II, pp. 356-357.

que também é uma casa com sobrado, outra para a despensa. Há mais duas casas térreas sem funções definidas, uma delas com chaminé e uma escada de acesso. Do outro lado da sala existem duas varandas que dão para o pátio onde se encontra a cozinha, um palheiro, a estrebaria e a adega, bem com outras duas casas sem funções definidas¹⁶⁷.

Em Pussos, o quintal à volta do qual são dispostas as casas do comendador é designado como "recebimento". De um lado encontra-se a sala térrea com escada de acesso às três camaras localizadas, em sequência, nos sobrados, sobre as lojas do piso térreo. A sala liga-se por porta interior à cozinha que tem um forno e por trás dela uma despensa. Ao lado da sala existem mais três casas, duas das quais com ligação interna à sala, e a terceira com entrada independente. Do outro lado do recebimento há uma estrebaria, um palheiro, um lagar de vinho e uma casa sem funções definidas.

Como podemos ver, praticamente cada caso é diferente, embora haja semelhanças: as câmaras ocupam quase sempre os sobrados ou os pisos superiores das torres, enquanto as salas são, em muitos casos, térreas. O acesso aos sobrados, na maioria dos casos, é feito por escadas exteriores, embora o uso da escada interior também seja muito comum, encontrando-se os dois tipos em oito castelos (Castro Marim, Alcoutim, Mértola, Mourão, Alandroal, Olivença, Campo Maior, Castelo de Vide). Nos castelos de Moura, Terena, Elvas e Nisa não há escadas exteriores. Nem sempre a escada exterior é feita de propósito. Há vários exemplos em que as escadas dos adarves são usadas para aceder às habitações: Castro Marim, Alandroal, Monsaraz, Olivença (nesse castelo o acesso à escada encontra-se no interior de uma das casas). Em Arronches para entrar no sobrado é usada a escada que serve de acesso à torre de menagem. No castelo de Monforte os sobrados são construídos por cima do adarve sendo justamente nele que se rasgam as portas. Em Monsaraz, a partir da escada de acesso ao adarve foi criada uma passagem paralela à muralha, com mais uma escada ao meio, que leva à porta da entrada do primeiro sobrado (Anexo 2. Figura 19).

A maior parte das residências é constituída por três, quatro ou mais divisões ligadas entre si por portas interiores, sendo as torres parte da habitação do alcaide-mor nos castelos de Alpalhão e Monforte (torres de menagem), e no castelo de Alandroal (torres do angulo NE). Para outros castelos, como Mértola, sabemos que outras torres serviam como casa do alcaide pequeno. Muitas das torres dotadas de janelas e chaminés situadas nas proximidade das residências principais, poderiam eventualmente fazer parte delas (castelos de Mourão, Monsaraz, Elvas e Campo Maior); quando afastadas, poderiam servir de habitação a alcaides pequenos ou membros de guarnição (castelos de Moura, Olivença, Nisa).

O conforto no interior dos espaços habitacionais é garantido pela presença de janelas que se fecham com portas de madeira e, com bastante frequência, grades de ferro, sendo, em muitos casos dotadas de assentos laterais; por chaminés e por forras interiores de coberturas que proporcionam um acréscimo de comodidade sobretudo por um mais eficaz controlo da temperatura. Na maioria dos casos documentados aqui apresentados, as cozinhas encontram-se ao lado das salas, às quais se ligam pelo interior. Não existe uma separação nítida entre os espaços de habitação e serviços relacionados com outro tipo de serventias, como estrebarias, palheiros, casas de armas, etc. Apenas em Castro Marim se dividem pelos dois lados da praça.

¹⁶⁷ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol. II, pp. 7-10.

d. Torres de menagem

As torres de menagem, símbolos de poder régio e últimos redutos de defesa, estão presentes em todos os castelos, excluindo o castelo de Alcoutim que tem apenas muralhas, e o castelo de Terena, onde a torre de menagem foi construída uns anos depois da visita de Duarte de Armas. Em alguns casos são mesmo as únicas sobreviventes que nos permitem perceber as técnicas de arquitetura militar usadas num determinado local e conservam alguns elementos decorativos que nos deixam entrever como, mesmo nas épocas mais afastadas no interior dos castelos não só de muros de proteção vivia o homem.

Nos castelos da raia alentejana e algarvia apenas no castelo de Monforte a torre de menagem, provavelmente, construída antes das outras, se encontra no interior da praça onde ocupa o canto O. Em todas as restantes praças a sua localização é sempre exterior às muralhas. Nos castelos de Moura e Noudar as torres de menagem são inseridas nos panos de muralhas; em Castro Marim, Alandroal, Monsaraz e Arronches, adossadas às muralhas pelo lado de fora, sensivelmente a meio; em Campo Maior a torre de menagem é uma torre-albarrã ligada à muralha SE por uma ponte; nos outros castelos ocupam posição angular.

Embora a esmagadora maioria das torres tenha sido construída durante o reinado de D. Dinis, as alturas, dimensões, quantidade de vãos e tipo de coberturas são muito diferenciadas (Tabela 1).

A torre de menagem de Nodar tem três portas de entrada: uma no piso térreo (SE), e duas no primeiro andar, uma delas (NE) é servida por escada exterior permanente, (SE) servindo-se a outra por escada móvel, cujos encaixes são ainda visíveis. As torres dos castelos de Olivença e Alandroal têm duas portas de entrada, uma ao nível do piso térreo, outra ao nível do adarve. Em Olivença a porta térrea dá acesso à sala que se encontra nesse nível e à rampa que, passando por outros pisos, sobe até ao eirado. No Alandroal e em Noudar essas portas dão acesso apenas aos compartimentos do piso térreo. O acesso ao primeiro andar da torre do castelo de Alandroal é feito pelo adarve. Nos castelos de Alandroal e de Monsaraz as torres de menagem protegem as portas principais das praças, os adarves em frente das torres são mais altos de forma que é necessário fazer escadas de poucos degraus para chegar à entrada da própria torre. (Anexo 2. Figura20). Nos castelos de Moura, Serpa e Nisa as escadas de acesso aos adarves levam diretamente às portas das torres de menagem e, no castelo de Arronches, há uma escada de dois vãos sobrepostos no interior de uma das casas que serve a torre de menagem e, possivelmente, as casas com sobrados.

As ligações entre pisos no interior das torres com abóbadas são feitas por escadas interiores abertas na espessura de paredes. Nas torres dos castelos de Alandroal, Mourão, Moura e Noudar o acesso às escadas interiores é feito a partir de porta rasgada numa das paredes no interior de sala. Nas torres de Olivença, Elvas, Castelo de Vide e Mértola existe um tipo de *hall* de entrada com duas portas, uma de acesso à sala e outra de acesso à escada. Em Castelo de Vide há duas escadas que correm em sentido oposto, por isso, no *hall* há três portas: uma de entrada à sala e duas de acesso às escadas. O *hall* na torre de menagem do castelo de Elvas é feito em cotovelo, com entradas a partir de dois adarves.

Em Monsaraz, o acesso ao eirado é feito por uma escada de pedra apoiada em arco falso¹⁶⁸. Em Alpalhão, a ligação entre pisos era feita por escada interior de madeira,

¹⁶⁸ Este tipo de escadas também existe em Mértola: escada de acesso à porta da torre de menagem, construída nos anos 20 do século XVI (BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de, O

provavelmente o mesmo tipo de escadas que existiriam nas torres de Monforte, Castro Marim e Nisa.

Tabela 1. Torres de menagem. Algarve e Alentejo.

Nome de castelo	Altura (m)	De lado (m)	Quant. de vãos/ Abóbodas	Janelas/ Chaminés	Reinado de construção
Castro Marim	17.6	4.4 x 4.4	3/-	2/-	D. Dinis
Mértola	26.6	10.7 x 10.7	2/1 ¹⁶⁹	2/1	Idem
Serpa	21.7	9.6 x 9.6	1/1	4/-	Idem
Moura	25.3	13.2 x 9.9	1/1	Frestas/1	Idem ¹⁷⁰
Noudar	15.6	9.9 x 9.9	3/2	Frestas/-	Idem
Mourão	19.8	10.5 x 10.5	1+1 ¹⁷¹ /1	3/1	D. Afonso IV
Monsaraz	17.6	8.8 x 7.4 (2) x 5.2(2) ¹⁷²	2/1 ¹⁷³	2/1	D. Dinis
Alandroal	16.5	9.4 x 9.6	2/2	3/-	D. Dinis
Olivença	35.2	13.2 x 13.2	4/3	Frestas/-	D. João II ¹⁷⁴
Elvas	20.9	9.9 x 8.8	2/1	-/-	Idem
Campo Maior	24.2	12.6 x 12.6	3/2	Frestas/-	D. Dinis
Arronches	15.8	8.2 x 7.7	1/1	Frestas/-	Idem
Monforte ¹⁷⁵				3/1	D. Afonso III
Alpalhão	13.2	4.9 x 6.6	3/-	5/2	D. Dinis
Castelo de Vide	23.6	13.2 x 13.8	3/1	3/2	Idem
Nisa	18.7	6.6 x 7.7	3/-	1/-	Idem.

As coberturas de torres não são visíveis nos desenhos da maioria dos castelos, ocultadas pelos peitoris coroados por ameias, na maioria dos casos pentagonais. Relativamente às torres dos castelos de Castro Marim e de Alpalhão, que na altura da visita de Duarte de Armas estavam a ser renovadas, o escudeiro desenhou ameias largas e retangulares, e na torre de menagem do castelo de Moura, que também se encontrava em obras, aparecem ameias de dois tipos. As torres de Mértola e de Monsaraz têm coberturas de telha, armada em quatro águas (Anexo 2. Figura 21). Em Noudar, a

castelo de Mértola, pp.45-57); e em Terena: parte da escada de acesso ao eirado no último piso da torre de menagem, construída na segunda década do século XVI.

¹⁶⁹ Embora no *Livro das Fortalezas* não haja indicação da existência de abóboda, uns anos mais tarde as *Visitações* sublinham que a abóboda é muito boa.

¹⁷⁰ Não há provas documentais, mas não pode ser posta de lado a hipótese de que esta torre de menagem tenha sido reconstruída no reinado de D. Manuel.

¹⁷¹ Esta torre tem duas partes, a superior de perímetro mais reduzido.

¹⁷² Esta torre é de planta pentagonal.

¹⁷³ A abóboda não é mencionada por Duarte de Armas, sendo provavelmente feita em data posterior à sua visita.

¹⁷⁴ Construída no reinado de D. Afonso IV, foi aumentada em altura e largura ao tempo de D. João II.

¹⁷⁵ O castelo e provavelmente a torre de menagem foram construídos no reinado de D. Afonso III, o que pode explicar a localização da torre no interior da praça. Duarte d'Armas não deixou anotações sobre as suas dimensões.

cobertura da torre é feita em eirado (por cima do extradorso da cisterna que se encontra no segundo andar) em torno do qual surge o caminho de ronda protegido por peitoril muito alto e coroado por ameias pentagonais (Anexo 2. Figura 22). A torre de Mourão tem dois registos: a parte superior apresenta o perímetro mais pequeno, deixando livre uma vasta área no eirado que serve de cobertura à parte inferior. Neste espaço encontra-se uma casa coberta de telha; a cobertura dessa casa é apresentada de forma diferente nos desenhos: da *banda de leste* vê-se uma água; da *banda de oeste*, entreveem-se quatro. A casa tem duas janelas grandes de verga reta, uma delas com grade de ferro (Anexo 2. Figura 21). A torre do castelo de Monforte tem duas coberturas de telha, cada uma armada em quatro águas, rodeadas por ameias largas de perfil retangular, o que, à semelhança dos castelos de Castro Marim e Alpalhão, confirma uma reparação recente.

Na esmagadora maioria das torres rasgam-se grandes janelas (Anexo 2. Figura 21), de verga reta ou em arco, simples ou duplos. Nos castelos de Mértola, Moura, Mourão, Monsaraz, Monforte, Alpalhão e Castelo de Vide documenta-se a existência de chaminés¹⁷⁶. Todavia, a sua inclusão nos espaços residenciais está apenas documentada para os castelos de Alpalhão e Monforte, onde as torres de menagem se encontram rodeadas por outras habitações e têm acessos a partir do interior delas. Em Castelo de Vide e Olivença as entradas das torres também se encontram no interior das casas (no caso de Olivença, é a porta do piso térreo), mas, provavelmente, essas casas não fazem parte do espaço residencial. Em Monsaraz, a torre de menagem está separada das casas do alcaide pela muralha à qual é adossada pelo lado de fora, mas não são visíveis as ligações entre uma e as outras. Nos outros castelos, as torres de menagem encontram-se ou ao lado das casas, como em Castro Marim, Arronches, Mértola, Nisa (mas sempre separadas delas por escadas de acesso e/ou muralhas), ou do outro lado da praça como em Moura, Noudar, Alandroal, Mourão, Serpa, Elvas, Campo Maior, o que exclui qualquer tipo de ligação. Tal facto faz-nos pensar que, embora todas as torres de menagem tivessem no seu interior pelo menos uma sala espaçosa por regra iluminada por uma ou várias janelas e aquecida por lareira, ela seria certamente mais usada como sala nobre para reuniões e atos solenes mais do que espaço de habitação propriamente dito.

e. Materiais de construção e elementos decorativos.

Olhando para muralhas e torres dos castelos que ainda existem no Algarve e no Alentejo, e analisando os textos de *Visitações* e *Tombos* de Ordens militares que tinham por aqui as suas comendas, pode concluir-se que a maioria das construções nas praças-fortes foi feita em alvenaria de pedra irregular e argamassa, com uso de silhares de granito e/ou calcário como reforço de cunhais, principalmente das torres e nas flexões de muralhas, formação de portas de entrada de castelos, portas e janelas de torres, construção de abóbodas em torres de menagem.

Nos castelos de Serpa e Moura as abóbodas das torres de menagem são feitas de mármore, material também presente no castelo de Alandroal, onde silhares de mármore servem de reforço a cunhais, fabrico de lintéis e ombreiras de portas das torres. No castelo de Mértola, a pedra mármore é usada na construção do arco da porta de entrada da torre de menagem, alternadamente com calcário, bem como no fabrico da chave de abóboda, enquanto todo o resto da abóboda é feito de calcário.

¹⁷⁶ A chaminé de dois fogos na torre de menagem do castelo de Alpalhão está documentada nos *Tombos* que datam de 29 de dezembro de 1505. Nos desenhos de Duarte de Armas não há chaminés em cima da torre (ano de 1509).

Praticamente em todos os castelos foi utilizado tijolo maciço, mais grosso para uso em alvenaria (caso dos castelos de Alandroal e Olivença onde é usado na construção de torres alternadamente com alvenaria de pedra), ou mais fino para construção de abóbodas de torres e entradas (Mértola, Serpa, Alandroal, Olivença, Noudar, Alcoutim, Elvas, Campo Maior). Surge igualmente na formação de arcos de portas e janelas, podendo acrescentar-se à lista de castelos já apresentada, a torre de menagem de Noudar, as casas da praça de Mourão, a torre E do castelo de Monsaraz e algumas construções na praça de Castelo de Vide. A pedra xistosa é usada na alvenaria de muitos castelos de Algarve, Baixo e Médio Alentejo. No castelo de Mourão silhares de xisto são usados na construção da torre de menagem, com lajes dessa pedra são feitas degraus de escadas de adarves, lintéis das portas de torres, a cobertura de escada no interior da torre de menagem, bem como as abóbodas da torre da Porta de Monsaraz que faz parte da cerca da vila.

As casas, por aquilo que ainda pode ver-se nas praças de Castro Marim, Mértola, Elvas, Moura e Mourão terão sido construídas com material muito mais fraco: paredes finas, inferiores a 50 cm de espessura, eram feitas em alvenaria de pedra muito irregular e miúda misturada com argamassa; segundo os *Tombos*, as paredes podiam ser rebocadas por fora e por dentro, caiadas ou cafeladas. A forma e os materiais correspondem aos métodos usados na construção de casa corrente, já acima referidos. Porém, a grossuras das paredes, apurada para construções deste tipo, constitui 0,5 a 0,7 m para paredes-mestras, e entre 0,1 e 0,2 m para divisórias¹⁷⁷. Esses números também correspondem às casas das alcaidarias.

As coberturas eram feitas de telha vã armada por cima de estruturas de madeira. A forma de coberturas podia variar da casa para casa, na sua maioria cobertas separadamente. A proximidade das construções não obrigava à semelhança de coberturas. No castelo de Castro Marim, a sala, situada no sobrado, com cobertura armada em duas águas está ligada pela porta interior a uma câmara, também no sobrado, com cobertura de uma só água. Do outro lado da sala há uma cozinha térrea coberta com duas águas, ao lado da qual existe um oratório com cobertura de quatro águas¹⁷⁸. No castelo de Mértola, das três partes da alcaidaria, ligadas por portas interiores, cada uma tem a sua cobertura. Na descrição das casas do castelo de Nisa, para cada compartimento há referência de madeiramento e telhado de telha vã, o que nos deixa entender que todos tinham coberturas separadas. Outros castelos onde as casas têm coberturas separadas são os de Elvas, Arronches e Monforte¹⁷⁹. A separação de coberturas justifica-se certamente pela forma aditiva com que as construções ou reparação de casas, se vai fazendo, uma de cada vez e à medida das necessidades, como está documentado para castelo o de Nisa¹⁸⁰. Outra explicação possível é a maior capacidade de isolamento térmico¹⁸¹.

Mas tal não significa que não se usassem coberturas comuns. No castelo de Castro Marim sob a mesma cobertura, de uma só água, encontram-se a adega, a casa de

¹⁷⁷ CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*, p. 219.

¹⁷⁸ GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. I, pp. 132-133.

¹⁷⁹ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fls. 26, 31 e 33, respetivamente.

¹⁸⁰ GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. I, pp. 6-8.

¹⁸¹ Com certeza, que esse termo ainda não era conhecido nos finais da Idade Média, mas uma casa com a sua própria cobertura, melhor ainda se for forrada, torna-se num espaço isolado muito mais fácil de aquecer ou manter fresca.

forno e a despensa¹⁸². Seria, eventualmente, mais usual o uso de coberturas partilhadas para casas de serventias, embora nos desenhos de Duarte de Armas as casas de alcaidarias de Serpa, Mourão e Alandroal também apareçam sob a cobertura comum¹⁸³.

Um melhor isolamento, tal como um aspeto mais acabado, é dado pelo uso de forros nos tetos de casas. Como expectável, foi sobretudo aplicado nos compartimentos de habitação mais nobres, como salas e câmaras. Mas temos testemunhos do seu uso em cozinhas (Castro Marim) e até em estrebarias (Nisa). Os materiais mais usados são a madeira, os caniços e a cortiça. No castelo de Alpalhão o forro de madeira é feito em três painéis sendo igual na sala e nas duas câmaras, localizadas no interior da torre de menagem.

Há muitas casas que têm dois ou três pisos: lojas no piso térreo e um ou dois sobrados em cima; sobrado com entressolho e sótão por baixo. O tipo de separação entre pisos não está referido nas descrições de casas, embora fossem certamente pavimentos de madeira semelhantes aos usados no interior de torres.

Na parte sobre funções das casas já nos referimos às escadas de acesso a sobrados. Foram elencados os exemplos de escadas exteriores, que podiam ser construídas de propósito, de pedra argamassada ou em tijolo, e apresentar formas diferentes: escada em forma de L (Castelo de Vide); de dois vãos sobrepostos (Arronches); escada em curva (Mértola). Mais usada era a escada adossada à parede da própria casa (castelos de Serpa, Mourão, Campo Maior, Alpalhão e Castelo de Vide) (Anexo 2. Figura 19). Para o castelo de Alpalhão temos uma descrição muito detalhada deste tipo: “*sobem <a> esta salla per hũa escada de pedra que em çima tem hũu tauoleiro argamassado com seu peitoril alto cuberto de oiliuel mujto bem obrado e telhado em quatro aguas*”¹⁸⁴. Pensamos que esta descrição pode servir de protótipo para outras escadas congêneres e apresentamos aqui o exemplo incluído na *vista “da banda de noroeste”* de Castelo Branco, onde aparece uma casa no meio da vila, com uma escada que parece corresponder na perfeição à descrição¹⁸⁵. (Figura 14).

Além das escadas exteriores, construídas propositadamente para o efeito, podiam ser usadas as escadas dos adarves (Castro Marim, Alandroal).

As escadas interiores faziam-se de pedra, tijolo ou madeira; podendo ser permanentes ou móveis; ter dois vãos em forma de L (castelo de Alcoutim)¹⁸⁶, ou ser retas; ter portas de alçapão (Nisa). Como a construção de casas era feita em separado e, por vezes em tempos diferentes, como nos casos, em que a residência se anexava a uma das torres, os níveis dos pisos interiores podiam não ser iguais, adicionando-se nesses casos uns “*poucos degraus*” por forma a facilitar o acesso (caso de Alpalhão, na passagem da sala para um aposento na torre de menagem)¹⁸⁷.

Nas plantas desenhadas por Duarte de Armas, a maioria das portas adota uma forma de arco pleno, certamente uma apresentação estereotipada, já que na realidade a maioria das portas seria em forma de arco quebrado. No castelo de Alandroal as portas de entrada para a torre de menagem e porta interior da torre maior a NE são de verga reta, assim como as portas das torres de menagem de Castelo de Vide e de Moura, embora no último caso isso possa ser o resultado de reconstruções posteriores à visita do

¹⁸² GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. I, pp. 132-133.

¹⁸³ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fls. 8, 13 e 19, respetivamente.

¹⁸⁴ GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. I, p. 30.

¹⁸⁵ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fl. 53.

¹⁸⁶ *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fl. 121.

¹⁸⁷ GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem do Cristo*. Vol. 1, p.30.

escudeiro. Nas plantas de Castro Marim e Mourão, as portas das lojas por baixo das salas são desenhadas em arco abatido. Outros tipos de arcos aparecem nas vistas do castelo de Alpalhão (porta principal de entrada em arco abatido), e em Moura (a porta da torre E é de verga reta e está inscrita em arco de ferradura). (Anexo 2. Figura 23). Na realidade, a forma original das portas principais dos castelos de Moura e Serpa, parece ser em arco de ferradura (Anexo 2. Figura 24), mais tarde alterada. As entradas de castelos e torres na esmagadora maioria de casos são cobertas por abóbodas abatidas e têm portas do lado exterior em forma de arco quebrado. As mais antigas dessas entradas datam dos finais do século XIII (Alandroal) e as mais recentes do início do século XVI (Terena). (Anexo 2. Figura 25). Nas plantas do *Livro das Fortalezas* esse tipo de entradas está documentado para as portas principais dos castelos de Nisa, Moura e Monsaraz. O arco pleno é mais raro surgindo em Mourão (torre de menagem) e Olivença (torre-albarrã e entrada do primeiro andar da torre de menagem).



Figura 14. Casa com escada em Castelo Branco, Duarte de Armas (fl.53)

As portas de verga reta estão também presentes nas plantas e desenhos de Duarte de Armas, embora com muito menos frequência. Elas servem de entrada para casas térreas em Alcoutim, Alandroal, Castro Marim, Castelo de Vide e Nisa; numa das portas da vila em Castro Marim e nas portas das barbacãs em Castelo de Vide e em Nisa (Anexo 2. Figura 23).

Como foi já referido, para a construção das entradas de castelos e torres usavam-se normalmente materiais mais fortes, como silhares de calcário e granito; os gonzos faziam-se igualmente em blocos de pedra e os volantes de portas em madeira por vezes forrada de pele de boi (portas das entradas principais em Castro Marim e em Nisa), ou com capeamento de ferro (porta de traição em Nisa)¹⁸⁸.

No que diz respeito às janelas, a forma mais usada era de verga reta, contabilizando-se 52 janelas destas para 31 janelas em arco¹⁸⁹. A maior facilidade de construção, sobretudo quando tinham que ser abertas em paredes já existentes e muito grossas (torres de menagem e muralhas de castelos) pode ser uma eventual explicação. De verga reta ou em arco, tinham frequentemente assentos laterais que proporcionavam um certo conforto aos habitantes da casa, até porque o uso de cadeiras era ainda raro. As janelas com assentos afrontados começaram a aparecer em Portugal ainda no início do século XIV e o seu uso estendeu-se por longos séculos¹⁹⁰. Inicialmente tinham a forma simples, de arco ogival, pouco depois, de arco duplo e com mainel central e mais tarde, de verga reta na parte exterior e rematadas por abóboda abatida no interior, qualquer das formas presentes no *Livro das Fortalezas*. As janelas grandes e com assentos rasgavam-se em salas e câmaras, sendo a ausência de vidros colmatada por portadas de madeira. A

¹⁸⁸ GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem do Cristo*. Vol. 1, pp. 6-8.

¹⁸⁹ Não foram contabilizadas aqui frestas de torres.

¹⁹⁰ BARROCA, Mário Jorge, *Torres, Casas-torres ou Casas Fortes*, p. 70.

segurança garantia-se por grades de ferro (Castro Marim, Alcoutim, Terena, Mértola, Moura, Mourão, Monsaraz, Monforte, Nisa) (Anexo 2. Figura 26).

Os pavimentos dos espaços residenciais, conforme os estudos feitos por Manuel Sílvio A. Conde, podiam ser executados em ladrilhados ou lajeados em casas térreas, ou em soalho de madeira nos sobrados¹⁹¹. No castelo de Alpalhão *a casa que serue de çeleiro estava toda ladrilhada por baixo*¹⁹². As casas térreas de serventias teriam, muito provavelmente, chão de terra batida.

Já acima foi feita referência às lareiras e chaminés usadas para aquecimento e cuja presença está documentada para 12 dos 18 castelos no *Livro das Fortalezas*, em *Visitações e Tombos*. A documentação todavia, não é muito rica em indicações sobre os materiais usados para o seu fabrico, apenas para a casa dos comendadores de Cardiga sabemos que a chaminé da cozinha foi feita *de sebe e barro*¹⁹³. Provavelmente, nas outras casas seria usado o mesmo material, a pedra argamassada, o barro e o tijolo. Segundo os estudos de Manuel Sílvio A. Conde, os materiais empregues na construção desses dispositivos poderiam ser pedraria, madeira, barro, madeira “barrada”, ripa e barro, sebe e barro, ou tijolo¹⁹⁴.

O uso de elementos decorativos também não era alheio às casas das alcaidarias. Até os nossos dias eles persistiram, essencialmente, nas torres de menagem, nas portas de entrada dos castelos ou das vilas ou em algumas das outras torres de praças-fortes. Para os castelos em estudo, a maioria dos elementos não representa grande valor artístico, mas permite perceber o tipo de decorações que estava em uso.

Os elementos estruturais que ao mesmo tempo eram aproveitados como decoração são, por regra, os lintéis, arcos e impostas das portas e janelas, nervuras e chaves de abóbodas, mísulas, pilastras e colunas.

O elemento mais usado e presente praticamente em todos os castelos, é o chanfro que aparece nas nervuras de abóbodas, colunas e pilastras que as apoiam, ombreiras, lintéis e arcos de portas. Pode ter acabamentos enrolados com algum motivo decorativo na parte inferior, como nas portas da vila de Castro Marim, ou nas pilastras na sala da torre de menagem em Olivença; sem elementos decorativos como nas pilastras e da torre de menagem em Mértola; ou ser liso como na porta do castelo de Alcoutim ou portas da torre de menagem em Moura (Anexo 2. Figura 27).

O segundo elemento mais significativo é a chave de abóboda. As chaves que ainda persistem nas salas das torres de menagem em Mértola, Mourão e Castelo de Vide têm uma certa semelhança: são pequenas, circulares e com motivos decorativos inscritos, feitos em baixo-relevo e, infelizmente, bastante gastos por tempo, por isso pouco perceptíveis. A chave de abóboda da torre em Moura tinha um brasão, mas esta chave encontra-se desaparecida e foi substituída por outra feita de calcário amarelo, enquanto o resto de abóboda é de mármore cinzento-escuro.¹⁹⁵ Em Elvas a chave apresenta uma forma de flor, surgindo acompanhada no arranque das nervuras com quatro carantonhas esculpidas em alto-relevo (Anexo 2. Figuras 28 e 29). Em Mourão, nos encontros das nervuras da abóboda também há quatro esculturas em alto-relevo,

¹⁹¹ CONDE, Manuel Sílvio Alves, *Construir, Habitar: a casa medieval*, p. 87.

¹⁹² GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem do Cristo*, vol. 1, p. 30.

¹⁹³ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem do Cristo*, Vol. II, p. 356.

¹⁹⁴ CONDE, Manuel Sílvio Alves, *Construir, Habitar: a casa medieval*, p. 222.

¹⁹⁵ MACIAS, Santiago; GASPARG, Vanessa; VALENTE, José Gonçalo. *Castelo de Moura: Escavações Arqueológicas (1989-2013)*. P.75.

ainda que a altura do teto e a fraca iluminação não permita vê-las de forma nítida.

Os elementos antropomórficos também estão presentes nas torres de menagem dos castelos de Olivença e de Terena. Mas, se em Olivença e em Elvas as imagens esculpidas nos séculos XIV e XV, respetivamente, são feitas de forma muito estilizada e até um pouco tosca, em Terena, onde uma das mísulas, ao que tudo indica, da segunda década do século XVI, representa uma cabeça humana, a imagem é muito mais naturalista e de nível superior (Anexo 2. Figura 30 e 31).

Elementos vegetalistas e geométricos, apresentados em forma de folhas de acanto, pérolas e cordames muito populares no reinado de D. Manuel, decoram os capitéis das colunas que suportam a abóboda na torre de menagem em Moura, as mísulas da torre de menagem e as impostas dos arcos nas portas da barbacã e do castelo em Terena. Na torre de menagem de Moura encontra-se um elemento exótico: uma gárgula em forma de cabeça e pescoço de girafa (Anexo 2. Figuras 31 e 32).

Os arcos de portas e janelas podiam ter formas diferentes. O mais usado era o de arco quebrado, apoiado ou não em impostas, podendo estas últimas ser trabalhadas ou lisas. O arco da porta de entrada na sala do piso térreo da torre de menagem no castelo de Olivença é feito de tijolo, embora se apoie em duas impostas de mármore branco, provavelmente reaproveitadas, uma delas lisa, outra decorada com flores estilizadas (Anexo 2. Figura 30). No castelo de Alandroal uma das janelas da torre mais pequena, a NE, tem forma de arco de ferradura quebrado, o que remete para a origem moura do mestre Calvo ou Galvo que construiu este castelo (Anexo 2. Figura 33). No castelo de Mourão, as portas das torres SO e SE têm forma de *shoulder arch* e a porta interior de acesso à escada da torre de menagem é feita em forma de arco trilobado; a mesma forma do arco é usada numa das frestas que iluminam a escada (Anexo 2. Figura 34). No castelo de Olivença, na torre de menagem há quatro frestas que iluminam as salas do primeiro e segundo andar, e que têm o acabamento semelhante ao verificado em Mourão. O tipo de mísulas que suportam as nervuras é também muito semelhante (Anexo 2, Figura 35). A torre de menagem de Mourão e a torre de menagem em Olivença foram construídas no reinado de D. Afonso IV (embora a última fosse muito aumentada no reinado de D. João II), conhecendo-se o nome do mestre João Afonso para o castelo de Mourão, onde o seu nome, juntamente com o do rei, ficou gravado numa lápide comemorativa sobre a porta do castelo¹⁹⁶. A semelhança de acabamentos faz pensar na participação do mesmo mestre na construção de duas torres.

Os lintéis recortados típicos dos finais do século XV e inícios do XVI, tão comuns ainda em casas localizadas nos centros históricos de várias vilas e cidades deixaram vestígios por exemplo na casa da alcaidaria do castelo de Elvas (Anexo 2. Figura 33). Outros certamente existiriam, entretanto desaparecidos.

As lápides comemorativas e/ou pedras de armas feitas de mármore branco ou de calcário existem em vários castelos. Não são propriamente elementos decorativos, mas o trabalho de mestres que esculpam em baixo-relevo elementos simbólicos e brasões dos reis que em muitos casos acompanham as escrituras, fala-nos da presença de artistas capazes de executar um trabalho minucioso. Como exemplo disso temos a imagem de uma serpe na torre S (Torre da Horta) do castelo de Serpa; a imagem de um pelicano a dar de comer aos seus filhos por cima da porta do castelo de Elvas ou a lápide com símbolos da Ordem de Avis no Alandroal (Anexo 2. Figura 36). Na chave do arco da porta de entrada da torre de menagem de Mértola está gravado um martelo e nas chaves

¹⁹⁶ BARROCA, Mário Jorge. *Epigrafia Medieval Portuguesa*, Vol. II, Tomo II, p. 1645.

dos arcos das portas da vila e castelo de Castro Marim estão esculpidas umas chaves. Símbolos que fazem parte dos brasões das respetivas vilas. Algumas vezes, as molduras torneadas que envolviam armas e brasões colocados sobre as portas de castelos e vilas, nos reinados de D. Dinis e de D. Afonso IV, foram igualmente usadas em vãos de janelas, como aconteceu nas frestas da torre de menagem do castelo de Mourão, uma delas incluída no desenho de Duarte d'Armas¹⁹⁷ (Anexo 2. Figura 34).

Os materiais diferentes para enfatizar um ou outro elemento foram usados no castelos do Alandroal. Os silhares de mármore branco, em combinação com pedra e tijolos da cor castanho-escuro, fazem sobressair as molduras de portas e janelas. (Anexo 2, Figura 33).

Em três castelos existem elementos arquitetónicos, cujos acabamentos, em nossa opinião, merecem ser estudados com maior atenção: a galeria térrea e a sala do primeiro andar da Torre da Horta (torre S) do castelo de Serpa; a galeria térrea da Porta de Monsaraz, da cerca de Mourão¹⁹⁸. As mísulas e os arcos feitos de maneira cuidadosa e uniforme aludem à presença de oficinas geridas por mestre capaz (Anexo 2. Figuras 37 e 38). É provável que essas torres tenham sido construídas em tempos diferentes, já que em Serpa uma das portas da torre é sobrepujada pelo brasão de D. Dinis ao passo que em Mourão o brasão, colocado na torre e rematado por coroa, é mais tardio¹⁹⁹. Todavia, sabendo que os dois castelos foram alvo de trabalhos de renovação em finais do século XV e início da centúria seguinte, e comparando os elementos decorativos e a precisão da obra, não pode ignorar-se a semelhança ao nível das abóbodas e dos acabamentos das mísulas, ainda que no caso de Serpa a decoração seja feita com elementos geométricos e vegetais estilizados e no caso de Mourão se recorra a elementos antropomórficos.

O terceiro caso é a janela da torre norte do castelo de Campo Maior (Anexo 2. Figura 9), obra da segunda década do século XVI onde, de forma elegante, se conjugam elementos ainda manuelinos com outros já renascentistas, certamente realizada quando esse castelo beneficiou de obras de renovação²⁰⁰.

Como já foi já referido, as casas das alcaidarias eram feitas de materiais muito menos resistentes se comparados com dos de torres e muralhas. Também foram muito mais vezes reconstruídas e renovadas, fosse para atualizar o gosto para melhorar as condições de conforto interior ou para corrigir situações de simples deterioração da construção existente. No seu estado original não sobreviveu nenhuma, mas não é difícil supor que muitas das portas e janelas de casas antigas que ainda se preservam nos centros históricos²⁰¹ e ruínas de alguns paços dos séculos XV-XVI, fossem igualmente, ou até por maioria de razões — recorde-se o estatuto nobre dos seus detentores — usados nas casas dos alcaides. Assim, portas e janelas em arco, chanfro lisos ou decorado, lintéis trabalhados, colunas de arcos de alpendres ou varandas com capitéis e bases decoradas seriam certamente correntes nesses espaços habitacionais. A confirmar essa hipótese encontramos o lintel da janela da alcaidaria de Elvas, as janelas da casa do alcaide no castelo de Beja (Anexo 2, Figura 40) ou as molduras manuelinas subsistentes nas janelas e na porta principal da alcaidaria de Óbidos, entre outras.

¹⁹⁷ *Livro das Fortalezas*, ADTT, Fl. 13.

¹⁹⁸ A descrição pormenorizada dessas torres encontra-se no Anexo 1, pp. 20-21, 36-37, respetivamente.

¹⁹⁹ Os musgos que cresceram por cima da pedra não permitem ver o brasão de forma nítida.

²⁰⁰ BUCHO, Domingos. *Fortificações de Campo Maior. História, Arquitetura e Restauro*. Portalegre: 2002. pp.15-17.

²⁰¹ Segundo Luís Keil, a maior coleção de portas dos séculos XIV, XV e XVI encontra-se em Castelo de Vide, mas existem também nas outras vilas alentejanas, como Mértola, Serpa, Monsaraz, etc. (Anexo 2. Figura 39) KEIL, Luís, *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Portalegre*, vol. 1. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1943, p. XXIV.

Capítulo 2. Castelos das Beiras.

a. Introdução.

A raia entre Portugal e Castela, na zona das Beiras, encontrava-se protegida por treze castelos, dos quais cinco (Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Salvaterra, Segura e Penha Garcia) pertenciam à Ordem de Cristo, e os restantes oito (Monsanto, Penamacor, Sabugal, Vilar Maior, Castelo Mendo, Castelo Bom, Almeida e Castelo Rodrigo) faziam parte dos bens da Coroa.

Segundo João José Alves Dias, toda zona fronteiriça das Beiras, muito instável em virtude dos perigos de ataque do reino vizinho, organizava-se em povoados amuralhados. “As características geográficas dessa região deram origem a um povoamento de aldeias compactas, separadas umas das outras por vastos espaços semi-desertos”²⁰².

Mas, como já referido, à data da visita de Duarte de Armas tinham passado quase trinta anos de paz entre Portugal e Castela. O clima de estabilidade proporcionou o aumento de comércio entre os dois reinos e o crescimento considerável da população nas vilas fronteiriças e, principalmente, nos seus termos (Tabela 2).

Na Beira Alta, sobretudo, cresceram Sabugal, Castelo Rodrigo e Almeida que serviam de portos secos e tinham rendimentos anuais apreciáveis²⁰³. O crescimento e boa saúde económica dessas vilas estão bem presentes nos desenhos de Duarte de Armas. São muitas as casas grandes, várias com sobrados, cobertas de telha, na maioria em duas águas, com janelas e chaminés. Nos desenhos do *Livro das Fortalezas*, a vila de Almeida (fls. 73-74) já não tem cerca e o casario cresce à volta do castelo, recém-reconstruído, em todas as direções²⁰⁴. No Sabugal (fls.65-66) tinha-se formado um grande arrabalde na direção E, com praça junto à Porta da Vila, onde estão presentes o pelourinho e a casa de audiências. O aumento demográfico de Castelo Rodrigo (fls.75-76) está mais relacionado com o seu termo. As condições topográficas à volta da vila, localizada numa colina isolada e com acessos bastante difíceis, não permitiam o crescimento de arrabaldes em seu torno. Quadro parecido pode ser apreciado nas vistas de Monsanto (fl. 62) e Penamacor (fl. 64), onde a topografia do terreno motivou o crescimento das povoações longe do núcleo primitivo, provocando, mais tarde, o seu abandono.

A maior de todas as vilas da raia beirã é a de Castelo Branco (870 fogos), comenda-mor da Ordem do Cristo. No interior dos muros ainda existem vários espaços ocupados por hortas e pomares (fl.53). A apresentação do casario não é tão esquematizada como nas outras vilas. Duarte de Armas retratou com mais pormenores as casas senhoriais, intramuros e fora da cerca, construídas de maneiras diferentes: casas turiformes, casas constituídas por vários corpos, dotadas de escadas exteriores, com

²⁰² DIAS, João José Alves, *A Beira Interior em 1496 (Sociedade, Administração e Demografia)*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1982, pp. 140-141.

²⁰³ Almeida tinha cerca de 80.000 rs; Castelo Rodrigo, cerca de 220.000 rs, e Sabugal cerca de 40.000 rs de rendimentos anuais. DIAS, João José Alves; *A Beira Interior em 1496*, pp. 108, 111, 121, respetivamente.

²⁰⁴ Nos desenhos de Duarte de Armas a vila não tem cerca, mas a existência desta é confirmada por alguns documentos, embora de forma muito imprecisa. Não se conhece a data da sua construção, nem a data da sua demolição. (CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da. *Da Vila Cercada à Praça de Guerra. Formação do espaço urbano em Almeida (Seculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002, pp. 31-40).

janelas de formas diversificadas, chaminés projetadas de telhados e de paredes. Não falta sequer o relógio mecânico numa das torres da cerca. Além disso, o Paço de Comendadores localizado no castelo, e do qual falaremos mais a frente, é apresentado de forma muito mais detalhada se comparado com as residências dos alcaides e comendadores existentes nas outras praças raianas.

Tabela 2. População das Beiras nos finais do século XV – início do XVI.

Povoação	“Fogos”					Crescimento (%)
	1496 ²⁰⁵	1527 ²⁰⁶				
		Vila	Arrabalde	Termo	Total	
Castelo Branco	837	870	-	547	1417	70
Idanha-a-Nova	-	-	s/cerca	-	-	-
Segura	-	-	s/cerca	-	-	-
Salvaterra do Extremo	136	-	s/cerca	-	-	-
Penha Garcia	-	-	s/cerca	-	-	-
Monsanto	309	356	-	138	494	60
Penamacor	389	446	-	418	864	122
Sabugal	804	96	127	804	1027	28
Vilar Maior	193	60	s/cerca	362	422	119
Castelo Mendo	346	73	-	704	777	125
Castelo Bom	234	82	14	300	396	70
Almeida	185	264	s/cerca	148	412	122
Castelo Rodrigo	[818]	91	-	2006	2097	156

O povoado mais pobre e mais pequeno, embora não haja dados concretos sobre a sua população, é o de Penha Garcia. Localizada ao pé de uma enorme penha, em cima da qual se encontra o pequeno castelo, esta aldeia é constituída por duas dezenas de casas térreas, sem janelas, com coberturas de cortiça e palha.

Há poucas informações sobre Idanha-a-Nova (fls. 54-55), Segura (fls.56-56) e Salvaterra (fls.57-58)²⁰⁷. Todas pertenciam à Ordem de Cristo e estavam localizadas nas proximidades dos castelos construídos em cima de grandes penedos, com cotas dominantes. A proximidade imediata a Castela é assinalada pelas legendas de Duarte de Armas e, todavia, as povoações não eram cercadas. Em 1496, Salvaterra com o seu termo contava com 136 fogos (Tabela 2). As outras duas vilas não deveriam fugir muito deste número: segundo os desenhos, as dimensões dessas localidades e o tipo de casario são muito semelhantes – umas dezenas de casas, construídas à volta ou nas proximidades de uma igreja, na sua maioria térreas, cobertas com telha armada em uma ou duas águas, com janelas de vários tipos e uma ou outra chaminé. Em Idanha-a-Nova

²⁰⁵ DIAS, João José Alves; *A Beira Interior em 1496*, p.142 (Os dados apresentados referem-se à vila e termo).

²⁰⁶ Com cor preta são apresentados os números retirados de COLLAÇO, Júlio Tello de Magalhães; *Cadastro da população do Reino (1527)*. pp.105-109; e com a cor azul – números retirados de GALEGO, Júlia; DAVEAU, Suzanne, *O Numeramento de 1527-1532: tratamento cartográfico*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1986. p. 103 – número total de “fogos”; p. 107 – número de “fogos” da vila e arrabaldes.

²⁰⁷ Há um lapso na numeração dos folios no *Livro das Fortalezas*, para as duas vistas de Segura o número do folio é o mesmo: 56.

havia um pelourinho (fl.55).

Durante o reinado de D. Manuel, no período anterior a 1509, praticamente todos os castelos da raia beirã beneficiaram das obras de reparação ou renovação.²⁰⁸ O castelo de Monsanto foi intervencionado mais tarde, e apenas as fortificações de Castelo Mendo que apresentavam fortes sinais de degradação, não foram recuperadas, certamente por o castelo se encontrar muito afastado da fronteira. Para além de estruturas como barbacãs extensas, barbacãs de porta, cubelos com duas ou três linhas de troneiras abertas em níveis diferentes, torres, etc., foram construídas novas casas, de funções diversas, nas praças de Idanha-a-Nova, Segura, Salvaterra, Vilar Maior, Castelo Bom e Almeida.

Da mesma forma, como no Alentejo, os cargos de alcaides-mores dos castelos beirãos eram detidos por representantes de alta nobreza que os acumulavam com os outros cargos que exerciam na Corte. Além disso, reuniam-se frequentemente alcaidarias de vários castelos nas mãos de uma mesma pessoa, e que também poderia ser o depositário das terras onde o castelo se encontrava. Castelo Mendo, assim como a vila de Monsanto, fazia parte do Condado de Monsanto, constituído em 1460 por D. Afonso V, e cujo primeiro titular foi D. Álvaro de Castro. O seu neto, D. Pedro de Castro, deteve as alcaidarias desses dois castelos, num período superior a trinta anos, desde 1496 até 1529. O marquês de Marialva, D. Francisco Coutinho, foi alcaide-mor durante 54 anos (1476-1530) de Castelo Bom e Castelo Rodrigo, além de outros fora da zona da raia beirã; D. Diogo de Castro, deteve o cargo do alcaide-mor de Sabugal também durante 54 anos (1485- 1539); João Rodrigues Ribeiro foi o alcaide-mor de Penamacor durante 40 anos (1499-1539)²⁰⁹.

A acumulação de vários cargos fazia com que a atribuição das alcaidarias fosse feita a título meramente honorífico, sem que existisse qualquer expectativa de efetivo desempenho do lugar por parte de alcaide-mor nomeado pelo rei. O alcaide-absentista delegava as suas competências em alguém da respetiva confiança, geralmente numa figura recrutada no seio da pequena nobreza²¹⁰, ou entre os membros da família, como aconteceu no castelo de Almeida, onde D. Pedro de Noronha, irmão do Marquês da Vila Real, ocupava o seu lugar²¹¹.

b. Organização do espaço no interior dos castelos.

Na raia beirã encontravam-se vários tipos de fortalezas: as mais antigas, algumas construídas pelos Templários (Monsanto, Idanha-a-Nova, Salvaterra), com torres de menagem localizadas no centro das praças, e cuja forma e a área surgiam fortemente condicionados pela topografia dos terrenos muito acidentados; outras, apenas tinham cercas às quais, no reinado de D. Dinis, foram adossadas torres de menagem (Vilar Maior, Castelo Mendo, Castelo Bom); outras ainda, construídas de raiz ou completamente renovadas já segundo o princípio da “defesa ativa” como o castelo do

²⁰⁸ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, *Comendas da Beira Interior Sul (1505)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2009. BARROCA, Mário Jorge; *Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I*.

²⁰⁹ ARMAS, Duarte de, *Livro das Fortalezas*, 1997, pp.15-16. Manuel da Silva Castelo Branco, no artigo dedicado a Duarte de Armas refere outras funções e cargos desempenhados por alguns dos alcaides-mores, cujos nomes estão indicados no *Livro das Fortalezas*. CASTELO BRANCO, Manuel da Silva, *O “Livro das Fortalezas” de Duarte de Armas, Oceanos*, nº5. Lisboa: CNCDP, 1990, p. 122.

²¹⁰ MONTEIRO, João Gouveia, *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média*. P. 283.

²¹¹ No Códice B como alcaide de Almeida está indicado D. Pº (Pedro) irmão do Marquês. GAMEIRO, Pedro Maria Afonso de Matos, *O Semblante Original das Fortalezas Medievais de Portugal*. Anexo II, Reprodução do Códice B, fl.28.

Sabugal, Castelo Rodrigo, Almeida, Castelo Branco, Penha Garcia. A torre de menagem de Penamacor foi erguida já no reinado de D. Manuel, monarca que igualmente mandou remodelar o castelo de Almeida, aumentando consideravelmente a sua área. O facto de a maioria dos castelos ter muralhas desprovidas das torres, ou tê-las em quantidade muito reduzida, se comparadas com as fortificações do Alentejo, também se deve à época de construção e ao relevo muito acidentado. Em Penha Garcia, Vilar Maior, Castelo Mendo, Salvaterra e Penamacor havia apenas torres de menagem. Em Monsanto, Idanha-a-Nova, Segura, Castelo Bom existiam mais duas torres para além da de menagem. No reinado de D. Manuel, a falta das torres foi compensada pela construção de cubelos dotados de troneiras e adossados às barbacãs (Penamacor, Salvaterra, Penha Garcia, Castelo Bom, Segura, Castelo Rodrigo²¹²).

A forma do castelo, a sua localização e importância influenciaram o planeamento do espaço interior e a quantidade e qualidade de casas existentes na praça. Como seria de esperar, os castelos de Castelo Branco, Almeida, Sabugal e Castelo Rodrigo tinham as maiores alcaidarias, compostas por espaços religiosos, habitacionais e de serviços, enquanto em Penha Garcia existiam apenas serventias e Castelo Mendo limitava-se à torre de menagem e cisterna, os últimos e imprescindíveis recursos de defesa.

As formas da distribuição de casas nas praças-fortes são muito diversificadas (Anexo 2. Figura 41). As praças de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Salvaterra e Castelo Rodrigo estavam divididas interiormente. Em Penamacor a divisão da praça era feita pelas próprias casas que ocupavam o espaço entre os muros NO e SE, deixando a entrada principal do castelo de um lado e a torre de menagem do outro. Em Idanha-a-Nova (Anexo 2. Figura 42) havia um "*apartado*", visível no desenho "*da banda do sull*", que separava uma pequena parte da praça com uma casa térrea e a porta falsa do resto das construções, das quais cinco estavam localizadas no centro da praça, à volta da torre de menagem, quatro adossadas à muralhas SO e uma à muralha NO. Na planta de Castelo Rodrigo havia uma divisória que apartava o espaço junto à entrada do *pateo* central, contornado por casas que, em forma de U, se adossavam às muralhas SO, NO e NE em todo seu comprimento. (Anexo 2. Figura 41).

Em Castelo Branco e Salvaterra (Anexo 2. Figura 41), as áreas ocupadas por casas eram delimitadas por vedações e ocupavam cerca de um terço da área total. Em Salvaterra esta área envolvia a torre de menagem, à volta da qual se encontravam outras construções, num espaço circunscrito por muros construídos de propósito. A porta que ligava este recinto ao resto da praça estava rasgada no muro E.

Em Castelo Branco, a praça-forte com uma igreja no centro, era dividida em três partes desiguais: duas a norte da igreja, e uma a sul. A norte, encontrava-se o Paço de Comendadores com seu *pateo de recebimento*, e um pomar grande com árvores de fruto, separados entre si por um muro. A sul da igreja ficava a terceira parte da praça, livre de construções e usada como adro. A presença de um *pateo*, também foi indicada por Duarte de Armas para as praças de Almeida, Castelo Bom e Penha Garcia.

A distribuição mais "tradicional" das casas, em forma de U ou L, ao longo das muralhas e adossadas a elas, existia em Almeida (fl.128v), Segura (fl.126v), Penha Garcia (fl.127) e Castelo Bom (fl.128v). No Sabugal (fl. 127v), as casas eram construídas ao longo das muralhas NE e SO, mas afastadas delas por escadas de acesso aos adarves. Em Vilar Maior (fl.128), havia umas casas adossadas à muralha SO e mais duas no centro da praça. Em Monsanto (fl.127), a praça tinha uma forma mais irregular,

²¹² Em Castelo Rodrigo um cubelo novo, abobadado, com três linhas de troneiras e acesso pelo túnel subterrâneo, foi construído em frente da muralha NO desprovida das torres (*Livro das Fortalezas*, Fl. 129).

com um grande penedo ao centro, por cima do qual estava construída a torre de menagem (Anexo 2. Figura 44). Aqui havia três casas adossadas à muralha S, mais uma entre elas e a torre de menagem, e mais duas casas adossadas à muralha O, do outro lado da torre e, conseqüentemente, da praça. A forma desta alcáçova, assim como o interior da cerca da vila, já há muito tempo abandonada pela população, foi alterada na primeira década do século XIX. Algumas das torres da cerca e do castelo foram desfeitas para construção de mais uma linha de defesa no interior do espaço da vila, e a muralha E do castelo foi reconstruída de forma a que o penedo existente no seu interior dividisse a praça a meio, o que permitiu criar mais uma barreira defensiva (Anexo 1. Pp. 195-197).

Se bem que praticamente em todas as praças houvesse construções adossadas às muralhas, as escadas dos adarves permaneciam de acesso livre. Em alguns castelos, os sobrados foram construídos com aproveitamento dos adarves (Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Monsanto) (Anexo 2. Figura 43).

Para esta zona de fronteira a maioria das torres de menagem era servida por escadas fixas feitas de propósito. Apenas em Castelo Branco e Castelo Rodrigo o acesso às portas das torres era a partir dos adarves, e em Penha Garcia e Penamacor, provavelmente por falta de espaço, as escadas eram amovíveis. As escadas exteriores de acesso aos sobrados também existiam em abundância. Não as havia apenas em Idanha-a-Nova e em Sabugal. Em Castelo Rodrigo os sobrados eram servidos pelas escadas dos adarves. Nas outras praças as casas sobradadas tinham escadas próprias, em vários casos, com patamares largos.

A quantidade de construções nas praças-fortes variava de 3 em Penha Garcia até 13 em Castelo Rodrigo. Mas a maioria das casas eram térreas. Excluindo os grandes paços de Castelo Branco (cinco das oito casas eram sobradadas) e de Almeida (seis das nove tinham sobrados), apenas em Penamacor três das cinco casas tinham primeiro andar, o que pode justificar-se pela escassez de espaço. Em Castelo Mendo e Penha Garcia havia apenas casas térreas; uma casa de dois pisos existia nos castelos de Segura, Salvaterra, Sabugal, Vilar Maior, Castelo Bom; duas - em Idanha-a-Nova e Castelo Rodrigo.

A presença de “espaços verdes” está documentada apenas para Castelo Branco, onde existia um pomar grande com árvores de fruto. Nas praças de Idanha-a-Nova e Segura encontravam-se algumas árvores.

c. Funções e dimensões de casas.

Da mesma forma que nas praças do Alentejo e Algarve, nos castelos das Beiras havia espaços religiosos, de habitação e serventias.

A presença de locais destinados ao culto está documentada por Duarte de Armas para quatro castelos. Em Castelo Rodrigo e em Sabugal existiam capelas: na primeira a capela era a uma das seis casas adossadas à muralha NE; na segunda, a capela encontrava-se numa casa isolada, localizada em frente da torre de menagem e adossada à escada que subia até a entrada da torre. Em Castelo Branco, no centro da praça encontrava-se a igreja da N. Sra. do Castelo que, embora muito remodelada, persiste até hoje. Em Idanha-a-Nova, do lado E da liça, situava-se a capela da Sta. Casa de Misericórdia.

Das vilas representadas por Duarte de Armas na Beira fronteira, cinco contam igualmente com descrições incertas nos *Tombo da Ordem de Cristo*, datados de 1505. São elas as praças de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Segura, Salvaterra e Penha Garcia que podem ser reconstruídas com elevado grau de detalhe graças à junção dos

elementos escritos e iconográficos, entre os quais distam apenas quatro anos de diferença, aspeto tanto mais relevante que apenas nos castelos de Penha Garcia e Castelo Branco persistirem poucos vestígios das construções outrora existentes, enquanto as outras praças tenham desaparecido por completo.²¹³

Começamos pelo caso mais simples que é o de Penha Garcia (Anexo 1. Pp. 191-194). Para este pequeno castelo situado em cima de uma colina fragosa, os *Tombos* documentam a existência das sete casas distribuídas pelo espaço das duas liças e praça: logo à entrada da primeira cerca havia uma estrebaria e um palheiro; mais acima, um forno que não aparece na planta; depois de passar a entrada da segunda cerca, um celeiro e, no interior da praça, uma cozinha, de 24 m², e uma despensa com 40 m², às quais Duarte de Armas acrescentou uma cisterna que não está referenciada nos *Tombos* (Anexo 1. P. 194). Essas três construções, juntamente com a torre de menagem, ocupavam praticamente toda a área da praça (Anexo 2, Figuras 45 e 46), deixando um pequeno espaço à entrada, designado por Duarte de Armas como *pateo*. Não existia aqui nenhuma casa com função estritamente residencial, destinada ao uso do alcaide ou da guarnição. É possível que a torre de menagem (Tabela 3), cujas áreas não excediam 15 m² por piso, e que aparece nos desenhos de Duarte de Armas com paredes cegas, fosse usada como habitação temporária nos casos de necessidade. Talvez o mesmo acontecesse com o celeiro que o tombo descreve como sendo uma construção da melhor qualidade: *E logo mais acima tem outra entrada com seu portal e portas e junto do dito portal, à mão sestra, tem uma casa térrea solhada sobre traves, as paredes de pedra e barro rebocadas de cal forrada de bom olivel de castanho sobre as asnas e coberta de telha. Esta casa serve de celeiro e tem as quinas reais em uma pedra sobre a porta*²¹⁴. Infelizmente, os visitantes não indicaram as suas dimensões.

O castelo de Salvaterra (Anexo 1. Pp. 187-190), segundo os *Tombos*, contava com oito casas num espaço separado do resto da praça por dois muros da *cerca nova* com um cubelo localizado no vértice, que protegia a entrada para esta área. Entre essas casas, apenas uma, ainda não acabada embora já com paredes levantadas, construída a mando do monarca, servia como residência do alcaide. Passados quatro anos, Duarte de Armas descrevia-a como *apousentamentos novos* (Anexo 1. P. 190). Era um único compartimento, cujas dimensões desconhecemos, localizado no sobrado por cima da cisterna e servido *per hũa escaada de pedra com xij degraaos*. A torre de menagem desta praça, embora *forte e de bõoa altura de cantaria e aluenaria factas has paredes rebocadas de cal*, é referida nos *Tombos* como bastante degradada na parte interior. Se as obras realizadas na praça também abrangeram a torre, é muito provável que os seus três sobrados, com mais de 50 m² de área por piso, e com duas janelas grandes de verga reta no último andar, também fossem usados como residência do alcaide. As restantes casas tinham as seguintes funções: uma cozinha de 18 m² numa casa paredes-meias com o novo aposento do alcaide; um palheiro e uma estrebaria com 24 e 39 m², respetivamente, térreas e ligadas por porta interior; uma armaria e uma casa de mantimentos, duas casas com sobrados, também ligadas pelo interior e erguidas com um certo requinte: *bem oliueladas em tres painees com seus cãaes e frechaaes boons e com hũu portal de canto laurado com suas portas nouas e sobre este portal has quinas reaaes*. A armaria tinha *hũa freesta com grades de ferro e com sua seteira. e ha outra*

²¹³ Os *Tombos da Ordem de Cristo* foram escritos em Outubro de 1505, enquanto os levantamentos para *Livro das Fortalezas* foram feitos em 1509.

²¹⁴ ANTUNES, A. Pires, *Penha Garcia na Ordem de Cristo*. In CARDOSO, J. Ribeiro (dir.), *Subsídios para a História Regional da Beira Baixa*, Edição da Junta Provincial da Beira Baixa, 1950, pp. 349-350. *Livro das Fortalezas*. AVTT, Fls. 59-60, 127.

casa tinha outra tal freesta ferrada. A armaria contava com 39 m² e a casa de mantimentos com 29 m² por piso. Os *Tombos* não falam das escadas de acesso aos sobrados e na planta não há escadas exteriores. Supostamente existiria, pelo menos, uma escada interior. Essas quatro casas estavam adossadas às paredes E (a armaria e a casa de mantimentos) e S (a estrebaria e o palheiro) da torre de menagem. Na planta há mais duas casas adossadas à parede O da torre, cuja função desconhecemos. Poderiam ser as *casas odiosas*, mencionadas nos *Tombos* e que o rei tinha mandado demolir, ou poderiam ser umas construções novas²¹⁵.

A alcaidaria de Segura era mais composta (Anexo 1. Pp. 183-186). Construída como aposento do comendador, que também exercia o cargo do alcaide-mor, a residência era constituída por *hũua salla terrea com hũua chaminee, (...) hũua camera sobradada. pera que sobem per hũua escaada de madeira mal corregida e com hũua janela d asentos da parte de dentro contra ho sul com suas portas bõoas com hũua chamjnee noua (...)* E aalem desta camera havia aqui outra asi sobradada. As áreas dessas divisões eram as seguintes: a sala tinha 46 m², a primeira câmara 29 m², e a segunda câmara 14 m², o que no total dá 89 m² da área habitacional. A chaminé das câmaras e o seu telhado de duas águas são visíveis na vista *da banda do sull.* (Anexo 1. P. 186). Por baixo das câmaras encontravam-se duas lojas com áreas iguais à dos pisos de cima. Além dessas casas, existia na praça uma estrebaria com sobrado onde se encontrava o palheiro, cujas dimensões desconhecemos, a casa de mantimentos e a casa de armaria, com 19 m² cada. A construção dessas últimas era muito idêntica à das casas que desempenhavam a mesma função no castelo de Salvaterra: *bem oliuelladas sobre has asnas. cubertas de telha. e solhadas de tauoado sobre o chãao com bõoas portas e bem fechadas (...)* sobre ho portal *estam has quinas rreaaes com sua coroa em pedra*²¹⁶.

Em Idanha-a-Nova (Anexo 1. Pp. 178-181) assim como em Salvaterra, a praça estava dividida em duas partes desiguais por um *apartado*. A descrição dos *Tombos* menciona doze casas que havia nesta praça, mas apenas duas delas, uma sala térrea com *hũua janella (...)* e *com seus poyaaes de pedra bem feitos de hũu cabo e do outro*, e uma câmara *quasi no andar do primeiro sobrado da torre contra o sul (...)* e *com hũua janella*, constituíam o espaço residencial. (Anexo 1. P. 181). A sala ocupava uma área de cerca de 51 m² e a câmara tinha 17 m². O acesso à câmara e ao primeiro andar da torre era servido pela mesma escada que se encontrava no interior da loja, por baixo da câmara. Os dois sobrados da torre de menagem possivelmente estavam incluídos na área da habitação, aumentando-a em mais 72 m² (36 m² por piso). As outras dez casas eram serventias. O acesso à sala encontrava-se no interior de um alpendre *todo çarrado*, a partir do qual também se entrava na dispensa (de 54 m²), localizada numa casa com sobrado. Na parede traseira da sala encontrava-se a entrada para a cozinha, uma casa térrea de cerca de 21 m², *com sua cantareira dadobes*. Por trás da cozinha estava mais uma casa térrea (15 m²), sem função definida. Todas essas construções estavam dispostas em fila entre a muralha NE, a torre de menagem e a câmara. Do outro lado da praça, adossados à muralha SO, ficava um celeiro (33 m²), uma estrebaria *sem manjedoiras* (15 m²), e *hũua casa em hũua coua de baixo do chãao* (18 m²). Junto à entrada principal da praça, adossada à muralha NO, encontrava-se uma casa sobradada

²¹⁵ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, pp. 151-153. *Livro das Fortalezas*, ADTT, Fls.57-58, 126v.

²¹⁶ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, pp. 163-165. *Livro das Fortalezas*, ADTT, Fls.56-56, 126v.

noua pera mantijmentos e armaria. Cada piso tinha uma área de cerca de 48 m² e, como as suas congéneres das praças de Segura e Salvaterra, era a construção mais forte e com melhores acabamentos. No espaço, separado por apartado do resto da praça, localizava-se um pardieiro, uma casa pequena (12 m²), e a casa de forno (18 m²)²¹⁷.

O Paço dos Comendadores de Castelo Branco (Anexo 1. Pp. 170-177) era de longe a construção mais sofisticada. Encontrava-se na parte NE da praça, num espaço separado do resto por uma vedação com *hũu grande portal de pedraria com suas portas bem obrado. Hũu recebimento* de 774 m², indicado como *pateo* na planta de Duarte de Armas, precedia o Paço. Aqui localizava-se uma cisterna e uma estrebaria nova (48 m²) (Anexo 1. P. 176).

O edifício tinha três pisos e era constituído por três corpos: uma casa grande, a torre E do castelo e uma casa mais pequena que nos desenhos de Duarte de Armas (Anexo 2. Figuras 47 e 48) tem aspeto de uma torre, situada entre a casa principal, torre E e a muralha SE. No primeiro andar encontrava-se uma varanda grande *forrada d oliuel de castanho sobre as asnas armada sobre colunas de pedra com seu peitoril de pedraria bem obrado*, com cerca de 72m², e com acesso por uma escada *de pedraria muito bem obrada em que haa xxvii degraaos com seu mainel de pedraria debrũado e dous tauoleiros hũu ao pee e outro no çimo da dicta escaada*. Logo à entrada da varanda havia *hũu repartimento de hũua meia parede com sua porta fechada* que estava feito *sobre maçoço lageado. honde dentro nelle estaa fecto hũu aljube com sua porta d alcapõoe de pedra*. A partir da varanda entrava-se para a sala *forrada d oliuel de madeira de castanho sobre as asnas com suas traues forradas e seus alizeres e cachorros d arredor com a hũu canto hũua chaminee de pedraria e tres grandes janelas com suas portas. hũua pera ha dita varanda ferrada com rede de ferro e duas que uam contra ho norte. hũua d assentos e outra com peitoril de ferros*; e duas câmaras. (Anexo 2. Figura 49). A primeira *camera oliuellada do mesmo theor da salla e nella outra tal chaminee e duas janelas d assentos hũua ao norte e outra ao abrego ferrada de rede sobre ha varanda. com suas portas bõoas* dava acesso ao guarda-roupa *feita em hũua torre do muro, oliuelada do mesmo theor e com outra tal chaminee de pedraria e duas janelas d assentos hũua ao norte e outra de cruz ao levante. com suas portas bõoas*. A segunda câmara *forrada d oliuel da sobredicta maneira e com duas janelas d assentos. hũua ao levante e outra ao abrego sobre o recebimento com suas portas bõoas e com hũua chaminee de tijolo* tinha uma escada interior *que vay a hũu sotom*. Uma escada descia a partir do guarda-roupa à terceira câmara *que debaixo della estaa argamassada sobre moçoço. muito bem madeirada. e nella hũua janella d assentos com hũus ferros muijto bem obrados e bõoas portas*.

Esses compartimentos tinham as seguintes dimensões: a sala era de 73 m², a primeira câmara de 51 m², a segunda câmara, 27 m², a guarda-roupa, 44 m², e a terceira câmara, 17 m², o que dá um total de 212 m², sem contar com a varanda.

No entrepiso do paço encontrava-se um aljube de dimensões desconhecidas e um sótão de 15 m². O piso térreo estava ocupado por um alpendre *sobre quatro arcos de pedraria mujto bem obrados*, localizado por baixo da varanda e que deveria ter, mais ou menos, a mesma área; por baixo da sala e das câmaras encontrava-se uma estrebaria de 44 m² e duas lojas com 29 e 15 m² e com *suas portas pera dito alpendre*. O acesso à porta de traição, rasgada na muralha NE, estava no interior da estrebaria.

A casa térrea onde se encontrava *hũua fornalha* e que servia de cozinha, era

²¹⁷ GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, pp. 189-192. *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fls. 54-55, 126.

paredes-meias com uma das lojas do piso térreo, mas localizava-se numa construção à parte.

Num espaço grande, com quase 2400 m², entre o Paço, a igreja e a torre de menagem, ficava o pomar²¹⁸.

A este Paço apenas pode comparar-se a alcaidaria do castelo de Almeida (Anexo 1. Pp. 211-213) que contava com nove casas de dimensões generosas, oito das quais com sobrados, servidos por três escadas exteriores²¹⁹.

É provável que a residência do alcaide se encontrasse nas quatro casas contíguas, adossadas a muralha SO. Estas, comunicavam entre si por portas interiores e incluíam as torres dos ângulos O e S. Na torre O estava rasgada uma janela dupla de verga reta, virada para fora da praça. A primeira das quatro casas, cuja entrada se fazia a partir de uma escada, tinha uma área muito inferior, se comparada com as restantes três. Aos outros dois sobrados, localizados um atrás do outro, acedia-se a partir da sala. As outras casas da praça, segundo os exemplos apresentados acima, poderiam ser estrebarias, palheiros, celeiros, casas de armaria e mantimentos, etc.

Quanto às alcaidarias dos outros castelos desta região, apenas no de Monsanto (Anexo 1. Pp. 195-197), a partir da vista *da banda do norte* (fl. 62) são perceptíveis duas janelas em arco que correspondem a dois *apousentamentos* localizados do lado norte da praça (Anexo 2. Figura 43). A posição das janelas acusa a existência de sobrados nessas construções, tal como se vê uma casa com sobrado e escada exterior localizada do outro lado da praça. É difícil de dizer se alguma dessas construções estava destinada a residência.

A praça de Castelo Rodrigo (Anexo 1. Pp.214-216), como já referido, tinha um muro ou um arco que separava a entrada e o *pateo* interior (Anexo 2. Figura 41). Atualmente, ainda persistem as ruínas do Paço, construído por Cristóvão de Moura já em finais do século XVI, e que, em grande parte, correspondem à planta de Duarte de Armas (Anexo 2. Figura 50), o que significa que, para construção deste Paço, foram aproveitadas as fundações das casas pré-existentes. No espaço da entrada encontravam-se duas construções que poderiam servir ou de estrebaria e palheiro ou destinar-se à guarnição. O *pateo* interior estava rodeado por onze casas, duas das quais sobradadas. Não eram muito espaçosas, a ruína que atualmente ocupa o seu lugar têm cerca de 11m x 3.5m de área no piso térreo. A escada que dava acesso aos sobrados estava construída por cima de um grande penedo que também ocupava uma parte da casa do canto N. Na muralha NO estão rasgadas três janelas grandes de verga reta (Anexo 2. Figura 51). Esta parte do castelo não aparece nas vistas de Duarte de Armas, mas é possível que na altura da sua visita existissem aqui janelas, embora certamente em número, forma e dimensão diferente. Entre as outras construções havia uma capela e um alpendre grande com arcada aberta.

No Sabugal, a praça contava com nove casas, para além da capela (Anexo 1. Pp. 200-202). Apenas uma delas está indicada na planta como *apousentamentos sobradados* o que não implica obrigatoriamente, como vimos nos exemplos acima, a sua função residencial. Se assim fosse, seria composta por uma sala no piso térreo e uma câmara no

²¹⁸ GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol. 5, pp. 241-244. *Livro das Fortalezas*. ADTT, Fls. 52-53, 126.

²¹⁹ Efetivamente, segundo a planta de Duarte de Armas (fl. 128v), das nove casas, sete estão adossadas às muralhas NO, SO e SE, com 22.5v, 21v e 19v1p de comprimento, respetivamente. Isso dá em média quase 10m de comprimento para cada casa.

sobrado, ou uma loja em baixo e uma sala polivalente no primeiro andar, com acesso por uma escada interior. Possivelmente, a residência do alcaide encontrar-se-ia na torre de menagem, da qual falaremos na parte seguinte. As *Memórias Paroquiais*, de 1758, mencionam que na praça do castelo *havia muitas casas que serviam de armazéns, de quartéis, corpos de guarda e para moradia de Alcaide Mor, e se achavam também dentro do dito recinto forno, atafona, e outras oficinas.*²²⁰ Certamente, muitas dessas construções foram erguidas posteriormente à visita de Duarte de Armas, mas também é possível que algumas delas, passando por reparações e renovações, tivessem persistido desde início do século XVI.

Em Penamacor, numa praça do tamanho bastante reduzido, existiam cinco casas que a atravessavam no sentido NO-SE, deixando a torre de menagem de um lado e a porta principal do castelo do outro (Anexo 1. Pp. 198-199). Todas construções eram sobradadas. As quatro casas, uma atrás das outras, estavam ligadas por portas interiores. Nessas casas, a entrada para o primeiro sobrado era servida por uma escada exterior e no piso térreo da última casa encontrava-se uma cisterna. Uma outra casa, adossada à muralha SE, paredes-meias com a primeira, tinha a entrada independente e deveria ter uma escada interior que subia até ao primeiro andar. Esta casa, bem como os compartimentos dos pisos térreos das outras construções, poderiam eventualmente ser ocupados por serventias, tal como no Paço de Castelo Branco.

Na praça de Castelo Bom (Anexo 1. Pp. 208-210) havia três casas designadas como *apousentamentos térreos* adossadas à muralha NE em todo seu comprimento de cerca de 20 m (20v pelo exterior); uma *casa boa e sobradada* no canto E, com uma escada exterior de acesso ao sobrado, e um conjunto de cinco casas, dispostas em fileira dupla, sensivelmente a meio da muralha NO. Apenas o compartimento do meio da primeira fila tinha a porta para o exterior, acedendo-se a partir dele às restantes divisões. Segundo a planta, no interior das duas casas da segunda fila existia uma escada que levava ao adarve. Duarte de Armas não deixou indicações se as casas eram térreas ou sobradadas. Na planta, este conjunto de casas parece ser muito pequeno, se comparado com as construções do lado NE, mas a muralha NO tinha o dobro do comprimento (42v 3p pelo exterior). Considerando isso, podemos supor que a extensão deste edifício poderia medir entre 10 a 15 v ao longo da muralha, e entre 7 a 10 v em profundidade, o que nos dá áreas entre 85 e 180 m². Estes números e a composição da construção fazem-nos pensar se, porventura, não seriam estas as casas do alcaide-mor?

Em Vilar Maior (Anexo 1. Pp. 203-205) existiam cinco *apousentamentos velhos* adossados à muralha SO, uma *casa sobradada boa e noua* no centro da praça, com uma divisão por piso, de entradas independentes, e com a escada exterior de acesso ao sobrado. Mais uma casa estava adossada à escada que subia à entrada da torre de menagem. Se a *casa nova* não foi construída para *armaria e mantimentos*, como tinha acontecido em Segura e em Idanha-a-Nova, poderia ser feita para residência do alcaide, a exemplo do castelo de Salvaterra. No último caso era constituída por um ou dois compartimentos, loja/sala polivalente ou sala térrea/câmara. Caso contrário, usava-se a torre de menagem para este fim. Atualmente, no lugar que mais ou menos coincide com localização da *casa nova* veem-se fundações de uma outra construção, muito mais complexa, eventualmente erguida muito mais tarde (Anexo 2. Figura 52).

²²⁰ JORGE, Carlos Henrique Gonçalves, *O Concelho de Sabugal em 1758. Memórias Paroquiais*. Edição da Associação Recreativa e Cultural dos Forcalhos, 1990, p. 87.

d. Torres de menagem

As torres de menagem nos castelos das Beiras eram construções fortes e imponentes, embora as suas dimensões sejam mais modestas, se comparadas com as torres de menagem do Alentejo (Tabelas 1 e 3). Nenhuma das torres estava dotada de chaminé, apenas as de Segura, Almeida e Castelo Rodrigo eram abobadadas, e somente nas de Idanha-a-Nova, Salvaterra e Penamacor se rasgavam janelas. Por outro lado, é nesta região que se registam mais torres de planta poligonal: hexagonais em Castelo Branco e em Penha Garcia, pentagonal no Sabugal.

Como mencionado na introdução deste capítulo, praticamente todos os castelos das Beiras beneficiaram das obras de reparação ou remodelação nos primeiros quinze anos do reinado de D. Manuel. Nos castelos de Segura, Penamacor, Almeida e, possivelmente, Penha Garcia, as torres de menagem foram abrangidas por essas obras. Em 1512, por mestre João de Ortega, foram feitas duas abóbodas na torre de menagem de Sabugal²²¹.

Entretanto, se para os castelos do Algarve e Alentejo Duarte de Armas se referia aos "apousentamentos" bons ou estragados no interior das torres, nas plantas das praças das Beiras essa indicação não aparece. Há informações sobre a quantidade de vãos, a existência de abóbodas, altura e grossura de paredes, presença de um aljube em Monsanto, ou o estado ainda inacabado da Torre de Penamacor. Sobre os aposentos, nada. Por outro lado, as cinco descrições das torres de menagem beirãs incertas nos *Tombos da Ordem de Cristo* são bastante lacónicas, referindo apenas os materiais usados e o estado de conservação.

Em Idanha-a-Nova, onde a entrada da torre se encontra no interior da residência do comendador, temos a seguinte descrição: "... huua torre de menagem alta a muy forte. toda de cantaria laurada e bem ameada. e quasi no meyo della huu portal pequeno bem feito com suas portas bõas. e tem dous sobrados. bem madeirada de nouo e telhada de telha vã E sobem pera esta torre per huua escaada de pedra per dentro de huuas casas que som apousentamento do comendador".²²² Não há referências sobre o uso desses dois vãos, mas na *vista da banda do norte* (fl.54) no piso superior há uma janela em arco duplo. Esta janela e o facto de a torre estar rodeada pelas casas *que som apousentamento do comendador*, faz pensar no possível uso desse espaço como habitação.

Para o castelo de Segura os *Tombos* mencionam "huua torre de menagem toda de canteria. do meyo pera cima. feita de nouo e tem huu portal pequeno com suas portas muyto forte pera o qual sobem per huua escaada de pedra de xij degraaos.\\ sobre ho dicto portal tem outra guarita de cantaria nouamente feita./ tem ha dita torre logo na primeira entrada huu sobrado e debaixo delle huu aljube. e tem mais açima outro sobrado pera que sobem per huua escaada de madeira com seu mainel todo bem obrado. e tem em cada sobrado sua freesta ao norte./ e do dito sobrado de çima sobem per huua escaada de madeira e des i per outra escaada de pedra que uay pello moçio da parede da dita torre teer açima a aboueda e tem no topo da escaada. Huua porta d alçapõoe forte. e tem ha dita aboueda fecto o terreiro de cima de cal muyto chãao com seu peitoril ameyado e fecto de nouo e bem obrado com suas seeteiras dobradas"²²³

²²¹ SIPA, Sistema de informação para o património arquitetónico. Consultado em Dezembro de 2016 no endereço: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2961

²²² GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, p.190.

²²³ GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, p.184.

Tabela 3. Torres de menagem. Beiras.

Nome de castelo	Altura (m)	De lado (m)	Vãos/Abóbodas	Janelas/Frestas /Chaminés	Reinado de construção
Castelo Branco	17	6.6 x 10.5 (2) x 3.3 ²²⁴	2/-	-	D. Afonso IV ²²⁵
Idanha-a-Nova	14	7.7 x 6.6	3/- ²²⁶	1/3/-	D. Sancho I
Segura	15	8.1 x 8.1	4/1 ²²⁷	-/3/-	D. Dinis
Salvaterra	13	8.8 x 8.8	4/- ²²⁸	2/-/-	D. Afonso III
Penha Garcia ²²⁹	12	3.3 x 4.4 ²³⁰	3/-	-	D. Dinis
Monsanto	18	5.5 x 6.4	3/-	-/2/-	D. Afonso Henriques
Penamacor	16 ²³¹	8.8 x 8.8	3/-	1/-/-	D. Manuel
Sabugal	27	8.8 x 7.2(2) x 6.6 (2) ²³²	3/- ²³³	-/9/-	D. Dinis
Vilar Maior	17	6.6 x 7.2	3/-	-/6/-	D. Dinis
Castelo Mendo	11	5 x 4.4	1/-	-	D. Dinis
Castelo Bom	20	11.5 x 12.3	2/- ²³⁴	-/5/-	D. Dinis
Almeida	24	13.2 x 13.2	2/2	-/7/-	D. Dinis
Castelo Rodrigo	19	7.2 x 6.6	3/1	-	D. Dinis

Aqui também se omite o uso dado aos sobrados da torre, embora se refira a boa qualidade da construção. Como a casa de alcaide, descrita nos *Tombos*, se encontra bastante afastada da torre de menagem (25 v), é provável que esta fosse apenas para uso militar, e/ou como espaço para reuniões.

Os *Tombos* são muito detalhados no que toca à praça de Castelo Branco e ao

²²⁴ Esta torre é hexagonal, mas as dimensões limitam-se a dois lados (Fl.126)

²²⁵ SIPA. Consultado em Novembro de 2016.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495

²²⁶ Nos *Tombos* estão referenciados dois sobrados. GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, p.190.

²²⁷ Nos *Tombos* estão indicados dois sobrados e um aljube por baixo do primeiro sobrado; cada sobrado tinha a sua fresta contra o Norte. GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, p.184.

²²⁸ Nos *Tombos* refere-se que esta torre se encontrava em mas condições, e dos três sobrados já só tinha dois. GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, p.152.

²²⁹ Os dados dos *Tombos*, de Outubro de 1505, divergem muito dos apresentados no *Livro das Fortalezas*, de 1509. A informação da Ordem de Cristo fala-nos de uma torre com altura de uma lança de armas, dois vãos, e uma área de 2.75x2 m. (ANTUNES, A. Pires. *Penha Garcia na Ordem de Cristo*, pp. 349-350). Não encontramos provas documentais, mas é possível que a torre tenha sido reconstruída durante esses quatro anos.

²³⁰ A torre tem planta hexagonal, mas Duarte de Armas deixou medidas apenas para dois lados (fl. 127).

²³¹ Em 1509, quando ainda não estava acabada. Atualmente a torre tem três vãos, o inferior está fechado. A entrada encontra-se ao nível do primeiro andar, do lado Este. No segundo, rasga-se uma janela de verga reta, virada a sul. A torre está construída em cima de um afloramento de granito e tem um grande desnível entre alçado nascente (cerca de 15 m de altura) e poente (cerca de 22 m de altura). (SIPA,

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=844).

²³² Esta torre tem planta pentagonal.

²³³ Atualmente a torre tem dois vãos e abóbodas.

²³⁴ Não há dados sobre vãos na planta do *Livro das Fortalezas* (fl. 128v), pela posição das frestas calculamos que a torre tivesse dois.

Paço dos Comendadores, mas não no que diz respeito à torre de menagem, totalmente omissa. Na descrição do Paço refere-se que a *hũu canto da dicta salla estaa hũua escaada de pedraria de çinquo degraaos com seu portal e portas bõoas que uay pera ho muro e pelo dicto muro vay hũu corredor que ora se guarneçe d ameas de nouo de hũu cabo e do outro a vay teer a hũua torre grande e forte que no canto do dicto muro estaa e chama se há torre aluarrãa e tem hũu sobrado e he forrada d oliuel e cuberta de telha*²³⁵. Este *portal* está indicado na planta de Duarte de Armas (fl.126), aberto para o adarve da muralha norte que leva às duas torres: a primeira adossada à muralha pelo exterior, sensivelmente a meio, tem uma altura de 9 v e 2v de lado, *he cuberta de huu vaao*; a segunda torre é a de menagem que se encontra no ângulo NO, uma construção imponente (fls.52, 53, 126), e que embora não muito alta, (17 m), ocupava uma área considerável, acima dos 70 m², com dois vãos, ao que tudo indica, cegos. É a maior e mais forte das sete torres existentes no castelo, mas não é albarrã, como, aliás, nenhuma das outras. Dessa maneira, considerando que a torre descrita nos *Tombos* era *grande e forte* e se encontrava *no canto do dicto muro*, achamos que o autor se referia à torre de menagem, mas, por alguma razão, enganou-se na definição. Neste caso, dos dois vãos indicados por Duarte de Armas, um era o sobrado *forrado d oliuel e cuberto de telha*, e o outro poderia ser o térreo. A torre de menagem de Castelo Branco, como no caso de Segura, é afastada da habitação. Com as condições de conforto que o Paço oferecia, é muito provável que a torre fosse usada apenas em ocasiões especiais.

Em Salvaterra, embora rodeada por outras casas, a torre de menagem, segundo os *Tombos*, apresentava fortes sinais de degradação: *dentro nesta çerqua estaa hũua torre de menagem forte e de bõoa altura. de cantaria e aluenaria fectas has paredes rebocadas de cal. bem ameada. ha qual torre sohia teer tres sobrados. e agora tem dous. hũu debaixo mujto uelho e podre e mujto roto. e no de çima estam soos duas vigas sem outra nenhũua madeira E no andar do segundo sobrado tem ho portal per onde se serue. com suas portas uelhas. com duas seteiras hũua ao levante e outra ao sul. e tem no andar de çima duas janelas./ he bem madeirada do castanho e mal telhada de telha uãa. e leua oito uaras de longo e quatro e meya de largo*²³⁶.

Esta informação data de 1505. Quando Duarte de Armas fez levantamento do castelo de Salvaterra, em 1509, escreveu na planta (fl.126v) que *esta tore damenagem tem quatro vaaos e tem daltura 12v e agrosura do muro della 1v+*. Na planta que desenhou, está indicado que a torre tinha 8v de lado o que difere das medidas apresentadas nos *Tombos*. De acordo com os desenhos (fls.57 e 58), rasgavam-se duas janelas de verga reta, no último sobrado, nas paredes N e E, e três troneiras, uma na parede S, e duas na parede N, por cima e por baixo da janela. Já quanto à entrada da torre, embora ela não apareça na planta e nos desenhos, segundo o *Tombo*, abria-se ao nível do segundo sobrado, porventura na única parede livre das construções e servida por uma escada amovível.

Como no castelo foram feitas várias obras no decorrer desses quatro anos, é muito plausível que a torre de menagem também tenha sido intervencionada, razão porque na planta aparece a informação sobre quatro vãos. No que diz respeito a discrepância das medidas de largura e comprimento, trata-se possivelmente do erro de uma das partes.

A nova casa do alcaide ficou afastada da torre de menagem, que já se encontrava rodeada por serventias (estrebria, palheiro, casas das armas), mas o espaço exíguo

²³⁵ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*, vol. 5, p. 244.

²³⁶ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*, vol. 5, p.152.

deste aposento (apenas uma divisão) podia ser aumentado por conta dos sobrados da torre.

Nas plantas de Duarte de Armas, para as quatro torres acima descritas, está indicado um vão a mais dos referenciados no *Tombo*. Já que neste se usa o termo “sobrado” e no *Livro das Fortalezas* o termo “vão”, parece-nos que esta divergência possa explicar-se através da existência do piso térreo nas torres de menagem.

A descrição da torre de menagem de Penha Garcia, que podemos ler no *Tombo*, não corresponde à informação do *Livro das Fortalezas*. As fundações que persistem no local correspondem mais às medidas apresentadas por Duarte de Armas. Mesmo assim, a torre não tinha mais que 15 m² por piso (Tabela 3). Com áreas muito diminutas, paredes cegas (fls.59-60) ou talvez rasgadas por umas frestas muito estreitas, e localizada por cima do penedo de difícil acesso, é duvidoso que fosse usada como habitação permanente, assim como a torre de menagem de Castelo Mendo que se encontrava no meio dos pardieiros (fls.69, 70, 128). Esta última, é a torre mais baixa de todas até agora apresentadas. Construída por cima de uma escarpa e adossada pelo exterior à muralha SO do castelo, era maciça até o nível do adarve, por cima do qual subia o seu único vão. O acesso à porta era servido pela mesma escada que subia até a boca da cisterna que se encontrava do outro lado da muralha (Anexo 2. Figura 53). Como a diferença das cotas entre o embasamento da torre e a praça praticamente correspondia à altura da muralha, Duarte de Armas escreveu na planta que a torre tem *huñ vão tereo no andar do muro* (fl.128).

Nos castelos de Sabugal, Monsanto, Vilar Maior e Castelo Bom as torres de menagem, com as suas dimensões generosas, salas iluminadas por copiosas frestas e com as escadas de acesso construídas de propósito, poderiam ser usadas como habitação, mais ainda, face ao número reduzido de casas no interior destas praças: três casas com sobrados em Monsanto, apenas uma nas restantes. O interior da torre de menagem do Sabugal foi reconstruído poucos anos depois do levantamento de Duarte de Armas, recebendo duas abóbodas nervuradas e uma escada de pedra, apoiada em meio-arco falso, que ligou dois sobrados²³⁷ (Anexo 2. Figura 58 e 59). Em Vilar Maior no interior da torre ainda persistem as escadas de pedra com degraus fincados nas paredes, que acediam aos sobrados (Anexo 2. Figura 61). As outras duas torres, não resistiram ao tempo.

A torre de menagem de Castelo Rodrigo também tinha boas dimensões, mas nos desenhos (fls. 75 e 76) apresenta-se com paredes cegas. Estava adossada à muralha SO pelo lado exterior e tinha acesso a partir do adarve. Encontrava-se afastada das duas casas sobradadas.

No castelo de Almeida, a torre de menagem, maior de todas em área, tinha dois pisos abobadados. Nos desenhos de Duarte de Armas (fls.73 e 74) são visíveis sete frestas rasgadas nas paredes, mas a sua disposição em serpentina parece indicar que serviam para iluminação da escada ou rampa aberta na espessura das paredes, a exemplo de Olivença e Mourão. Tinha o caminho de ronda à volta do telhado armado em quatro águas, com acesso aos quatro balcões com matacães. Na praça de Almeida, como mencionamos acima, existia uma casa grande, com quatro divisões contíguas, um grande janelão duplo e uma chaminé, localizada do lado oposto da praça e separada da

²³⁷ Site do SIPA. Consultado em Novembro de 2016:
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2961

torre de menagem por outras construções. Com a existência de bons aposentos para alcaides, é provável que as torres de menagem de Castelo Rodrigo e de Almeida, como em Castelo Branco ou em Segura, estivessem sobretudo preparadas para as funções militares, reuniões e ocasiões especiais.

e. Materiais de construção e elementos decorativos.

Os materiais de construção na região de Beiras não são tão diversificados como no Alentejo. A preferência vai, sem sombra de dúvida, para o granito, presente em todos os castelos. Apenas as muralhas dos castelos de Sabugal e de Penha Garcia são feitas em alvenaria de xisto. No Sabugal, ainda assim, o granito surge nos cunhais das muralhas e das torres. A parte inferior da muralha NO e a cerca da vila, da qual ainda persistem alguns troços, são construídas em cantaria de granito (Anexo 2. Figura 54). É provável que o castelo primitivo fosse erigido no mesmo material. Completamente reconstruído no reinado de D. Dinis, assim como a fortaleza de Castelo Rodrigo, adquiriu a nova feição e com ela - novos materiais. Como sugere João Luís Vaz, talvez fosse a necessidade urgente de levantar as muralhas do castelo que obrigasse o monarca a recorrer a alvenaria feita de pedra xistosa misturada com argamassa²³⁸. Nas *Memórias Paroquiais*, as muralhas são descritas como construídas de *pedra piçarra ferrenha argamassada com hũa argamassa mais dura que a mesma pedra*²³⁹.

As muralhas e cercas de Segura, Monsanto, Penamacor, Vilar Maior, Castelo Mendo e Castelo Bom foram construídas com o recurso à técnica da cofragem: colocação de grandes silhares de pedra nas faces exteriores e enchimento de interior com pedra miúda. As torres de menagem de Vilar Maior e Castelo Mendo são mais tardias que as muralhas, sendo a diferença das épocas de construção visível na forma e tamanho de silhares, bem como na forma do seu aparelhamento (Anexo 2. Figura 55).

Os silhares de granito também foram usados para a construção das portas de castelos e torres. A sua forma nas Beiras também é diferente das do Alentejo. Se nos castelos alentejanos o modelo predominante era do arco quebrado no exterior e abóbada abatida no interior, nas fortalezas beirãs ele varia entre o arco pleno acompanhado por abóboda de berço e arco quebrado com o mesmo tipo de abóboda (Anexo 2. Figura 56). Os arcos abatidos estão presentes apenas nos castelos de Monsanto, na entrada do baluarte que protege a Porta da Vila, e no castelo de Penamacor, na porta de entrada da torre de menagem, duas construções que datam do século XVI (Anexo 2. Figura 57).

As paredes das casas, segundo testemunhos documentais, erigiam-se em alvenaria de pedra e barro²⁴⁰. Mas, na região beirã, o conceito dessa designação é muito diferente do que encontramos no Alentejo. Se para os castelos do sul isso significa pedra xistosa misturada com argamassa, para a região do centro trata-se, de novo, de granito.

As construções eram feitas com recurso a técnicas diferentes: *ha meatade de canto laurado e ho mais d alvenaria de pedra e barro*, como a casa do alcaide em Salvaterra²⁴¹. Os silhares e lages de granito também se usavam para as janelas e portas, arcos de alpendres e na construção de escadas, seus peitoris e maineis. Os exemplos dessas construções persistem nas vilas raianas até aos nossos dias (Anexo 2. Figura 60). Além dos silhares e pedra irregular, usavam-se adobes, como no castelo de Segura onde

²³⁸ VAZ, João Luís, *Sabugal. Esboço de uma monografia*. Viseu, 1979, p. 13.

²³⁹ JORGE, Carlos Henrique Gonçalves, *O Concelho de Sabugal em 1758. Memórias Paroquiais*. P.87.

²⁴⁰ As descrições dos castelos que apresentamos acima, são retiradas dos *Tombos da Ordem de Cristo*, publicados por GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5 e já por diversas vezes citado.

²⁴¹ GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, pp. 151-153.

as casas do alcaide tinham *as paredes de pedra e barro e adobes bem corregidas*²⁴². As juntas de pedras protegiam-se com cal, que também se usava para cafelar as paredes, tanto por fora como por dentro, e para cobrir os eirados (em Idanha-a-Nova, a cisterna tinha *hũu eirado boom feito com sua capa de cal*²⁴³). O uso de reboco é igualmente referenciado praticamente em todos os documentos. Em Penha Garcia as paredes das casas eram feitas de pedra e barro (aqui foi usada a pedra xistosa) *e barradas por cima sobre ripas grossas e bastas*²⁴⁴. As paredes barradas também se documentam para a sala e câmara da residência do alcaide-mor de Segura²⁴⁵.

As coberturas das casas na sua esmagadora maioria eram feitas da telha armada sobre a estrutura de madeira. Apenas para Penha Garcia está documentado o uso de cortiça na cobertura de estrebaria e do palheiro²⁴⁶. A madeira usava-se igualmente para o fabrico de portas e portadas, escadas interiores e exteriores e seus maineis, bem como para o forro de tetos e soalhos. A presença desses últimos está referida apenas para as casas de armaria e mantimentos nos castelos de Idanha-a-Nova e Segura, e no celeiro de Penha Garcia. Já a existencia de tetos *oliuellados* numa residência é documentada somente para o Paço de Comendadores de Castelo Branco. Nos outros castelos da Ordem de Cristo eram outra vez as casas de armaria e mantimentos em Idanha-a-Nova, Segura e Salvaterra, e o celeiro de Penha Garcia que tinham os tetos forrados com madeira.

É generalizado o uso de grades de ferro nas janelas e frestas. Das 17 fenestranças existentes nas casas dos castelos da Ordem, oito estavam protegidas com gradeamentos. Para além disso, o ferro usava-se para fabrico de dispositivos de segurança, como ferrolhos, fechos e fechaduras, e para peças que prendiam as madeiras.

Embora para esta região ainda não estivesse muito generalizado o uso de chaminés, havia quatro no Paço de Castelo Branco, duas na casa de alcaide-mor de Segura, e uma na alcaidaria de Almeida. Os materiais para o seu fabrico variavam entre a cantaria de granito, o tijolo e barro, sebo e barro. Em Castelo Rodrigo o tijolo também foi usado para enquadrar as janelas e portas das casas.

Dos treze castelos que outrora guardavam a raia das Beiras, existem atualmente, em diferentes estados de conservação, apenas cinco: Penha Garcia, Monsanto, Sabugal, Vilar Maior e Castelo Rodrigo. As fortalezas de Idanha-a-Nova, Segura, Salvaterra do Extremo, Castelo Bom e Almeida desapareceram por completo e, dos restantes, subsistem apenas parques vestígios. É difícil tirar conclusões sobre o uso de elementos decorativos na ausência de testemunhos materiais. Acresce que na documentação coeva as referências aos acabamentos são sempre muito genéricas. Na descrição do Paço de Castelo Branco, referem-se os arcos *muito bem obrados* do alpendre, das colunas de pedra que suportavam a cobertura da varanda que tinha o *seu peitoril de pedraria bem obrado* e da escada exterior com *mainel debruado*. Tendo em conta que o Paço foi construído (ou reconstruído) no século XV, é muito provável que as arestas dos arcos fossem chanfradas, que as bases das colunas estivessem decoradas com lóbulos ou elementos enrolados, e os capitéis com elementos vegetalistas, como se vê nos paços do castelo de Leiria e de Porto de Mós. Há fotografias da fachada sul (correspondente à *vista da banda do sull*, fl.52) e da torre E, datadas de 1932 (Anexo 2. Figura 47), nas quais ainda se veem os três corpos que constituíam o Paço, mas a sua aparência é muito diferente da apresentada por Duarte de Armas e descrita nos *Tombos*.

²⁴² GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, pp. 163-165.

²⁴³ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, pp. 189-192.

²⁴⁴ ANTUNES, A. Pires, *Penha Garcia na Ordem de Cristo*, pp. 349-350.

²⁴⁵ GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. 5, pp. 163-165.

²⁴⁶ ANTUNES, A. Pires, *Penha Garcia na Ordem de Cristo*, pp. 349-350.

No que concerne aos desaparecidos castelos de Idanha-a-Nova, Salvaterra e Segura, os *Tombos* informam-nos sobre as pedras de armas (*quinas reaes com sua coroa em pedra*) que eram colocadas em cima das portas das casas de armaria e mantimentos, e do desaparecido celeiro no castelo de Penha Garcia. Também o mainel da janela dupla da torre de menagem em Idanha-a-Nova, assim como os seus arcos, poderia eventualmente ter alguns elementos decorativos.

As reformas do reinado de D. Dinis são testemunhadas pela presença do seu brasão por cima de uma das frestas e no tímpano da porta da torre de menagem do castelo do Sabugal (Anexo 2. Figura 58); envolvido por uma moldura torneada, na parede SE da torre de menagem do castelo de Vilar Maior. Esta torre, embora sem cobertura, tem paredes muito bem conservadas. Ainda se encontram em muito bom estado as duas escadas pétreas, com degraus fincados, que ligavam dois sobrados e acediam à cobertura. A fresta de maior dimensão, rasgada na parede SE, pelo lado exterior está envolvida por uma moldura torneada, igual a do brasão de D. Dinis. As três frestas do piso térreo têm lintéis em forma de *sholder arch* (Anexo 2. Figura 61). As duas portas do castelo de Vilar Maior são de arco quebrado apoiado em impostas decoradas com uns cortes horizontais. Um outro brasão, arcaico e envolvido por uma moldura torneada, persiste por cima da torre do relógio em Penamacor.

As inovações do reinado de D. Manuel são igualmente assinaladas pela colocação do seu brasão e das esferas armilares que podemos ver em cima da porta do baluarte que protege a Porta da Vila de Monsanto (aqui persistiu apenas uma esfera armilar), e na parede SE da torre de menagem de Penamacor. Em cima da porta da torre é ainda visível uma moldura com uma corda esculpida em pedra (Anexo 2. Figura 57 e 62), um dos elementos decorativos mais populares no reinado deste monarca. Na fortaleza de Castelo Rodrigo as pérolas no embasamento do cubelo que fazia parte da barbacã do lado NO, são igualmente testemunho das obras realizadas a mando de D. Manuel (Anexo 2. Figura 62).

Outros elementos decorativos perduraram até os nossos dias, como o frontão triangular de Castelo Rodrigo, apoiado em restos de pilastras e em cujo tímpano surge o brasão de D. João I. Esta composição, certamente muito posterior à visita de Duarte de Armas, envolvia a porta principal do castelo (Anexo 2. Figura 62).

A torre de menagem do castelo de Sabugal, reconstruída na segunda década do século XVI, ainda preserva as suas abóbodas com nervuras boleadas e chaves com quinas de Portugal circunscritas por cordas (Anexo 2. Figura 59). No primeiro andar, as nervuras são apoiadas por colunas de fustes lisos e capitéis de gola dupla. No segundo andar, as colunas são substituídas por mísulas com decoração geométrica.

Da mesma forma que no Alentejo, nas vilas das Beiras ainda há muitas casas com portas e janelas datadas dos séculos XV e XVI. Os elementos decorativos que elas exibem, bem poderiam ter sido usados nas casas das alcaidarias.

Conclusão.

No final deste trabalho importa sublinhar algumas ideias principais. Parece poder detetar-se dois tipos de alcaidarias: as que foram expressamente construídas para serem habitadas pelos detentores do cargo; outras, destinadas aos seus substitutos. Na realidade, o facto comum do alcaide-mor se ausentar, transferindo as suas competências para pessoas da sua confiança, mas de nível social mais baixo, poderá eventualmente justificar a grande discrepância entre estas residências, representando um investimento muito diferente. Assim, por um lado, encontravam-se as casas apalaçadas construídas no interior dos castelos que se localizavam perto dos centros políticos ou comerciais, e que, pelo menos temporariamente, foram habitadas por alcaides-mores, nem que fossem usadas apenas como casas de veraneio ou durante a época de caça. Por outro lado, em muitos outros castelos, encontravam-se residências muito mais simples, constituídas quase só por um compartimento, em locais que Luís Miguel Duarte caracterizou como “ninhos de águia onde não morava ninguém a não ser desafortunadas guarnições”²⁴⁷. Interessou-nos particularmente o primeiro modelo.

Uma residência construída entre os finais do século XV e os inícios do XVI, no interior de uma praça-forte, por e para um membro da alta nobreza e a sua família, não seria muito diferente das outras casas senhoriais que se erigiam no seio das vilas ou no mundo rural. Seria, aliás, muito similar às *domus fortis*, descritos por Carlos Azevedo, José Custódio Vieira da Silva e Mário Jorge Barroca²⁴⁸, principalmente nos casos em que a torre de menagem ou outra torre do castelo era envolvida pelo espaço da habitação.

A construção das casas no interior das praças-fortes, na maioria dos casos, fazia-se em alvenaria de pedra irregular, xistosa ou calcária, mais ao sul, e de granitos e basaltos, mais ao norte, assente em argamassa. As paredes rebocavam-se ou cafelavam-se por fora e por dentro, e pintavam-se com cal. As coberturas de formas diferentes eram sempre feitas de telha vã armada sobre asnas de madeira de carvalho. A altura das paredes podia superar a altura das próprias muralhas do castelo, fazendo-se, nesses casos, os sobrados com o aproveitamento dos adarves, organizando-se por baixo mais dois pisos, o entressolho e o sótão.

O interior da residência do alcaide-mor tinha, em média, três ou quatro compartimentos contíguos, ligados entre si por portas interiores, dos quais um era a sala e os outros cumpriam a função das câmaras. A sala era frequentemente térrea, ao passo que as câmaras ocupavam sempre o piso superior. As áreas das divisões variavam entre os 15 e os 70m². Não havendo ainda corredores, a sua função de garantir o acesso individual a cada um dos compartimentos foi frequentemente transferida para alpendres ou varandas que precediam os espaços de habitação. Dessa forma, conseguia-se uma maior privacidade. Algumas das câmaras tinham, em divisões adjacentes, as suas guarda-roupas, compartimento típico dos paços nobres. O acesso aos sobrados fazia-se

²⁴⁷ DUARTE, Luís Miguel, *1449-1495: O Triunfo da Pólvora*, in BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.) *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 1. Lisboa: Circulo de Leitores, 2003, p.369.

²⁴⁸ SILVA, José Custódio Vieira da, *Paços Medievais Portugueses*. Lisboa: IPPAR, 1995, pp. 168-186. AZEVEDO, Carlos, *Solares Portugueses. Introdução ao estudo da casa nobre*, 2ª edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1988. BARROCA, Mario Jorge. *Torres, Casas-torres ou Casas Fortes: a concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média*. Separata da Revista de História das Ideias, vol. 19. Coimbra: Faculdade de Letras, 1997/98.

por escadas exteriores, feitas de pedra ou tijolo, ou interiores, de madeira. Em ambos os casos, tinham os seus mainéis bem trabalhados, sendo os patamares superiores da escada exterior resguardados por peitoris e protegidos por alpendres cobertos de telha

A construção da habitação raramente se fazia de forma planeada. Era fruto de acrescentos sucessivos às casas já existentes, em função da necessidade ou quando a vontade e a disponibilidade financeira o permitiam. Por isso, seja nos desenhos do *Livro das Fortalezas* nas iluminuras medievais, como nos testemunhos físicos ainda persistentes, podemos ver construções compostas por vários corpos com configurações diferentes de janelas e portas rasgadas numa mesma parede. Acréscimos que estavam também na origem de desníveis entre as divisões do mesmo piso, superados por escadas de *poucos degraus*. Conforme se iam construindo as casas, armavam-se as coberturas. Embora cobrissem casas erguidas paredes-meias, podiam ter formatos diferentes, de uma só água até à cobertura cónica. As casas podiam ser construídas à volta da torre de menagem, incluindo-a diretamente no espaço residencial, ou ser adossadas a outras torres do castelo. Isso aumentava consideravelmente a área e a quantidade de compartimentos, mas acentuava os desníveis interiores e, certamente prejudicava a função militar do castelo.

A iluminação diurna garantia-se pela presença de grandes janelas, muitas vezes dotadas de assentos opostos, proporcionando para além da luz a contemplação de vistas, especialmente espetaculares se rasgadas nas paredes das torres de menagem.

As vidraças estavam ainda longe de serem comuns pelo que a proteção das janelas era feita com portadas de madeira, protegidas por grades de ferro que podiam cobrir a janela toda ou ser feitas em forma de peitoris. As portas, interiores e exteriores, também se faziam de madeira. Tanto portadas como as portas tinham os seus dispositivos de segurança: trancas, ferrolhos, fechaduras, etc., de madeira e/ou de ferro.

As paredes interiores, como já referido, rebocavam-se e caiavam-se, e os tetos forravam-se com painéis de madeira, caniços ou cortiça que garantiam um melhor isolamento do frio e do calor, assim como proporcionavam um aspeto mais acabado. O chão de salas térreas era ladrilhado ou revestido por tijoleira, enquanto as câmaras sobradadas tinham chão de soalho. Lareiras e chaminés eram mais um elemento que conferia maior conforto às salas e às câmaras. Privadas, latrinas ou retretes eram já muito comuns à época. A latrina podia ser colocada do lado exterior da muralha à qual as casas estavam adossadas, enquanto a retrete, por causa da acumulação das imundices, se localizava em local mais afastado da habitação.

A parte residencial representava o núcleo da alcaidaria, à volta do qual se construía várias serventias. Entre essas, encontravam-se as cozinhas, despensas, adegas, estrebarias, palheiros, celeiros, etc., da mesma forma que em todas as outras residências senhoriais, principalmente rurais, das quais as alcaidarias se diferenciavam pela presença de aljubes, casas de armaria e mantimentos. Como ainda não havia hábito de separar os espaços de habitação e serviços relacionados do outro tipo de serventias, poderia a estrebaria encontrar-se por baixo da sala, enquanto a cozinha e despensa ficavam do outro lado da praça ao pé do poço ou da cisterna. Esta mescla funcional também se justifica pela ordem da construção, as casas das serventias, da mesma forma que a habitação, levantavam-se conforme a necessidade ditava.

Realmente raro nas praças-fortes eram as casas para guarnição. Aos moços e mancebos que a constituía reservavam-se os balcões das cozinhas, celeiros ou palheiros, ou, quanto muito, os espaços no interior de algumas torres.

As capelas faziam parte de várias alcaidarias. Construía-se no interior das praças, as vezes em locais afastados das outras casas.

A decoração exterior das casas não era muito abundante, podendo-se resumir a lintéis e ombreiras trabalhadas, arcos com chanfro, e colunas das varandas com capitéis e bases com alguns elementos decorativos.

Os “espaços verdes”, laranjais, pomares ou pequenos jardins, eram igualmente presença frequente no interior das praças. No interior desses espaços faziam-se *poyaes d'arredor* das árvores, abrigados pela sua sombra.

O interior das casas era, ou podia ser, muito mais requintado. Os acabamentos finais, o mobiliário ou os tecidos e tapetes usados em finais da Idade Média estão muito bem representados em obras pictóricas da época, pinturas e iluminuras e foram detalhadamente estudados por Oliveira Marques em *A Sociedade medieval Portuguesa. Aspetos da vida quotidiana*²⁴⁹, obra à qual recorreremos para compreender como era a casa do alcaide-mor.

Fizemos já referência aos tetos forrados de madeira e a paredes caiadas. Mas “o símbolo de conforto e da elegância das habitações medievais estava no revestimento das paredes e dos soalhos”²⁵⁰. Usava-se com grande frequência as peças de couro, *godemecis*, revestindo rodapés, dosséis e paredes, sobretudo no canto onde ficava a cama ou leito. Protegiam do frio, do calor e dos bichos. Feitas de pele de vaca, vitelo, carneiro ou cabra, eram envernizadas, podendo ter desenhos de cariz vegetalista incisos. Outras peças, mais simples, colocavam-se à maneira de alcatifas, por baixo das camas²⁵¹.

Nas casas das famílias mais abastadas era frequente encontrar a totalidade das paredes revestidas com *panos de armar*, expressão que nessa época abarcava todos os tipos de tapeçaria. Noutras residências praticava-se o uso de *cercamentos* que poderiam ser armados e retirados quando necessário — nas ocasiões festivas ou durante o inverno para dar mais conforto — ou restringia-se o seu uso à uma ou duas paredes. Muitas vezes compartimentavam-se as áreas muito amplas das salas e câmaras com cortinados (*reposteiras*) ou panos de rás²⁵².

Pese embora referir-se a um exemplo real e como tal exigir um cuidado acrescido na generalização ao seu uso pela grande nobreza, apresentamos aqui um excerto do Capítulo CXVII da *Vida e Feitos de D. João II*, que fala sobre os preparativos para grande festa de casamento do Infante D. Afonso com a Infanta de Castela, e onde se descrevem os tipos de têxteis e outros objetos de decoração e os países da sua proveniência:

E mandou logo hũa caravela muy armada a Italia com fiteiros pessoas de que confiava, com grande soma d'ouro que compraram e trouxeram grande soma de ricos brocados, tellas d'ouro e de prata e muitas e muy ricas sedas, e assi muita pedraria e muitas outras cousas pera as ditas festas, assi pera arreos e vestidos das pessoas reaes e suas salas, camaras, camas e guarda-roupas, como pera toda a corte. (...) Mandou mais vir d'Alemanha, Frandes, Inglaterra, e Yrlanda em navios muytas e muy ricas tapacerias e

²⁴⁹ OLIVEIRA MARQUES, A.H., *A Sociedade medieval Portuguesa. Aspetos da vida quotidiana*. Lisboa: Editora Livraria Sá da Costa, 1974.

²⁵⁰ OLIVEIRA MARQUES, A.H., *A Sociedade medieval Portuguesa*, p. 84.

²⁵¹ OLIVEIRA MARQUES, A.H., *A Sociedade medieval Portuguesa*, p. 84.

²⁵² OLIVEIRA MARQUES, A.H., *A Sociedade medieval Portuguesa*, pp. 83-84.

*panos de lam muyto finos.*²⁵³

O chão feito de ladrilho ou de soalho cobria-se com tapetes, peles ou esteiras, embora essas tivessem maior uso em casas térreas com chão de barro batido²⁵⁴.

Do mobiliário, a peça mais importante, e como tal mais onerosa, era a cama ou leito, termo que dizia respeito ao móvel propriamente dito mas também a todo o conjunto das alfaias que o acompanhavam: colchões, cobertores, mantas, almofadas, colchas, lençóis, etc. Quanto mais abastado era o dono, mais valiosas eram as roupas da cama. “O bom material têxtil era caro em si e os bordados preciosos, quantas vezes a fio de ouro ou de prata, convertiam uma almofada ou uma colcha em alfaia riquíssima”, de forma que esses artigos avaliavam-se a par de muitos objetos de ourivesaria e joias de preço²⁵⁵. Os lençóis feitos de “lenço”, panos finos, eram peças raras mesmo nas famílias mais abastadas; os cobertores faziam-se de peles de animais forrados com pano, sendo os mais usados os de pele de coelho. Havia mantas riquíssimas como as de pele de martas, ou têxteis trazidos da Flandres e de Aragão. O leito nobre era quase invariavelmente coberto por um dossel do qual desciam cortinas que encerravam o espaço da cama, protegendo das correntes de ar e conferindo alguma privacidade a um espaço que era muitas vezes ocupado por mais pessoas, desde logo os homens e criados mais próximos do Senhor, ou as damas de companhia que asseguravam as necessidades da Senhora. Quaisquer deles dormiam no chão, em torno do leito principal. Estes cortinados também se faziam de têxteis valiosos e, nos casos da maior vaidade e desafogo económico, faziam-se conjuntos do cortinado de dossel e colchas, que, de tempos em tempos, se alternavam²⁵⁶. Para além das camas fixas, existiam camas moveis.

Deve ser dessas camas que trata numa carta que, segundo Garcia de Resende, D. João II enviou para os nobres por ocasião dos preparativos do casamento do seu filho:

*Primeiramente el-rey per suas cartas e com palavras de grande confiança, amor e prazer, notificou o dito casamento a todos perlados, senhores e fidalgos principaes de seus reynos, e os convidou pera as festas delle, encomendando a todos que trouxessem consigo somente os contínuos de suas casas, e que de suas pessoas, casas, camas e mesas viessem apercebidos quanto melhor podessem, pera que com honra e abastança podessem agasalhar e festejar os senhores estrangeiros que as festas viessem*²⁵⁷.

Outra peça de mobiliário imprescindível era a arca, móvel plurifuncional que servia para guardar as roupas e utensílios domésticos ou como cama para serviçais. Existiam sob a forma de cofres onde se guardavam joias e outros objetos de valor, ou como bancos corridos, com espaldares ou sem eles, encostados às paredes ou junto a mesas.

Os aparadores postos nas salas para exhibir a baixela eram também muito frequentes, quase sempre forrados de tecidos. Podiam ser muitas vezes simples nichos

²⁵³ RESENDE, Garcia de, *Cronica de D. João II e Miscelânea*. Reimpressão fac-similada da nova edição conforme a de 1798, prefácio de Joaquim Veríssimo Serrão. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa de Moeda, 1973, p. 158.

²⁵⁴ OLIVEIRA MARQUES, A.H., *A Sociedade medieval Portuguesa*, p.84.

²⁵⁵ OLIVEIRA MARQUES, A.H., *A Sociedade medieval Portuguesa*, p. 77.

²⁵⁶ OLIVEIRA MARQUES, A.H., *A Sociedade medieval Portuguesa*, p. 78

²⁵⁷ RESENDE, Garcia de, *Cronica de D. João II e Miscelânea*, p. 157.

nas paredes, com uma ou mais prateleiras, usados para o mesmo efeito. As cadeiras eram raras, usando-se até muito tarde as almofadas. A mesa como peça da mobília era a menos considerada, devendo ser leve para poder ser transportada de um compartimento para outro ou acompanhar os seus donos durante a viagem, sendo comum o uso de uma ou duas tabuas armadas por cima de cavaletes²⁵⁸.

A variedade do mobiliário não era grande, mas a sua escassez em géneros compensava-se pela qualidade de material e de trabalho, o que permitiu a algumas peças chegar aos nossos dias.

No desenvolvimento do presente estudo tentámos conhecer a estrutura das alcaidarias. Terminamos com algumas iluminuras e pinturas coevas que nos permitem vislumbrar, pelo menos aproximadamente como seria o interior de algumas delas.



1



2



3²⁵⁹

²⁵⁸ OLIVEIRA MARQUES, A.H., *A Sociedade medieval Portuguesa*, pp. 80-82.

²⁵⁹ A iluminura 1 apresenta-nos um banco com costas e uma lareira grande (Guyart des Moulins. Roy. 15.D.I.fol. 18), na iluminura 2 podemos ver o interior de uma camara (Livro de Horas de D. Fernando. Fl. 93 vº. MNAA). E na iluminura 3 – a sala em um dos paços portugueses nos finais do século XV (Jean de Wavrin, *Chronique d'Angleterre*, fm do sec. XV, Roy.14.E.IV, fol.244v. Trustees of the Britis Museum).

Fontes e bibliografia citadas.

a. Fontes Impressas:

GONÇALVES, Iria (org.), *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol. 5. *Comendas da Beira Interior Sul (1505)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2009.

GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol. II. *Comendas do Médio Tejo (1504-1510)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2005.

GONÇALVES, Iria (org.). *Tombos da Ordem de Cristo*, Vol. I, *Comendas a Sul do Tejo (1505-1509)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2002.

Las Siete Partidas del Rey Don Afonso El Sabio. Partida II, Título XVIII. Por la Real Academia de la Historia, Madrid en la Imprenta Real, Año de 1807, Tomo II. (Versão on-line: <http://fama2.us.es/fde/ocr/2006/sietePartidasP1.pdf>).

Livro dos Foraes, Escripturas, Doações, Privilégios e Inquirições. Pref. de José Mendes da Cunha Saraiva. Vol.3. Subsídios para a História da Ordem da Malta. Lisboa: Arquivo Nacional do Ministério das Finanças, 1948.

Ordenações Afonsinas, Livro I, Título LXII, Dos Alquaides Moores dos Castellos. Versão on-line: <http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/afonsinas/pagini.htm>

Ordenações Manuelinas, Livro 1, Título LV, Dos Alcaldes Moores dos Castellos. Versão on-line: <http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/manuelinas/>

PINA, Rui; *Cronica de D. João II*; Publicações Alfa.

RESENDE, Garcia de. *Cronica de D. João II e Miscelânea*. Reimpressão fac-similada da nova edição conforme a de 1798, com prefácio de Joaquim Veríssimo Serrão. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa de Moeda, 1973.

SANTOS, Vítor Pavão dos, "Visitações de Palmela e Panoias", *Documentos para a História da Arte em Portugal*, Vol. 11. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

b. Bibliografia.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho. Desde início até 1220*. Trabalho complementar para prestação de provas de doutoramento em História da Arte. Porto: Edição policopiada, 1978.

ANTUNES, A. Pires, *Penha Garcia na Ordem de Cristo*. In CARDOSO, J. Ribeiro (dir.), *Subsídios para a História Regional da Beira Baixa*, Edição da Junta Provincial da Beira Baixa, 1950.

ARMAS, Duarte de, *Livro das Fortalezas*, Edição fac-similada, apresentação de João José Alves Dias. Idanha-a-Nova, 2016.

ARMAS, Duarte de. *Livro das Fortalezas*. Edição fac-similada com a introdução de Manuel da Silva Castelo Branco. 2ª Edição (1ª edição em 1990); Lisboa: Edições INAPA, 1997.

AZEVEDO, Carlos. *Solares Portugueses. Introdução ao estudo da casa nobre*. 2ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

BARROCA, Mário Jorge. *A Ordem do Templo e a Arquitectura Militar Portuguesa do Seculo XII*. In *Portugalia*, Nova Série, Vol. XVII-XVIII, 1996/1997.

BARROCA, Mário Jorge. *Arquitectura Militar*. In BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.). *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.

BARROCA, Mário Jorge. *D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa*. Porto: Universidade do Porto; *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, Vol. XV, Tomo I, 1998.

BARROCA, Mário Jorge. *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico. (Séc. IX a XII)*, in *PORTVGALIA*, Nova Série, Vol. XI-XII, 1990/91.

BARROCA, Mário Jorge. *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. 1. Porto, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BARROCA, Mário Jorge. *História das Campanhas*, in BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.). *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 1. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.

BARROCA, Mário Jorge. *Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)*. In *Portugalia*, Nova Série, Vol. XXIV, 2003.

BARROCA, Mário Jorge. *Terena. O castelo e a Ermida de Boa Nova*. Lisboa: Edição IPPAR – Direção Regional de Évora, 2006.

BARROCA, Mario Jorge. *Torres, Casas-torres ou Casas Fortes: a concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média*. Separata da Revista de História das Ideias, vol. 19. Coimbra: Faculdade de Letras, 1997/98.

BARROCA, Mário Jorge; *Organização Territorial e Recrutamento Militar*. In BARATA, Manuel Themudo; TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.). *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 1. Círculo de Leitores, 2003.

BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de, *O castelo de Mértola. História, Espaço e Formas, sécs XIII-XXI*. Mértola: Camara Municipal de Mértola, 2013.

BUCHO, Domingos. *Fortificações de Campo Maior. História, Arquitetura e Restauro*. Região de Turismo de São Mamede, Projeto de Valorização Científica, Educativa e Turístico-Cultural das Fortificações do Norte Alentejano, Portalegre: 2002.

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva, *O “Livro das Fortalezas” de Duarte de Armas, Oceanos*, nº5. Lisboa: CNCDP, 1990.

CID, Pedro. *Castelo de Vide e o álbum de Duarte de Armas: algumas notas*. In *Estudos e Património*, nº8, IPPAR. Lisboa: 2005.

CID, Pedro. *Castelo de Vide e o álbum de Duarte de Armas: algumas notas*. In *Estudos/Património*, nº8, IPPAR. Lisboa: 2005.

COLLAÇO, Júlio Tello de Magalhães. *Cadastrro da população do Reino (1527). Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*. Lisboa: 1929.

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da. *Castelo Mendo: a partir de um espaço urbano medieval*. In FERREIRA, Maria do Céu et al. (eds). *Beira Interior. História e Património*. Atlas das I Jornadas de Património da Beira Interior. 1-3 de Outubro de 1998. Guarda: 1998.

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da. *Da Vila Cercada à Praça de Guerra. Formação do espaço urbano em Almeida (Seculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

CONDE, Manuel Sílvio Alves. *Construir, Habitar: a casa medieval*. Braga: CITCEM, 2011.

CORTESÃO, Armando. *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos séculos XV e XVI*. Vol. II. Lisboa: Edição “Seara Nova”, 1935.

DIAS, João José Alves, *A Beira Interior em 1496 (Sociedade, Administração e Demografia)*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1982.

DIAS, João José Alves. *Gentes e Espaços (em torno da população portuguesa na primeira metade do século XVI)*. Fundação Calouste Gulbenkian. Braga: 1996

DIAS, Pedro. *A Arquitectura Gótica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

DUARTE, Luis Miguel. *1449-1495: O Triunfo da Pólvora*. In BARATA, Manuel Themudo; TEIXEIRA, Nuno Severiano. *Nova História Militar de Portugal*, Vol. I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.

Enciclopédia Luso-Brasileira de cultura, Vol. 1. Lisboa-São Paulo: Editorial Verbo, 1998.

GALEGO, Júlia; DAVEAU, Suzanne, *O Numeramento de 1527-1532: tratamento cartográfico*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1986.

GAMEIRO, Pedro Maria Afonso de Matos. *O Semblante Original das Fortalezas Medievais de Portugal*. Tese de Doutoramento em Engenharia Civil y Arquitectura. Universidade de Granada, 2014.

GOMES, Rita Costa. *Castelos da Raia*. Vol. 1. *Castelos da Beira*. Lisboa: Ministério da Cultura - IPPAR, 1996.

GONÇALVES, Iria. *Percorrendo a fronteira na companhia de Duarte de Armas*. In *Media Aetas; Revista de Estudos Medievais*, II Série, Vol. 2. Ponta Delgada: 2005/2006.

JORGE, Carlos Henrique Gonçalves. *O Concelho de Sabugal em 1758. Memórias Paroquiais*. Edição da Associação Recreativa e Cultural dos Forcalhos, 1990.

KEIL, Luís, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Portalegre*. Vol. 1. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1943.

MACIAS, Santiago; GASPAS, Vanessa; VALENTE, José Gonçalo. *Castelo de Moura: Escavações Arqueológicas (1989-2013)*. Moura: Camara Municipal de Moura, 2016.

MAGALHÃES; Joaquim Romero. *As estruturas políticas de unificação*. In MATTOSO, José (dir.); *História de Portugal, No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*, Vol.3, Círculo de Leitores, 1993.

MATTOSO, José (dir.). *Dois séculos de vicissitudes políticas (1096-1325)*. In *História de Portugal*. Vol. 2. Editorial Estampa, 1993.

MATTOSO, José. *O Condado Portucalense*. In *História de Portugal*, dirigida por José Hermano Saraiva. Vol. 2. Lisboa: Publicações Alfa, 1983.

MENDONÇA, Manuela, *Chancelaria de D. João II. Indices*; Vol. I.; Fontes documentais. Lisboa: Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, 1994.

MONTEIRO, João Gouveia. *Castelos e Armamento*. In BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.), *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 1. Círculo de Leitores, 2003.

MONTEIRO, João Gouveia. *Organização e Formação Militares*. In BARATA, Manuel Themudo, TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.), *Nova História Militar de Portugal*. Vol. 1. Círculo de Leitores, 2003.

MONTEIRO, João Gouveia. *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média, Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Lisboa: Colibri, 1999.

MORENO, Humberto Baquero, (coord.). *História de Portugal Medieval: político e institucional*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

PEREIRA, Paulo, *O Livro das Fortalezas in A Arquitetura Imaginaria. Pintura, Arquitetura, Artes Decorativas*, Catálogo de Exposição. Lisboa: MNAA, 2012.

PEREIRA, Paulo. *A Guerra e a Arte no Contexto Português*. In BARATA, Manuel Themudo; TEIXEIRA, Nuno Severiano (dir.). *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 5. Círculo de Leitores, 2003.

PEREIRA, Paulo; *A “Fabrica” Medieval. Conceção e construção na arquitectura portuguesa (1150-1550)*. Dissertação de doutoramento, Vol.2. Universidade Técnica de Lisboa; Lisboa; 2011. (Versão Digital).

RODRIGUES, Maria Teresa Campos. *Aspetos da Administração Municipal de Lisboa no século XV*. Separata dos números 101 a 109 da "*Revista Municipal*". Lisboa, 1968.

SANTOS, Vítor Pavão dos. *As “Casas” do alcaide-Mor de Mértola no início do século XVI*. Braga: 1977.

SILVA, José Custódio Vieira da, *Paços Medievais Portugueses*. Lisboa: Edições ASA, 1995.

TRINDADE, Luísa, *A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna*. Coimbra: Camara Municipal, 2002.

TRINDADE, Luísa. *Urbanismo na composição de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

VAZ, João Luís, *Sabugal. Esboço de uma monografia*. Viseu, 1979.

VIEIRA, Rui Rosado. *Centros Urbanos no Alentejo Fronteiriço. Campo Maior, Elvas e Olivença. De inícios do século XVI a meados do século XVII*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

VITERBO, Sousa. *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*, Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899.

c. Fontes digitais:

Arquivo digital da Torre do Tombo (<http://digitarq.arquivos.pt/>)

ARMAS, Duarte de, *Livro das Fortalezas* -
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>

Arquivo do Sistema de informação para o património arquitetónico – SIPA
(<http://www.monumentos.pt>)

Castelo Bom - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1367

Castelo Branco - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495

Castelo de Alandroal, SIPA -
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3225

Castelo de Alcoutim -
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2820

Castelo de Almeida -
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1382

Castelo de Noudar -
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=898

Castelo de Penamacor -
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=844

Castelo de Sabugal -
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2961

Castelo Rodrigo - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1443

Penha Garcia - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8482

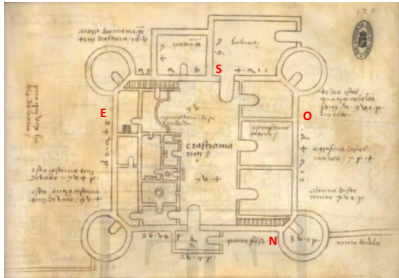


As fontes digitais foram consultadas pela última vez em Dezembro de 2016.

CASAS DE ALCAIDARIA (ANEXO 1)

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	CASAS DE ALCAIDARIA. Estruturas habitacionais nos castelos portugueses entre os finais da Idade Média e os princípios da Época Moderna
Autor/a	Marina Ivanovna Mayorova
Orientador/a	Dra. Luísa Trindade
Coorientador/a	
Identificação do Curso	2º Ciclo em História da Arte
Área científica	História
Especialidade/Ramo	Arte Medieval
Data	2017

1. Castro Marim.

<p>Localização: Algarve, distrito de Faro, concelho de Castro Marim, freguesia de Castro Marim.</p> <p>Anos de construção e intervenções posteriores: Esta zona do Algarve foi reconquistada aos mouros por volta de 1230 pela Ordem de Santiago, cujo Mestre na altura era D. Paio Peres Correia. D. Afonso III mandou repovoar a vila em 1274, e concedeu-lhe o primeiro foral em 08.07.1277.²⁶⁰ Provavelmente, já tinha existido aqui um castelo que foi reconstruído por mando de D. Dinis, no início do século XIV, e doado à Ordem de Cristo que manteve aqui a sua sede desde 1319 até 1357. Castelo foi intervencionado no reinado de D. Fernando²⁶¹, e submetido à grande reconstrução no reinado de D. Manuel, que, em 1504, deu à vila o foral novo.²⁶²</p> <p>Pertença: Comenda da Ordem de Cristo.</p> <p>Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: encontrava-se em obras de reconstrução.</p> <p>Alcaide-mor: Simão Correia (1508-1510).</p> <p>Estado atual: torre de menagem e baluarte junto a ela estão completamente destruídos. As muralhas e cubelos encontram-se em estado bom de conservação. No interior da praça, a direita de quem entra, há vestígios de construções outrora existentes; as casas do lado esquerdo e a casa ao lado da porta de traição foram reconstruídas e estão a ser usadas como núcleo museológico (as primeiras) e para instalações sanitárias (a última).</p>		
<p>Livro das Fortalezas: planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl.121.</p>	 <p>Vista da banda do norte (N), fl.1.²⁶³</p>	 <p>Vista da banda do sul (S), fl.2.</p>
<p>Casas: Total – 14 Com sobrados – 3²⁶⁴ Só térreas - 11</p> <p>Localização: Muralha E- dez casas em fileira dupla. Muralha S – no canto SO encontra-se a primeira casa da muralha O. Muralha O – três casas em fila. Muralha N – no canto</p>	<p>Descrição (segundo o Livro das Fortalezas): Dez casas, em fileira dupla, encontram-se do lado direito a partir da entrada, ocupando todo espaço entre as muralhas N e S ao longo da muralha E, são separadas da muralha S por uma escada de acesso a adarve e adossadas às muralhas E e N. A primeira fila conta</p>	<p>Elementos estruturais (segundo os Tombos e o Livro das Fortalezas): As casas não são visíveis nos desenhos.</p> <p>Coberturas: Separadas: - De uma água: uma; - De duas águas: duas; - De quatro águas: uma; - Eirado: um; - Abóboda: uma (casa da</p>

²⁶⁰ BARROCA, Mário Jorge; Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422); Vol. II, Tomo I; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa; 2000. Pp. 983-984.

²⁶¹ ALMEIDA, João de; *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*; vol. III; *Distritos de Portalegre, Évora, Beja e Faro*; Edição do autor; Lisboa; 1948. Pp.231-238.

²⁶² CAVACO, Hugo; *Castro Marim Quinhentista, O Foral Novo (de 1504) e o Tombo da Comenda (de 1509)*; Subsídio para uma interpretação histórica da vila; Camara Municipal de Castro Marim; Castro Marim; 2000. P.35.

²⁶³ Com vermelho estão indicadas as orientações reais das vistas, aferidas por Pedro Gameiro em GAMEIRO, Pedro Maria Afonso de Matos; *O Semblante Original das Fortalezas Medievais de Portugal*; tese de Doutoramento em Engenharia Civil y Arquitectura; Universidade de Granada; 2014. Anexo I, Figura 17, pp. 28-31.

²⁶⁴ A primeira casa da primeira fila, a direita de quem entra, tem uma sala no piso superior e por baixo da sala tem uma loja e um sótão. A última casa da mesma fila tem um sobrado que não está indicado na planta de Duarte d'Armas. (Descrição nos *Tombos*, fl.81)

<p>NE encontram-se as últimas casas da muralha E.²⁶⁵ No centro da praça – não há construções.</p> <p><u>Aproveitamento das muralhas:</u> A maioria das casas é adossada às muralhas E e O da praça ocupando todo seu comprimento.</p> <p><u>“Espaços verdes”:</u> não há.</p> <p><u>Edifícios religiosos:</u> uma capela.</p>	<p>com seis casas, segunda com três, e, intercalada entre as duas filas, encontra-se a cozinha. Em primeira fila, a partir da praça, na direção S-N: um pouco retraída em relação às outras, encontra-se a casa com sobrado, com sua porta do piso térreo em arco largo e abatido, virada para praça. O acesso ao sobrado é pela porta do lado S, situada a meio da escada do adarve. Este sobrado tem uma porta interior do lado E que leva ao primeiro andar da primeira casa da segunda fila, onde há uma janela de verga reta e com grade de ferro, virada para N. Mais uma porta interior, do lado N, liga a primeira casa à cozinha.</p> <p>A seguir, em primeira fila, vêm uma casa pequena, uma capela ou oratório e a casa da cisterna pequena, todas três no tardo a meia-parede com cozinha e com portas exteriores individuais viradas a praça (O). A cisterna pequena tem porta exterior uns degraus acima do solo, e uma porta interior que a liga à cozinha. Todas portas têm forma de arco. A seguir vem a casa da cisterna grande com duas portas, uma exterior de verga reta, virada a O, outra interior, em arco que vai à última casa dessa fila. É a casa com sobrado (Nota 4) com entrada no piso térreo virada para praça (a O), duas portas interiores, primeira, na parede S, dá acesso à cisterna grande; segunda, na parede E, dá</p>	<p>prisão).</p> <p><u>Comuns:</u> - De uma água: uma (de telha vã).</p> <p><u>Tetos forrados:</u> dois (a camara e a cozinha, ambas com forra de canas).</p> <p><u>Portas (apenas casas):</u> dezasseis, visíveis na planta;</p> <p><u>Exteriores: dez:</u> <u>Em arcos:</u> nove (uma em arco abatido); <u>De verga reta</u> – uma. <u>Interiores:</u> seis; <u>Em arco:</u> seis; <u>De verga reta</u> – não há.</p> <p><u>Janelas:</u> três; <u>Em arco:</u> não há informação; <u>De verga reta:</u> uma²⁶⁶.</p> <p><u>Escadas:</u> <u>Exteriores</u> – duas: - Escada de adarve para acesso à sala. - Escada da entrada da cisterna pequena. <u>Interiores</u> – uma, de acesso da sala à cozinha.</p> <p><u>Chaminés:</u> duas (sala e cozinha).</p> <p><u>Mobiliário:</u> - Sala – cantareira; - Camara – armários; - Torre de menagem – bancos-conversadeiras; - Eirado de uma das cisternas – assentos; - No meio do pátio – pia de mármore.</p>
--	--	--

²⁶⁵ Na planta de Duarte d'Armas não aparece nenhuma casa deste lado, mas nos *Tombos* está indicado que aqui se encontrava a casa de prisão (Ver descrição nos *Tombos* fl. 81vº).

²⁶⁶ A janela de verga reta e com grade de ferro aparece na planta e corresponde à camara, mas nos *Tombos* não há referências à ela, apenas são indicadas duas janelas da sala, mas não se fala da forma que têm.

	<p>acesso à última casa da segunda fila que está ligada pela porta interior à segunda casa da segunda fila.</p> <p>A esquerda da entrada do castelo há três casas térreas com entradas individuais, viradas para praça (E), que ocupam todo espaço ao longo da muralha O, são separadas da muralha N por segunda escada de acesso a adarve, e adossadas às muralhas S e O. Ao lado da porta falsa encontra-se a casa de prisão (Nota 5), adossada à muralha N.</p>	
--	--	--

Descrição nos Tombos²⁶⁷: (fl. 80vº) ¶ *primeiramente tem a hordem na dicta Villa hũu castello que estaa dentro da çerqua da villa e he nesta maneira./ logo primeiro ante a porta do dicto castello tem hũu baluarte a que entram per hũu portal de pedraria nouo e estaa muy bem ameadado e guarneçido de nouo de dentro e de fora e leua .xj. varas e meya de longo e seis de largo e tem hũua bombardeira Resteira./ e logo a porta principal do dicto castello que he de pedraria com suas portas nouas e fortes encoiradas e bem fechadas e dentro hũu pátio no meyo do castello que leua xx varas de longo e ix de largo./*

¶ *aa mão direita logo aa entrada do dito castelo e ao longo do muro vay hũua escada de pedra de xxxbij degraaos per que sobem ao muro delle honde tem a torre de menagem que estaa junto da porta.*

¶ *o muro do dicto castello he fecto em quadra e em cada canto tem seu cubello asi mociços atee o andar do dicto muro que todo se anda a rredor e dous dos dictos cubelos tem jaa seus curucheeos nouos. bem ameadados e guarneçidos de dentro e de fora // (fl. 81) e ora se faz outro curucheo sobre outro cubello e outro estaa por começar. E asi tem antre os dictos cubelos duas guaritas com seus curucheeos ameadadas e bem guarneçidas. e estam outras duas pera fazer cada hũua em sua quadra.*²⁶⁸

¶ *do meyo quasi da sobredita escaada.vam pera hũua salla sobradada cuberta de telha vãa madeirada em duas aguas e tem hũua chaminee e hũua cantareira e duas janelas sobre o dito patio e leua seis varas e meya de longo e cinco e meya de largo.e leua per baixo hũua logea e hũua çotea*

¶ *da dita salla vam pera hũua camera oliuellada de canas de hũua agua e estam nella hũus boons almarios. leua de longo seis varas e meya. e tres e meya de largo. e debaixo vai hũua logea deste tamanho.*

¶ *da dita salla deçem pera hũua casa de cozinha terrea em que estaa hũua chaminee grande e dentro nella hũua boca de forno e leua de longo seis varas e meya e tres e meya de largo e he oliuellada de canas em duas aguas.*

¶ *da sobredita camera atee o canto do muro do dicto castello. vam tres casas terreas todas em hũua armaçom e de hũua agua acostadas ao muro. hũua serve de adega. na outra estaa o dito forno e outra serue d amassaria e despensa.e leuam todas tres de longo xbij varas e de largo cada hũua tres e meya.*

¶ *tem hi mais outra casa sobradada pegada no muro que leua seis varas de longo e três de*

²⁶⁷ GONÇALVES, Iria (org.); *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol. 1. *Comendas a Sul do Tejo (1505-1509)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2002, pp. 132-133.

²⁶⁸ O ato de visitação data de 25 de Outubro de 1509, Duarte d'Armas tinha feito o seu levantamento uns meses mais cedo e nos desenhos dele não aparecem coruchéu da torre de menagem e ainda não há *guaritas* (balcões com matacães), assim como os coruchéus de todos cubelos ainda estão em construção e têm apenas armações para futuras coberturas, enquanto em Outubro dois já estavam concluídos.

largo.e de baixo vay hũa logea do seu tamanho.

¶ *tem hi mais junto. duas// (fl.81v^o) cisternas bem corregidas e sobre hũa dellas. tem hũu eirado guarneçido d arredor com ameyas e craueiros e assentos.*

¶ *junto dellas tem hũu oratorio com hũu altar terreo armado em quatro aguas e leua de longo tres uaras e meya e tres de largo.*

¶ *da outra banda do patio tem outro lanço de casas. honde tem logo junto da porta hũa casa terrea que ora serue das armas e leua sete uaras de longo e çinquo e meya de largo e tem hũu esteo no meyo.*

¶ *e logo outra casa de strebaria junto della com suas manjadoiras que leua seis varas e meya de longo e çinquo de largo e tem outro esteo.*

¶ *outra casa junto della que leua sete varas de longo e çinquo de largo e tem outro tal esteo e hũu Repartimento de palheiro.*

¶ *antre esta casa e a porta de treiçom contra o norte. tem mais hũa casa pequena d aboueda que leua tres varas e meya de longo e duas e meya de largo e estam nella os presos. E esta hi mais no dito patio hũa muyto bõoa pia de marmor://*

Torre de menagem:

Tombos: (...) a torre de menagem que estaa junto da porta. a qual tore he quadrada e bem guarneçada de nouo de dentro e de fora. moçiça atee o andar do dito muro. e de hi pera çima leua tres casas hũa sobre outra. duas. a saber com suas janelas d assentos. e a de çima vay debaixo de hũu curuchoe (Ver a nota 7) que cobre a dicta tore bem guarneçado de dentro e de fora ameado arredor com dous andaimos hũu sobre outro bem guarneçados e todo feito de nouo. leva a dita tore em vão tres varas e meia de longo e outro tanto de largo.//

Informação do Livro das Fortalezas: a torre da menagem tem daltura 16v; 4v de lado. A torre é adossada à muralha S pelo lado exterior; tem porta de entrada virada a N ao nível do adarve e com acesso por este. Tem duas janelas em dois níveis. A janela do primeiro andar (ao nível do adarve) é em arco duplo, virada para vila, com um mainel em forma de coluna no meio. A janela do segundo andar é em arco simples e está virada à praça.

Estado atual: completamente destruída.

Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas e os Tombos):

Cobertura: coruchéu rodeado por ameias retangulares.

Vãos: três;

Com abóboda: não há.

Janelas: duas;

Em arco: duas;

De verga reta: não há.

Portas: quatro,

Exteriores: duas (uma, visível na planta, em arco);

Interiores: duas;

De verga reta: não há informação.

Escadas:

Exterior: não há, acesso por adarve;

Interior: três²⁶⁹.

Chaminés: não há.

Materiais de construção:

Levantamento no terreno: alvenaria de xisto e pedra irregular misturada com cal, silhares de mármore nas ombreiras e arcos do castelo, tijolo burro.

Informação de Tombos: cobertura de telha vã sobre armação em madeira; tetos forrados de canas; porta de castelo forrada de couro.

Livro das Fortalezas: grade de ferro para proteção de janela.

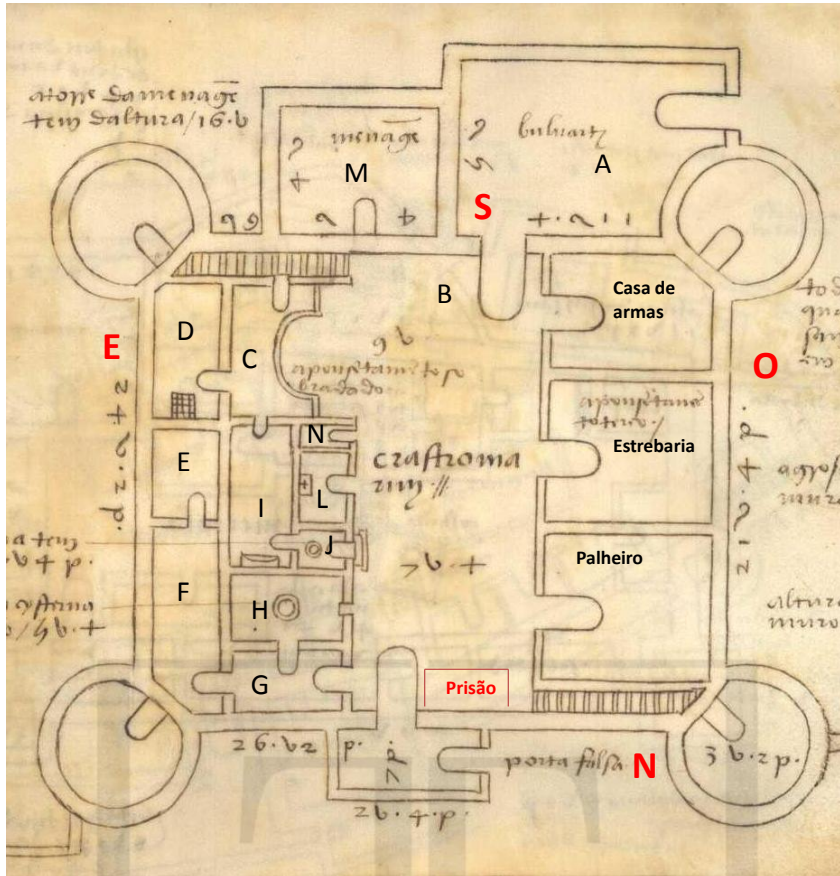
Elementos decorativos: como tais podemos indicar duas lápides comemorativas, uma está colocada em cima da porta da cerca, data de 1279, início do reinado de D. Dinis; outra em cima da porta do castelo, data de 1274, reinado de D. Afonso III, acompanhadas pelos brasões de armas de Portugal²⁷⁰; as duas estão bastante danificadas. Outro elemento interessante é a imagem de uma chave, feita em baixo-relevo, que aparece nas chaves de arcos, do lado exterior das portas de entrada da cerca e do castelo. As duas chaves cruzadas fazem parte do brasão da vila. A entrada do castelo, onde se encontra a lápide do reinado de D. Afonso III, tem porta em

²⁶⁹ Não há referências a escadas interiores, mas como a torre tinha três pisos, eventualmente existiam duas escadas de comunicação entre eles e mais uma de acesso à cobertura. Essas escadas podiam ser fixadas às paredes ou móveis.

²⁷⁰ BARROCA, Mário Jorge; Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422); Vol. II, Tomo I; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa; 2000. Pp. 983-984.

arco pleno e é coberta por abóboda de berço. A entrada da cerca, onde se encontra a lápide do reinado de D. Dinis, tem porta exterior em arco apontado e com chanfro, apoiado em ombreiras também chanfradas e com motivos decorativos perto de soleira.

Informação suplementar: A população da vila e os seus arrabaldes, segundo o *Numeramento de 1527-1532*, contava com 125 fogos.²⁷¹



Castelo de Castro Marim. Localização, funções e dimensões das casas, segundo os Tombos:

- A – baluarte, 11.5vx6v (83.49m²);
- B – pátio, 20vx9v (217.8m²);
- C – sala, 6.5vx5.5v (43.26m²);
 - loja, 6.5vx5.5v (43.26m²);
 - sótão, 6.5vx5.5v (43.26m²);
- D – camara, 6.5vx3.5v (27.53 m²);
 - loja, 6.5vx3.5v (27.53m²);
- E – casa de forno } 18vx3v
- F – amassaria e despensa } 65.34m²;
- G – sobrado, 6vx3v (21.78m²);
 - loja, 6vx3v (21.78m²);
- H – cisterna grande, 7v4p de vão;
- I – cozinha, 6.5vx3.5v (27.53m²);
- J – cisterna pequena, 5v de vão;
- L – oratório, 3.5vx3v (12.71m²);
- M – torre de menagem
 - 1º andar, 3.5vx3.5v (14.82m²);
 - 2º andar, 3.5vx3.5v (14.82m²);
 - 3º andar, 3.5vx3.5v (14.82m²);
- N – casa pequena (não está indicada nos Tombos).
- Casa de armas – 7vx5.5v (46.59m²);
- Estrebaria – 6.5vx5v (39.33m²);
- Palheiro – 7vx5v (42.35m²);
- Casa de prisão – 3.5vx2.5v (10.59m²).

²⁷¹ GALEGO, Júlia, DAVEAU, Suzanne; *O Numeramento de 1527-1532: tratamento cartográfico*; Centro de Estudos Geográficos; Lisboa; 1986. P. 109.

2. Alcoutim

Localização: Algarve, distrito de Faro, concelho de Alcoutim, união de freguesias de Alcoutim e Pereiro.

Anos de construção e intervenções posteriores: a vila de Alcoutim foi reconquistada aos mouros na década de 40 do século XIII, mas o primeiro foral, dado por D. Dinis, recebeu apenas em 1304. A construção do castelo possivelmente tinha começado nessa altura.²⁷² Em 1391 o castelo e a vila estavam destruídos e despovoados, D. João I mandou reconstruir e repovoar o local. Os trabalhos de reconstrução do castelo e da cerca da vila ainda estavam em curso no reinado de D. Afonso V que, na década de sessenta do século XV, doou o castelo, vila e seus termos de forma vitalícia à D. Maria de Andrade, filha de João Freira de Andrade, fidalgo da casa real. Em 1496, D. Manuel elevou a vila a condado. O primeiro conde de Alcoutim foi o Fernando de Meneses, marquês da Vila Real, que se casou com D. Maria de Andrade.²⁷³

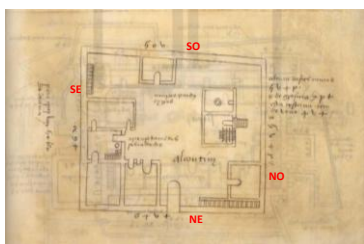
Pertença: Coroa

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: as muralhas do castelo encontravam-se em bom estado, todas ameadas; a volta há vestígios de uma construção que parece uma barbacã arruinada; no interior da praça há *mujtos pardyeyros*.

Alcaide-mor: Fernando de Meneses, Marques de Vila Real (1496-1512).

Estado atual: ainda existem alguns troços de muralha, porta de entrada e cisterna.

Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl. 121.



Vista da banda do surl (SE), fl.3.



Vista da banda do norte (NO), fl.4.

Casas:

Total – 10
Com sobrados – sim
Só térreas - sim

Localização:

Muralha SE - três casas em fila, a última casa encontra-se no canto E.

Muralha SO – uma casa isolada.

Muralha NO – uma casa isolada.

Muralha NE – uma casa a meia-parede com casa do canto E.

No centro da praça – duas

Descrição (segundo o Livro das Fortalezas):

As três casas adossadas à muralha SE são indicadas na planta como *apousentamentos sobradados*; elas têm duas entradas a partir da praça, uma - para casa do meio, com porta de verga reta, virada a NO; outra - para última casa (contando da entrada do castelo), com porta em arco, virada a NE. No interior da casa do meio há uma escada de acesso ao sobrado, a partir do qual há portas interiores que levam aos sobrados da primeira e última casa dessa fila. A casa do meio é mais alta que as

Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas):

Coberturas:

Separadas:

- Três, de telha, armadas em duas águas (visíveis nos desenhos);

Comuns:

- Não há informação.

Tetos forrados:

- Não há informação.

Portas (apenas casas):

onze visíveis na planta;

Exteriores: nove.

Em arcos: sete;

²⁷² Não há provas documentais disso e este castelo não consta na vasta lista de fortalezas construídas ou remodeladas por D. Dinis (BARROCA, Mário Jorge; *D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa*; Revista da Faculdade de Letras; Universidade do Porto; II Série; Vol. XV; tomo 1; Porto; 1998. P. 820).

²⁷³ MENDES, António Rosa; PEREIRA, Daniela; *Alcoutim. Terra de Fronteira*; Camara Municipal de Alcoutim; 2010. Pp. 15-26.

<p>casas em fila, uma delas é a casa da cisterna.</p> <p><u>Aproveitamento de muralhas:</u> fora duas casas que se encontram no meio da praça, as restantes são adossadas às muralhas. A casa do meio da muralha SE tem sobrados construídos por cima do adarve; a janela do sobrado da casa localizada no canto E é rasgada em espessura da muralha NE.</p> <p><u>“Espaços verdes”:</u> não há.</p>	<p>outras, parece ter dois andares acima do térreo, que são construídos com aproveitamento do adarve. A cobertura da casa é de telha armada em duas águas no desenho <i>da banda do norte</i>, e em quatro águas no desenho <i>da banda do sull</i>. A casa tem duas janelas de verga reta no 2º andar viradas para fora da praça (SE), um oculo no 1º andar e uma janela de verga reta no 2º andar, virados para praça (NO). A primeira casa dessa fila (casa do canto E) não tem portas exteriores, mas tem uma janela de verga reta aberta em espessura da muralha NE, e que corresponde ao nível do sobrado. A última casa dessa fila tem cobertura de telha armada em duas águas.</p> <p>A casa da muralha SO no desenho <i>da banda do norte</i> aparece como ruína. Das duas casas localizadas no meio da praça uma, mais a SO, é a casa da cisterna, tem porta em arco virada a NO; outra casa, embora não está indicado, parece ter um sobrado com acesso por escada exterior que leva à porta em arco, e com uma janela de verga reta protegida por grade de ferro; porta e janela são viradas a NO. Esta casa tem cobertura de telha armada em duas águas.²⁷⁴</p> <p>A casa da muralha NO está adossada à ela e separada da muralha NE por escada do acesso a adarve. Tem entrada com porta em arco virada a SE.</p> <p>A última casa da praça, adossada à muralha NE e a meia-parede com casa do canto E, tem três portas de formas e tamanhos diferentes: duas em forma de arco, uma grande outra pequena, entre elas há uma porta pequena de verga reta; todas viradas</p>	<p><u>De verga reta:</u> duas. <u>Interiores:</u> duas; <u>Em arco:</u> duas; <u>De verga reta:</u> não há. <u>Janelas:</u> seis; <u>Em arco:</u> não há; <u>De verga reta:</u> cinco; <u>Outras formas:</u> um óculo. <u>Escadas:</u> <u>Exteriores:</u> uma; <u>Interiores:</u> duas²⁷⁵. <u>Chaminés:</u> não há informação</p>
--	---	---

²⁷⁴ Os autores do livro “*Alcoutim. Terra de Fronteira*” (MENDES, António Rosa; PEREIRA, Daniela; *Alcoutim. Terra de Fronteira*. P. 35) estão de opinião que a presença de janela com grade indica que esta casa é cadeia. Pensamos que isso é errado pelas seguintes razões: primeiro, as referências que temos nos *Tombo da Ordem de Cristo*, ou no próprio *Livro das Fortalezas* a cerca de cadeias ou aljubes remetem a lugares localizados nos pisos térreos de casas (Castro Marim), das torres de menagem (Monsaraz, Castelo de Vide) ou até por baixo da capela de uma igreja (Juromenha) e que não têm janelas algumas, mas apenas portas de entrada; segundo, também nos *Tombo* e nas *Visitações* a castelo de Mértola temos referências às janelas com grades abertas em salas e camaras, em quanto no *Livro das Fortalezas* há vários exemplos dessas janelas abertas nos pisos superiores das torres de menagem, que correspondem aos espaços nobres (Monsaraz, Mourão, etc.), assim sendo, julgamos que a janela grande com grade, aberta no 1º andar, pode remeter a uma sala ou uma camara, mas não a uma cadeia.

²⁷⁵ Uma escada aparece na planta, mas considerando que, pelo menos, uma das casas tem dois pisos acima do térreo, deverá existir mais uma escada interior.

	a SO.	
Materiais de construção:		
Informação da SIPA ²⁷⁶ : alvenaria de pedra irregular xistosa, misturada com cal, silhares de calcário no arco da porta do castelo; em algumas partes da cisterna a alvenaria é feita em “espinha de peixe”; a abóboda abatida da entrada do castelo está formada em tijolo.		
Livro das Fortalezas : grade de ferro para proteção de janelas; possivelmente a madeira para fabrico da escada interior.		
Elementos decorativos : o arco apontado e as ombreiras da porta de entrada do castelo são chanfrados.		

²⁷⁶ Site do SIPA. Consultado em Dezembro de 2016.
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2820

3. Mértola

Localização: Baixo Alentejo, distrito de Beja, concelho de Mértola, freguesia de Mértola.

Anos de construção e intervenções posteriores: O castelo de Mértola foi tomado aos mouros em 1238 pela Ordem de Santiago; em 16 de Janeiro de 1239 foi doado à Ordem de Santiago por D. Sancho II. O ramo português dessa Ordem conseguiu, pela primeira vez, a independência de Uclés em 1288 (Bula papal de Nicolau IV), em 1291 ou 1292 foi eleito como Primeiro Mestre da Ordem D. João Fernandes (1291/92-1297), que antes disso era Comendador de Mértola.²⁷⁷ Nessa altura, em 1290-1292, foi realizado um grande programa de reconstrução e renovação do castelo, foi levantada a torre de menagem e construído o corpo de entrada. Em 1475-76 foram construídas duas barbacãs parciais. Nos finais de 80 do século XV foram feitas grandes obras das quais resultou a construção de alcaidaria e do baluarte. No início dos 20 do século XVI foram feitos trabalhos de reparação das muralhas da vila e do castelo. Nos finais do século XVI o castelo já se encontrava em progressiva degradação.²⁷⁸

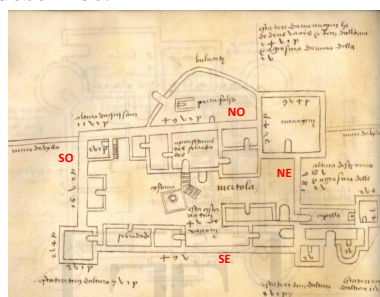
Pertença: Comenda da Ordem de Santiago.

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: o castelo encontrava-se em muito bom estado, a cerca da vila é que precisava de intervenções.

Alcaide-mor: Francisco de Gois (1487-1527).

Estado atual: O castelo foi submetido aos trabalhos de restauro nas décadas 60, 70 e 80 do século XX²⁷⁹, atualmente continuam a ser executados vários trabalhos de manutenção e adaptação do espaço às necessidades atuais. A torre de menagem e muralhas do castelo estão em bom estado de conservação. No interior da praça persistem a torre de carocha (restaurada) e a cisterna.

Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl. 121v.



Vista da banda do sueste (SE), fl.5.



Vista da banda do nordeste (NO), fl.6.

Casas:

Total – 12

Com sobrados – 7²⁸⁰

Só térreas - 5

Localização:

Muralha SO- uma casa isolada;

Muralha NO – cinco casas: três em fila ao longo da

Descrição (segundo o Livro das Fortalezas):

As cinco casas adossadas à muralha NO estão ligadas entre si pelas portas interiores e têm duas entradas a partir da praça, ambas na casa do meio, uma no piso térreo, outra para sobrado. Segundo os desenhos, este

Elementos estruturais

(segundo o Livro das Fortalezas e a Visitação):

Coberturas:

Separadas:

- Três, de telha, armadas em quatro águas (visíveis nos desenhos)

Comuns:

²⁷⁷ BARROCA, Mário Jorge; Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422); Vol. II, Tomo I. Pp. 1077-1078.

²⁷⁸ BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola. História, Espaço e Formas, sécs XIII-XXI*; Camara Municipal de Mértola, 2013. Pp.45-57.

²⁷⁹ BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola*. Pp. 137-144.

²⁸⁰ Juntando toda a informação que temos em relação ao castelo e às casas existentes na praça, contamos como casas com sobrados o conjunto de casas adossadas à muralha NO que são feitas em três pisos: sala e camaras no andar mais alto, por baixo deles – entressolho, e depois – sótãos; mais uma casa que aparece na planta como “sobrado” (muralha SE), mas sobre qual não há referências nas *Visitações*; mais a capela, construída por cima do corpo da entrada (Nota 25).

<p>muralha, duas, uma atrás da outra, encaixadas entre a última das primeiras três casas, a muralha e a torre de menagem.</p> <p>Muralha NE – não há casas;</p> <p>Muralha SE – quatro casas: duas em fila ao lado da torre S; duas, uma atrás da outra, à entrada do castelo.</p> <p>Corpo da entrada (adossado à muralha NE do lado exterior da praça) – uma casa que é uma capela.</p> <p>No centro da praça – casa da cisterna, isolada.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: a maioria das casas é adossada às muralhas; os sobrados das casas da muralha NO são construídos por cima do adarve.</p> <p>“Espaços verdes”: não há.</p> <p>Edifícios religiosos: uma capela.</p>	<p>conjunto está dividido em três blocos com coberturas independentes, cada uma de quatro águas feita de telha; a cada bloco corresponde uma chaminé e duas janelas de verga reta: uma virada para praça (SE) e outra para fora (NO). O acesso ao primeiro andar é por uma escada exterior que leva à porta da entrada da casa que se encontra no meio (segundo <i>Visitações</i> corresponde a uma sala)²⁸¹. A partir dela há duas portas interiores, em paredes opostas (SO e NE), cada uma das quais dá acesso às casas laterais: do lado NE leva a primeira casa a direita, da qual, pela porta do lado NO, se acede à segunda casa (segundo <i>Visitações</i> essas casas correspondem às camaras).²⁸² A porta do lado SO leva a primeira casa a esquerda, esta casa é mais alta que as outras, tem duas janelas de verga reta viradas a NO e SE e uma chaminé. Dessa casa pela porta interior, também a SO, entra-se para segunda casa deste lado.²⁸³ No piso térreo de uma das casas encontra-se o acesso à porta de traição que leva até o <i>baluarte</i>, do lado NO.²⁸⁴</p> <p>A casa térrea, adossada à muralha SO, tem porta virada para praça (NE).</p> <p>Das duas casas adossadas à muralha SE ao lado da torre S, a primeira, a partir da torre, está indicada como sobradada²⁸⁵, tem entrada virada para praça (NO); a</p>	<p>- Não há informação.</p> <p>Tetos forrados:</p> <p>- Três (duas camaras com forra de pinho; a casa do outro lado da sala com forra de cortiça)</p> <p>Portas (apenas casas): doze, visíveis na planta, todas em arco;</p> <p>Exteriores: oito.</p> <p>Interiores: quatro;</p> <p>Janelas: seis;</p> <p>Em arco: não há;</p> <p>De verga reta: seis (uma com grade de ferro);</p> <p>Escadas:</p> <p>Exteriores: uma;</p> <p>Interiores: três²⁸⁷.</p> <p>Chaminés: três.</p> <p>Mobiliário: não há informação.</p>
--	---	---

²⁸¹ Na *Visitação* para esta sala estão indicadas uma chaminé e duas janelas – uma virada para praça (SE) com grade de ferro, e outra virada para fora (parede NO) feita “de pedraria”.

²⁸² Cada uma das camaras tem uma janela e há uma chaminé em uma delas (Descrição na *Visitação*).

²⁸³ Na *Visitação* deste lado da sala está indicada apenas uma divisão, cuja função não está revelada, com *amtresolho e sotam* por baixo dela, e não se fala nem da chaminé, nem das janelas. O entressolho está a nível da sala. Segundo os Autores do livro *Castelo de Mértola*, a segunda divisão diz respeito a uma torre que fazia parte do castelo antigo (antes da reconstrução dos finais do século XIII), esta torre é visível nos desenhos de Duarte d’Armas ao lado da casa mais alta. (BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola*. P. 103.)

²⁸⁴ Segundo a *Visitação*, o acesso à porta de traição encontra-se no sótão da casa mais alta. No baluarte há uma passagem subterrânea que leva para fora do castelo.

²⁸⁵ Não está indicada como sobradada no ato da *Visitação* (documento citado in SANTOS, Vítor Pavão dos; *As “Casas” do alcaide-Mor de Mértola no início do século XVI*; Braga, 1977. P. 11)

²⁸⁷ No mínimo duas escadas interiores que serviam de ligação entre camaras e entressolhos, ou entressolhos e sótãos, deveriam existir no conjunto de casas a NO. Uma das casas da muralha SE é indicada como *sobrado* e não há aqui escada exterior, deveria existir uma escada interior.

	<p>segunda, provavelmente térrea, tem entrada virada a NE. Das outras duas casas localizadas no canto E da praça, na primeira encontra-se a entrada principal do castelo formada por duas portas em arcos grandes, em posição de cotovelo. Uma porta está virada a NE e é de acesso ao corpo saliente da entrada, outra, virada a NO dá acesso ao interior da praça. Esta casa tem mais uma porta em arco pequeno virada a SO. A NO essa casa é a meia-parede com a segunda casa que tem entrada virada a NO.</p> <p>A meio da praça, ao lado da escada de acesso à sala encontra-se a casa da cisterna.</p> <p>A entrada do castelo forma um corpo saliente que envolve o ângulo E da parte de fora e está protegido por três torres: duas ladeiam a entrada, e à terceira protege o ângulo NE desse corpo, a esta torre está adossada a capela que ocupa o espaço entre a torre e a muralha NE do castelo do lado de fora, e tem entrada a partir da praça.²⁸⁶</p>	
--	---	--

Descrição na Visitação:²⁸⁸

Item As casas em que o dicto alcaide moor vive sãem estas – s. hũa salla que tem hũa escada de tijolo mujto bõa que vai de terreiro pera ella a qual casa tem as paredes de pedra e caal e he cuberta de telha vãa e tem hũa chemjnee e hũa janella com grades de ferro pera o terreiro e outra de pedrarja pera fora contra o ponemte.

E desta salla vay hũa porta pera duas camaras que estam pegadas com a torre de menagem que sam forradas de pinho com suas janelas e hũa chamjnee em hũa e as paredes de pedra e caal.

E de baixo destas camaras estaa outra casa de amtresolho e hũu sotam.

E da outra parte da salla estaa hũa casa do andar della do amtresolho e outra em çima forrada de cortiça E de baixo destas hũu sotam do qual vay hũa porta pera a porta de treiçam E os telhados sam todos bem cimtados de caal com seus aljarozes e rebocadas e cayadas bem as ditas paredes.

As quais casas o dicto alcaide moor fez todas de nouo pera as quaes elRey dom Joham meu senhor que Deus aja lhe deu çinquoenta mjll rreais e dous giros de serujntia do termo da villa per seu mandado.

Item Há mais no dito castello outras casas térreas de servir pequenas s. huũa estrebaria E hũa cozinha E pegada com ella hũa casa pequena E mais outra casa do mesmo theor E jumto da

²⁸⁶ Segundo os autores do livro *Castelo de Mértola*, esta capela foi erguida na grande campanha de obras nos finais do século XV. A sua localização era bastante invulgar: “foi construída em pedra e cal sobre o complexo defensivo da entrada do castelo, em posição elevada sobre um dos muros, e entestava a norte com a torre que ali se levantava e a dominava em altura”. (BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola. História, Espaço e Formas*, P. 95) Provavelmente tinha acesso a partir do adarve.

²⁸⁸ *Mértola 1515-1-12. Visitação do Castello e Fortaleza da dita villa*. Documento citado in SANTOS, Vítor Pavão dos; *As “Casas” do alcaide-Mor de Mértola ...* Pp. 11-12.

escada da salla estaa hũa cisterna boa e bem repairada.

Torre de menagem:

Descrição na Visitação: “A torre de menagem he de abobada muyto boa com hũa chemjnee E sua escada de caracol pera os andaymos de çima E sobre a dita abobada estam algũuas armas s. prastiões e bombardas pequenas cousa mujto pouca e tam danada de ferrugem e velha que nom aproveita nada E ho telhado de cima estaa daneficado e hũa pequeno de escada em cima”.²⁸⁹

Informação do Livro das Fortalezas: “Esta tore da menagem he de dous vaõs e tem dalltura 24v1p e agrosura do muro della 2v”, tem 9v4p de lado. A torre é enquadrada no angulo N da praça, tem porta de entrada aberta na parede SE ao nível do adarve e com acesso por ele. Tem duas janelas grandes no nível mais alto, em forma de arco, viradas a NO e SE. Em cima da torre há uma chaminé.

Estado atual: A torre é maciça até ao nível do adarve, e tem dois pisos acima dele. A cobertura do 1º andar é em abóboda oitavada com nervuras chanfradas, apoiadas em pilastras adossadas às paredes, com chanfro que termina em motivo enrolado, e com impostas prismáticas ligadas por uma cornija simples.

O acesso à entrada é por uma escada pétreia apoiada em um arco pleno adossado à parede SE.²⁹⁰ O patamar da escada está ligado ao adarve da muralha NE. Porta exterior em arco quebrado apoiado em impostas salientes, feitas de mármore. O arco, as ombreiras e a soleira estão feitos em blocos de mármore e de calcário. A entrada é coberta por abóboda abatida; do lado esquerdo de quem entra encontra-se o acesso à escada aberta em espessura das paredes SE, SO, NO que sobe até o 2º andar e é iluminada por três frestas abertas em parede SO.

Há duas frestas, uma em cima da outra, abertas no 1º andar na parede NE, a fresta no nível mais baixo abre-se para interior em arco ligeiramente apontado, e a fresta mais alta – em arco abatido; no 2º andar estão abertas quatro janelas grandes, uma em cada parede, todas em diferentes formas de arcos. As janelas das paredes SE, NE, NO estão abertas para exterior da torre, a última servia como acesso para balcão matacão²⁹¹. A janela do lado SO está aberta para escada em frente da última fresta da parede SO.²⁹²

Outras torres com funções habitacionais ou de serventias:

Torre do angulo S – 7v2p de altura, 2v4p x 3v1p de lado; tem

Elementos estruturais

(segundo o Livro das Fortalezas):

Cobertura: telhado, rodeado por ameias pentagonais.

Vãos: dois;

Com abóboda: um²⁹³

Janelas: duas;

Em arco: duas;

De verga reta: não há.

Portas: três,

Exteriores: duas (uma, visível na planta, em arco);

Interiores: uma

De verga reta: não há informação.

Escadas:

Exterior: não há (acesso por adarve);

Interior: duas (uma em caracol que liga primeiro e segundo andar, outra – de acesso ao telhado.

Chaminés: uma.

Elementos estruturais

(segundo o Livro das

²⁸⁹ Idem, Ibidem.

²⁹⁰ Nas fotos da SIPA de 1966 são visíveis vestígios de um arco similar ao que foi feito durante os trabalhos de restauro em 1967. Os autores do livro *Castelo de Mértola* são de opinião que este acesso à torre foi feito no início do século XVI. (BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola*. P.74, p.81.)

²⁹¹ A janela NE não aparece no Livro das Fortalezas, assim como balcão com matacão, possivelmente são alterações posteriores que dizem respeito à campanha de obras realizada nos anos 20 do século XVI.

²⁹² Não há referências à existência duma janela deste género antes dos trabalhos de restauro.

²⁹³ A visita de Duarte d’Armas a Mértola foi realizada em 1509, e ele não fala de abóboda nos seus apontamentos. A Visitação foi feita em 1515 e os visitantes sublinham que abóboda é muito boa.

<p>uma janela grande de verga reta virada para SE. Não está ligada a outras casas. Esta torre é conhecida como torre de alcaide, no período em questão estava aqui situada a casa de alcaide pequeno.²⁹⁴</p> <p>Torre do angulo O (torre da carocha) – de 11v2p em altura, 2v2p de lado. Está desenvolvida para interior da praça, tem uma escada de acesso adossada à parede NO, onde está indicada a porta de entrada.²⁹⁵ Não está ligada a outras construções.</p>	<p><u>Fortalezas):</u> Torre S: <u>Janelas:</u> uma de verga reta. <u>Portas:</u> uma, em arco. Torre O: <u>Portas:</u> uma, em arco. <u>Escadas:</u> uma, exterior.</p>
<p><u>Materiais de construção:</u> <u>Levantamento no terreno:</u> alvenaria de pedra irregular misturada com cal, reforço de cantaria com silhares de calcário e granito, arcos de portas e abóboda do túnel da cisterna feitos em tijolo burro <u>Informação das Visitações:</u> paredes de casas feitas de pedra e cal; coberturas de telha vã sobre armação em madeira e com aljarozes; tetos forrados de pinho ou cortiça; paredes rebocadas e caiadas; janelas com grades de ferro; escada exterior feita de tijolo.</p>	
<p><u>Elementos decorativos:</u> O arco da porta da entrada do castelo está apoiado em impostas perfiladas feitas de mármore branco, embora o próprio arco é feito de tijolo burro. A porta de entrada da torre de menagem, em arco apontado, está formada por uma mistura de silhares de calcário e mármore; tanto arco como ombreiras são chanfrados, e o arco da porta está apoiado em largas impostas prismáticas de mármore branco. Na chave do arco está gravado um martelo, em cima da porta há uma lápide de mármore com uma inscrição comemorativa sobre a construção da torre de menagem. A chave da abóboda está decorada com elementos vegetais emoldurados por um cordão e bastante apagados por tempo. Chanfro de nervuras e de pilastras tem acabamento enrolado.²⁹⁶ A fresta mais alta da parede NE na parte exterior está ladeada por dois colunelos finos, sem bases, com capitéis decorados com motivos vegetalistas; nos colunelos está apoiado um alfis com moldura onde é inscrito um arco pleno de duas arquivoltas, decorado por um motivo geométrico enxaquetado.</p>	
<p><u>Informação suplementar:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Em 1485, por D. João II foi nomeado como comendador – mor do castelo Fernão Martins de Mascarenhas. A partir de então a posse da comenda de Mértola permaneceu nessa família até 1759.²⁹⁷ Entre 1487-1527, o alcaide-mor do castelo de Mértola foi Francisco de Gois que herdou este cargo do seu pai Estevão de Gois. Foram esses dois alcaides-mores que promoveram as obras das décadas de 70 e 80 do século XV e no início do século XVI.²⁹⁸ 2. Dados do <i>Numeramento de 1527</i> (p. 57)*: vila do mestrado da Ordem de Santiago e “<i>he comenda ea jurdição do mestre e esta vila he cerquada e tem hum castello e não tem nhum a-Rabalde</i>”. A quantidade de fogos no interior da cerca é 213. O termo da vila 	

²⁹⁴ BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola. História, Espaço e Formas, sécs XIII-XXI*; Camara Municipal de Mértola. P. 87.

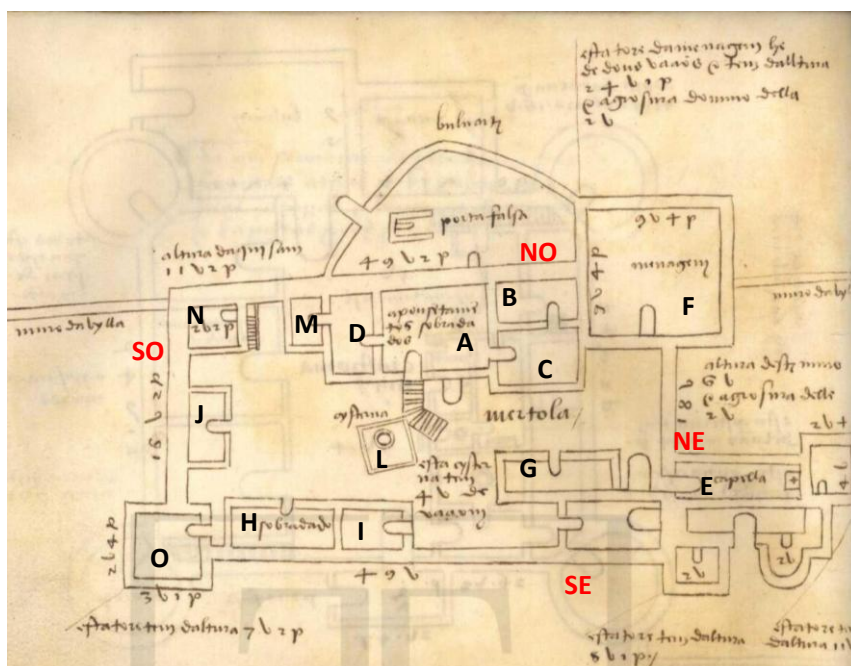
²⁹⁵ No *Livro das Fortalezas* não há nenhuma referência à essa torre, entretanto ela serviu de prisão desde 1534 quase até o fim do século XVI, e nessa altura já estava coberta por abóboda hemisférica apoiada em trompas, e com uma fresta virada a SO. (BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola. História, Espaço e Formas, sécs. XIII-XXI*; Camara Municipal de Mértola. Pp.82-83) A torre encontrava-se em estado avançado de ruína aos meados do século XX, foi submetida à recuperação numa campanha de restauro do castelo realizada pela DGEMN em 1980-1987. Atualmente a porta de entrada encontra-se do lado SE, e a indicada por Duarte d’Armas serve de acesso ao eirado da torre.

²⁹⁶ Não foram encontradas referências a trabalhos de reparação ou de renovação para torre de menagem, o que é bastante estranho dado o facto de a mesma ter sido construída em 1292 e o castelo for o alvo de assédios em várias guerras nos reinados de D. Afonso IV, D. Fernando, D. João I, etc. (BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola*. Pp.45-59).

²⁹⁷ BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola*. P.75.

²⁹⁸ BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola*. P. 68.

contava com mais 781 fogo. Neste termo estava incluída a aldeia de Alcaria Ruiva que constituía mais uma comenda da Ordem.²⁹⁹



**Castelo de Mértola.
Localização e funções
das casas:**

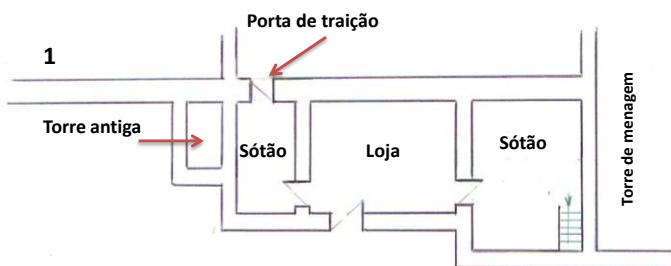
Segundo Visitações:

- A – sala;
- B e C – camaras;
- entressolho;
- sótão;
- D – sobrado;
- entressolho;
- sótão;
- E – capela;
- F – torre de menagem
- 1º andar;
- 2º andar (serve da casa de
armas);
- G – estrebaria (provável);
- H – sobrado;
- cozinha (piso térreo,
provável);
- I – casa pequena junto à
cozinha;
- J – outra casa do mesmo
theor.
- L – cisterna.

**Segundo o livro Castelo
de Mértola:**

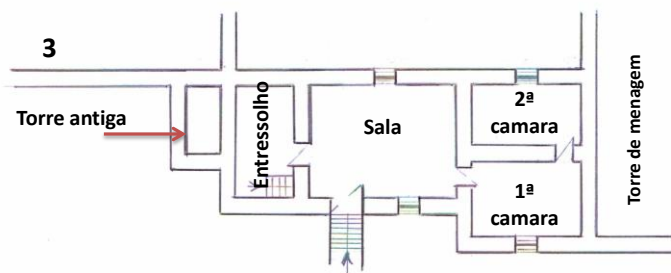
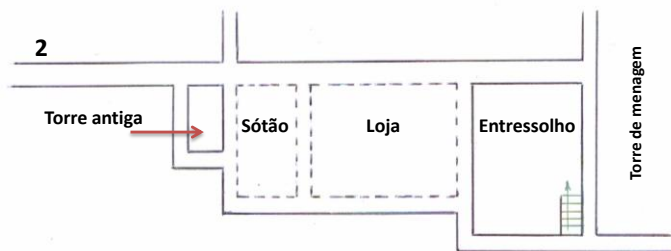
- M – uma torre pre-existente;
- N – “torre de carocha”;
- O – torre de alcaide.

²⁹⁹ Dados apresentados com este símbolo * foram retirados de COLLAÇO, Júlio Tello de Magalhães; *Cadastro da população do Reino (1527). Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*; Lisboa; 1929.



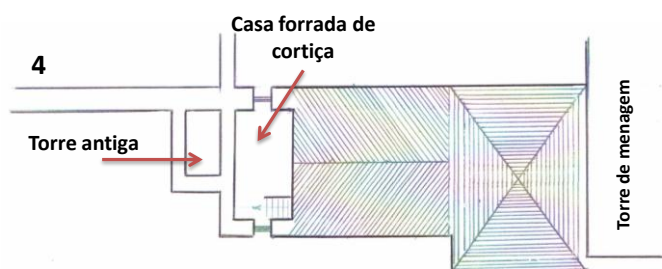
**Castelo de Mértola.
Casa do alcaide-mor.**

1. Piso térreo
2. Entressolho.



**Castelo de Mértola.
Casa do alcaide-mor.**

3. Primeiro andar (sobrado)
4. Segundo andar



4. Serpa.

Localização: Baixo Alentejo, distrito de Beja, concelho de Serpa, união de Freguesias de Salvador e Sta. Maria.

Anos de construção e intervenções posteriores: A vila de Serpa, durante as guerras de Reconquista, várias vezes passou de mãos para mãos; foi definitivamente tomada por cristãos em 1232, no reinado de D. Sancho II que, em 1233, a doou ao seu irmão D. Fernando, Infante de Serpa. No reinado de D. Afonso III as vilas de Serpa, de Moura e de Mourão foram entregues à Ordem de Hospital, que as entregou a Afonso X, o Sábio, em troca de vários bens³⁰⁰. Serpa regressou à posse de Portugal apenas em 1295, e, em 09.12.1295, recebeu foral de D. Dinis, que mandou construir a cerca da vila e o castelo.³⁰¹ D. Manuel outorgou o foral novo em 28 de Junho de 1513.³⁰² Em carta de Nuno Velho, escrita a D. Manuel em Fevereiro de 1509, há referência às obras efetuadas no castelo e na cerca de Serpa.³⁰³

Grande parte do castelo, incluindo a torre de menagem, e da cerca da vila, foi destruída em 1707-1708, durante a Guerra de Sucessão.³⁰⁴

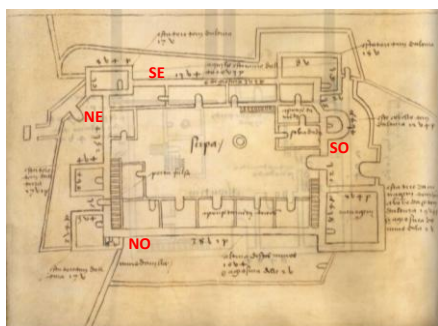
Pertença: Coroa

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: o castelo e a cerca da vila nova encontravam-se, em geral, em bom estado. Há um apontamento no desenho da *banda do leste* sobre a torre do angulo N do castelo: “*este canto desta tore deribou huma pedra de corysco*”. Por outro lado, a cerca da vila velha encontrava-se bastante degradada.

Alcaide-mor: Garcia de Melo (1486-1510).

Estado atual: do castelo medieval persistem as muralhas, torre do angulo S e cubelo semicircular ao lado da entrada principal que foram o alvo dos trabalhos de restauro no século XX. As casas, existentes na praça, são construções mais tardias.

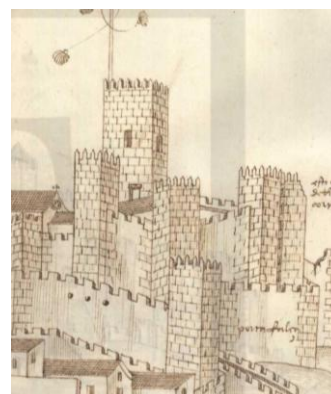
Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.121v.



Vista da banda do oeste
(SO), fl.7.



Vista da banda do leste
(E), fl.8.

³⁰⁰ A carta de escambo fala-nos da existência de castelos nessas três vilas. “*Sepaõ quantos esta Carta virem e oyrem como Nós D. Affonso por la gracia de dios Rey de Castiella, de Toledo, de Leon, de Galiza, de Sevilla, de Cordova, de Murcia, de Gahen e del Algarve viendo que los Castiellos que son llamados Mora e Cerpa e Moron que eram de la Ordem del Hospital de Jeruzalem cumliem a Nós e a Nuestro Señorio porque son en la Conquista del Regno de Leon stablamos e acordamos com D. Gonçalo Peres Perera e Frey Pedro Dayam e Frey Lope Gonçalves e Frey Alberto de Vintemilias e Frey Arias Moniz darmos Camio al Hospital por estes Castiellos sobredichos e daquelas cozas que acordamos de dar por camio.(...)*”. Livro dos Foraes, Escripuras, Doações, Privilégios e Inquirições; Vol. 3; Subsídios para a História da Ordem de Malta; Arquivo Histórico do Ministério das Finanças; Lisboa; 1948. P. 123.

³⁰¹ BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Vol. II, Tomo I, pp. 1124-1127.

³⁰² PROENÇA, Raul (coord.); *Guia de Portugal*; Vol. 2; *Estremadura, Alentejo e Algarve*; 2ª reempr. (1ª Edição, Biblioteca Nacional; 1924); Fundação Calouste Gulbenkian; 1988. P. 167.

³⁰³ VITERBO, Sousa; *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*; Imprensa Nacional, Lisboa; 1899. P. 55.

³⁰⁴ ALMEIDA, João de; *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Vol. III; Distritos de Portalegre, Évora, Beja e Faro. Pp. 378-379.

<p>Casas: Total – 13 Com sobrados – sim Só térreas - sim</p> <p>Localização: Muralha NE – duas casas: primeira - a meia-parede com a última casa da muralha SE; segunda - a meia-parede com a última casa da muralha NO. Muralha SE – quatro casas em fila; a primeira e a última - situadas nos cantos E e S, respetivamente. Muralha SO – duas casas ligadas pela porta interior à última casa da muralha SE; Muralha NO – cinco casas em fila. No centro da praça – há um poço.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: praticamente todas as casas são adossadas às muralhas.</p> <p>“Espaços verdes”: não há.</p>	<p>Descrição (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Três casas indicadas na planta como <i>apousentamentos sobradados</i> são adossadas à muralha SO e ocupam o seu comprimento a partir da entrada principal até o canto S (última casa que se encontra no canto, é a primeira da fila das casas a SE). As casas têm a cobertura comum armada em duas águas e feita de telha (desenho <i>da banda do leste</i>). Há uma chaminé a meio da cobertura. A entrada para o piso térreo é pela porta aberta na parede NO da primeira casa, contando da entrada do castelo, a partir dela entra-se pela porta aberta na parede SE para casa do meio, e desta, pela porta interior, também a SE, para última casa. O acesso ao primeiro andar é feito por uma escada exterior, adossada à parede da segunda casa da fila SE, mas não está indicada nenhuma porta no fim da escada.³⁰⁵ Como o acesso aos sobrados não é claro, as portas interiores tanto podem corresponder ao piso térreo, como ao primeiro andar.</p> <p>Das quatro casas adossadas á muralha SE, a primeira faz parte das casas com sobrados, a segunda e a terceira têm entradas individuais, viradas a NO; a partir da terceira casa pela porta interior virada a NE entra-se para quarta e a última casa dessa fila, que se encontra no canto E da praça e não tem portas exteriores. À muralha NO estão adossadas mais cinco casas que ocupam o espaço entre as duas escadas de acesso ao adarve adossadas às muralhas SO e NE. Essas casas estão indicadas como <i>apousentamentos térreos</i> e têm entradas individuais viradas para praça (SE).</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): A parte das casas está visível no desenho <i>da banda do leste</i>.</p> <p>Coberturas: Separadas: não há informação; Comuns: uma, de duas águas, de telha. Tetos forrados: não há informação.</p> <p>Portas (apenas casas): treze, visíveis na planta, todas em arco. Exteriores: dez. Interiores: três; Janelas: não há informação; Escadas: Exteriores: uma; Interiores: não há informação. Chaminés: uma.</p>
--	---	---

³⁰⁵ Ou escada fazia um L e ia até a primeira casa, ou existia uma porta no 1º andar da casa do meio, por isso não é certa a distribuição dos espaços no primeiro andar: ou a primeira casa servia da sala e dava acesso a duas camaras que se encontravam por trás dela; ou a casa do meio era a sala ladeada por camaras.

	<p>As duas casas da muralha NE têm entradas individuais. A primeira é adossada a muralha e tem entrada virada a NO. A segunda é separada da muralha por escada e tem entrada virada a SO.</p>	
<p><u>Torre de menagem:</u> <u>Informação do Livro das Fortalezas:</u> “Esta torre da menagem tem hua abóboda e tem daltura 19v4p e a grosura do muro dela 2v”, tem 8v4p de lado. A torre é adossada à muralha SO pelo lado exterior, e protege o angulo O do castelo; a porta de entrada está virada a NE, tem acesso por adarve que é servido por uma escada adossada à muralha SO e que leva praticamente até a porta da torre. Há quatro janelas grandes em forma de arcos, uma em cada parede, abertas a nível do 1º andar. <u>Estado atual:</u> A parte acima do adarve está destruída. O piso térreo é maciço. Pelos destroços da torre que permanecem no local, podemos dizer que a abóboda era construída em silhares de mármore, em cruzaria ogival com nervuras chanfradas.</p>		<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo o Livro das Fortalezas): <u>Cobertura:</u> provavelmente eirado rodeado por ameias pentagonais. <u>Vãos:</u> um (?); <u>Com abóboda:</u> um. <u>Janelas:</u> quatro; todas em arco. <u>Portas:</u> duas, <u>Exteriores:</u> duas; <u>Em arco:</u> uma, visível na planta, <u>De verga reta:</u> não há informação <u>Escadas:</u> <u>Exterior:</u> uma, de acesso ao adarve que sobe até a porta da torre; <u>Interior:</u> uma (acesso à cobertura). <u>Chaminés:</u> não há.</p>
<p><u>Outras torres com funções habitacionais ou serventias:</u> <u>Torre S (Torre da Horta):</u> <u>Informação do Livro das Fortalezas</u> – de 18v em altura, 8v x 6v de lado, construída em forma de L, abraça o angulo S pelo lado exterior da praça. <u>Estado atual:</u> Como foi dito acima, a torre tem planta em L. Na parte superior o pé mais curto está à face da muralha SO do lado exterior, e do lado interior forma uma galeria em cotovelo em cima do adarve, com as portas de verga reta. O pé mais comprido tem uma porta igual de acesso à escada no interior da torre que leva ao eirado. No piso térreo desta torre há uma galeria em cotovelo que liga parte SO e SE da liça, possivelmente também estava ligada ao piso térreo das casas com sobrados. As duas partes da passagem são completamente distintas. Do lado SO a entrada começa a partir da liça, e é coberta por uma abóboda abatida que termina em arco quebrado. Pela posição de gonzos, os volantes da porta encontravam-se do lado da liça. A entrada termina com duas pilastras, uma de cada lado, com impostas perfiladas e bases de seção retangular e que têm cerca de $\frac{2}{3}$ da altura da entrada e não servem de apoio a nada; e a seguir vem o arco quebrado que arranca diretamente das paredes. A entrada, o arco e as pilastras são feitos de silhares de calcário e marcados por siglas de pedreiros. Essa entrada leva a um corredor coberto por uma abóboda abatida dividida em três tramos e feita em tijoleira, as paredes são feitas em alvenaria de pedra e argamassa. Logo a entrada, a direita, há mais uma porta em arco quebrado, também feito em tijoleira, que dá acesso a um compartimento muito pequeno. O corredor dobra a 90° e abra-se a segunda parte, a SE, toda revestida em silhares de calcário e mármore, com abóboda de berço dividida em cinco tramos por arcos plenos, apoiados em mísulas achatadas, de forma triangular, com ábacos perfilados ligados entre si por uma cornija com mesmo acabamento. Esta parte do corredor</p>		

termina por uma porta aberta na parede SE da torre, em arco pleno apoiado em pilastras do mesmo tipo que as do lado SO, feitas em blocos de mármore. Do lado exterior, em cima da porta, encontra-se uma moldura torneada com duas pedras: uma com brasão de D. Dinis, outra, por baixo, com imagem em baixo-relevo de uma serpe alada.³⁰⁶

Materiais de construção:

Levantamento no terreno: alvenaria de pedra irregular misturada com cal; reforço de cantaria com silhares de calcário e de mármore; tijolo burro e tijoleira para formação de arcos, mármore para construção da abóboda da torre de menagem e de uma parte da galeria da torre S.

Elementos decorativos: Praticamente todos encontram-se no piso térreo da torre S, a uniformidade de elementos e rigor da sua execução acusam a presença de um mestre que conhecia bem o ofício. As impostas perfiladas de pilastras das entradas têm o mesmo tipo de acabamento que a cornija e os ábacos das mísulas. As mísulas são decoradas com flor-de-lis estilizada, um motivo que se repete duas vezes de formas diferentes a imagem em baixo-relevo de serpe alada é um trabalho minucioso e sofisticado, assim como o brasão de D. Dinis.

Há mais duas pedras de armas. Uma colocada em cima da porta principal da entrada do castelo, com brasão de D. Dinis, trabalho feito na mesma altura e da mesma qualidade que o da torre S. Segunda pedra encontra-se no interior do castelo em cima da porta entaipada em arco quebrado da muralha NO, mas esta pedra está tão mutilada que é impossível ver a imagem.

A porta de entrada do castelo parece que tinha forma de arco de ferradura e que foi alterada posteriormente.

Informação suplementar:

1. Em 1398, por D. João I foi nomeado como alcaide-mor de Serpa D. Gonçalo Vasques de Melo, “primeiro de vários elementos dessa família a ocupar este cargo”.³⁰⁷ A alcaidaria permaneceu nas mãos da família dos Melos, pelo menos, até o século XVIII (ano de 1706 – Alberto de Sousa de Melo, alcaide-mor de Serpa).³⁰⁸

2. Na planta do castelo estão indicadas duas entradas: a principal, aberta em muralha SO, e a porta de traição, aberta em muralha NE, atualmente apenas é visível da parte exterior do castelo. No interior da praça foram feitos aterros e a porta ficou completamente encoberta. Mas, além dessas portas, existem outras entradas: há uma passagem por baixo da torre S que, provavelmente, ligava o piso térreo das casas às liças do lado SO e SE. E há mais uma porta em arco quebrado, atualmente entaipada, aberta em muralha SO, perto da escada de acesso à torre de menagem; pela sua posição, esta porta encontrava-se no interior do piso térreo da primeira casa, contando da escada, das cinco adossadas à muralha NO.³⁰⁹

3. Dados de *Numeramento de 1527** (p. 37): a vila, incluindo os arrabaldes, tinha 727 fogos, mais o termo – 550 fogos.

³⁰⁶ Há mais três pedras de armas praticamente iguais à esta, mas que têm inscrições comemorativas na borda relacionadas com as datas de construção do castelo e da cerca da vila: duas colocadas na cerca da vila – primeira em cima da Porta de Beja, segunda em cima da Porta Nova; a terceira pedra está em cima da porta de entrada do castelo; todas correspondem ao reinado de D. Dinis. As datas, infelizmente, são ilegíveis, por isso Dr. Barroca atribuiu-as ao período entre 1295-1325. Enquanto a imagem da serpe que faz parte do brasão da vila, Dr. Barroca é de opinião que ela é do tempo do Infante D. Fernando. (BARROCA, Mário Jorge; *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Vol. II, Tomo I, pp. 1124-1127.)

³⁰⁷ BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Vol. II, Tomo II, p. 2084.

³⁰⁸ COSTA, António Carvalho (Padre); *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica*; Tomo II. Lisboa: Oficina de Valentim Da Costa Deslandes, Anno M.DCC.VI (1706), p. 474.

³⁰⁹ Trabalhos de levantamento no terreno.

5. Moura

Localização: Baixo Alentejo, distrito de Beja, concelho de Moura, união de freguesias de Sto. Agostinho, S. João Batista e Sto. Amador.

Anos de construção e intervenções posteriores: A vila fortificada existia aqui muito antes da conquista cristã, tinha uma cerca a volta da área de 2.4 hectares com uma torre ou um pequeno recinto reforçado (uma “celoquia” ou “seluquia”) no seu interior, que a tradição transformou em nome de uma legendária alcaidessa. Durante as guerras de Reconquista várias vezes passou das mãos para as mãos, até que foi definitivamente ocupada por cristãos em 1232.³¹⁰ Ficou definitivamente na posse da coroa portuguesa em Setembro de 1295 (Livro de Reis, nº2; fl. 137-139); em 9 de Dezembro de 1295 recebeu foral de D. Dinis, e, no dia 17, uma carta onde D. Dinis declara que a vila sempre pertencerá à Coroa (Chancelaria de D. Dinis; Livro 2, fl.116 v., fl. 117 v). Em 1320 Frei D. Vicente Afonso, Mestre da Ordem de Avis, doou a D. Dinis a terça parte dos rendimentos das suas igrejas de Serpa, Moura e Morão para “*refazimento e mantimentos dos castelos de Serpa e Moura*” que serviam de reforço para castelo de Noudar (Livro dos Reis, nº2, fl.36v e ss.). Em 1450, face ao despovoamento da vila, D. Afonso V fez aqui o couto de homiziados (Chancelaria de D. Afonso V; Livro 34; fl. 131, doc.8).³¹¹

Nos finais da primeira, início da segunda década do século XVI foram aqui realizadas obras no castelo e cerca da vila, entregues a Francisco Arruda.³¹²

A vila recebeu o foral novo em 01.06.1512. A grande parte do castelo e da cerca foi destruída por mando de duque de Ossuma durante a Guerra de Sucessão.³¹³

Pertença: Coroa

Estado na altura da visita de Duarte d’Armas: Algumas das torres da muralha SO do castelo (desenho da banda do oeste) encontravam-se em estado avançado de degradação, enquanto as outras tinham ameias novas de seção retangular, a muralha deste lado também apresenta sinais de degradação; a torre de menagem está coroada por ameias de dois tipos.

Alcaide-mor: D. Rodrigo de Eça (1492-1531).

Estado atual: A maior parte do castelo está destruída, persiste no local a muralha NE com torre do poço e torre NO meio destruídas, torre de menagem e cubelo semicircular restaurados. A torre do poço e a torre da menagem ladeiam a entrada principal do castelo.

No interior do castelo estão a ser realizadas escavações arqueológicas.

Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.122.



Vista da banda do oeste (O), fl.9.



Vista da banda do leste (E), fl.10.

³¹⁰ MACIAS, Santiago; GASPAR, Vanessa, *Fortificações Modernas de Moura*. Camara Municipal de Moura, 2005, pp. 7-9.

³¹¹ PASCOA, Maria Cristina, *Fontes para História de Moura. Catálogo de documentos relativos a Moura existentes na Torre do Tombo*, Vol. 1. Camara Municipal de Moura, 2005.

³¹² VITERBO, Sousa, *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos ...*, Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899, p.55.

³¹³ ALMEIDA, João de; *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Vol. III; Distritos de Portalegre, Évora, Beja e Faro. P. 338-339.

<p>Casas: Total – 20 Com sobrados – sim Só térreas - sim</p> <p>Localização: Muralha SE – uma casa isolada; Muralha SO – nove casas em fileira dupla; Muralha NO – não existe; Muralha NE – onze casas no total, primeira e última - isoladas, restantes nove em fila; No centro da praça – há um poço.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: a maioria das casas é adossada às muralhas. O sobrado de uma das casas do lado SO tem uma janela rasgada em espessura da muralha.</p> <p>“Espaços verdes”: um laranjal com vedação a meio da praça.</p>	<p>Descrição (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Um grande conjunto de nove casas, indicado como <i>apousentamentos sobradados</i>, encontra-se adossado à muralha SO, este conjunto é dividido em duas partes com entradas independentes, unidas apenas pela parede comum. Cada parte tem duas filas. Todas as casas da primeira fila, têm entradas individuais viradas a NE. Não há escadas exteriores de acesso aos sobrados. A parte 1 é constituída por quatro casas em fileira dupla. Contando de E para O, a primeira casa da primeira fila não tem ligações com as outras casas; a segunda casa dá acesso à segunda casa da segunda fila pela porta interior, virada a SO; a está última casa corresponde uma grande janela em arco e com grade de ferro, aberta em espessura da muralha (desenho <i>da banda do oeste</i>). A partir dessa casa, pela porta interior, virada a SE, entra-se para última divisão desta parte. A parte 2 é constituída por cinco casas, duas em primeira, e três em segunda fila. Contando de O para E – a primeira casa da primeira fila não está ligada às outras; a segunda casa tem uma porta interior a SO que dá acesso a casa do meio da segunda fila; a partir desta última há duas portas em paredes opostas (SE e NO) que dão acesso a outras duas casas desta fila. A primeira casa da segunda fila tem mais uma porta, virada a NO, que deve corresponder a piso térreo. A casa isolada do lado SE é adossada à respetiva muralha. Do lado NE, contando da esquerda para direita de quem entra, a primeira casa isolada é adossada à muralha; das nove casas em fila quatro primeiras são separadas da muralha por uma escada de acesso ao adarve, as restantes cinco são adossadas à muralha; a segunda casa isolada é separada da muralha por segunda escada de acesso ao adarve. Todas as casas têm entradas</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): As casas não são visíveis nos desenhos. Coberturas: não há informação. Portas (apenas casas): vinte e uma, visíveis na planta, todas em arco. Exteriores: dezasseis. Interiores: cinco; Janelas: uma, grande, em arco e com grade de ferro. Escadas: Exteriores: não há; Interiores: não há informação, mas com tantos sobrados, certamente, existiam várias. Chaminés: não há informação.</p>
---	--	--

	individuais, viradas a SO.	
<p>Torre de menagem³¹⁴. Informação do Livro das Fortalezas: “esta torre he a da menagem e he abobadada e tem daltura 23v e tem em cyma huu apousentamento mall tratado”, tem 12vx9v de lado; frestas abertas em quatro níveis: parede NE – 1º e 3º; paredes SE e SO – 2º e 4º, parede NO – 3º.³¹⁵ Tem uma chaminé, por cima da cobertura há uma construção com telhado armado em uma água (provavelmente levantado para proteger a escada de acesso ao eirado), mas que aparece só num dos desenhos (<i>da banda de oeste</i>). A entrada é a partir do adarve, com acesso por uma escada que leva praticamente até a porta.³¹⁶ A torre está enquadrada em muralha NE por trás das casas com sobrados, mas não tem ligações interiores com elas. Estado atual: As medidas atuais: 25 m de altura, 13.9m x 12.8m de lado, é maciça até a altura de 8.5m (altura do adarve).³¹⁷ A parede SO da torre está a face com a muralha NE do castelo pelo interior. A torre é maciça até o adarve, a seguir é construída por cima dele de forma que faz uma galeria, de perfil retangular, na direção NO-SE, revestido no interior com silhares de mármore e calcário, muitos deles marcados por siglas, com portas de verga reta formadas por silhares do mesmo material, com lintéis e ombreiras chanfrados. O acesso é por uma escada (Nota53) que sobe ao adarve ao lado da entrada NO da galeria, logo a entrada encontra-se a porta de acesso ao interior da torre que tem o mesmo tipo de acabamentos que as entradas da galeria. A meio da parede virada à praça, a galeria é iluminada por uma fresta que abre para fora em arco pleno. Embora por fora a torre é retangular, no interior dela existe uma única sala de planta octogonal, coberta por uma abóboda de cruzaria ogival, formada por oito nervuras. Toda abóboda é feita em mármore preto, com chave em calcário amarelo que faz um forte contraste, segundo os estudos arqueológicos “havia a rematar o conjunto, uma chave da abóboda constituída por um brasão, hoje desaparecida”³¹⁸. o remate de calcário deve ser posto mais tarde. As nervuras são apoiadas em oito colunas adossadas aos cantos da sala. A sala é iluminada por três frestas que abram para interior em arcos plenos. Todas as paredes no interior da sala são revestidas com silhares de calcário. A partir da sala, a esquerda da porta de entrada, há porta de verga</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas): Cobertura: provavelmente em eirado por cima do qual há uma casa coberta de telha, armada em uma água. A cobertura está rodeada por ameias: retangulares do lado NO, e pentagonais nas restantes paredes. Vãos: um; Com abóboda: um. Frestas: cinco. Janelas: não há. Portas: duas; Exteriores: duas (uma em arco); De verga reta: não há informação. Escadas: Exterior: escada de adarve que sobe até a porta da torre. Interior: uma (de acesso à cobertura). Chaminés: uma.</p>	

³¹⁴ A torre de menagem que nós podemos ver na planta e nos desenhos de Duarte d’Armas não corresponde à que existe atualmente. Considerando o facto de terem sido realizadas as obras no castelo e na cerca da vila nas primeiras duas décadas do século XVI (VITERBO, Sousa; *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos...*, Vol. 1, p.55.), e o tipo de acabamento e decoração que a torre tem, podemos supor que ela foi reconstruída na época posterior a visita do escudeiro.

³¹⁵ Esta posição de frestas é semelhante ao da torre de menagem do castelo de Olivença onde as frestas servem para iluminação da rampa que sobe em serpentina a volta da parte central da torre.

³¹⁶ Atualmente esta escada não existe. Há vestígios de uma escada que estava adossada à muralha NE deste lado, mas subia até a outra torre, indicada por Duarte d’Armas como a torre do poço (essa torre e a torre de menagem ladeiam a entrada principal do castelo). Existe uma escada adossada à muralha NE que se encontra a direita de quem entra na praça, e que leva à entrada da torre de menagem, ela não aparece na planta, provavelmente foi construída na altura da reconstrução da torre. Atualmente essa escada não é funcional por causa de escavações arqueológicas. O acesso ao adarve e à torre de menagem faz-se pela escada que leva à torre NO, indicada na planta de Duarte d’Armas.

³¹⁷ MACIAS, Santiago; GASPARG, Vanessa; VALENTE, José Gonçalo. *Castelo de Moura: Escavações Arqueológicas (1989-2013)*. Moura: Camara Municipal de Moura, 2016, p.74.

³¹⁸ MACIAS, Santiago; GASPARG, Vanessa; VALENTE, José Gonçalo. *Castelo de Moura: Escavações Arqueológicas (1989-2013)*. P.75.

<p>reta que dá acesso a uma escada em caracol de 62 degraus, aberta em espessura da parede NE, que leva até o eirado. O poço da escada é revestido com silhares de calcário marcados por siglas coincidentes com as siglas da galeria e da entrada da torre.</p>	
<p><u>Outras torres com funções habitacionais ou serventias:</u> <u>Informação do Livro das Fortalezas:</u> Torre do angulo E (ao lado da porta falsa) – de 20v em altura e de 7v de lado, tem duas janelas de verga reta em dois níveis e porta de entrada de verga reta emoldurada por um arco de ferradura. A entrada do primeiro andar é a partir do adarve e não tem ligações com outras casas. Torre do angulo S – 16v em altura, e 3v x 4v de lado, tem duas janelas em forma de arco no piso ao nível do adarve, na planta está indicada como “<i>abobodada</i>”. Não tem ligações com outras casas. Torre adossada à muralha NE (ao lado da entrada principal do castelo), no mínimo de 10v em altura e 6v1p x5v4p de lado, tem uma cobertura em telha de quatro águas e tem um poço com altura de 10v que <i>he fundado e(m) cyma da tore</i>. Não tem ligação com outras casas.</p>	<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): <u>Torre E:</u> <u>Pisos:</u> dois. <u>Janelas:</u> duas, de verga reta. <u>Portas:</u> três; <u>Exteriores:</u> duas, uma de verga reta emoldurada em arco de ferradura. <u>Interiores:</u> uma. <u>Escadas:</u> duas (interiores). <u>Torre S:</u> <u>Pisos:</u> um, com abóboda. <u>Portas:</u> duas; <u>Exteriores:</u> duas, uma em arco. <u>Janelas:</u> duas, em arco. <u>Escadas:</u> uma. <u>Torre NE (do poço):</u> <u>Cobertura:</u> de quatro águas em telha. <u>Portas:</u> duas (exteriores). <u>Escadas:</u> uma.</p>
<p><u>Materiais de construção:</u> <u>Livro das Fortalezas:</u> telha para coberturas, grades de ferro para proteção de janelas. <u>Levantamento no terreno:</u> alvenaria de pedra e cal; uso de silhares de calcário e de mármore para reforço de cantaria, formação de arcos das frestas; de ombreiras, lintéis e soleiras das portas.</p>	
<p><u>Elementos decorativos:</u> Toda decoração persistente encontra-se na torre de menagem. As portas das entradas da galeria, da torre e da escada têm lintéis e ombreiras chanfradas. A abóboda é formada por oito nervuras chanfradas, toda ela é feita em mármore preto, com chave de calcário amarelo que faz um forte contraste. As nervuras estão apoiadas em oito colunas de fustes estreitos, lisos, com bases circulares em gola dupla, com lóbulos, fixados por cima de plintos em hexágono, seis dos quais são escalonados. Capitéis de colunas são decorados com motivos vegetalistas diversificados, têm ábacos de meio hexágono em gola dupla fina, ligados entre si por uma cornija corrente que tem o acabamento igual. O eirado tem duas gárgulas, uma, do lado NO é de meia cana, outra, do lado NE parece com pescoço e cabeça de girafa. Há uma pedra emoldurada com brasão de Portugal em cima da porta do castelo. A própria porta parece que era em arco de ferradura, alterado posteriormente.</p>	
<p><u>Informação complementar:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Dados de <i>Numeramento de 1527*</i> (p. 35): a vila junto com arrabaldes tinha 876 fogos, mais o seu termo – 273 fogos. 2. As novas hipóteses sobre as datas da construção do castelo de Moura e as intervenções posteriores, assim como sobre as origens das divergências na apresentação da torre de menagem, existentes entre a planta e os desenhos de Duarte de Armas e a torre atual, estão expostas em MACIAS, Santiago; GASPARG, Vanessa; VALENTE, José Gonçalves. <i>Castelo de Moura: Escavações Arqueológicas (1989-2013)</i>. Moura: Camara Municipal de Moura, 2016, pp.71-77. 	

6. Noudar

<p>Localização: Baixo Alentejo, distrito de Beja, concelho de Barrancos, freguesia de Barrancos.</p> <p>Anos de construção e intervenções posteriores: O território onde se encontra a vila de Noudar deve ter sido reconquistado aos mouros na década de 30 do século XIII, quando foram ocupadas vilas de Serpa, Moura e outras desta região. Ficou na posse de Castela e recebeu primeiro foral de D. Afonso X, o Sábio, junto com Arouche, Aracena, Moura e Serpa, em 06.12.1253. Definitivamente entrou na posse de Portugal, junto com Moura, Mourão e Serpa, em 1295, quando foi assinada paz entre D. Dinis e D. Fernando IV de Castela. No mesmo ano, em 16 de Dezembro, recebeu foral de D. Dinis. Em 25.11.1307, a vila foi doada por D. Dinis à Ordem de Avis com a condição de construir aqui a cerca da vila e um forte castelo. Trabalhos começaram em 1308, e no mesmo ano foi aqui criado o primeiro couto de homiziados do reino para promover o povoamento mais rápido e ajudar na construção. Em 1339 o castelo regressou à posse de Castela (guerras de D. Afonso IV) e lá permaneceu até 1372. Em 1385 tomou partido de D. Beatriz, regressou à administração portuguesa só em 1399.³¹⁹</p> <p>Possivelmente foram feitas algumas obras no reinado de D. João I. Há referências às obras no castelo em 1510, realizadas por mando de D. Manuel; a vila recebeu o foral novo das mãos deste rei em Outubro de 1513.³²⁰</p> <p>Pertença: Comenda da Ordem de Avis.</p> <p>Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: Tanto castelo como a cerca da vila apresentavam fortes sinais de degradação.</p> <p>Alcaide-mor: Lopo Álvares de Moura (1490-1516).</p> <p>Estado atual: há vestígios das muralhas e torres em todo perímetro do castelo, melhor conservadas encontram-se a torre de menagem e duas cisternas.</p>		
<p>Livro das Fortalezas: planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl. 122.</p>	 <p>Vista da banda do sul (S), fl.11.</p>	 <p>Vista da banda do norte (N), fl.12.</p>
<p>Casas: Total – dez; Com sobradós – não há; Só térreas – dez.</p> <p>Localização: Muralha SE – quatro em fila; Muralha SO – três casas: uma isolada, duas em fila; Muralha NO – uma casa, faz L com uma casa da muralha NE; Muralha NE – duas casas: uma, isolada, no canto E; outra faz L com casa da muralha NO.</p>	<p>Descrição (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Todas as casas são adossadas às respetivas muralhas; têm entradas individuais viradas para centro da praça. A casa do canto E é separada da muralha SE por escada de acesso ao adarve. As casas da muralha SE são referidas como <i>apousentamentos térreos</i>. A casa adossada à muralha NO ocupa praticamente todo seu</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): As casas não são visíveis nos desenhos. Portas (apenas casas): dez, todas exteriores e em forma de arco.</p>

³¹⁹ BARROCA, Mário Jorge; *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*; Vol. II; Tomo I, pp. 1339-1341.

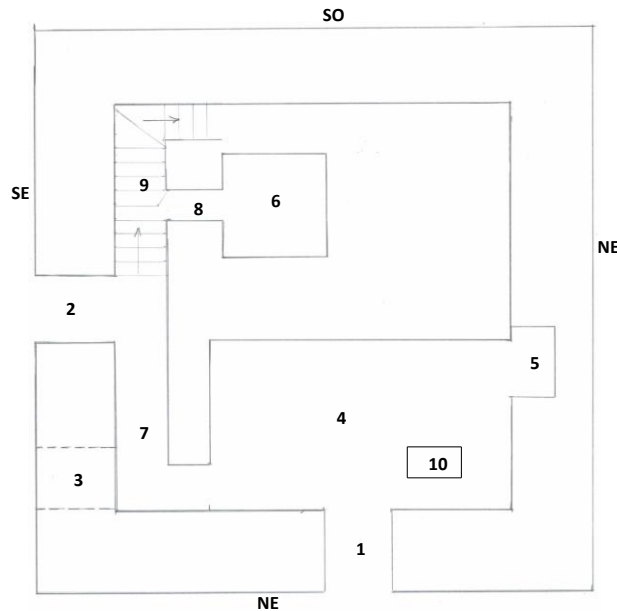
³²⁰ COELHO, Adelino de Matos; *O Castelo de Noudar. Fortaleza Medieval*. Edição Camara Municipal de Barrancos, Águeda, 1999, pp. 67-68.

<p>No centro da praça – duas bocas de cisternas.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: todas as casas são adossadas às respetivas muralhas.</p> <p>“Espaços verdes”: não há.</p>	<p>comprimento e está separada da parede NE da torre de menagem por uma escada que serve de acesso à porta da torre. A casa da muralha NE tem uma troneira cruzetada virada para praça. Essas duas casas são indicadas como térreas.</p>	
<p>Torre de menagem:</p> <p>Informação do Livro das Fortalezas: “<i>esta tore damenagem he abobodada e tem em cyma apousentamento bom e tem hua cystema em cyma da tore e he daltura 14v1p e acystema tem do vão 4v2p com mujta auga</i>”. A torre de menagem está enquadrada em muralha NO; tem 9v de lado; há uma única fresta que aparece ao nível do 1º andar na parede SO (desenho <i>da banda do norte</i>); a porta de entrada está aberta em parede NE a nível de adarve e há uma escada que deve servir de acesso à entrada da torre, encaixada entre esta parede e a casa adossada à muralha NO.</p> <p>Estado atual:</p> <p>Esta torre tem três portas de entrada, uma - no piso térreo, virada à praça (SE) e que não aparece na planta; e duas no primeiro andar, uma, a NE, coincidente com a do <i>Livro das Fortalezas</i>, servida pela escada adossada à muralha NO que vai na direção da <i>tore derybada</i> (NE), atualmente substituída por um cubelo. A terceira porta está virada para praça (SE), por baixo dela ainda são visíveis os encaixes que serviam para uma escada móvel. As três portas têm forma de arco ligeiramente quebrado, feito em tijolo. No interior da torre há duas salas, uma no piso térreo com área de 20.7 m²; outra no primeiro andar com área de 16 m². As duas são cobertas por abóbodas de berço, e ligadas entre si por uma abertura feita em abóboda no piso térreo. A partir da segunda sala há acesso à escada, aberta em espessura da parede SE, que dá acesso ao eirado e a cisterna. A cisterna é paredes-meias com a sala do primeiro andar, mas tem secção quadrangular com área de cerca de 2,2 m². O vão da cisterna é de 4v2p (cerca de 4.84 m). A torre tem planta quadrangular, com cerca de 10 m de lado pelo exterior. A parte da torre, onde está encastrada a cisterna, é quase toda maciça, isso explica as áreas diminutas das salas (Desenhos nas pp. 29 e 30³²¹). O último andar da torre é um piso aberto, em eirado, em torno do qual surge o caminho de ronda protegido por peitoril muito alto e coroadado por ameias pentagonais. (Anexo 2. Figuras 15 e 20)</p>		<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>):</p> <p>Cobertura: eirado (extradorso da cisterna).</p> <p>Vãos: dois;</p> <p>Com abóboda: dois.</p> <p>Frestas: uma.</p> <p>Portas: três;</p> <p>Exteriores: duas, uma, visível na planta, em arco;</p> <p>Interiores: uma.</p> <p>De verga reta: não há informação.</p> <p>Escadas:</p> <p>Exterior: uma;</p> <p>Interior: uma.</p> <p>Chaminés: não há.</p> <p>Uma cisterna no piso superior.</p>
<p>Materiais de construção:</p> <p>Levantamento no terreno: alvenaria de pedra muito irregular misturada com cal; tijolo burro para formação de arcos de portas, janelas e abóbodas de cisternas.</p>		
<p>Elementos decorativos:</p> <p>Toda construção tem um aspeto muito austero e é desprovida de qualquer tipo de decoração.</p>		
<p>Informação suplementar:</p>		

³²¹ A planta do primeiro andar é feita a base do levantamento feito no terreno, os croquis do piso térreo é a gentileza do Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia de Barrancos.

Dados do *Numeramento de 1527* *(p. 58): a vila de Noudar é do mestrado de Avis e é comenda, a jurisdição é do Mestre. A vila é cercada e tem castelo. Há 6 fogos no interior da cerca e 73 na aldeia de Barrancos que se encontra no termo de Noudar.

Castelo de Noudar. Esquema do 1º andar da torre de menagem.



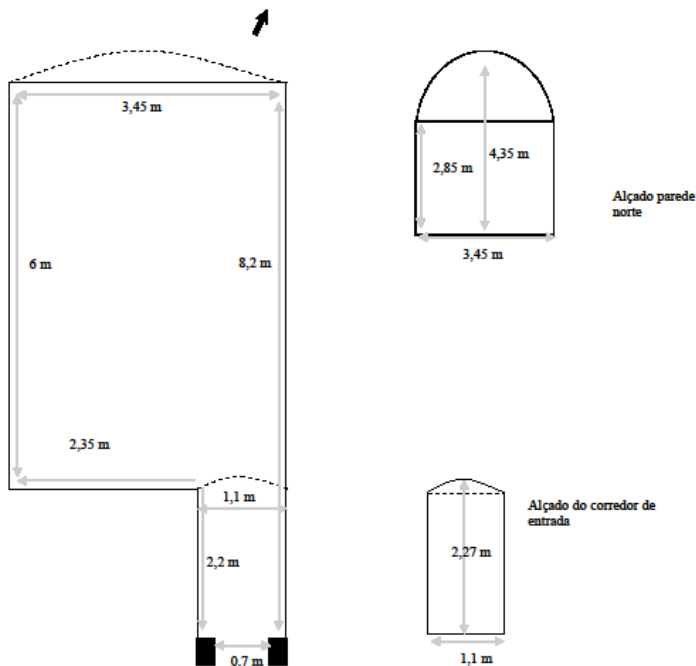
1. Entrada do 1º andar servida de escada permanente.
2. Entrada do 1º andar que era servida por escada móvel.
3. Entrada do R/C.
4. Sala do 1º andar com dimensões 3x 5.33 = 16 m².
5. Possivelmente armário (1 x 0.95m).
6. Cisterna.
7. Corredor de acesso à sala e à escada (0.75 m de largo).
8. Corredor de acesso à cisterna (0.5-0.6m de largo).
9. Escada de acesso à cisterna e ao eirado.
10. Abertura de ligação entre as salas de R/C e do 1º andar.

Castelo de Noudar - Torre de Menagem

Habitação térrea

Croqui

Planta



7. Mourão.

Localização: Alentejo Central, distrito de Évora, concelho de Mourão, freguesia de Mourão.

Anos de construção e intervenções posteriores: O primeiro foral a vila de Mourão recebeu em 1226 das mãos de D. Gonçalo Viegas, Prior da Ordem do Hospital, provavelmente nessa altura já existia aqui uma fortificação (ver Nota 38). Em 1295, junto com Moura, Serpa e Noudar, entrou na posse de Portugal. Em 1298 a vila recebeu foral de D. Dinis. Em 1313, D. Dinis doou a vila a D. Raimundo de Cardona e sua mulher com condição de não fazer aqui nenhuma fortaleza. Em 1317, a vila regressou à posse da Coroa. Uma lápide por cima da Porta da Torre fala do ano de 1343 como início da construção do castelo.³²²

A cerca da vila e o castelo foram alvo de obras de reparação no reinado de D. Manuel, Mourão recebeu o foral novo das mãos deste rei em 1510.

Em 1657, durante a Guerra de Restauração, o castelo e a sua torre de menagem foram parcialmente destruídos.³²³

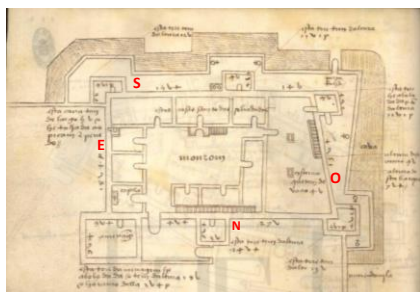
Pertença: Coroa.

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: o castelo, a cerca da vila encontravam-se em muito bom estado. A presença de uma barbacã ao longo de muralhas S e O, reforçada por uma cava, e da barbacã da porta, as duas munidas de troneiras cruciformes e com ameias retangulares e em muito bom estado, fala-nos de uma intervenção recente.

Alcaide-mor: Diogo de Mendonça (1476-1516).

Estado atual: a muralha E do castelo foi demolida no século XVII, na altura da construção da igreja de N. Sra. de Candeias. A torre, adossada à muralha NO ao lado da entrada principal, encontra-se parcialmente destruída. As restantes torres, muralhas e torre de menagem encontram-se em bom estado de conservação. No interior do castelo são bem visíveis os restos de construções outrora existentes.

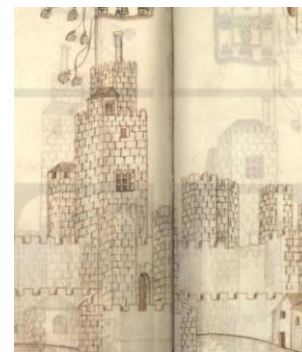
Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl. 122v.



Vista da banda do leste (SE), fl.13.



Vista da banda do oeste (N), fl.14.

Casas:

Total – nove;

Com sobrados – sim;

Só térreas – sim.

Localização:

A praça deste castelo está dividida em duas partes por um muro que a atravessa no sentido N-S. **Parte E da praça:**

Muralha N – duas casas em fila;

Descrição (segundo o *Livro das Fortalezas*):

A direita de quem entra na praça, encontram-se duas casas em fila separadas da muralha N por uma escada de acesso ao adarve. As duas têm entradas individuais viradas a S; a segunda casa faz L com a casa adossada ao muro que tem uma entrada virada a E. Há

Elementos

estruturais (segundo o *Livro das Fortalezas*):

Coberturas:

Separadas: não há informação;

Comuns: uma, em duas águas, de telha.

Portas (apenas

³²² BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Vol. II, Tomo II, pp. 1648-1649

³²³ ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora. Concelhos de Alandroal, Borba, Mourão, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Vila Viçosa*, Vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1978, p. 168.

<p>Muralha E – três casas em fila; Muralha S – três casas em fila; Muro (a O) – uma casa que se encontra no canto entre o muro e a muralha N, e faz L com segunda casa da muralha N; No centro da praça – não há construções. Parte O da praça: Duas bocas de cisternas a meio dessa parte da praça. Aproveitamento de muralhas: a maioria das casas é adossada às muralhas. “Espaços verdes”: é possível que a parte O da praça tenha algumas árvores de fruto e/ou uma horta. Edifícios religiosos: uma capela.</p>	<p>uma chaminé que, pela sua posição no desenho <i>da banda de leste</i>, parece pertencer ao grupo dessas três casas. A esquerda da entrada, adossadas à muralha E, encontram-se três casas com entradas individuais viradas a O. A primeira dessas casas é uma capela, e a última é uma cozinha, essa casa tem mais uma porta pequena para lado do adarve E.³²⁴ As três casas adossadas à muralha E fazem um L com as três casas, adossadas à muralha S desde canto SE até ao muro que divide a praça. As casas da muralha S são indicadas por Duarte d’Armas como <i>sobradadas</i>. Todas três têm entradas independentes viradas para praça (N). A casa do meio tem uma escada exterior de acesso ao sobrado. Essa escada tem um patamar largo que serve de alpendre para entrada do piso térreo. As três casas têm cobertura comum feita de telha e armada em duas águas, e uma chaminé (desenho <i>da banda do leste</i>).</p>	<p>casas): dez, visíveis na planta, todas em arco; Exteriores: dez; Interiores: duas.³²⁵ Janelas: não há informação. Escadas: Exteriores: uma; Interiores: duas (Nota 60). Chaminés: duas.</p>
<p>Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: <i>he abobadada e tem daltura 18v e ho muro della 2v4p;</i> tem 9.5v de lado. A torre é adossada à muralha N pelo lado de fora no angulo NE; tem uma janela grande de verga reta e com grade de ferro ao nível do 1º andar, virada a N; há uma janela, mais pequena, em cima dessa; há mais uma fresta com moldura pentagonal na parede E.³²⁶ A parte superior da torre tem o perímetro mais pequeno, deixando livre uma vasta área no eirado que serve de cobertura à parte inferior. Neste espaço encontra-se uma casa coberta de telha; a cobertura dessa casa é apresentada de forma diferente nos desenhos: para <i>banda de leste</i> é de uma água; para <i>banda de oeste</i> – é de quatro. A casa tem duas janelas grandes de verga reta, uma com grade virada a E, outra virada a N. A torre está encimada por uma chaminé. A porta de entrada da torre de menagem é rasgada na parede S ao nível do primeiro andar e é acessível por adarve. Estado atual:</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Coberturas: três; – A primeira (parte mais larga da torre) - em eirado; – A segunda (casa construída no terraço) - de telha em uma ou quatro águas; – A terceira (parte superior da torre) - não há informação. O eirado e a cobertura da parte superior são rodeadas por ameias pentagonais.</p>	

³²⁴ A capela está indicada como tal por Duarte d’Armas e tem uma cruz como símbolo; achamos que a última casa poderia ser uma cozinha porque há um símbolo num dos cantos dela que tem uma certa semelhança com símbolo que indica a cozinha na planta do castelo de Castro Marim.

³²⁵ As três casas da muralha S são indicadas por Duarte d’Armas como *estas casas sam todas sobradadas*, apenas uma tem acesso exterior para sobrado e não aparecem na planta portas interiores que ligam essas casas entre si, certamente deveria existir uma escada interior com uma porta de acesso ao sobrado em cada uma dessas casas.

³²⁶ Nessa torre de menagem persistiram duas frestas e janela grande que aparecem nos desenhos de Duarte de Armas.

<p>Medidas atuais: Altura cerca de 20 m; paredes por fora medem 11.7m cada, por dentro – 6.2x5.3m.³²⁷</p> <p>Do lado exterior a torre está dividida em dois registos por uma cornija simples (não aparece no <i>Livro das Fortalezas</i>).</p> <p>A porta de entrada em arco pleno de aduelas grossas, apoiado em impostas, está aberta em parede S e tem acesso apenas por adarve da muralha N, a muralha E é substituída por parede da igreja. Na parede O há uma fresta muito estreita a nível do adarve, mais uma fresta igual, entaipada do lado de fora pela parede da igreja, mas visível no interior da torre, encontra-se na parede E; na parede N está aberta uma janela grande de verga reta, por cima dela há uma fresta com acabamento em arco trilobado, segunda fresta de arco trilobado está aberta em parede E.</p> <p>A entrada da torre do lado interior é em abóboda abatida, feita em silhares de granito. No interior da torre há uma única sala com cobertura em abóboda quadripartida, toda feita em lajes de granito, com nervuras apoiadas em mísulas triangulares, localizadas nos cantos e ligadas entre si por uma cornija simples, mais saliente na parede E; no topo da parede N encontra-se uma fresta que dá para patamar da escada, do outro lado do qual se encontra uma das frestas trilobadas. A janela grande da parede N ainda tem vestígios de bancos-conversadeiras, e nos seus lintéis e ombreiras ainda são visíveis buracos que serviram para fixação de uma grade. As frestas das paredes O e E, localizadas a nível do chão, abram-se para interior em arcos plenos.</p> <p>No interior da sala, à direita da entrada, na parede E encontra-se uma porta de acesso à escada aberta em espessura de paredes E e N A escada é iluminada pelas frestas em arcos trilobados, tem seção retangular e é coberta por lajes de xisto.</p>	<p>Vãos: dois; Com abóboda: um. Janelas: três, todas de verga reta. Frestas: quatro (apenas duas aparecem nos desenhos). Portas: seis;³²⁸ Exteriores: cinco; Interiores: uma. Em arco: uma (exterior); De verga reta: não há informação. Escadas: Exterior: não há, acesso à entrada por adarve; Interior: duas. Chaminés: uma.</p>
<p><u>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias:</u></p> <p>Torre SE – com 12v de altura e 4v1p x 6v de lado, tem uma chaminé, cobertura de telha em quatro águas, duas janelas de verga reta, uma com peitoril de grade de ferro, virada a E, e outra virada a N; mais uma janela em arco virada a S. A torre enquadra o angulo SE da muralha do lado de fora e encontra-se por trás das casas com sobrados, é possível que estivesse ligada a elas por uma passagem interior.</p> <p>Torre SO – com 11v2p de altura e 4v x 2.5v de lado, indicada na planta como abobadada, no piso térreo da torre encontra-se a porta de traição. Não está ligada às casas da praça.</p> <p>Esta torre tem dois pisos: térreo, coberto por uma abóboda de berço com abertura tipo matacão. Nesse piso encontra-se a porta de traição, em cotovelo: do lado da liça (N) é em arco pleno; do lado da praça (E) – a parte virada para interior da praça é coberta por abóboda abatida, e o arco virado para exterior – é quebrado. O 1º andar é a nível do adarve, coberto por abóboda de berço, aqui há uma janela de arco duplo virada a N e uma escada de acesso ao eirado da torre.³²⁹</p>	<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Torre SE: Cobertura: de telha em quatro águas. Pisos: um. Janelas: três; Em arco: uma; De verga reta: duas (uma com grade de ferro). Portas: duas; Exteriores: duas (uma em arco); De verga reta: não há informação. Escadas: Exterior: não há,</p>

³²⁷ Esta diferença é provocada por um lanço de escada feito no interior da parede N, que anteriormente levava ate o segundo andar da torre, e hoje em dia - até o terraço, completamente despido, com um marco geodésico lá situado. (ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal*,. Vol. I, p. 167)

³²⁸ Contamos aqui a porta de entrada da torre, porta de acesso à escada; porta de saída para eirado; porta de entrada da casa no terraço; porta de acesso à parte superior da torre e a porta de saída para cobertura dessa.

³²⁹ Dados do levantamento no terreno.

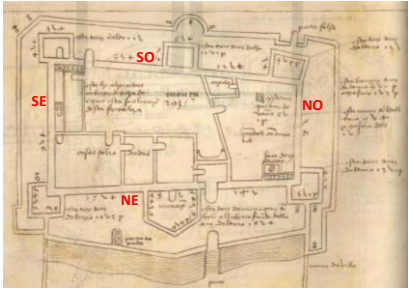
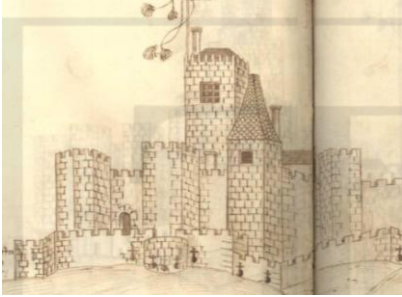

	<p>acesso à entrada por adarve; <u>Interior</u>: uma. Chaminés: uma. Torre SO: <u>Pisos</u>: dois; Com abóboda: dois. Portas: quatro; <u>Exteriores</u>: quatro; <u>Em arco</u>: duas; <u>De verga reta</u>: não há informação. Escadas: <u>Exterior</u>: não há, acesso à entrada por adarve; <u>Interior</u>: uma.</p>
<p><u>Materiais de construção:</u> <u>Levantamento no terreno:</u> alvenaria de xisto e pedra muito irregular; uso de silhares de xisto e granito para reforço de cantaria e como revestimento de alvenaria, silhares de granito para formação de portas e janelas das torres; uso de tijolo burro para formação de arcos de portas e janelas das casas da praça. <u>Informação do Livro das Fortalezas:</u> telha para coberturas, grades de ferro para proteção de janelas.</p>	
<p><u>Elementos decorativos:</u> A maior parte de decoração diz respeito à torre de menagem. O arco pleno da porta de entrada está apoiado em impostas perfiladas; as frestas que iluminam a escada interior da torre têm forma de arcos trilobados, parecidos com os da porta de acesso a essa escada. O arco da fresta da parede N está apoiado em colunelos finos e tem moldura retangular torneada, a fresta da parede E tem moldura pentagonal, também torneada, um pouco abaixo da fresta encontra-se o brasão de Portugal, arcaico, no interior de moldura retangular torneada (brasão de D. Afonso IV). No interior da torre a abóboda é suportada por nervuras caneladas e a chave da abóboda é decorada com motivos geométricos em círculos paralelos, e com um elemento central, bastante apagados; as nervuras são apoiadas em mísulas triangulares com decoração bastante apagada, com abacos perfilados. A porta de acesso à escada é em arco trilobado, canelado, apoiado do lado direito em uma mísula igual a das nervuras, mas sem ábaco, do lado esquerdo - em uma imposta grossa com um triângulo esculpido em baixo-relevo do lado interior da entrada. Fora desta torre, a porta principal do castelo, do lado exterior, é feita em arco quebrado apoiado em impostas perfiladas; em cima desta porta há uma lápide comemorativa em mármore branco, emoldurada por fora e dividida em duas partes: a esquerda – o texto, a direita- brasão de Portugal ladeado por imagens de sol e de lua, e rodeado por castelos esculpidos na borda. Duas torres, SO e a do meio da muralha SE, têm portas de entrada em <i>shouldered arch</i>, a torre SO tem uma janela em arco duplo quebrado e com chanfro, a abóboda do piso térreo dessa torre está apoiada em uma cornija simples. Grande interesse em termos de acabamentos e decoração apresenta a torre da porta de Monsaraz enquadrada na cerca da vila, a NO do castelo (ver a Informação Suplementar).</p>	
<p><u>Informação suplementar:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. D. Afonso V doou a vila e o castelo ao seu filho, futuro D. João II, que, ainda regente, em 1478, nomeou como alcaide-mor Diogo de Mendonça. A partir dessa data a posse de alcaidaria permaneceu na família de Mendonças Furtados até os meados do século XVII.³³⁰ 2. A Porta de Monsaraz encontra-se no piso térreo de uma torre da planta retangular, 	

³³⁰ ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora*. Vol. I, p. 167

adossada pelo lado de fora à cerca da vila, perto do angulo NO. A porta é feita em cotovelo; a entrada do lado da vila (virada a N) é em abóboda abatida que termina em arco quebrado, toda essa parte é feita de silhares de granito. A segunda parte do cotovelo virada para fora da cerca tem paredes em alvenaria de pedra irregular misturada com cal, e tem cobertura em abóboda de berço, formada por lajes de xisto, dividida em três tramos por dois arcos plenos, feitos de silhares de granito, e apoiados em mísulas triangulares com decoração antropomórfica – são quatro carantonhas diferentes inscritas em triângulos, um trabalho bastante minucioso e sofisticado. As mísulas têm ábacos perfilados que são ligados entre si por cornijas de perfilhação igual. Em cada tramo da abóboda há um buraco matacão. Esta parte termina com uma porta de arco abatido aberta a O para espaço da liça. O arco da porta é muito fino, torneado e está apoiado em ombreiras que imitam pilastras com capitéis prismáticos que terminam em ábacos perfilados. A ombreira é visível apenas de um lado, por outro está tapada por muralha da cerca (possivelmente alargada posteriormente). Em cima da porta há um brasão arcaico de Portugal, em moldura torneada, e uma fresta pequena, meio entaipada, também em moldura. O primeiro piso da torre tem acesso a partir do adarve; a porta da entrada, do lado N, é em arco quebrado de duas arquivoltas, apoiado em impostas finas, perfiladas, por cima das ombreiras caneladas. A porta dá acesso a mais uma porta, a E, de entrada para sala no interior da torre, e a uma escada que leva até o eirado. A sala interior tem cobertura de abóboda ligeiramente apontada, feita em blocos de xisto. A abóboda é dividida em três tramos por dois arcos feitos em silhares de granito, com chanfro que termina em motivos enrolados. Os arcos são apoiados em mísulas triangulares, simples, com ábacos prismáticos ligados entre si por cornijas com mesmo tipo de acabamento. A sala tinha uma janela com bancos-conversadeiras, virada a E, da qual sobraram apenas alguns vestígios.

3. Dados de *Numeramento de 1527* * (p. 40): A vila (cerca e arrabalde) tinha 305 fogos, mais 149 fogos no seu termo.

8. Monsaraz.

<p>Localização: Alentejo; Distrito de Évora; Concelho de Reguengos de Monsaraz; Freguesia de Monsaraz.</p> <p>Anos de construção e intervenções posteriores: A conquista definitiva da vila e do castelo de Monsaraz foi realizada pela Ordem do Templo durante o reinado de D. Sancho II. O primeiro foral que delimitava o termo de concelho e terras reguengas, vila recebeu em 1276 de D. Afonso III.³³¹ O castelo foi reconstruído no início do século XIV por mando de D. Dinis que o doou à Ordem de Cristo em 1319, constituindo uma Comenda dessa Ordem.³³² Em 1385, depois de resgatado por D. Nuno Alvares Pereira, “ficou na sua posse pela benesse de D. João I”, alguns anos mais tarde entrou na posse da Casa de Bragança que nomeava alcaides.</p> <p>Grande parte das construções, existentes na praça, foi sacrificada durante a Guerra de Restauração. Aos meados do século XIX a praça-forte foi transformada em praça de touros.³³³</p> <p>Pertença: Casa de Bragança</p> <p>Estado na altura da visita de Duarte d’Armas: O castelo e a cerca da vila encontravam-se em bom estado, a barbacã precisava de algumas obras.</p> <p>Alcaide-pequeno: Martim Botelho; ? – 1512.</p> <p>Estado atual: O interior da praça foi completamente reconstruído: o nível do solo foi levantado de forma a tapar quase na íntegra a porta de traição, às muralhas SE e NO foram adossadas cadeias de bancos em anfiteatro o que levou a anulação de duas escadas de acesso a adarves. Foi construída uma nova escada de acesso a adarve, adossada à muralha NE, que sobe até a porta da torre de menagem. O centro da praça foi transformado em uma arena. As torres que ladeiam a porta de traição, a torre de menagem e as muralhas do castelo foram alvo de várias campanhas de restauro no decorrer do século XX.</p>		
<p>Livro das Fortalezas: planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl. 122v.</p>	 <p>Vista da banda do oeste (S), fl.15.</p>	 <p>Vista da banda do leste (N), fl.16.</p>
<p>Casas: Total – sete; Com sobrados – sim; Só térreas – sim.</p> <p>Localização: A praça está dividida em duas partes por um muro que a atravessa no sentido NE-SO. Parte SE: Muralha SO – não há casas; Muralha SE – um alpendre que faz L com a primeira casa da</p>	<p>Descrição (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Na parte SE da praça há um alpendre em frente da muralha SE com entrada virada a NO, que é coberto de telhado e em que esta almazém desta fortaleza. Entre a parede lateral do alpendre e a muralha SO do castelo há uma escada de acesso ao adarve e que também dá acesso à uma passagem que leva até a entrada do</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): As casas não são visíveis nos desenhos. Coberturas: não há informação. Portas (apenas casas): sete,</p>

³³¹ PATRICIA, Noélia (coord), *Fortificações de Monsaraz*. Série *O País das Maravilhas*. Lisboa: Tugaland Edições, 2007, p.14

³³² ALMEIDA, João de; *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Vol. III, p. 262

³³³ ESPANCA, Túlio; *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora*. Vol. I, p. 357.

<p>muralha NE; Muralha NE – quatro casas em fila; Muro – última casa da muralha NE que ocupa o canto N; A meio da praça – não há construções. Parte NO: Canto S – uma capela (casa isolada entre o muro e a muralha SO); Muralha NE – a casa de cisterna (isolada) No centro da praça: uma boca de cisterna. Aproveitamento de muralhas: a capela e as quatro casas do lado NE são adossadas às muralhas. “Espaços verdes”: na parte NO da praça há um quintal com árvores. Edifícios religiosos: uma capela.</p>	<p>primeiro andar das casas com sobrados. Esta passagem vai entre parede traseira do alpendre e a muralha SE, em paralelo com adarve, a meio dela há mais uns degraus que levam a uma porta. As casas com sobrados estão adossadas à muralha NE e ocupam o espaço desde torre E até ao muro que divide a praça. A primeira casa, contando da torre E, tem duas entradas – uma no piso térreo, segunda no primeiro andar, as duas abertas para SO. A partir desta casa pela porta interior entramos em segunda, que dá acesso à terceira, e essa à quarta. Todas as portas interiores estão viradas a NO. A última casa encontra-se por cima da entrada principal.³³⁴ No desenho <i>da banda do oeste</i> aparece uma chaminé que pela sua posição pode corresponder à segunda ou à terceira das casas com sobrados. Na parte SO da praça há uma capela localizada no canto S formado por muro e muralha SO; no canto oposto, formado por muralhas NO e NE, adossada à escada de acesso ao adarve da muralha NE, há uma casa de cisterna. O acesso à boca dessa cisterna deveria ser a partir do meio da escada à que era adossada. A segunda cisterna é subterrânea e encontra-se a meio desta parte da praça.</p>	<p>visíveis na planta, todas em arco; Exteriores: quatro; Interiores: três; Janelas: não há informação. Escadas: duas; Exteriores: duas (uma é de acesso a adarve); Interiores: não há informação. Chaminés: uma. Um aljube no piso térreo.</p>
<p>Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: <i>esta tore da menagem tem huu aljube no fundo della tem daltura 16v+ ”</i>, é pentagonal e tem seguintes medidas de lados: a parede mais larga, adossada à muralha NE pelo lado de fora, é de 8v; duas paredes perpendiculares à essa são de 6v4p cada; e duas últimas paredes são de 4v4p cada. A torre tem duas janelas grandes de verga reta e com grades de ferro, que se apresentam em dois níveis: primeira, virada para vila (NE), no nível mais baixo; segunda, virada para praça SO, no nível mais alto (está em cima da porta de entrada). A torre tem uma chaminé e está coberta por telha, armada em quatro águas; porta em arco está aberta em parede SO a nível do adarve e com acesso a partir dele. Na planta não são visíveis ligações com as casas da praça.</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Cobertura: de telha, armada em duas águas, rodeada por ameias pentagonais. Pisos: dois; Com abóboda: não há.³³⁸ Janelas: duas, de verga reta e com</p>	

³³⁴ Por cima dessa entrada há cachorros escalonados que outrora suportavam um balcão com matacão com acesso a partir do adarve. A presença da casa aumentava consideravelmente o túnel de entrada que tem porta do lado de fora em arco quebrado, e para lado de dentro a entrada era em arco abatido e bastante mais largo, segundo a planta de Duarte d’Armas.

³³⁸ Duarte d’Armas não deixa referências sobre a existência de abóboda.

<p>Estado atual: A torre está adossada à muralha NE no local onde está faz uma ligeira flexão, logo ao lado da torre (a direita de quem entra) encontra-se a porta principal da praça. O adarve em frente da torre é uns degraus mais alto, há uma escada em cima do vão da porta do castelo (à direita da torre) que tinha uma porta em cima, da qual ainda persistem duas ombreiras com chanfro feitas em blocos de xisto. Por esta porta entrava-se no patamar em frente da porta da torre. No interior da muralha, à qual a torre está adossada, há uma escada que liga duas portas em níveis diferentes que antes serviam as casas existentes na praça³³⁵.</p> <p>A porta de entrada da torre (parede SO) é em arco ligeiramente apontado apoiado em impostas simples. Por cima da porta há uma janela de verga reta que ainda conserva buracos de fixação de grade nas suas ombreiras. Outra janela de verga reta está aberta em parede NE, e também tem buracos nas ombreiras e lintel onde era fixada a grade. Esta janela encontra-se no nível mais baixo que a primeira.³³⁶</p> <p>No interior a torre tem três pisos: “térreo, antigo calabouço castelão e municipal até D. Afonso V e D. João II, mais tarde depósito de material de guerra (séculos XVII-XVIII); camara nobre de alcaidaria, e sobrado alto (...) que se alcança subindo tosca escadaria pétreia, coleante com o prospecto oriental e cavalgada num imenso arco falso, de volta redonda e silharia aparelhada”. A prisão-paiol (<i>aljube</i>) tem cerca de 5m de altura e era iluminado apenas por “abertura pavimentar do andar principal”. O primeiro andar é iluminado por duas janelas, uma em cima da porta de entrada, outra, mais em baixo, com bancos-conversadeiras, aberta em parede NE. A cobertura é em abóboda quebrada, de três tramos, suportada por arcos nervurados apoiados em mísulas prismáticas com ábacos retangulares.³³⁷</p>	<p>grades de ferro. Portas: duas; Em arco: uma; De verga reta: não há informação. Escadas: uma; Exterior: não há, acesso por adarve; Interior: uma. Chaminés: uma.</p>
<p>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: Torre E (torre de Feiticeira) – 10v3p em altura e 5v4p x 6v de lado, tem cobertura em coruchéu piramidal, uma chaminé e uma janela grande de verga reta virada para SE³³⁹. A porta da entrada, em forma de arco, aparece no desenho <i>da banda de leste</i>³⁴⁰, mas não está indicada na planta. Esta torre enquadra o ângulo E do castelo por traz da primeira casa com sobrado da muralha NE.</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Cobertura: de coruchéu piramidal, em escama (telha plana ou ardósia) Vãos: um; Com abóboda: não há. Janelas: uma, de verga reta. Portas: uma, em arco. Escadas: não há, acesso por adarve. Chaminés: uma.</p>
<p>Materiais de construção: Levantamento no terreno: alvenaria de xisto, reforço de cantaria com uso de silhares de granito, calcário e xisto; construção de portas do castelo e da torre de menagem em silhares de</p>	

³³⁵ Infelizmente, não há informação quando essa escada foi feita.

³³⁶ Dados do levantamento no terreno.

³³⁷ ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal*. Vol. I, p. 359.

³³⁹ Ainda existe a janela com bancos conversadeiras e são visíveis os restos da lareira

³⁴⁰ A imagem nesse desenho não corresponde a direção indicada por Duarte d’Armas, pela posição das torres e da vila, é mais coincidente com vista da parte do Norte.

granito; formação de portas das casas e da janela da torre E em tijolo burro.

Informação do Livro das Fortalezas: uso de telha vã e telha plana ou de ardósia para coberturas; grades de ferro para proteção de janelas.

Elementos decorativos: são muito escassos, há impostas perfiladas em quais se apoiam os arcos da porta principal e da porta de traição; chanfro nas ombreiras persistentes em cima da escada que leva a patamar da entrada da torre de menagem; mísulas prismáticas, com ábacos, bastante toscas, que suportam nervuras da abóboda no interior da torre de menagem.

Informação suplementar:

Dados do *Numeramento de 1527* * (p. 44): terras do duque de Bragança. A vila de Monsaraz tinha 647 fogos.

Segundo os dados apresentados por Júlia Galego, a vila cercada com arrabaldes tinha 380 fogos. O termo da vila tinha 267 fogos.³⁴¹

³⁴¹ GALEGO, Júlia, DAVEAU, Suzanne, *O Numeramento de 1527-1532: tratamento cartográfico*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1986, p.108.

9. Terena.

Localização: Alentejo, Distrito de Évora, concelho de Alandroal, freguesia de Terena (São Pedro).

Anos de construção e intervenções posteriores: As terras, onde atualmente encontra-se a vila de Terena, foram reconquistadas por volta de 1230, até 1259 pertenciam ao termo de Évora. Em 1259, por insistência de D. Afonso III, homens-bons e juizes de Évora doaram a herdade de Terena ao Gil Martins de Riba de Vizela e sua mulher D. Maria Anes que, em 1262 outorgaram à vila o primeiro foral. Em 1312 a vila regressou a posse da Coroa. Em 1314 D. Dinis doou a vila de Terena, junto com a Viana do Alentejo, ao seu filho, futuro D. Afonso IV, que provavelmente começou a construção do castelo. Esses trabalhos foram suspensos e começaram apenas no reinado de D. Fernando. Em 1380 o castelo estava quase concluído. O castelo foi alvo de obras de reparação no reinado de D. Duarte, e foi remodelado na década 80 do século XV (foram construídos todos cubelos angulares). Na segunda década do século XVI, o alcaide-mor D. Martim Afonso de Silveira, que ocupou este cargo durante 45 anos (1482-1527), promoveu grandes obras no castelo, incluindo a construção da torre de menagem e de uma nova entrada em cotovelo, protegida por um baluarte.

Durante a Guerra de Restauração foram entaipadas a Porta do Sol (ou porta de traição) e a janela de alcaidaria.³⁴²

Pertença: Coroa.

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: as muralhas e os cubelos do castelo encontravam-se em muito bom estado, apenas a torre de entrada precisava de obras e tinha dois cubelos angulares que estavam “começados”.

Alcaide-mor: Martim de Silveira (1466-1527).

Estado atual: A torre da menagem, baluarte da entrada e vários troços de muralha foram alvo de trabalhos de restauro e consolidação, realizados pela DGEMN no decorrer do século XX.³⁴³ Atualmente apresentam sinais de degradação. O nível do solo no interior da praça foi subido até o ponto de entaipar praticamente por completo a Porta do Sol (ou porta de traição). O interior da praça está completamente deserto.

Livro das Fortalezas:

planta, desenhos.



Planta, fl. 121v.



Vista da banda do sueste (SE), fl.17.



Vista da banda do nordeste (O), fl.6.

Casas:

Total – seis;

Com sobrados – sim;

Só térreas – sim.

Localização:

Todas as casas encontravam-se no canto S da praça, numa área delimitada por muralhas

Descrição (segundo o *Livro das Fortalezas*):

No espaço delimitado pelas muralhas e muros encontram-se seis casas: duas em frente da muralha SO, adossadas ao muro N oposto a ela. Primeira - no canto N, formado por muros, com entrada virada a SO, segunda com

Elementos estruturais

(segundo o *Livro das Fortalezas e Visitação*):

As casas não são visíveis nos desenhos.

Coberturas: não há informação.

Portas (apenas casas):

³⁴²BARROCA, Mário Jorge, *Terena. O Castelo e a Ermida de Boa Nova*. Lisboa: Edição IPPAR – direção Regional de Évora, 2006, pp. 63-80.

³⁴³ Idem. Pp. 103-111.

<p>SO e SE e por dois muros. Primeiro muro partia da torre de entrada para N, segundo - da torre E na direção NO. Na planta não está indicada nenhuma entrada para este espaço a partir da praça.</p> <p>Muralha SE – quatro casas em fileira dupla;</p> <p>Muro N – duas casas, em fila.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: as casas são adossadas à muralha SE e ao muro N, uma janela grande está rasgada na muralha SE.</p> <p>“Espaços verdes”: não há.</p>	<p>entrada virada a SE. Outras quatro casas, em fileira dupla, ocupam todo espaço entre a muralha SO e muro N e são adossadas à muralha SE. Em primeira fila, contando da muralha SO, a primeira casa, a partir da praça, tem entrada virada a O e uma porta interior, aberta na parede oposta, que dá acesso à segunda casa, que é casa da cisterna. Em segunda fila, a primeira casa também tem porta virada para NO, e uma porta interior na parede oposta, que dá acesso à segunda casa, a qual corresponde uma janela grande de verga reta com grade de ferro, aberta em espessura da muralha ao nível do sobrado³⁴⁴. A indicação de Duarte d’Armas - <i>apousentamentos sobradados</i> – deve corresponder às últimas duas casas.</p>	<p>seis, visíveis na planta, todas em arco.</p> <p>Exteriores: quatro;</p> <p>Interiores: duas.</p> <p>Janelas: uma, de verga reta e com grade de ferro.</p> <p>Escadas:</p> <p>Exteriores: não há;</p> <p>Interiores: uma (no mínimo).</p> <p>Chaminés: não há informação.</p>
<p>Torre de menagem:</p> <p>Informação do Livro das Fortalezas: na altura da visita de Duarte d’Armas ainda não havia uma torre de menagem no castelo de Terrena.</p> <p>Estado atual: A torre de menagem foi construída entre 1512-1514 no local onde existia a torre de entrada.³⁴⁵ A entrada do castelo foi deslocada mais a esquerda e dotada de um baluarte de proteção que tem o seu caminho de ronda, com parapeito coroado por ameias de corpo largo e com uma troneira aberta em parapeito em cima da entrada. A porta do baluarte está aberta para O, enquanto a porta do castelo se abra para S. Por causa da abertura de uma nova porta a escada de acesso ao adarve que estava adossada à muralha S do lado esquerdo, foi cortada, e foi construída uma nova escada do lado direito que leva até a porta da entrada da torre de menagem. A torre de menagem é de planta retangular e é enquadrada em muralha S, de forma que a sua parede N está à face com o lado interior da muralha. Por isso a porta da entrada está aberta na parede E, e é protegida por um resguardo com ameias, apoiado em uma trompa. A porta é de verga reta e leva diretamente para segundo andar, a partir do qual há acesso ao eirado por uma escada apoiada em meio arco, com patamar em cima que se encontra a altura de meia-parede, do patamar uma escada móvel leva à porta em alçapão que se abra para eirado, rodeado por parapeito coroado por ameias de corpo largo. No segundo andar há duas janelas grandes de verga reta na parte exterior e de abóboda quase plana no interior, com bancos-conversadeiras, abertas para N e para S. No parapeito de cada janela há uma troneira circular e ao lado de cada janela há uma troneira cruciforme. Mais duas troneiras cruciformes estão abertas em paredes E e O, todas se encontram a nível do chão. A cobertura do segundo andar é de abóboda abatida, quase plana, feita em tijoleira, dividida em dois tramos e com nervuras apoiadas em mísulas com decorações diferenciadas: cordames, discos, perolas, inclusive uma mascara humana.³⁴⁶</p>		

³⁴⁴ Dr. Mário J. Barroca supõe que está janela pertence à cadeia que existia na vila na altura da doação desta junto com castelo a D. Nuno Martins de Silveira (BARROCA, Mário Jorge; *Terena. O Castelo e a Ermida da Boa Nova*. P. 76). Julgamos que esta janela pertence à camara, situada por trás da sala em casa de alcaide, pelas razões que temos apresentado na Nota 13 dessas Folhas.

³⁴⁵ Está obra é atribuída aos irmãos Arruda, Diogo ou Francisco, que na altura de construção estavam a trabalhar em comarca do Alentejo. Francisco d’Arruda era responsável por várias obras em Moura, Mourão e Portel. (ESPANCA, Túlio. *Inventário Artístico de Portugal*. Vol. I, p. XIII.) Mas ainda não foram encontradas provas documentais que confirmassem essa possibilidade.

³⁴⁶ As abóbodas da torre ruíram durante o terramoto de 1755 “*trazendo consigo precipitada huma pequena caza em que estava recluso o Relógio governo desta villa*” (MOREIRA, Isabel Alves; *Memórias paroquiais da Vila de Alandroal e do seu Termo (1758)*. Camara Municipal de Alandroal, 2013, p. 100). A torre foi completamente restaurada nos anos 80 do século XX. Antes disso encontrava-se em estado de ruína muito avançada. A estrutura da

Por baixo do segundo andar há mais dois pisos: ao primeiro acede-se por uma escada interior, em pedra, adossada a parede S; a cobertura deste piso é igual à do segundo andar, mas as nervuras partem diretamente das paredes. No primeiro andar estão abertas cinco troneiras cruciformes: duas – na parede S, e uma em cada uma das outras paredes. O piso térreo é sego, coberto por madeira e com acesso por uma escada interior, em madeira, a partir do primeiro andar. Neste piso encontra-se uma cisterna e há vestígios de uma porta em arco abatido, virada para S, que possivelmente era a antiga porta de entrada.³⁴⁷

Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: não há

Materiais de construção:

Levantamento no terreno: pedra irregular xistosa, argamassa, silhares de granito e de calcário usados para reforço de cantaria, molduras de portas de entrada do castelo, janelas, seteiras, troneiras, etc., tijolo burro em moldura da janela de alcaidaria.

Informação do Livro das Fortalezas: grade de ferro para proteção de janela.

Elementos decorativos:

Das seis mísulas no segundo andar da torre de menagem, todas são decoradas de forma diferente, estão aqui presentes motivos de cordames, discos, perolas, inclusive uma máscara humana. As portas (do baluarte e do castelo) são em arco pleno, com chanfro, apoiado em ombreiras, também chanfradas, com capitéis pentagonais. Os capitéis da porta do baluarte são perfilados e decorados com perolas; e os da porta do castelo são de gola dupla, e com motivos de cordames.

Informação suplementar:

1. Em 08.05.1436, a vila, incluindo a alcaidaria do castelo, foi doada por D. Duarte a D. Nuno Martins de Silveira, e permaneceu na posse desta família até 1545.
2. Dados de *Numeramento de 1527* * (p. 40): a vila cercada com arrabalde tinha 170 fogos, o termo – 130 fogos.

torre foi reforçada, pavimentos e coberturas de todos pisos foram feitos de novo, mas as mísulas são originais. A escada apoiada em meio arco também corresponde a uma parecida que aqui tinha existido, e os vestígios da qual ainda estavam visíveis antes de reconstrução.

³⁴⁷ BARROCA, Mário Jorge; *Terena. O Castelo e a Ermida de Boa Nova*. P.89.

10. Alandroal.

Localização: Alentejo, distrito de Évora; concelho de Alandroal; união de Freguesias De Alandroal, São Brás de Matos e Juromenha.

Anos de construção e intervenções posteriores: a vila de Alandroal foi doada à Ordem de Avis ainda no reinado de D. Sancho I, quando era o Mestre da Ordem D. Gonçalo Viegas. A construção do castelo começou apenas nos finais do século XIII, no reinado de D. Dinis. Segundo às várias lápides que ainda se encontram no castelo e na cerca da vila, os trabalhos de construção foram feitos entre 1294 e 1298 e o mestre da obra foi um alarife muçulmano de nome Calvo (ou Galvo). A vila recebeu o foral novo das mãos de D. Manuel em 1514.

Nos finais do século XVIII (1786-1793) as casas dos paços foram substituídas por cadeia comarcã, possivelmente nessa altura foi alterada a posição da porta de entrada do castelo.

Pertença: Ordem de Avis.

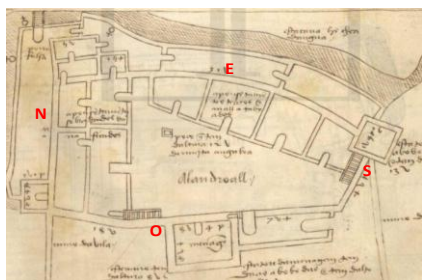
Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: a cerca da vila e o castelo encontravam-se em bom estado, mas as construções no interior da praça precisavam de obras: os *apousentamentos sobradados* estavam *danificados*, e os *apousentamentos terreos mall atabyados*.³⁴⁸

Alcaide-mor: não há informação no *Livro das Fortalezas*, mas em 1514 era o alcaide-mor da vila Diogo Lopes de Sequeira.³⁴⁹

Estado atual: as muralhas e as torres do castelo encontram-se em bom estado de conservação depois de várias campanhas de restauro no decorrer do século XX. No interior da praça não há nenhuma construção, mas são visíveis as fundações que, pela sua localização, correspondem a *apousentamentos térreos*.

A posição da porta de entrada para praça-forte foi alterada. Atualmente encontra-se do lado esquerdo da torre de menagem; nos desenhos de Duarte d'Armas está a direita – esta porta está entaipada do lado de fora, mas vê-se da parte interior da praça.

Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl. 121v.



Vista da banda do sudeste (SE), fl.19.



Vista da banda do norte (N), fl.20.

Casas:

Total – oito;
Com sobradados – quatro;
Só térreas – quatro.

Localização:

Muralha N – quatro casas em fileira dupla;

Muralha E – quatro casas em fila;

Muralha O – no canto NO

Descrição (segundo o Livro das Fortalezas):

As quatro casas com sobradados estão dispostas em fileira dupla entre muros E e O, ocupando todo comprimento da muralha N, a qual são adossadas. À primeira fila correspondem duas casas localizadas, uma atrás de outra, no canto NO da praça. A primeira

Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas):

Coberturas:

Separadas: não há informação;

Comuns: uma, de telha, em uma água.

Tetos forrados: não há informação.

³⁴⁸ Há informação de que nos anos de 1600-1605 no paço do castelo foi acomodada a duquesa de Bragança, esposa de D. Teodósio, e que aqui, em 1604, foi celebrado o casamento da filha dela D. Isabel com D. Miguel, marquês da Vila Real. (MOREIRA, Isabel Alves, *Memórias paroquiais da Vila de Alandroal e do seu Termo (1758)*. P. 36).

Eventualmente, os paços, e provavelmente o castelo, foram submetidos às obras de renovação no decorrer do século XVI.

³⁴⁹ ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora*. Vol. I, p. 3.

<p>duas casas da muralha N; Muralha S – não tem casas; No centro da praça – um poço. Aproveitamento de muralhas: a maioria das casas é adossada às muralhas; pela ligação que existia entre as casas e torres do angulo NE da praça, a parte do adarve poderia estar ocupada por sobrados. “Espaços verdes”: a parte da liça do lado NE, com acesso pela porta falsa, tinha várias árvores.</p>	<p>casa, contando da praça, tem porta de verga reta, virada a S, no piso térreo, e outra porta em arco, também virada a S, no primeiro andar. O acesso à esta porta é por escada que também serve para adarve da muralha O. Na parede N desta casa está aberta uma porta interior que dá acesso à segunda casa. À segunda fila correspondem duas casas do lado NE, a primeira, contando da praça, tem porta em arco virada a S, e duas portas interiores: uma em parede N que dá acesso à segunda casa, outra - aberta em muralha E, que dá acesso a uma casa do lado de fora da praça³⁵⁰. Em parede E da segunda casa está aberta uma porta interior que dá acesso às divisões das torres a NE.³⁵¹ Segundo desenho <i>da banda do sull</i>, as quatro casas têm uma cobertura comum de telha armada em uma água, e, pelo menos, uma janela em arco virada para praça. As quatro casas térreas adossadas à muralha SE têm entradas independentes com portas em forma de arcos, viradas para praça (NO). Segundo desenho <i>da banda do norte</i>, uma delas tem chaminé.</p>	<p>Portas (apenas casas)³⁵²: onze, visíveis na planta; <u>Exteriores</u>: sete; <u>Em arcos</u>: seis; <u>De verga reta</u>: uma. <u>Interiores</u>: quatro, todas em arco. Janelas: uma, em arco. Escadas: duas; <u>Exteriores</u>: uma, também serve de acesso a adarve. <u>Interiores</u>: uma. Chaminés: duas.</p>
<p>Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: <i>esta tore da menagem tem duas abóbodas e tem daltura 15v+ e agrosura domuro della 2v; a torre tem de lado 8.5v x 8v4p; o adarve em frente da torre é uns degraus mais alto e tem uma escada encimada por uma porta em arco do lado esquerdo da entrada da torre (a escada está por cima do vão da entrada do castelo) (desenho da <i>banda do sull</i> e a planta); no último andar, em cima da porta da torre há uma janela grande em arco; e duas janelas de verga reta no primeiro andar, uma virada a N, outra a S. A porta de entrada está virada a E e tem acesso por adarve.</i> Estado atual: a torre de menagem tem três pisos, térreo com acesso por uma porta de verga reta que se encontra no fundo da</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Cobertura: provavelmente eirado rodeado por ameias pentagonais. Vãos: dois; Com abóboda: dois. Janelas: três; <u>Em arco:</u> uma; <u>De verga reta:</u> duas. Portas: quatro;</p>	

³⁵⁰ Esta casa que parece um acréscimo da primeira das torres deste lado, aparece apenas na planta, mas a porta deve corresponder à porta de traição aberta em parede O no piso térreo da primeira das torres do angulo NE.

³⁵¹ Na planta de Duarte de Armas não há nenhuma indicação de escadas de acesso aos sobrados deste lado, mas, quando nos anos 50 do século XX foi demolida a prisão que veio ocupar o lugar das casas, veio ao descoberto uma escada adossada ao muro N que dá acesso direto ao aposento da primeira torre. O acesso à esta escada deveria estar no interior do piso térreo da segunda casa deste lado.

³⁵² Todas as portas, exceto uma, que aparecem na planta do castelo de Alandroal de Duarte d’Armas, têm forma de arco, na realidade a porta do primeiro andar da torre de menagem, as portas das torres dos ângulos S e NO, e a porta interior de acesso a segundo andar da torre mais alta do angulo NE, são de verga reta.

<p>passagem coberta por abóboda de berço, feita de tijolo burro, e que atravessa a muralha O; primeiro andar a nível do adarve e com acesso a partir dele por uma porta, também de verga reta, com lintel e ombreiras feitos de blocos de mármore branco. No interior do primeiro andar, a direita de quem entra, começa uma escada aberta em espessura da parede N, que sobe até o segundo andar e até o eirado. A porta de acesso à escada e a porta de entrada do segundo andar têm forma de arco pleno moldado em tijolo; as coberturas do primeiro e segundo andares são em abóbodas de berço apoiadas em cornijas simples. Todas as janelas (duas no primeiro e duas no segundo andar) estão entaipadas, visíveis apenas no interior da torre, e têm forma de arco pleno moldados em tijolo. A escada não tem iluminação natural.³⁵³</p> <p>A cobertura da torre é em eirado, com parapeito corrido e tem uma torre de relógio que foi aqui colocada em 1774.³⁵⁴</p>	<p>Exteriores: duas (uma em arco);</p> <p><u>Interiores:</u> duas;</p> <p><u>De verga reta:</u> não há informação.</p> <p><u>Escadas:</u></p> <p><u>Exterior:</u> não há, acesso por adarve;</p> <p><u>Interior:</u> uma.</p> <p><u>Chaminés:</u> não há.</p>
<p><u>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias:</u></p> <p><u>Duas torres do angulo NE</u>³⁵⁵ - uma atrás da outra na direção O-E, estão ligadas pelas portas interiores aos <i>apousentamentos sobradados</i> no canto NE da praça. Os compartimentos no interior das torres estão ligados entre si por uma porta interior³⁵⁶. A segunda torre, contando da muralha, tem três janelas grandes em forma de arcos, abertas em paredes E, S, N. A primeira torre, mais baixa, tem duas janelas: uma em arco duplo virada para N, outra de verga reta virada a S.³⁵⁷</p> <p>No piso térreo dessa torre, desenho <i>da banda do sull</i>, há uma porta em arco emoldurada por outro arco muito maior (Na planta essa porta aparece por baixo da segunda torre). As duas torres têm coberturas de telha armadas em quatro águas. A torre mais alta tem duas chaminés (provavelmente correspondem às duas divisões), e a torre mais baixa – uma.</p>	<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>):</p> <p><u>Coberturas:</u> duas, de telha, de quatro águas. A cobertura da torre mais baixa está rodeada por ameias pentagonais; a cobertura da torre mais alta está rodeada por machicoulis com ameias pentagonais.</p> <p><u>Vãos</u>³⁵⁸:</p> <p>Torre mais baixa: dois;</p> <p>Torre mais alta: três.</p> <p><u>Com abóboda:</u> não há informação.</p> <p><u>Janelas:</u> cinco;</p> <p><u>Em arco duplo:</u> uma;</p> <p><u>Em arco simples:</u> três;</p> <p><u>De verga reta:</u> uma.</p> <p><u>Portas:</u> nove³⁵⁹;</p> <p>Exteriores: três (uma em arco);</p> <p><u>Interiores:</u> seis (três em</p>

³⁵³ Dados do levantamento no terreno.

³⁵⁴ ESPANCA, Túlio. *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora*. Vol. I, p. 5.

³⁵⁵ Na planta de Duarte d'Armas as duas torres a NE têm posição exterior em relação à praça do castelo, na realidade o muro SE do castelo arranca do meio da parede S da primeira torre, de forma que a porta de acesso ao adarve fica de um lado do muro, e a janela – do outro. Alias, no castelo de Alandroal, todas as torres (menos torre de menagem) integram os ângulos da muralha: têm duas portas em posição de cotovelo que dão acesso a duas partes do adarve. As torres dos ângulos S e NO têm abóbodas quebradas, feitas de xisto, e uma das portas de acesso aos adarves é de arco pleno, enquanto a outra é de verga reta.

³⁵⁶ Na planta podemos ver apenas duas divisões, na realidade deveriam existir três, o que é justificado pela diferença em altura. Duas divisões, uma em cada torre, encontravam-se a nível do adarve e estavam ligadas entre si pela porta interior; mais uma divisão encontrava-se no piso de cima na segunda torre; a ela correspondem janelas em arco (*Desenhos da banda do norte e da banda do sull*).

³⁵⁷ Esta janela na realidade tem forma de arco de ferradura apontado e é considerada por vários autores, inclusive Dr. Mário Barroca, original do tempo de construção do castelo por alarife muçulmano, nos finais do século XIII. (BARROCA, Mário Jorge; *Epigrafia Medieval Portuguesa (862- 1422)*. Vol. 1, p. 97.)

³⁵⁸ As duas torres tinham o piso térreo que dava acesso à porta de traição.

³⁵⁹ Aqui contamos três portas do piso térreo, três do primeiro andar, uma de acesso ao segundo andar da torre mais alta, e mais duas portas de acesso às coberturas.

	arco); <u>De verga reta:</u> não há informação. <u>Escadas:</u> <u>Exterior:</u> não há; <u>Interior:</u> uma (no mínimo). <u>Chaminés:</u> três.
<u>Materiais de construção:</u>	
<u>Livro das Fortalezas:</u> telha para coberturas.	
<u>Levantamento no terreno:</u> alvenaria de tijolo e pedra irregular, silhares de calcário e de mármore usados para reforço de cantaria e para construção de portas do castelo, tijolo burro para formação de arcos das portas e janelas das torres e abóbodas das torres; mármore para arcos, lintéis e ombreiras das portas.	
<u>Elementos decorativos:</u> atualmente é uma construção muito sóbria e não tem o aspeto pitoresco que nos aparece nos desenhos de Duarte d'Armas. Além das impostas perfiladas e muito largas em que se apoia o arco quebrado da porta Legali e várias lápides com inscrições comemorativas ou sentenciosas; persistiu até os nossos dias uma janela em arco de ferradura apontado, feita de mármore branco. É bastante frequente o uso desse material para lintéis, ombreiras ou arcos de portas que faz forte contraste com alvenaria de castanho-escuro, o que por si só já serve como elemento decorativo.	
<u>Informação suplementar:</u>	
Dados do <i>Numeramento de 1527*</i> (p. 59): <i>Esta vjllahe do mestrado davjs eheda mesa mestrall e tem o mestre allcajdarja e jurdyção (...) e he esta villa cerquada com hum bom castello. A vila com arrabaldes tinha 284 fogos, e o seu termo tinha 80 fogos.</i>	

11. Olivença³⁶⁰.

Localização: Espanha, município de Olivença.

Anos de construção e intervenções posteriores: Pela primeira vez o nome de Olivença aparece nos documentos relacionados com fundação do bispado de Badajoz, datados de 22.03.1255. Nessa altura Olivença encontrava-se na área de influência da Ordem do Templo, sediada em Alconchel. Em 1277, Olivença passa a fazer parte do concelho de Badajoz.³⁶¹ Em 1297, por Tratado de Alcañices, integra o território de Portugal, embora no que diz respeito à administração religiosa, continua fazer parte do bispado de Badajoz até 1378.³⁶² A vila recebeu o primeiro foral de D. Dinis em 1298; em 1306, por mando do mesmo rei começou a construção da primeira cerca da vila que tinha o perímetro retangular e quatro portas (uma em cada lado) e estava munida por catorze torres, uma delas, a do angulo E, era a torre-albarrã.³⁶³

No reinado de D. Afonso IV, em 1335, foi iniciada a construção do castelo no canto E da cerca, o que compreendeu a construção de mais duas muralhas na interseção das quais foi levantada a torre de menagem.³⁶⁴ No reinado de D. Fernando foi construída a segunda cerca da vila. Em 1385, Olivença tomou o partido de Castela e efetivamente regressou à administração portuguesa apenas em 1391.³⁶⁵ A partir de 1488, no reinado do D. João II e por mando dele, no castelo e na cerca da vila de Olivença foram feitas as obras que incluíram a abertura de uma cava e a reconstrução da torre de menagem, que foi aumentada em altura e em largura.³⁶⁶

Em 1485, D. João II concedeu o brasão a Olivença. No reinado de D. Manuel foram feitos trabalhos de reparação no castelo e na cerca da vila, e foi construída a Ponte de Ajuda sobre o rio Guadiana. Em 1510 a vila recebeu o foral novo.³⁶⁷

Pertença: Coroa

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: o castelo e as suas torres encontravam-se em bom estado, as torres e a cerca da vila precisavam de obras.

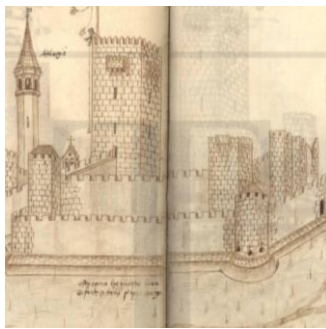
Alcaide pequeno: Fernão Rodrigues.

Estado atual: as muralhas e as torres do castelo encontram-se em bom estado de conservação. No interior da praça ao longo das muralhas NE e SE, adossadas a elas, localizam-se os edifícios do Museu Etnográfico.

Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.123v.



Vista da banda do surl (E),
fl.23.



Vista da banda do norte
(N), fl.24.

³⁶⁰ A vila e o castelo de Olivença fizeram parte do território de Portugal desde 1297 (Tratado de Alcañices) até 1815, quando o município de Olivença passou a ser espanhol no contexto de Guerras Peninsulares e Congresso de Viena.

³⁶¹ SÁNCHEZ GARCIA, Rosa Maria; PIRIZ, Luís Afonso Limpo, *El Enclave de Olivenza e sus muralhas (1230-1640)*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1994, p.37.

³⁶² SÁNCHEZ GARCIA, Rosa Maria; PIRIZ, Luís Afonso Limpo, *El Enclave de Olivenza e sus muralhas (1230-1640)*. P.42.

³⁶³ SÁNCHEZ GARCIA, Rosa Maria; PIRIZ, Luís Afonso Limpo, *El Enclave de Olivenza e sus muralhas (1230-1640)*. P. 68 e p. 76.

³⁶⁴ SÁNCHEZ GARCIA, Rosa Maria; PIRIZ, Luís Afonso Limpo, *El Enclave de Olivenza e sus muralhas (1230-1640)*. P. 95

³⁶⁵ SÁNCHEZ GARCIA, Rosa Maria; PIRIZ, Luís Afonso Limpo, *El Enclave de Olivenza e sus muralhas (1230-1640)*. P. 105

³⁶⁶ SÁNCHEZ GARCIA, Rosa Maria; PIRIZ, Luís Afonso Limpo, *El Enclave de Olivenza e sus muralhas (1230-1640)*. P. 116.

³⁶⁷ ALMEIDA, João de; *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Vol. III, p. 206.

<p>Casas: Total – doze; Com sobradados – sim; Só térreas – sim.</p> <p>Localização: Muralha NO – a primeira casa da fila do NE; Muralha NE – cinco casas em fila, a primeira e a última nos cantos N e E, respetivamente; Muralha SE – quatro casas em fileira dupla e a última casa da fila do NE; Muralha O – três casas em fila; No centro da praça – um poço.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: a maioria das casas é adossada às muralhas.</p> <p>“Espaços verdes”: não há.</p>	<p>Descrição (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Das três casas adossadas à muralha O, a primeira tem a parede NO adossada à torre de menagem e a entrada dela está virada a SE. As outras duas têm entradas individuais, viradas para praça (NE). Ao lado dessas casas há indicação – <i>sobradados</i>.</p> <p>As quatro casas da muralha SE estão organizadas em fileira dupla e ocupam o espaço desde a porta de traição até o canto S da praça. Três das quatro casas estão ligadas entre si por portas interiores. Em primeira fila, a partir da praça, a casa mais a S tem duas portas exteriores no piso térreo, e mais uma no primeiro andar com acesso por uma escada exterior, todas portas estão viradas a NO. No interior desta casa há mais uma escada, adossada à muralha O, que tem uma porta para adarve que liga a torre de menagem e a torre S. Além dessas quatro portas, há mais uma, interior, a SE, que dá acesso à primeira casa da segunda fila. A segunda casa da primeira fila tem uma porta exterior virada a NO, e outra, interior, a SE, que também dá acesso à primeira casa da segunda fila. Essa última encontra-se no canto formado por muralhas O e SE do castelo. A segunda casa da segunda fila não tem ligações com outras casas, e a entrada dela está virada a NE. Para essas casas também há indicação – <i>sobradados</i>.</p> <p>As cinco casas térreas são adossadas à muralha NE em todo seu comprimento. Todas têm entradas individuais, com portas viradas para praça (O).</p> <p>A liça do lado SE alarga-se no sentido S-E por causa da torre-albarrã ligada por um passadiço ao angulo E da praça. A liça está dividida em duas partes por um muro que vai no sentido SE-NO, e passa no meio de um <i>poço de mujta augua</i>. Do lado E encontra-se a porta de traição.</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): As casas não são visíveis nos desenhos. Coberturas: não há informação. Portas (apenas casas): dezasseis, visíveis na planta, todas em arco. Exteriores: catorze; Interiores: duas. Janelas: não há informação. Escadas: cinco; Exteriores: uma; Interiores: quatro (no mínimo) Chaminés: não há informação.</p>
<p>Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: esta torre da menagem tem tres abobodas e tem em cyma quatro gorytas e tem daltura 32v e agrosura do muro sam 5v e podem ir acavalo acyma; a torre tem 12v de lado. A porta</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>):</p>	

da entrada da torre indicada na planta e no desenho *da banda do sull* está aberta ao nível do adarve na parede SE e está virada para adarve da muralha O que vai até a torre S. Há duas frestas centradas em cada parede ao nível do primeiro e do segundo andar; no terceiro andar deveria haver quatro portas de acesso aos balcões com matacões, mas não são visíveis nos desenhos. A escada adossada à muralha O encontra-se no interior de uma das casas, esta escada dá acesso ao adarve que leva à entrada da torre.³⁶⁸

Estado atual:

A torre é construída em alvenaria de pedra, com reforço de cantaria em silhares de granito, tem 18m de lado e 35 m de altura, as paredes têm espessura de três metros.³⁶⁹

Atualmente a torre tem três pisos: térreo, primeiro e segundo andar. O quarto piso, com portas de acesso aos balcões com matacões e que ainda é visível nos desenhos de Duarte d'Armas, foi eliminado, provavelmente depois do terramoto de 1755, para diminuir o peso da torre e prevenir a sua derrocada³⁷⁰. Atualmente é um eirado com peitoril alto que na realidade são as paredes da sala aqui existente, e nessas paredes ainda persistem as portas de arcos apontados de acesso aos balcões com matacões (dos quatro balcões um foi reconstruído, dos restantes persistem apenas os cachorros escalonados).

O acesso ao interior da torre é feito por duas portas: uma no piso térreo, virada a SE, outra – no primeiro andar, virada a NE. A porta da entrada, indicada por Duarte d'Armas, provavelmente ainda tinha existido no início do século XVI – o adarve aqui alarga e cria um espaço semelhante a um patamar, mas atualmente a parede deste lado está sega. A entrada do piso térreo é coberta por abóboda apontada e dá acesso à porta da entrada da sala desse piso, e ao início da rampa. A porta do primeiro andar, de arco pleno, dá acesso à rampa.

O piso térreo tem cobertura em cúpula apoiada em trompas e reforçada por três arcos torrais que, provavelmente, foram construídos na altura da reconstrução da torre nos finais do século XV.³⁷¹

O acesso à sala do primeiro andar é a partir da rampa que corre em serpentina a volta do corpo interior da torre e é iluminada por vinte e cinco frestas; a cobertura da rampa é feita em abóboda de berço. A abóboda do primeiro andar é de aresta e é apoiada em cornija corrida. Esta sala é iluminada por uma fresta que do lado de fora está decorada por um arco trilobado sego com uma flor no meio, esculpido no lintel.

A sala do segundo andar tem planta octogonal e está coberta por uma abóboda com nervuras apoiadas em quatro pilastras chanfradas e em quatro mísulas, cujos ábacos prismáticos estão ligados por uma cornija. A chave da abóboda não tem elementos decorativos. Esta sala é

Cobertura: não há informação;³⁷²

Vãos: quatro;

Com abóboda: três.

Frestas: oito.

Portas: doze, todas em arco;³⁷³

Exteriores: sete,

Interiores: cinco;

Escadas: não há

Exterior: o acesso é por adarve;

Interior: uma rampa.

Chaminés: não há.

³⁶⁸ A porta do piso térreo certamente já existia e, embora isso não está revelado na planta, encontrava-se no interior da primeira das casas da muralha O.

³⁶⁹ SÁNCHEZ GARCIA, Rosa Maria; PIRIZ, Luís Afonso Limpo, *El Enclave de Olivenza e sus muralhas (1230-1640)*. P. 120.

³⁷⁰ Na *Chorografia Portuguesa*, escrita no início do século XVIII ainda se fala das ameias da torre. (COSTA, António Carvalho (Padre), *Corografia Portuguesa...* . P. 538).

³⁷¹ SÁNCHEZ GARCIA, Rosa Maria; PIRIZ, Luís Afonso Limpo; *El Enclave de Olivenza e sus muralhas (1230-1640)*. P. 116.

³⁷² Em 1509 a torre tinha quatro pisos, três cobertos por abóbodas, assim como os conhecemos atualmente, e o último piso possivelmente estava coberto por um telhado baixo rodeado por ameias pentagonais.

³⁷³ São contabilizadas aqui três portas do piso térreo (portas de entrada, acesso à rampa e à sala), duas portas do primeiro andar (porta de entrada e de acesso à sala), uma porta do segundo andar (porta de acesso à sala), cinco portas do terceiro andar (quatro portas de acesso aos balcões mais porta de entrada) e uma porta de acesso à cobertura.

<p>iluminada por três frestas, abertas ao nível do chão, iguais a fresta da sala do primeiro andar, e mais uma fresta aberta em uma das paredes por baixo da abóboda e que dá para rampa.</p>	
<p><u>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias:</u> Torre- albarrã (ângulo E) – <u>Informação do Livro das Fortalezas:</u> 16v de altura, 7v1p x 7v4p de lado, é abobadada e tem um balcão com matacão na parede SE. <u>Estado atual:</u> A torre tem 19 m em altura e 8.75m x 8.9m de lado; é a segunda torre mais alta do castelo. Antes da construção da torre de menagem por D. Afonso IV, servia como tal. No século XVII estava aqui a prisão.³⁷⁴ Esta torre estava ligada ao castelo por uma ponte, cujo arco pleno ainda hoje é visível. A torre tem porta de entrada em arco pleno, a sala no interior é coberta por uma abóboda de berço apoiada em uma cornija saliente. Na parede NE existia uma janela em arco duplo com um mainel sextavado feito em tijolo, que deve ser entaipada na altura em que a torre foi transformada em prisão. Além da janela, no interior da torre, na parede SE, há um arco sego, abatido, formado em tijolo. O acesso ao eirado é feito por uma escada em L, aberta em espessura das paredes NO e NE, com acesso a partir da entrada da torre.</p>	<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): <u>Coberturas:</u> não há informação. <u>Vãos:</u> um; <u>Com abóboda:</u> um. <u>Janelas:</u> não há informação. <u>Portas:</u> duas; <u>Exteriores:</u> duas (uma em arco). <u>De verga reta:</u> não há informação. <u>Escadas:</u> uma, interior.</p>
<p><u>Materiais de construção:</u> <u>Levantamento no terreno:</u> alvenaria de xisto e pedra irregular, cal, silhares de granito e calcário para reforço de cantaria e construção de portas e arcos; tijolo burro para formação de arcos. <u>Livro das Fortalezas:</u> telha para coberturas.</p>	
<p><u>Elementos decorativos:</u> O arco da entrada da sala do piso térreo é apoiado em duas impostas de mármore branco que foram reaproveitadas de outra construção, uma delas é simples, outra é decorada com uma faixa de flores estilizadas; os lintéis de quatro frestas que iluminam as salas do primeiro e do segundo andar são decorados com arcos trilobados cegos, um dos lintéis tem um arco e uma flor no meio. Na sala do segundo andar os capitéis das duas pilastras são decorados: um com motivo de palmelas, outro com escudo português ladeado por duas cabeças em alto-relevo. As pilastras não têm bases, os fustes delas têm chanfro muito largo que termina em enrolamento com elementos decorativos muito gastos por tempo que parecem carantonhas. Duas das mísulas também são decoradas: uma com um escudo de cinco quinas no meio de um castelo encimado por uma torre (o brasão primitivo de Olivença?), outra com uma cabeça humana com gorro.</p>	
<p><u>Informação suplementar:</u> Dados de Numeramento de 1527 * (P.35): A vila com arrabaldes tinha 1053 fogos, o termo da vila tinha 133 fogos.</p>	

³⁷⁴SÁNCHEZ GARCIA, Rosa Maria; PIRIZ, Luís Afonso Limpo, *El Enclave de Olivenza e sus muralhas (1230-1640)*. P. 77.

12. Elvas.

Localização: Alto Alentejo, distrito Portalegre; concelho de Elvas; união de freguesias de Caia, São Pedro e Alcáçova.

Anos de construção e intervenções posteriores: Elvas foi conquistada definitivamente em 1230 por exército de D. Sancho II e no mesmo ano foi-lhe concedido o foral.³⁷⁵ Na altura da conquista, Elvas tinha dois espaços urbanos amuralhados: a alcáçova e a medina. A área total amuralhada ocupava cerca de 10 hectares, dos quais 1.8 cabiam à alcáçova. As muralhas eram feitas de taipa e tinham várias torres. É possível que na parte N e mais alta de alcáçova existia uma *saluqiyya* ou algum castelejo que serviu posteriormente como base para construção do castelo da época cristã.³⁷⁶ A cerca de Elvas não aparece na vasta lista de castelos que foram reconstruídos ou renovados no reinado de D. Dinis. É possível que algumas das torres maciças feitas em taipa foram revestidas com silhares de pedra, para prevenir a sua degradação, no reinado de D. Pedro.³⁷⁷ As referências documentais, relacionados com castelo, começam a ser frequentes apenas nos finais do século XIV.³⁷⁸ Nos finais do reinado de D. Fernando, o castelo já tinha no seu interior as casas de alcaide, mas as obras de construção ainda não estavam terminadas, embora já existia a porta de traição com barbacã. A construção do castelo, incluindo a torre de menagem, foi concluída no reinado de D. João II.³⁷⁹

Nos finais do século XV- início de XVI, o castelo de Elvas foi munido de várias troneiras e da torre hexagonal, coberta por cúpula, que foi uma tentativa de o adaptar às novas exigências da poliorcética.³⁸⁰

A vila recebeu o foral novo em 1507, confirmado em 1512, e foi elevada ao estatuto da cidade em 1513.³⁸¹

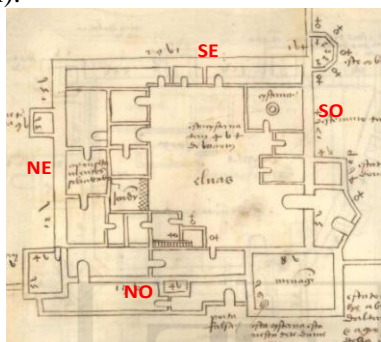
Pertença: Coroa

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: o castelo e as muralhas da segunda cerca da vila estavam em muito bom estado; a primeira cerca apresentava sinais de degradação.

Alcaide pequeno: João Rodrigues Cabiçalvo.

Estado atual: depois de várias obras de restauro no decorrer do século XX, as muralhas e as torres do castelo encontram-se em bom estado de conservação; no interior da praça, ao longo das muralhas SO, SE, e no canto N, ainda são visíveis fundações das casas outrora aqui existentes. A parte da casa de alcaides foi reconstruída, mas está muito alterada em comparação com a planta. Atualmente estão aqui instaladas um café e instalações sanitárias no piso térreo, e uma loja no primeiro andar.

Livro das Fortalezas: planta, desenhos (no desenho da banda do sull, fl.25, o castelo não é visível).



Planta, fl.124.



Vista da banda do norte (N), fl.26.

³⁷⁵ CORREA, Fernando Branco, *Elvas na Idade Média*. Universidade de Évora. Lisboa: Edições Colibri, 2013, pp. 134, 141.

³⁷⁶ CORREA, Fernando Branco, *Elvas na Idade Média*. Pp. 67-68.

³⁷⁷ CORREA, Fernando Branco, *Elvas na Idade Média*. Pp.162-163.

³⁷⁸ CORREA, Fernando Branco, *Elvas na Idade Média*. P. 158.

³⁷⁹ CORREA, Fernando Branco, *Elvas na Idade Média*. Pp.160-161.

³⁸⁰ RODRIGUES, Jorge; PEREIRA, Mário, *Elvas*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1996, p. 33.

³⁸¹ ALMEIDA, João de, *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Vol. III, p. 111.

<p>Casas: Total – 18; Com sobrados – sim; Só térreas – sim.</p> <p>Localização: Muralha SO – três casas em fila e a primeira casa da fila de SE; Muralha SE – três casas em fila, a primeira e a última nos cantos S e E, respectivamente; Muralha NE – sete casas em fileira dupla, últimas casas das filar SE e NO; Muralha NO – cinco casas em fileira dupla, última casa da segunda fila no canto N³⁸²;</p> <p>No centro da praça – não há construções.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: a maioria das casas é adossada às muralhas, ocupando praticamente todo perímetro da praça.</p> <p>“Espaços verdes”: há um jardim no meio das casas com uma vedação do lado da praça.</p>	<p>Descrição (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): As casas ocupam praticamente todo perímetro da praça. A direita da entrada principal, à muralha SO estão adossadas três casas: duas primeiras têm entradas viradas a NE, terceira, que é a casa da cisterna, tem entrada virada a NO. A seguir, encontram-se três casas adossadas à muralha SE que ocupam todo seu comprimento, e têm entradas individuais, viradas a NO. A primeira casa deste lado está a meia-parede com a casa da cisterna, e a última – a meia-parede com duas casas do lado NE da praça. Do lado NE da praça estão localizadas sete casas em fileira dupla, algumas delas fazem parte dos <i>apousentamentos sobradados</i>. A primeira casa da primeira fila tem entrada individual virada a SO. A segunda casa, com porta de entrada virada a SO, tem duas portas interiores: uma, aberta em parede NO, dá acesso à terceira casa desta fila; outra, aberta em parede NE, dá acesso à primeira casa da segunda fila. A partir da primeira casa da segunda fila entra-se pela porta aberta em parede NO para segunda casa; desta, seguindo a mesma direção, para terceira, e dela, virando para SO, para a quarta casa que, segundo a planta, é a última casa da primeira fila. Intercalado entre as casas da segunda</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Coberturas: Separadas: duas, de quatro águas; Comuns: não há informação Portas (apenas casas): dezassete, visíveis na planta, todas em arco; Exteriores: dez; Interiores: sete. Janelas: não há informação. Escadas: duas (interiores). Chaminés: três.</p>
---	---	---

³⁸² Dessas cinco casas duas, adossadas à muralha NO em todo seu comprimento, atualmente não existem, mas, perto da torre N, ao nível do primeiro andar há uma janela de arco duplo, localizada por cima de acesso à porta de traição, e visível no interior da praça, mas entaipada do lado exterior. Para praça está virada a parte interior da janela. A largura do adarve desse lado é muito maior comparando com outras muralhas da praça. A meio do adarve há uma porta e uma escada de acesso à passagem que se encontra no interior das outras três casas e que desce até a porta de traição. Essas três casas foram alvo do restauro e a passagem no interior delas também, as duas casas do canto N estão destruídas de forma que acesso à porta de traição, que nessa parte já está ao nível subterrâneo, encontra-se a descoberto (está tapado por uma grade).

	<p>fila, e a terceira e quarta casa da primeira, encontra-se um jardim com vedação a SO. A este conjunto de casas correspondem dois telhados armados em quatro águas e três chaminés.</p> <p>Do lado da muralha NO encontram-se cinco casas (Nota 102), duas são adossadas à ela em todo seu comprimento; a primeira casa tem uma porta exterior virada a SE, e uma porta interior, virada a NE, que a liga à segunda casa onde se encontra a porta de traição. Das últimas três casas para primeira não está indicada a entrada, apenas duas troneiras nas paredes SO e SE; a segunda tem uma porta exterior virada a SO, e uma porta interior, a NE, que a liga à terceira casa. No interior das primeiras duas casas encontra-se uma escada, única que existe na planta.</p>	
<p>Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: <i>esta tore de menagem he abobodada e he daltura 19v e agrosura do muro della 1v+</i>; a torre tem 9v x 8v de lado e tem uma cisterna no interior (a localização da cisterna não é precisa). A porta de entrada não aparece na planta, também não há frestas ou janelas no desenho. A torre de menagem é enquadrada no angulo O da praça e não tem ligações com outras casas. Estado atual: A torre é maciça até o andar do adarve, tem duas entradas: uma a partir do adarve NO (em arco pleno); outra, muito mais alta, - a partir do adarve SO (em arco pleno). A partir do “hall” formado por duas entradas há acesso à sala do primeiro andar e à escada, aberta em espessura das paredes SE e SO, que leva até o segundo andar. A sala do primeiro andar tem porta de entrada em arco quebrado, é coberta por uma abóboda quadripartida, com nervuras chanfradas ligadas por uma chave em flor e com quatro carantonhas. Toda abóboda é feita em silhares de granito. As nervuras são apoiadas em quatro colunas, uma em cada canto da sala. A sala é iluminada por três frestas que abram para interior em retângulo. A porta de acesso à escada é em arco quebrado; a porta de acesso ao segundo andar é em arco pleno. O segundo andar tem cobertura de telha por cima do forro em madeira; as vigas de madeira são apoiadas em cachorros pétreos; a iluminação faz-se por duas frestas que abram para interior em arcos plenos. No segundo andar há mais uma escada, coberta por vão em arco abatido, que leva ao terraço. A porta de acesso ao</p>		<p>Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas): Cobertura: não há informação sobre o tipo de cobertura mas está rodeada por ameias pentagonais. Vãos: não há informação; Com abóboda: um. Janelas: não há informação. Portas: no mínimo duas. Escadas: uma, interior. Chaminés: não há.</p> <p>Uma cisterna no interior.</p>

terraço é de verga reta, o telhado é rodeado por caminho de ronda protegido por um parapeito com ameias retangulares.	
<p><u>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias:</u></p> <p>Torre N – 11v de altura, 4v x 5v de lado; está adossada à muralha NE do lado de fora, tem acesso a partir do adarve NE. No desenho <i>da banda do norte</i> tem telhado armado em quatro águas e uma janela grande em arco, virada para NE. Não tem ligações visíveis com casas da praça.³⁸³</p> <p>Torre NE – 9v de altura, 3v de lado, adossada a meio da muralha NE do lado de fora; no desenho <i>da banda do norte</i> tem uma janela grande de verga reta.³⁸⁴</p>	<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>):</p> <p><u>Torre N.</u></p> <p><u>Coberturas:</u> de telha, em quatro águas.</p> <p><u>Vãos:</u> um.</p> <p><u>Janelas:</u> uma, em arco</p> <p><u>Portas:</u> duas, exteriores, uma em arco.</p> <p><u>De verga reta:</u> não há informação.</p> <p><u>Escadas:</u> uma, interior.</p> <p><u>Chaminés:</u> não há.</p> <p><u>Torre NE:</u></p> <p><u>Coberturas:</u> não há informação.</p> <p><u>Pisos:</u> um.</p> <p><u>Janelas:</u> uma, de verga reta.</p> <p><u>Portas:</u> no mínimo duas.</p> <p><u>Escadas:</u> uma, interior.</p> <p><u>Chaminés:</u> não há.</p>
<p><u>Materiais de construção:</u></p> <p><u>Livro das Fortalezas:</u> telha para coberturas.</p> <p><u>Levantamento no terreno:</u> alvenaria de pedra irregular, cal, silhares de calcário e granito como reforço de cantaria, para construção de portas de castelo e formação de arcos de portas; tijolo burro para formação de troneiras, arcos da abóboda da passagem subterrânea e da porta da torre SO.</p>	
<p><u>Elementos decorativos:</u> O arco quebrado da porta da entrada do castelo está apoiado em impostas perfiladas; por cima dessa porta há uma lápide de mármore branco com escudo português e com imagem de pelicano a dar comer aos seus filhos, esculpida em baixo-relevo. No interior da torre de menagem as nervuras da abóboda são chanfradas, e a chave tem forma de flor com quatro carantonhas que se encontram nos cantos formados por encontros de nervuras. As nervuras são apoiadas em quatro colunas, uma em cada canto da sala, com bases, capitéis e ábacos prismáticos, e fustes com chanfro terminado em enrolamento.</p>	
<p><u>Informação suplementar:</u></p> <p>Dados de <i>Numeramento de 1527</i> * (p.34): a idade tinha 1916 fogos, o termo tinha 438 fogos.</p>	

³⁸³ Atualmente esta torre é da altura do adarve e tem uma guarita do século XVII-XVIII.

³⁸⁴ Esta torre atualmente não existe, mas no lugar que, mais ou menos, corresponde a sua localização encontra-se uma janela grande com lintel em arco tripartido, que até podia servir de porta. Outra janela, de verga reta, com lintel de estilo manuelino, está mais a N. As duas janelas estão abertas em espessura da muralha e correspondem ao primeiro andar das “casas de alcaide”.

13. Campo Maior.

Localização: Alto Alentejo, distrito de Portalegre, concelho de Campo Maior, freguesia de São João Batista.

Anos de construção e intervenções posteriores: Campo Maior foi reconquistado definitivamente depois da reconquista de Elvas e de Badajoz, em 1230, nessa altura já existia aqui um castelo mouro que está documentado na carta de termo de Marvão de 1226. Em 1255, Campo Maior, junto com Ouguela, Alvalade e Vale de Solas, passou a fazer parte do recém-formado bispado de Badajoz. Em 1260 recebeu primeiro foral das mãos do bispo de Badajoz, em que foi promovido ao estatuto de vila. Em 1297, a base de Tratado de Alcañices, integrou o território português, mas a dependência eclesiástica de Badajoz foi cortada apenas em 1392. Durante a guerra de interregno, a vila tomou o partido de Castela e foi reintegrada no território nacional em 1388. O castelo de Campo Maior beneficiou de obras de renovação no reinado de D. Dinis, quando foi elevada a torre de menagem com seus matacães, e a cerca da vila; nos reinados de D. Fernando ou D. João I foram construídas as barbacãs a volta da cerca e do castelo. Nos reinados de D. João II e de D. Manuel foram feitas aqui as obras de ampliação e adaptação às novas técnicas bélicas.

Durante a Guerra de Restauração, em 1641, foi construída a volta do castelo medieval e da cerca urbana uma fortificação moderna, a torre de menagem foi transformada em paiol; em 1732 houve uma forte explosão no paiol que levou a destruição quase completa do castelo.³⁸⁵

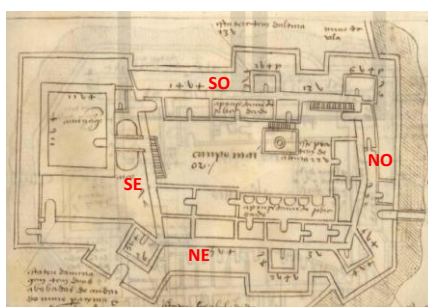
Pertença: Coroa.

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: o castelo, a cerca da vila e a barbacã do castelo encontravam-se em muito bom estado, enquanto a parte da barbacã da vila não tinha ameias. Na altura da visita, este castelo ainda não tinha troneiras.

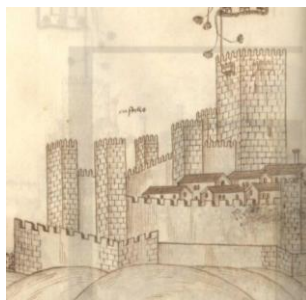
Alcaide-mor: Afonso Vaz (por D. Urraca).

Estado atual: do castelo medieval, depois da explosão do paiol, em 1732, sobreviveram a muralha NO com duas torres nos ângulos O e N, a porta de traição, a escada de acesso ao adarve no canto O em bom estado de conservação, e o poço que se encontra entulhado. As outras muralhas, a porta de entrada e uma casa que atualmente existe no interior da praça são construções feitas nos séculos XVIII e XIX.

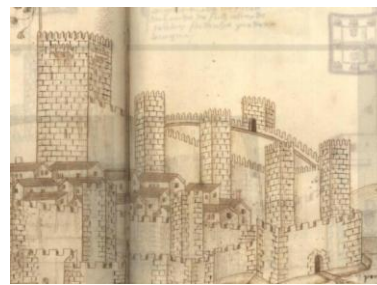
Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.124.



Vista da banda do surl (SO), fl.27.



Vista da banda do norte (N), fl.28.

Casas:

Total – 15;
Com sobrados – sim;
Só térreas – sim.

Localização:

Muralha SO – três casas em fila;

Muralha NO – duas casas em

Descrição (segundo o *Livro das Fortalezas*):

As casas estão distribuídas ao longo das muralhas SO, NO e NE do castelo. À muralha SO estão adossadas três casas, todas com entradas individuais viradas para praça (NE). A

Elementos estruturais (segundo o *Livro das Fortalezas*):

As casas não são visíveis nos desenhos.

Coberturas: não há informação.

Portas (apenas casas):

³⁸⁵ BUCHO, Domingos, *Fortificações de Campo Maior. História, Arquitetura e Restauro*. Região de Turismo de São Mamede, Portalegre, 2002, pp.15-17.

<p>fila e a primeira casa da segunda fila da muralha NE; Muralha NE – nove casas em fileira dupla; as últimas casas das duas filais – adossadas à muralha SE, primeira e a última casa da segunda fila nos cantos N e E, respetivamente. Muralha SE – duas últimas casas do NE; No centro da praça – uma casa isolada (casa do poço).</p> <p><u>Aproveitamento de muralhas:</u> as casas são adossadas às muralhas ocupando todo o comprimento da muralha NE.</p> <p><u>“Espaços verdes”:</u> não há.</p>	<p>casa do meio está indicada como <i>apousentamento sobradado</i>, mas a escada de acesso ao primeiro andar leva até a porta da entrada da terceira casa (contando da entrada principal da praça). A escada tem um patamar e está encaixada entre esta casa e a casa do poço que está localizada a meio da praça. Não estão indicadas portas interiores para este conjunto de casas.</p> <p>Dois casas ligadas entre si pela porta interior estão adossadas à muralha NO. A primeira, a contar da porta de tração, tem entrada virada para praça (SE), e em parede NE dela está aberta uma porta que dá acesso à segunda casa. Esta última é paredes-meias com um alpendre e uma casa que fazem parte de um conjunto de 9 casas dispostas em fileira dupla ao longo da muralha NE. Em cima do alpendre está escrito <i>apousentamento sobradado</i>. A primeira fila deste conjunto está constituída por duas casas e um alpendre com arcada fechada e a porta de entrada virada para praça (SO). No interior do alpendre há três portas que dão acesso às casas. A primeira, a SE, leva à primeira casa da primeira fila, e a partir dela, pela porta aberta na mesma direção, entra-se para segunda casa.</p> <p>A segunda e terceira portas estão abertas em parede NE do alpendre e dão acesso às casas da segunda fila. A porta mais a N dá acesso à terceira casa, contando do canto N, a partir da qual se entra para segunda e primeira casa, pelas portas interiores abertas na direção a NO.</p> <p>Pela terceira porta do alpendre acede-se à quarta casa da segunda fila. Há mais duas</p>	<p>doze, visíveis na planta, todas em arco; <u>Exteriores:</u> cinco; <u>Interiores:</u> sete. Janelas: não há informação. Escadas: duas (no mínimo); <u>Exteriores:</u> uma; <u>Interiores:</u> uma (no mínimo). Chaminés: não há informação. Um alpendre com arcada fechada.</p>
---	---	--

	casas nessa fila para as quais não estão indicadas as entradas ³⁸⁶ .	
<p>Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: <i>esta tore da menagem tem duas abobadas do andar do muro pra cyma e tem do andar do muro pra baxo huu aljube e tem daltura 22v; a torre tem 11.5v de lado, é uma torre-albarrã construída fora da praça em frente da entrada principal do castelo, e ligada à muralha SE por uma ponte servida por uma escada adossada à muralha SE no interior da praça. Adossada à parede NO da torre encontra-se uma casa. A porta da entrada está aberta na parede NO; nas paredes SE e NE (duas em cada) estão abertas quatro frestas em dois níveis (do primeiro e do segundo andar). Há quatro balcões com matações (um em cada parede). A torre não tem ligações com outras casas da praça.</i> Descrição da torre de menagem no manuscrito de Esteves da Gama de Moura e Azevedo que foi Governador da praça do Campo Maior entre 1705-1741: <i>“Esta torre tinha uma cisterna no primeiro pavimento, cujos canos se reconheciam. No segundo pavimento tinha uma casa, e nas quatro paredes dela tinha quatro capelas. E no terceiro pavimento tinha outra casa. A cisterna não recebia água havia muitos anos. Na segunda casa é onde estava a pólvora, metida em barris nas ditas capelas, e para maior segurança a porta por onde se entrava estava tapada de pedra e cal. (...) Era a Torre toda de pedraria grossa, assim por fora como por dentro, e as abóbodas das nove ruas que tinha, eram também de pedra de encharria, sem que entrasse aqui outro material.”</i>³⁸⁷ Estado atual: foi completamente destruída em 1732 pela explosão do paiol de pólvora que se encontrava no seu interior.</p>		<p>Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas): Cobertura: não há informação. Vãos: três Com abóboda: dois; Janelas: não há; Frestas: quatro. Portas: dez³⁸⁸; Exteriores: seis, uma em arco; Interiores: quatro; De verga reta: não há informação. Escadas: duas; Exterior: uma, até a ponte do acesso; Interior: uma.³⁸⁹ Chaminés: não há. Aljube.</p>
<p>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: Nos desenhos de Duarte d’Armas não aparece nenhuma torre da qual se podia suspeitar que tivesse funções para além das militares. Mas, atualmente as duas torres dos ângulos da muralha NO que persistiram até os nossos dias são cobertas por abóbodas de berço e têm janelas grandes. A torre E tem uma janela de verga reta, sem assentos, virada a O. A torre N têm três janelas com assentos, duas, de verga reta, viradas a E e O, e a terceira, também de verga reta, com riquíssima moldura de baixo-relevo na parte exterior, virada a N. Ao lado desta torre há uma latrina. A torre N encontrava-se por trás do conjunto de casas com sobrados, adossadas à muralha NE e, eventualmente podia comunicar com elas. É possível que a abertura das janelas e possível inclusão das torres no conjunto de casas foi feita na altura de modificações no reinado de D. Manuel, empreendidas depois da visita de Duarte d’Armas.</p>		
<p>Materiais de construção: Levantamento no terreno: alvenaria de pedra muito irregular, cal, silhares de calcário e granito para reforço de cantaria e construção de portas do castelo; tijolo burro para formação de</p>		

³⁸⁶ Podemos supor que existia aqui um conjunto de casas com sobrados feitos, no mínimo, por cima do alpendre e mais três casas por trás dele que estão ligadas entre si, e, no máximo, ocupava o espaço todo. Ou que este alpendre na realidade era uma varanda ligada aos sobrados, pelo facto de ter a arcada fechada, e que existia um alpendre por baixo dela, pelo qual se fazia o acesso às casas do piso térreo.

³⁸⁷ Documento citado in BUCHO, Domingos; *Fortificações de Campo Maior*. P. 33.

³⁸⁸ Contabilizamos aqui para primeiro andar quatro portas (porta de entrada, porta de acesso à rampa ou escada, porta da sala, porta de aljube), para segundo andar – cinco portas (porta de entrada da sala e quatro portas de acesso aos balcões), mais porta de acesso à cobertura.

³⁸⁹ Pelo nome de “nove ruas” que o Governador da praça utiliza na sua descrição, é possível que a torre, em vez da escada, tinha uma rampa, semelhante a da torre de menagem de Olivença que também é denominada como “dezoito ruas” na descrição feita por Manuel Carvalho Viegas em 1668 (documento citado in SÁNCHEZ GARCIA, Rosa Maria; PIRIZ, Luís Afonso Limpo; *El Enclave de Olivenza e sus muralhas (1230-1640)*. P. 77)

abóbodas e janelas das torres.

Elementos decorativos: a moldura exterior de uma das janelas da torre N é um exemplo interessante da simbiose do estilo manuelino com o de renascença.

Informação suplementar: 1. A alcaidaria-mor dos castelos de Campo Maior e de Ouguela, desde meados do século XV até os finais do século XVI, permaneceu nas mãos da família dos Telles da Silva de Meneses.³⁹⁰ Esta família era igualmente proprietária de extensas terras agrícolas naqueles dois concelhos. As herdades de Vale do Castelo, Contenda, Figueira, Carrascal, faziam parte deste património.³⁹¹

2. Dados de *Numeramento de 1527** (p. 36): a vila com arrabaldes tinha 632 fogos, e o seu termo tinha 32 fogos.

³⁹⁰ GALEGO, Francisco Pereira, *A Antiga Vila de Ouguela. Elementos para sua história*. Campo Maior, 2014, p.24.

³⁹¹ VIEIRA, Rui Rosado, *Centros Urbanos no Alentejo Fronteiriço. Campo Maior, Elvas e Olivença. De incios do século XVI a meados do século XVII*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p. 158.

14. Arronches.

Localização: Alentejo; distrito de Portalegre; conselho de Arronches; freguesia de Assunção.

Anos de construção e intervenções posteriores: A vila foi definitivamente reconquistada no reinado de D. Sancho II que a doou aos Cónegos Regrantes de Sta. Cruz de Coimbra em 1236; D. Afonso III trocou as igrejas de Sta. Maria de Óbidos e Sta. Maria de Assumar, e albergaria de Poiães por essa vila, e doou-a ao seu filho Infante D. Afonso.³⁹² Depois das desavenças militares, em 1281, 1287 e 1299, entre D. Dinis e seu irmão, Infante D. Afonso, o monarca deu as vilas de Armamar, Sintra e Ourem em troca pelas vilas fronteiriças de Arronches, Marvão e Portalegre que incorporou nos bens da Coroa.³⁹³

A vila recebeu o primeiro foral em 1255 das mãos de D. Afonso III, que o confirmou, com mais privilégios, em 1272. O castelo foi construído em 1310 por mando de D. Dinis.³⁹⁴ Durante a guerra de interregno tomou o partido de Castela e foi recuperado em 1385 por D. Nuno Álvares Pereira. Em 1512, o castelo beneficiou de obras de reparação, e a vila recebeu o foral novo das mãos de D. Manuel. No século XVIII a fortaleza medieval foi transformada em fortaleza moderna.³⁹⁵

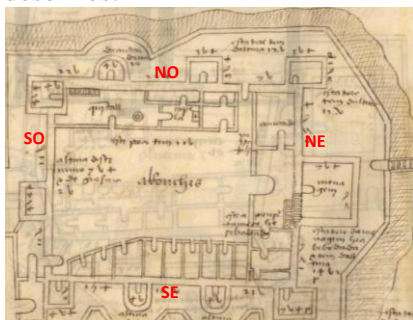
Pertença: Coroa.

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: o castelo e a cerca urbana encontravam-se em bom estado; a barbacã apresentava graves sinais de degradação; no interior da praça existia uma casa que se encontrava em construção.

Alcaide pequeno: Diogo de Sequeira (1496-1514).

Estado atual: este castelo já não existe.

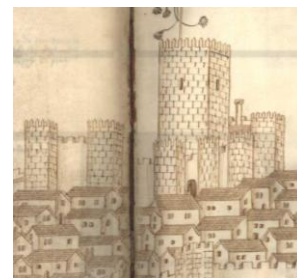
Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.124v.



Vista da banda do leste (E), fl.31.



Vista da banda do oeste (O), fl.32.

Casas:

Total – 18;

Com sobrados – sim;

Só térreas – sim.

Localização:

Muralha NO – quatro casas em fileira dupla, no canto N – primeira casa do lado NE;

Muralha NE – cinco casas em fila;

Muralha SE – nove casas em fila;

Descrição (segundo o *Livro das Fortalezas*):

À muralha SE estão adossadas nove casas em fila com entradas individuais, todas viradas ao NO, e que ocupam quase todo seu comprimento desde a entrada principal, aberta em muralha SO, até ao conjunto de casas adossadas à muralha NE. Para primeira casa dessa fila (contando do NE) não está indicada a porta de entrada.

Elementos

estruturais (segundo o *Livro das Fortalezas*):

Coberturas:

Separadas: duas, de telha, em quatro águas;

Comuns: não há informação.

Tetos forrados: não há informação.

³⁹² COSTA, António Carvalho (Padre); *Corografia Portuguesa...* . Tomo II, p. 572

³⁹³ CID, Pedro, *As Fortificações Medievais de Castelo de Vide*. Lisboa: IPPAR, 2005, p. 36.

³⁹⁴ Na tese de doutoramento de Luísa Trindade foi apresentada a hipótese, com fundamento na documentação coeva, de que o castelo novo foi construído por D. Afonso III na década de 60 do século XIII, a NO, no ponto oposto ao castelo velho, ainda de origem islâmica e que nessa altura já se encontrava bastante degradado. Este novo castelo foi sediado por D. Dinis em 1287 e, depois de retornar a coroa, reparado e modificado. (TRINDADE, Luísa, *Urbanismo na composição de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, pp. 271-275).

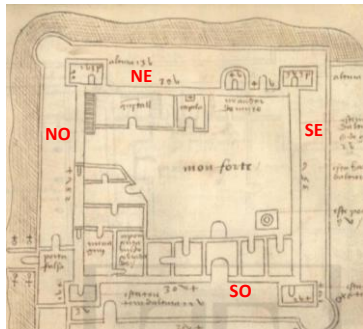
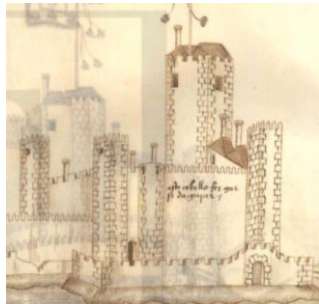
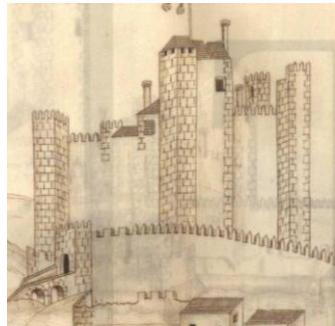
³⁹⁵ ALMEIDA, João de; *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Vol. III, pp. 43-44.

<p>Muralha SO – não há casas; No centro da praça – não há construções.</p> <p>“Espaços verdes”: Junto à muralha NO, entre a fileira dupla das casas e a torre do angulo O, encontra-se um quintal com um poço no meio, separado da praça por uma vedação que tem uma porta virada a SE, eventualmente aqui poderiam existir algumas árvores de fruto ou uma horta.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: as casas e o quintal com vedação, dispostos em U, ocupam praticamente todo comprimento das muralhas NO, NE e SE da praça.</p> <p>Edifícios religiosos: uma capela.</p>	<p>Entre as casas adossadas à muralha NE, a casa do meio, com uma entrada muito grande, em forma de arco e virada para praça (SO), pode ser um alpendre, no interior do qual se abram as portas de acesso a outras casas situadas deste lado. A porta a direita, de quem entra, dá acesso à primeira das três casas, localizadas umas atrás de outras e ligadas por portas interiores que seguem a mesma direção (SE). Essas casas são indicadas como <i>apousentamento sobradado</i>. A elas correspondem dois telhados armados em quatro águas e duas chaminés (<i>desenho da banda do leste</i>). Ao lado dessas casas, adossada à muralha NE, encontra-se uma escada de dois vãos, um por cima do outro, que leva à entrada da torre de menagem.³⁹⁶</p> <p>A porta que se encontra do lado esquerdo (NO), dá acesso a uma casa indicada como <i>começada</i>.</p> <p>Ao longo da muralha NO estão localizadas quatro casas em fileira dupla e um <i>quintall</i> com poço, separado da praça por uma vedação. As duas filas de casas estão ordenadas na direção NO-SE (da muralha para interior da praça). Na primeira fila, contando da porta falsa, a primeira casa tem porta de entrada virada a SE, e está ligada pela porta interior, aberta em parede oposta, à segunda casa. Na segunda fila, a primeira casa é uma capela que tem entrada virada para quintal (SO), e está ligada à segunda casa pela porta interior virada a NO. As últimas casas de cada fila são adossadas à muralha.</p>	<p>Portas (apenas casas): dezassete, visíveis na planta, todas em arco; Exteriores: onze; Interiores: seis. Janelas: não há informação. Escadas: uma (no mínimo) Chaminés: duas.</p>
<p>Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: esta torre da menagem he abobodada e tem daltura 14v2p; tem 7.5v x 7v de lado; a porta de entrada encontra-se do lado SO e é servida por uma escada de dois vãos que se encontra no interior de uma das casas. Há quatro frestas abertas ao mesmo nível, uma em cada parede da torre. Estado atual: está torre já não existe.</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas): Cobertura: possivelmente um eirado rodeado por ameias pentagonais. Vãos: um; Com abóboda: um.</p>	

³⁹⁶ De forma como a escada está feita, é muito provável que ela também servia de acesso ao primeiro andar de casas, embora na planta não está indicada a entrada a este nível.

	<p>Janelas: não há. Frestas: quatro. Portas: duas (exteriores); Em arco: uma; De verga reta: não há informação. Escadas: duas; Exterior: uma; Interior: uma. Chaminés: não há.</p>
<p>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: não há.</p>	
<p>Materiais de construção:</p>	
<p>Livro das Fortalezas: telha para coberturas.</p>	
<p>Elementos decorativos: não há informação.</p>	
<p>Informação suplementar: Dados de <i>Numeramento de 1527*</i> (36): a vila com arrabaldes tinha 717 fogos, o termo tinha 121 fogos.</p>	

15. Monforte.

<p>Localização: Alto Alentejo; distrito de Portalegre, conselho e freguesia de Monforte.</p> <p>Anos de construção e intervenções posteriores: O lugar de Monforte foi reconquistado em 1139 por D. Afonso Henriques que mandou construir aqui o primeiro castelo.³⁹⁷ A vila e o castelo foram completamente destruídos e despovoados por causa de guerras, quase interrompidas, entre os cristãos e muçulmanos, e depois entre os reinos de Portugal e de Leão, durante os primeiros quatro reinados. Em 1257, D. Afonso III mandou reedificar o castelo e repovoar a vila, a qual concedeu um foral com muitos privilégios. O castelo foi ampliado e renovado em 1309 por mando de D. Dinis, que também mandou construir nova cerca urbana reforçada por um fosso.³⁹⁸</p> <p>Pertença: Casa de Bragança.</p> <p>Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: A torre de menagem, muralha SE e a barbacã a volta do castelo têm ameias novas, largas e de perfil retangular, enquanto as outras torres e muralhas têm ameias pentagonais; a barbacã do castelo tem dois cubelos posicionados diagonalmente – possivelmente foram aqui feitas obras de renovação e reparação uns anos antes da visita de Duarte d'Armas.</p> <p>Alcaide pequeno: Diogo Morreira.</p> <p>Estado atual: este castelo já não existe.</p>		
<p>Livro das Fortalezas: planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl.125.</p>	 <p>Vista da banda do leste (E), fl.33.</p>	 <p>Vista da banda do oeste (O), fl.34.</p>
<p>Casas: Total – nove; Com sobrados – sim; Só térreas – sim.</p> <p>Localização: Muralha NE- uma casa isolada que é a capela; Muralha SE – primeira casa da muralha SO; Muralha SO – cinco casas em fila, a primeira casa - no canto S, a última – meia-parede com torre de menagem;³⁹⁹</p>	<p>Descrição (segundo o Livro das Fortalezas): As três casas, adossadas à muralha NO, têm sobrados levantados por cima do adarve. Dessas três, a casa do meio tem porta de entrada virada para praça (SE), e duas portas interiores, uma virada a NE e outra- a SO, que dão acesso às casas que a ladeiam. A parte das casas, construída por cima do adarve, tem duas portas nos seus extremos e uma janela grande de</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas): Coberturas: Separadas: duas de telha, em quatro águas; Comuns: não há informação; Tetos forrados: não há informação. Portas (apenas</p>

³⁹⁷ KEIL, Luís, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Portalegre*, Vol. 1. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1943, p. 98.

³⁹⁸ ALMEIDA, João de, *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Pp. 155-156. Na nossa modesta opinião, a presença da barbacã com ameias de dois tipos e bom estado de conservação em que o castelo se encontrava na altura da visita de Duarte d'Armas, deveriam ser feitas aqui as obras nos reinados de D. Fernando; D. João I e D. João II.

³⁹⁹ No meio dessas casas encontra-se a entrada principal do castelo que faz parte da fila e na planta parece ser uma das casas.

<p>Muralha NO – três casas em fila, a última casa é meia-parede com torre de menagem e com última casa do lado SO; No centro da praça – um poço.</p> <p><u>Aproveitamento de muralhas:</u> todas as casas são adossadas às muralhas; os sobrados do lado NO são construídos por cima do adarve.</p> <p><u>“Espaços verdes”:</u> desde parede NO da capela até a escada do adarve no canto N, ao longo da muralha NE estende-se um quintal com vedação do lado da praça.</p> <p><u>Edifícios religiosos:</u> uma capela.</p>	<p>verga reta e com grade de ferro.⁴⁰⁰ A essas três casas correspondem dois telhados armados em quatro águas, e duas chaminés. A primeira casa tem telhado ao nível do adarve, as outras duas são um piso mais altas. A terceira casa, meia-parede com torre de menagem, tem uma janela em arco virada para praça. A porta de entrada da torre de menagem, aberta em parede NE ao nível do primeiro andar, encontra-se no interior da terceira casa. Há mais uma porta em parede SE da torre que a liga à última casa das adossadas à muralha SO, indicada por Duarte d’Armas como <i>apousentamento sobradado</i>. À esta casa corresponde uma chaminé (aparece em ambos desenhos). A meio da muralha SO encontra-se a entrada principal do castelo que tem duas casas a sua direita e duas a sua esquerda. A primeira casa, a esquerda de quem entra, tem porta de entrada virada para praça (NE) e uma porta interior, virada a NO que dá acesso à segunda casa deste lado. As duas casas a direita têm entradas individuais, viradas a NE. A essas quatro casas correspondem duas chaminés. A meio da muralha NE e adossada a ela, encontra-se uma capela e ao lado dela há um <i>quintall</i> com vedação e com uma porta virada a SO.⁴⁰¹</p>	<p>casas): doze, visíveis na planta, todas em arco; <u>Exteriores:</u> sete; <u>Interiores:</u> cinco. Janelas: duas; <u>Em arco:</u> uma; <u>De verga reta:</u> uma, com grade. Escadas: uma interior (no mínimo); Chaminés: cinco.</p>
<p><u>Torre de menagem:</u> <u>Informação do Livro das Fortalezas:</u> a torre de menagem ocupa o canto O e está desenvolvida para interior da praça, não há informação a cerca das suas medidas, mas a torre que se encontra no angulo O do lado exterior da praça, ao lado da torre de menagem, tem de altura 12 v, e nos desenhos essas duas torres têm a mesma altura. A torre de menagem tem duas portas interiores, do lado NE e do lado SE, ligadas às casas que a ladeiam; tem três janelas grandes de verga reta, viradas a SO, SE e NE, que correspondem ao segundo andar acima do adarve. A torre tem duas coberturas de telha, uma ao lado da outra, cada uma armada em quatro águas, e uma chaminé.</p>	<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): <u>Cobertura:</u> duas, de telha, de quatro águas, rodeadas por ameias retangulares. <u>Vãos:</u> dois; <u>Com abóboda:</u> não há. <u>Janelas:</u> três, todas de verga reta.</p>	

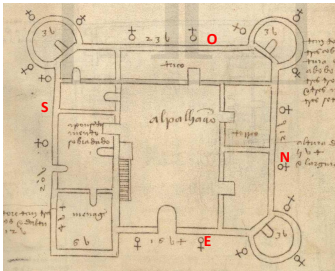

⁴⁰⁰ Ao adarve acede-se pela escada localizada no canto N da praça, como não está indicada nenhuma escada exterior de acesso aos sobrados, é possível que a entrada para sobrados era aqui.

⁴⁰¹ Na planta a imagem é muito semelhante à do castelo de Arronches.

<u>Estado atual:</u> esta torre já não existe.	<u>Portas:</u> três, interiores; <u>Em arco:</u> duas; <u>De verga reta:</u> não há informação. <u>Escadas:</u> duas, interiores. <u>Chaminés:</u> uma.
<u>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias:</u> não há.	
<u>Materiais de construção:</u>	
<u>Livro das Fortalezas:</u> telha e madeira para coberturas, grades de ferro para proteção de janelas.	
<u>Elementos decorativos:</u> não há informação.	
<u>Informação suplementar:</u>	
Dados de <i>Numeramento de 1527*</i> (p.44): terra do duque de Bragança; vila tinha 660 fogos. Nos dados apresentados pela Júlia Galego a vila intramuros tinha 600 fogos. ⁴⁰²	

⁴⁰² GALEGO, Júlia, DAVEAU, Suzanne; *O Numeramento de 1527-1532*. P.108.

16. Alpalhão.

<p>Localização: Alto Alentejo, distrito de Portalegre, conselho de Nisa, freguesia de Alpalhão.</p> <p>Anos de construção e intervenções posteriores: O castelo foi construído em 1300 por mando de D. Dinis, e foi o primeiro castelo do Alentejo doado aos Templários. No início do século XVI foi beneficiado com obras de reconstrução e reparação; recebeu foral novo em 1512.</p> <p>Pertença: Comenda da Ordem de Cristo.</p> <p>Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: Nos finais de 1506, na altura da visitação, segundo os <i>Tombo</i>s estavam a ser levantadas as muralhas novas do castelo e os cubelos. Passados cerca de dois anos, quando veio cá Duarte d'Armas, as muralhas do castelo e dois dos três cubelos ainda não tinham ameias, mas todas as muralhas, cubelos e a torre de menagem estavam munidas de troneiras. Segundo os <i>Tombo</i>s, o comendador e alcaide-mor Fernão da Silva mandou fazer as obras no castelo e reconstruiu as casas da praça.</p> <p>Alcaide-mor e Comendador: Fernão da Silva (1492-1511).</p> <p>Estado atual: Este castelo já não existe.</p>		
<p>Livro das Fortalezas: planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl.125.</p>	 <p>Vista da banda do sudoeste (SO), fl.41.</p>	 <p>Vista da banda do nordeste (NE), fl.42.</p>
<p>Casas: Total – seis; Com sobrados – um; Só térreas – cinco.</p> <p>Localização: Muralha O – duas casas em fila; Muralha N – duas casas em fila; Muralha E – no canto NE – segunda casa da muralha N; Muralha S – duas casas em fila, a última casa é meia-parede com primeira casa da muralha O. No centro da praça – não há construções.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: todas as casas são adossadas às</p>	<p>Descrição (segundo o Livro das Fortalezas): As seis casas, em forma de U, são adossadas às muralhas S, O e N da praça, em todo comprimento delas. A porta da entrada principal está aberta a meio da muralha E; a esquerda de quem entra, encontra-se a torre de menagem, enquadrada no angulo SE, logo a seguir e adossada à torre está a casa com sobrado construído com aproveitamento do adarve da muralha S. A casa tem quatro portas: duas entradas viradas a N, uma - com porta de verga reta no piso térreo, e outra com porta em arco que leva ao primeiro andar. O acesso à entrada do sobrado é por escada exterior adossada à parede, com patamar largo em frente da porta. A terceira porta, também em arco, virada a S, é a porta de traição; e a quarta porta, interior e virada a E,</p>	<p>Elementos estruturais (segundo os Tombos e o <i>Livro das Fortalezas</i>):</p> <p>Coberturas: Separadas: sim; - de duas águas (casa com sobrado); - de quatro águas (alpendre por cima do patamar da escada); Comuns: não há informação. Tetos forrados: dois, com madeira de castanho (sala e alpendre da entrada) Portas (apenas casas): dez; Exteriores: sete; Em arcos: três; De verga reta: quatro; Interiores: três; Em arco: duas; De verga reta: não há informação.</p>

<p>respetivas muralhas ocupando todo o seu comprimento; o sobrado é construído por cima do adarve da muralha S.</p> <p>“Espaços verdes”: fora da praça, mas encostado a ela ao longo da muralha S, há um quintal com árvores de fruto.</p>	<p>liga o sobrado ao primeiro andar da torre.⁴⁰³ A casa tem telhado de duas águas, uma chaminé e duas janelas de verga reta, abertas para S.⁴⁰⁴</p> <p>A seguir a casa com sobrado, há uma casa com duas portas, uma exterior, virada a N, outra interior, virada a O, que a liga à casa no canto SO.</p> <p>As restantes três casas têm entradas individuais com portas de verga reta. Na planta dessa praça não estão indicados nem poço, nem uma cisterna, nem escadas de acesso a adarves.</p>	<p>Janelas: duas, de verga reta, com assentos.</p> <p>Escadas: duas;</p> <p><u>Exteriores</u>: uma;</p> <p><u>Interiores</u>: uma.</p> <p>Chaminés: duas.</p> <p>Mobiliário: assentos de janelas da sala; nas serventias - manjadoiras; tulhas.</p>
---	--	---

Descrição nos Tombos⁴⁰⁵:

Fl. 63v^o. ¶ *(a torre de menagem) contra ho ponente. tem hũa salla sobradada e oliuellada de castanho em três painees. e //tem hũa janella ao norte e outra ao sul ambas de assentos com suas portas bõas e nouas. e ao ponente tem hũa boa chaminee leua esta salla de longo sete uaras e meya e çinquo e meya de largo. e desta salla sobem pera ho primeiro sobrado da torre per hũa escada de madeira de poucos degraaos./ sobem <a> esta salla per hũa escada de pedra que em çima tem hũu tauoleiro argamassado com seu peitoril alto. cuberto de oiliuel mujto bem obrado e telhado em quatro aguas. a qual salla e çinquo ameias da dicta torre. fernam da silua comendador da dicta comenda mandou fazer toda de nouo.*

¶ *debaixo da dicta salla vay hũa logea com dous portaaes de cantaria bem feitos. hũu de serujntia da dita logea grande e outro pequeno que uay pera hũu quintal e tem ajnda outra porta na parede da torre e he outrosi de cantaria. ho que todo ho dito fernam da silua mandou fazer.*

¶ *aalem da dita salla estaa hũa casa que ora serue de cozinha terrea. e tem hũa grande e bõoa chaminee. leua de longo çinquo uaras e meya e tres e meya de largo./ há qual cozinha o dicto comendador mandou fazer de nouo.*

¶ *Contra ho ponente tem hũa casa de estrebaria // Fl.64.// com suas manjadoiras. todo nouo e bem feito bem madeirada e cuberta de telha que leua.xviij. varas de longo e quatro de largo. ha qual o dicto comendador outrosi de nouo mandou fazer.*

Contra ho norte estaa outra casa que serue de çeleiro. toda ladrilhada per baixo com suas tulhas de madeira bem feitas e bem repartidas bem madeirada e cuberta de telha e leua oito varas e meya de longo e tres de largo. com seu portal de pedraria e suas portas bem fechada./

E logo junto do dicto çeleiro outra tal casa parede em meyo. pera apousentamento de homens e he do tamanho do dito çeleiro. e seu portal de cantaria com bõas portas./ has quaaes casas ho dicto comendador outrosi mandou fazer

¶ *a rredor do dicto apousentamento estaa hũa çerca nouamente começada de fazer e estaa já de noue couados d alto. cinco palmos de grossura e tem tres cubellos nos tres quantos da mesma altura e grossura com suas bonbardeiras de pedraria. e tem hũu grande portal de pedraria bem obrado com suas portas nouas e fortes. e bem fechadas://*

Fl. 34v^o *hũu dos ditos cubellos que estaa ao ponente fez o dito comendador em hũu chãao que comprou há qual çerca e cubellos. ho dicto comendador mandou fazer de nouo./.*

¶ *dentro da dicta çerca estaa hũu patio xvij varas e meya de longo. e xiij e meya de largo muy chãao e bem feito. e ao canto do dito patio e çerca estaa a dita torre. e aalem della e da dita salla e cozinha estaa hũu quintal que ho dicto comendador fez a mayor parte em hũu chãao que comprou e deu aa hordem. no qual quintal estam.xv. limeiras e duas larangeiras e xj pees de*

⁴⁰³ Além dessas três há mais uma porta que não aparece na planta, mas que está mencionada nos *Tombos* – é a porta interior aberta no piso térreo que liga loja à torre de menagem (Ver **Descrição nos Tombos, fl. 63v^o**).

⁴⁰⁴ Nos *Tombos* também se fala de duas janelas na sala, mas uma virada a N e outra a S. (Ver **Descrição nos Tombos, fl. 63v^o**).

⁴⁰⁵ GONÇALVES, Iria (coord.); *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol. 1, P.30.

parreiras e tres pereiros e tres amexieiras e hũa figueira e parte ao norte com ha dicta salla e torre. e das outras bandas com casas de pedro lopez e de ioham uelho e de esteuam afonssso e com o cubello do muro. Leua de longo xxxiiij varas e oito de largo://

<p>Torre de menagem: Descrição nos Tombos: Fl.63 ¶ <i>tem na dicta villa hũa torre alta e forte. toda de pedra e cal de fundo açima. bem ameada e de boa largura. e tem dous sobrados⁴⁰⁶ igualmente corregida. oliuellada de castanho em três painéis e cuberta de telha. e tem no sobrado de baixo hũa janella d assentos com suas portas ainda bõoas contra ho norte./ e no sobrado de çima tem quatro janelas d assentos com suas portas cada hũa em sua quadra. e hũa chaminee de dous fogos. em cada sobrado seu fogo. leua de longo çinquo varas e meya bem medidas e çinquo de largo escassas./ e sobem pera o sobrado de çima per dentro da torre per hũa escada de madeira bem corregida./</i> Informação do Livro das Fortalezas: <i>esta tore tem três vãos e daltura 12v; a torre tem 4.5v x 6v de lado; dois pisos acima do adarve; o acesso à torre encontra-se no interior da casa com sobrado; ao primeiro andar correspondem três janelas; em forma de arco nas paredes S e N, e de verga reta – na parede E. Ao segundo andar correspondem três janelas de verga reta, abertas nas paredes S, N, O.</i> Estado atual: esta torre já não existe.</p>	<p>Elementos estruturais (segundo os <i>Tombos</i> e o <i>Livro das Fortalezas</i>): Cobertura: de telha, rodeada por ameias retangulares. Vãos: três; Com abóboda: não há; Tetos forrados: dois, com madeira de castanho. Janelas: cinco, com assentos;⁴⁰⁷ Em arco: não há informação; De verga reta: não há informação. Portas: quatro; Exteriores: uma (saída para terraço); Interiores: três; Em arco: uma; De verga reta: não há informação. Escadas: três (todas no interior). Chaminés: duas lareiras ligadas à mesma chaminé.</p>
---	--

Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: não há.

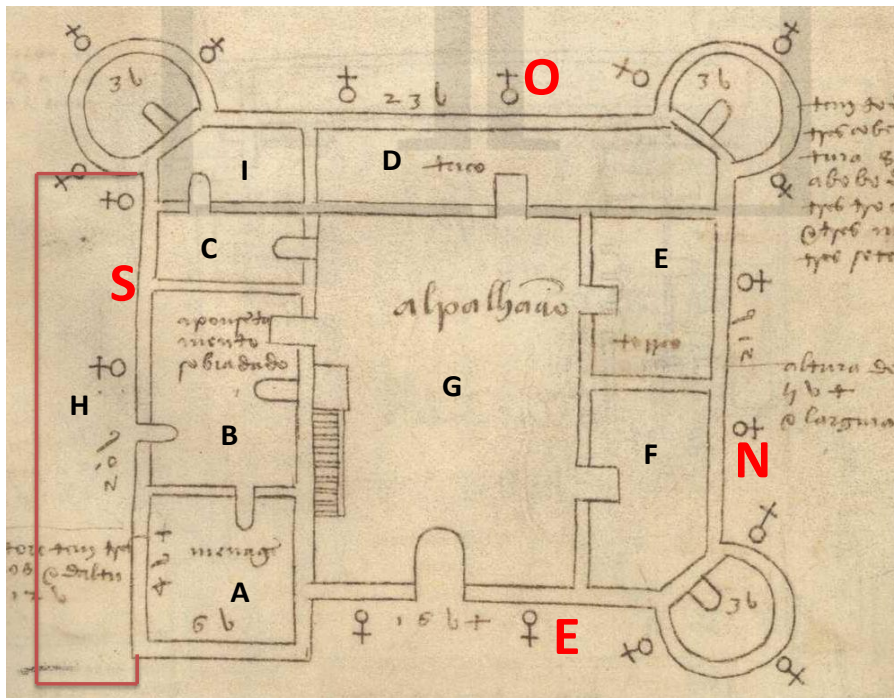
Materiais de construção:
Informação de Tombos: alvenaria de pedra e cal; cantaria e *pedraria* para construção de entradas; telha; madeira para portadas de janelas e portas, forro de tetos, escadas interiores, tulhas e manjedoiras; ladrilho no chão do celeiro.

Elementos decorativos: não há informação.

Informação suplementar:
Dados de *Numeramento de 1527** (p.68): *esta villa he do mestrado de Christos e he comenda tem hum bom castello e dentro bom apousentamento (...) tem hua so freguesia e moradores 115 (fogos) não vive no termo morador algum.*

⁴⁰⁶ Também existia piso térreo. Duarte d'Ármas fala de três vãos, e nos *Tombos* está escrito que o comendador mandou fazer uma porta da loja para torre.

⁴⁰⁷ Há discordância entre o *Livro das Fortalezas* e os *Tombos* na quantidade e posição de janelas. Optamos pela versão dos *Tombos*.



**Castelo de Alpalhão.
Localização, funções e
dimensões das casas
segundo os Tombos:**

- A – torre de menagem:
- piso térreo, 5.5v x 5v (33.28m²);
- 1º andar, 5.5v x 5v (33.28m²);
- 2º andar, 5.5v x 5v (33.28m²).
- B – casa com sobrado:
- loja, 7.5v x 5.5v (49.91m²);
- sala, 7.5v x 5.5v (49.91m²).
- C – cozinha, 5.5v x 3.5v (23.29m²);
D – estrebaria, 18v x 4v (87.12m²);
E – celeiro, 8.5v x 3v (30.86m²);
F – casa de guarnição, 8.5v x 3v (30.86m²);
G – pátio interior, 17.5v x 8.5v (180m²);
H - quintal com árvores de fruto, 34v x 8v (329.12m²);
I – casa que não está indicada nos Tombos, possivelmente uma dispensa.

17. Castelo de Vide.

Localização: Alto Alentejo; distrito de Portalegre, concelho de Castelo de Vide, freguesia de Sta. Maria de Devesa.

Anos de construção e intervenções posteriores: A conquista de Castelo de Vide é atribuída a D. Afonso Henriques e situa-se na década de 70-80 do século XII.⁴⁰⁸ O primeiro documento, onde se menciona a povoação, data de 1233, é a carta de foro outorgada à povoação de Tonhe, da qual se percebe que Castelo de Vide já era um núcleo fortificado e detinha o foral próprio, possivelmente concedido por D. Sancho II na mesma altura que o de Marvão, em 1226. Uma certidão de 1262 confirma que nessa altura Castelo de Vide tinha o pretor (alcaide), juízes, concelho e selo próprio.⁴⁰⁹

Em 1273, D. Afonso III doa a povoação ao seu filho, Infante D. Afonso, que, em 1281, começa a fortificá-la. Mas, depois de intervenção militar do seu irmão, o recém-coroadado D. Dinis, e por mandato dele Infante D. Afonso compromete-se a “*derribar tudo aquilo que de nouo foi feito na Torre de Vide e no muro deste logar*”. A vila fica inserida nos bens da Coroa depois da morte do Infante em 1312⁴¹⁰, e só nessa altura D. Dinis manda reconstruir o castelo e a cerca da vila. Os trabalhos terminaram depois da morte dele, em 1327.⁴¹¹ A barbacã desse castelo foi construída na mesma altura que a cerca da vila e é um dos exemplos mais precoces de construções deste tipo.⁴¹² O castelo e a cerca da vila foram reparados durante a regência de D. Pedro, em 1441-1442⁴¹³, e no reinado de D. Manuel (1498, 1500, 1502). A vila recebeu foral novo em 01 de Junho de 1512.⁴¹⁴

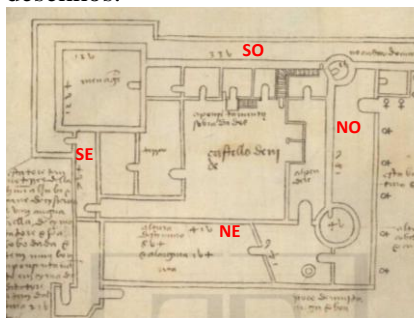
Pertença: Coroa.

Estado na altura da visita de Duarte d’Armas: a torre de menagem não tinha ameias; torres e muralhas do castelo e a cerca da vila encontravam-se em bom estado.

Alcaide-mor: Duarte de Melo (1496-1536).

Estado atual: Do castelo medieval persistiram até os nossos dias a torre de menagem, muralhas SE e SO, os dois cubelos e o poço. A muralha NE foi demolida, e a muralha NO completamente refeita, atualmente ela está incluída num edifício do século XVIII, desenvolvido para lado da antiga liça o que levou ao desaparecimento da entrada principal do castelo. A única entrada encontra-se do lado da muralha SE (onde estava a porta de traição) e é feita em túnel. Todos os edifícios existentes na praça datam dos séculos XVII-XVIII.

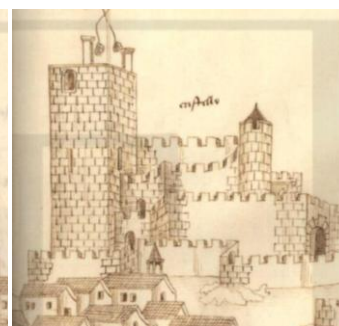
Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.125v.



Vista da banda do nordeste, fl.43.



Vista da banda do sudeste, fl.44.

Casas:

Total – oito;

Descrição (segundo o *Livro das Fortalezas*):

Elementos

estruturais (segundo

⁴⁰⁸ CID, Pedro; *As Fortificações Medievais do Castelo de Vide*. P. 17.

⁴⁰⁹ CID, Pedro; *As Fortificações Medievais do Castelo de Vide*. Pp.26-28.

⁴¹⁰ CID, Pedro; *As Fortificações Medievais do Castelo de Vide*. Pp. 35-36.

⁴¹¹ BUCHO, Domingos, *Fortificações de Castelo de vide. História, Arquitetura e Restauro*. Região do Turismo de São Mamede. Setúbal, 2004, p. 17.

⁴¹² CID, Pedro; *As Fortificações Medievais do Castelo de Vide*; Instituto Português do Património Arquitetónico IPPAR; Lisboa; 2005. P. 74

⁴¹³ CID, Pedro; *As Fortificações Medievais do Castelo de Vide*. P. 100

⁴¹⁴ CID, Pedro; *As Fortificações Medievais do Castelo de Vide*. P.111.

<p>Com sobrados – sim; Só térreas – sim.</p> <p>Localização: Muralha SE- duas casas em fila; Muralha SO – quatro casas em fila, mais uma casa isolada no canto O; Muralha NO – um alpendre grande, a casa isolada do canto O; Muralha NE – não há casas. No centro da praça – não há construções.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: as casas são adossadas às respetivas muralhas e ocupam todo o seu comprimento.</p> <p>“Espaços verdes”: do lado NE do castelo o espaço da liça é muito largo (14v); este espaço é dividido em duas partes no sentido NE-SO por um muro com um arco de passagem a meio. Do lado SE encontra-se a <i>orta</i> e do lado NO um <i>poço de mujta augua e boa</i>.</p>	<p>A entrada principal do castelo, aberta na muralha NE⁴¹⁵, leva para debaixo de um alpendre que ocupa quase todo comprimento da muralha NO e é adossado à ela. O alpendre tem mais uma porta grande, de verga reta e com um mainel a meio, virada para praça (SE), e uma porta interior no fundo (parede SO) que dá acesso a uma casa isolada que se encontra no canto O da praça. Esta casa está separada das outras casas da muralha SO e da própria muralha por uma escada em L que dá acesso ao adarve SO.⁴¹⁶ O adarve liga o cubelo pequeno (ângulo O) com a torre de menagem (ângulo S). A escada tem indicação de duas portas, uma no início e outra no fim.</p> <p>Das quatro casas em fila adossadas à muralha SO e indicadas como <i>apousentamentos sobradados</i>, as primeiras três, contando da escada, têm portas individuais, viradas a NE. A segunda casa tem duas entradas, uma - no piso térreo, outra - para sobrado, servida por uma escada exterior adossada à parede da casa, com patamar largo em frente da porta de entrada. A terceira casa tem porta interior, a SE, que dá acesso à quarta casa deste lado. A porta de entrada da torre de menagem encontra-se ou por cima ou no interior dessa última casa.</p> <p>Do lado SE da praça há duas casas em fila, uma atrás da outra, e que enquadram o ângulo N da torre de menagem. A primeira, indicada como térrea, é meia-parede com a quarta casa do lado SO, tem entrada virada a NO, e no interior dela, a SE, há uma porta interior que dá acesso à segunda casa. Ao lado dessas casas, aberta em muralha SE, encontra-se a porta de traição.⁴¹⁷</p>	<p>o <i>Livro das Fortalezas</i>): as casas não são visíveis nos desenhos.</p> <p>Coberturas: não há informação.</p> <p>Portas (apenas casas): onze, visíveis na planta;</p> <p>Exteriores: sete;</p> <p>Em arcos: seis;</p> <p>De verga reta: uma;</p> <p>Interiores: quatro (todas em arco)</p> <p>Janelas: não há informação.</p> <p>Escadas: duas;</p> <p>Exteriores: uma;</p> <p>Interiores: uma (no mínimo).</p> <p>Chaminés: não há informação.</p> <p>Um alpendre fechado.</p>
<p>Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: <i>esta tore tem no terreo della huu aljube e viue de cysterna e vem augua aella de cyma da tora e</i></p>	<p>Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas):</p>	

⁴¹⁵ Esta entrada atualmente não existe.

⁴¹⁶ Na planta de Duarte d’Armas esta escada começa na praça, chega até a muralha SO e vira a NO, encaixando-se entre a muralha e a parede traseira da casa do lado de alpendre. Atualmente a escada, que se encontra no local, começa na praça e, chegando à muralha, vira a SE, onde dá acesso à cobertura do edifício construído no século XVII e que era a armazém de armas. O eirado desse edifício serve de acesso à entrada da torre de menagem.

⁴¹⁷ Da primeira casa atualmente não há vestígios, no lugar da segunda casa encontra-se o túnel da entrada do castelo.

<p><i>he abobadada e tem muy bom apousentamento em cyma da dita tore e tem daltura 21v+</i>. A torre tem 12v x 12.5v de lado; duas frestas abertas ao nível do primeiro andar nas paredes NE e SE; três janelas de verga reta ao nível do segundo andar, abertas nas paredes SE, NE, NO; duas chaminés. A porta de acesso é do lado NO e encontra-se ou por cima ou no interior de uma das casas da praça. Não tem ameias. A torre está enquadrada no angulo S da praça.</p> <p><u>Estado atual:</u> Mediadas atuais: altura – 17.9m (de topo das ameias até o pátio); 15.77x15.93 de lado exteriormente; 14.55x14.65m de lado interiormente.⁴¹⁸ “Na parte inferior a torre é maciça e impenetrável, garantindo um desnível do solo de quase dez metros. O piso a meia altura (a nível do adarve) tem um vasto salão abobadado. Este salão foi em parte destruído em 1705, por uma mina posta por exército espanhol, de forma que duas das oito nervuras da abóboda são o fruto de trabalhos de restauro feito aos meados do século XX. Durante esses trabalhos foram refeitos na íntegra o cunhal leste da torre e as paredes adjacentes, incluindo a abóboda. As nervuras da abóboda são chanfradas e apoiadas em pilastras de pouca altura. A chave da abóboda não está alinhada com a boca da cisterna-prisão que se encontra no meio da sala. A chave está desviada por causa da diferença em espessura das paredes, as viradas para sudeste e sudoeste (paredes exteriores de alcáçova) são dois metros mais grossas que as outras duas. Este fenómeno pode ser justificado pelo facto de querer encurtar o vão a vencer, ou por razões de defesa. Atualmente a torre tem três janelas grandes com bancos laterais que não podem datar da época de D. Dinis. No <i>Livro das Fortalezas</i> a este nível aparecem apenas frestas, por isso as janelas devem ser da época moderna. O acesso ao terraço da torre é feito por duas escadas abertas em espessura das paredes e que correm nos sentidos opostos. O teto dessas escadas preserva a alvenaria original, mas o sector do terraço foi o mais intervencionado por reconstruções do século XX, foi lá instalado um coroamento em ameias que não aparecem no <i>Livro das Fortalezas</i>, não há vestígios das chaminés. Além disso, a torre desenhada por Duarte d’Armas tinha mais um piso em cima com um <i>muy bom apousentamento</i> com janelas e chaminés”.⁴¹⁹</p>	<p><u>Cobertura:</u> não há informação <u>Vãos:</u> três; <u>Com abóboda:</u> um. <u>Janelas:</u> três, todas de verga reta. <u>Frestas:</u> duas. <u>Portas:</u> quatro; <u>Exteriores:</u> duas, uma em arco; <u>Interiores:</u> duas; <u>De verga reta:</u> não há informação. <u>Escadas:</u> uma, interior. <u>Chaminés:</u> duas.</p> <p>Um aljube e uma cisterna.</p>
<p><u>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias:</u> não há.</p>	
<p><u>Materiais de construção:</u></p>	
<p><u>Levantamento no terreno:</u> alvenaria de pedra e cal; silhares de granito nos alicerces da torre de menagem e construção das portas e janelas do castelo e da torre de menagem; tijolo burro para formação de arcos de portas.</p>	
<p><u>Elementos decorativos:</u> a decoração aqui é muito escassa, resume-se à abóboda da torre de menagem com nervuras chanfradas, chave decorada com motivos vegetalistas muito apagados por tempo, pilares com bases e impostas prismáticas.</p>	
<p><u>Informação suplementar:</u></p>	
<p>Dados de <i>Numeramento de 1527*</i> (p.36): a vila com arrabalde tinha 885 fogos, o termo tinha 26 fogos.</p>	

⁴¹⁸ BUCHO, Domingos, *Fortificações de Castelo de Vide*. P. 37.

⁴¹⁹ CID, Pedro, *As Fortificações Medievais do Castelo de Vide*. Pp. 91-94.

18. Nisa.

Localização: Alto Alentejo, distrito de Portalegre, concelho de Nisa, união de freguesias de Espírito Santo, N. Sra. da Graça e de São Simão.

Anos de construção e intervenções posteriores: O primeiro foral de Nisa foi concedido por D. Frei Estevão de Belmonte, mestre da Ordem do Templo, em data anterior de 1232. Nessa altura a Nisa já era um concelho com limites definidos. Ao mesmo tempo, tudo indica que não seja anterior a conquista de Elvas, em 1226. Em 1242, já se encontrava edificada a igreja. É possível que a construção da primeira fortaleza foi contemporânea a fundação da vila, e que posteriormente o castelo foi submetido à reconstrução.⁴²⁰

A cerca da vila foi feita no reinado de D. Afonso IV.⁴²¹ Em 1427, D. João I deu-lhe o título de “Notável vila de Nisa”. Em 1512 a vila recebeu foral novo concedido por D. Manuel, no reinado do mesmo rei foram feitos trabalhos de reparação de muralhas do castelo.⁴²²

Em grande parte o castelo foi destruído durante a Guerra de sucessão de Espanha, em 1704.⁴²³

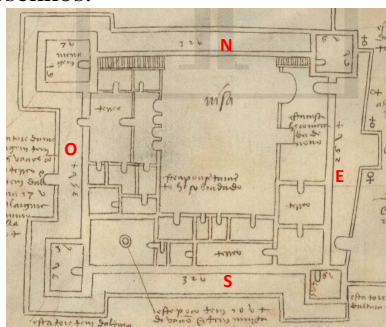
Pertença: Comenda da Ordem de Cristo.

Estado na altura da visita de Duarte d’Armas: as torres e a barbacã do castelo apresentavam fortes sinais de degradação. Segundo os *Tombos* que datam de 18.12.1505, o alcaide-mor tinha reconstruído praticamente todas as casas existentes na praça, e tinha começado construir uma casa nova, mas passados quatro anos a construção ainda não estava terminada (nota na planta do *Livro das Fortalezas*).

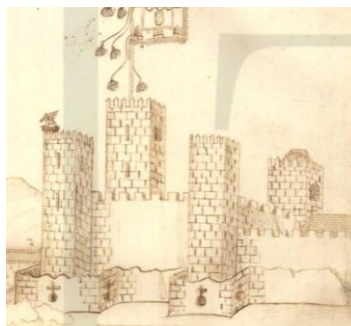
Alcaide-mor: João de Sousa (1496-1513).

Estado atual: este castelo já não existe.

Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.121.



Vista da banda do surl (SO), fl.48.



Vista da banda do norte (N), fl.49.

Casas:

Total – 19⁴²⁴

Com sobrados – três mais duas varandas;

Só térreas – catorze.

Localização:

Muralha E- três casas em fila, última casa - no canto SE; canto NE – escada de acesso

Descrição (segundo o *Livro das Fortalezas*):

A entrada principal do castelo está aberta em muralha E, em frente dela, do lado O da praça encontram-se nove casas em fileira dupla. A meio da primeira fila, a partir da praça, há um alpendre com arcada aberta, e no interior do

Elementos estruturais

(segundo os *Tombos e o Livro das Fortalezas*):

As casas não são visíveis nos desenhos.

Coberturas: doze;

Separadas: doze;

Comuns: não há;

Tetos forrados: dois (de

⁴²⁰ TRINDADE, Luísa, *Urbanismo na composição de Portugal*. Pp.349-352.

⁴²¹ NUNES, António Lopes Pires, *Castelo Branco. Uma Cidade Histórica. Estrutura da urbe e as linhas do seu desenvolvimento*. Castelo Branco, 2002, p. 17.

⁴²² AZEVEDO, José Correia de, *Portugal Monumental. Inventário Ilustrado*. Vol. 7. Algés: Edições Nova Gesta, 1993-1994, p. 225.

⁴²³ TRINDADE, Luísa, *Urbanismo na composição de Portugal*. Pp.349-352.

⁴²⁴ Segundo a descrição nos *Tombos*.

<p>ao adarve; Muralha S – sete casas em fileira dupla e casa do canto SE; no canto SO – pátio da cisterna; Muralha O – nove casas em fileira dupla; canto SO – pátio da cisterna; canto NO – escada de acesso à torre de menagem e ao adarve; Muralha N – não há casas; No centro da praça – não há construções.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: a maioria das casas é adossada às respectivas muralhas ocupando todo o seu comprimento; janela do sobrado é aberta em muralha O do castelo.</p> <p>“Espaços verdes”: uma árvore grande no meio da praça; a porta de traição, aberta em barbacã do lado O dá acesso a um campo cultivado que se estende ao longo do muro desde a torre de menagem até a torre SO.</p>	<p>qual se encontram três portas que dão acesso às casas a sua volta. A arcada do alpendre está virada a E; a primeira porta, a partir da entrada, virada a N, dá acesso à casa adossada à escada do canto NO (segundo <i>Tombos</i>, corresponde à casa pequena; Fl. 53v^o); a segunda porta do alpendre, virada ao S, dá acesso à primeira das duas casas que terminam a primeira fila. As casas estão ligadas entre si pela porta interior, virada a S. Em última dessas duas casas há uma porta interior, virada a O, que dá acesso à última casa da segunda fila.</p> <p>Pela terceira porta do alpendre, virada a O, entra-se para uma casa térrea, adossada à muralha O, que está a meio da segunda fila (segundo os <i>Tombos</i>, corresponde à sala; Fl. 53). Nessa casa há três portas interiores e a porta de traição, aberta na muralha O. A primeira porta, a N, dá acesso a uma casa encaixada entre a escada do canto NO, a torre de menagem e a primeira casa da primeira fila (segundo os <i>Tombos</i>, corresponde a um retrete; Fl. 53.v^o) Outras duas portas da sala, ambas viradas a S, são interiores e dão acesso a mais duas casas (segundo os <i>Tombos</i> deste lado há apenas uma porta). A primeira casa está adossada à muralha O e, segundo o desenho <i>da banda do norte</i>, a essa casa corresponde uma janela grande de verga reta e com grade de ferro, aberta em muralha O (segundo os <i>Tombos</i>, é uma camara, mas nos <i>Tombos</i> está escrito que a janela está virada ao levante, o que deve ser errado já que a seguir está indicado que ao levante encontra-se a casa de guarda roupa; Fl. 53 e 53v^o). A segunda casa (que corresponde a guarda roupa) está rodeada por duas últimas casas da primeira e duas últimas casas da segunda fila.</p> <p>Das três casas adossadas à muralha E a primeira, <i>começada</i></p>	<p>uma camara e de estrebaria), forro de cortiça.</p> <p>Portas (apenas casas): vinte e uma, visíveis na planta (a arcada do alpendre é contada como uma porta);</p> <p>Exteriores: oito;</p> <p>Em arcos: sete;</p> <p>De verga reta: uma;</p> <p>Interiores: treze, uma de alçapão (acesso de loja à camara)</p> <p>Janelas: uma, de verga reta e com grade de ferro.</p> <p>Fresta: uma.</p> <p>Escadas: duas, interiores.⁴²⁵</p> <p>Corredor: um.</p> <p>Varandas: duas.</p> <p>Chaminés: duas.</p> <p>Um alpendre com arcada aberta.</p> <p>Mobiliário: <i>poyaes</i> (no alpendre e a volta de árvore no quintal); assentos da janela; cantareira (na cozinha); manjadoiras (nas estrebarias).</p>
--	--	---

⁴²⁵ Segundo os *Tombos*, além da camara à qual há acesso por uma escada a partir da loja, há mais uma camara num sobrado que não está ligada aos outros (Fl. 53v^o), supomos que deverá haver mais uma escada.

	<p><i>de nouo</i> (segundo os <i>Tombos</i> aqui será a nova casa do alcaide; Fl. 53) com porta larga de verga reta, virada a O, tem porta interior, virada a S, que dá acesso à segunda casa deste lado, pela qual se entra à terceira casa pela porta aberta na mesma direção (esta última corresponde à cozinha, <i>Tombos</i>, Fl.54). A partir desta terceira casa, por portas interiores abertas na direção do O, entramos para primeira (um corredor; <i>Tombos</i>, Fl.54) e segunda (uma despensa, <i>Tombos</i>, Fl.54) das três casas adossadas à muralha S. Essas três casas encontram-se em segunda fila das sete construções, localizadas do lado S da praça. A última casa desta fila tem duas portas: uma, exterior, de acesso ao pátio da cisterna (O); outra, interior, de acesso a uma das casas da primeira fila. A primeira fila é constituída por quatro casas com entradas independentes, todas viradas a N (correspondem às três estrebarias e o palheiro; <i>Tombos</i>; Fl. 54).</p>	
<p>Descrição nos <i>Tombos</i>⁴²⁶:</p> <p>Fl. 52v^o ¶ <i>tem hi mais hũu castello dentro da dicta villa e a hũu canto della. que tem primeiramente hũua barbacã de pedra e barro bem corregida e hũua barreira pequena e hũu muro forte de cantaria todo bem guarnecido e ameadado. e estaa na dicta barreira hũu portal de pedraria com suas portas nouas. e no dicto muro outro portal boom de pedraria com suas portas nouas. fortes e forradas de coiro de boy bem fechadas. (...)</i></p> <p>Fl. 53 ¶ <i>debaixo da dita torre de menagem estaa hũua porta que se chama da treçam com suas portas nouas forradas de ferro. e na barbacã da parte de fora outro portal com suas portas bõoas./</i></p> <p>¶ <i>dentro do dicto castello estaa ora começada hũua parede com dous arcos. em que o dicto ioham começa de fazer hũu apousentamento</i></p> <p>¶ <i>aalem da dicta parede estaa hũu apousentamento do dito alcaide moor nesta maneira.</i></p> <p>¶ <i>primeiramente hũua salla terrea pegada no dito muro bem madeirada e cuberta da telha uãa que leua de longo onze uaras de medir e seis de largo. e ante há porta da dita salla hũu alpendre grande e bem madeirado cuberto de telha uãa com seus poyaaes d arredor.</i></p> <p>¶ <i>aalem da dicta salla estaa hũua camera sobradada madeirada de nouo telhada de telha vãa e tem ao norte hũua chaminee e hũua freesta junto com ella e ao leuante hũua janella d assentos</i>⁴²⁷ <i>com suas portas boas. e per baixo hũua logea do seu tamanho há qual o dito dom ioham mandou correger de nouo. e leua sete uaras de longo e çinquo de largo. e sobem della pera ha dita camera per hũua escadaa de madeira com sua porta d alcapooe.</i></p>		

⁴²⁶ GONÇALVES, Iria (organização); *Tombos da Ordem de Cristo. Comendas a Sul do Tejo (1505-1509)*; Centro de Estudos Históricos; Universidade Nova de Lisboa; Lisboa; 2002. Pp. 6-8.

⁴²⁷ Aqui há um erro na descrição, a janela encontra-se contra o poente, é de verga reta e está protegida por uma grade de ferro. Esta janela é visível no esboço feito do lado Sul (*Livro das Fortalezas*, Fl. 49). Ao levante, segundo os *Tombos*, encontra-se o guarda-roupa.

Fl. 53vº ¶ junto desta camera contra o leuante tem // outra casa que serue de guarda roupa bem madeirada e cuberta de telha uãa sobrada e com outra logea debaixo do tamanho della. leua de longo çinquo uaras e duas e meya de largo. Esta casa de guarda roupa mandou fazer de nouo o dicto dom ioham.

¶ aalem da dicta camera vay hũa varanda bem madeirada e cuberta de telha uãa que leua noue uaras de longo e tres de largo.

¶ aalem desta casa estam hũuas varandas que uam sobre hũu <patio> e hũu poço que estaa antre ho dito muro e ho dito apousentamento has quaaes ho dicto dom ioham mandou fazer quasi de nouo.

¶ junto das ditas varandas vay hũua camera pequena sobradada bem madeirada. forrada d oliuel de cortiça que leua çinquo uaras de longo e duas e meya de largo. todas estas casas som cafeladas de cal de dento e de fora

¶ junto da dita sala contra ho norte estaa hũu retrete pequeno de despejos da casa./

¶ no cabo do sobredicto alpendre contra o norte estaa hũua casa pequena terrea bem madeirada telhada de telha uãa que leua quatro varas de longo e tres de largo.

Fl. 54 ¶ junto do dicto apousentamento estaa hũua casa terrea que serue de despensa. que leua // seis uaras de longo e quatro de largo. ha qual casa ho dito dom ioham mandou fazer de nouo. e junto della hũu corredor terreo cuberto de telha per onde vam a hũua casa que serue de cozinha bem madeirada e telhada que leua quatro uaras de largo e quatro de longo. e tem hũua chamjnee contra ho ponente. com sua cantareira./ ho qual corredor ho dito dom ioham mandou fazer

¶ junto da dicta cozinha estaa hũua estrebaria com suas manjadoiras bem telhada e bem madeirada em que estam has azemelas. leua quatro uaras de longo e quatro de largo./ esta casa mandou fazer ho dito dom ioham./

¶ junto desta estrebaria estaa logo outra em que estam caualos. e tem suas manjadoiras. parte della forrada de cortiça cuberta de telha. leua seis uaras de longo e quatro de largo. esta casa mandou outrosi fazer ho dito dom ioham

¶ aalem desta casa estaa outra estrebaria grande com suas manjadoiras que leua de longo dez uaras e çinquo de largo. e junto della hũua casa de palheiro que se nom pode medir./

¶ antre este apousentamento e ho outro que ora ho dito dom ioham começa de fazer estaa hũu terreiro de bõoa grandura em que estaa hũua moreira grande com seu poyal de pedra e cal d arredor:

¶ todos portaaes destas casas tem bõoas portas./

Torre de menagem:

Descrição nos Tombo:

Fl. 52vº ¶ da outra parte (do castelo) contra ho sul tem duas torres cada hũua em seu canto do dito muro. e ao norte tem hũua torre de menagem forte e de bõoa altura que tem hũua janella ao leuante com suas portas e tem dous sobrados. e he oliuellada de oliuel velho de castanho. todas estas torres som bem ameadas://^{A28}

Informação do Livro das Fortalezas: esta tore damenagem tem três vaaos com ho térreo e tem daltura 17v e alargura do muro della1v+.

A torre tem 6v x 7v de lado, a porta de entrada está aberta na parede E e é servida pela escada do canto NO; no primeiro andar há três frestas abertas nas paredes S, N, E. No segundo andar há duas frestas do lado S e N, e uma janela de verga reta do lado E, além disso há um balcão com maticão na parede N (não aparece na planta). A torre de menagem não está ligada a outras casas da praça.

Estado atual: esta torre já não existe.

Elementos estruturais

(segundo o *Livro das Fortalezas*):

Cobertura: não há informação. Ameias pentagonais.

Tetos forrados: sim, com madeira de castanho.

Vãos: três.

Com abóboda: não.

Janelas: uma, de verga reta.

Portas: quatro;

Exteriores: duas; uma em arco.

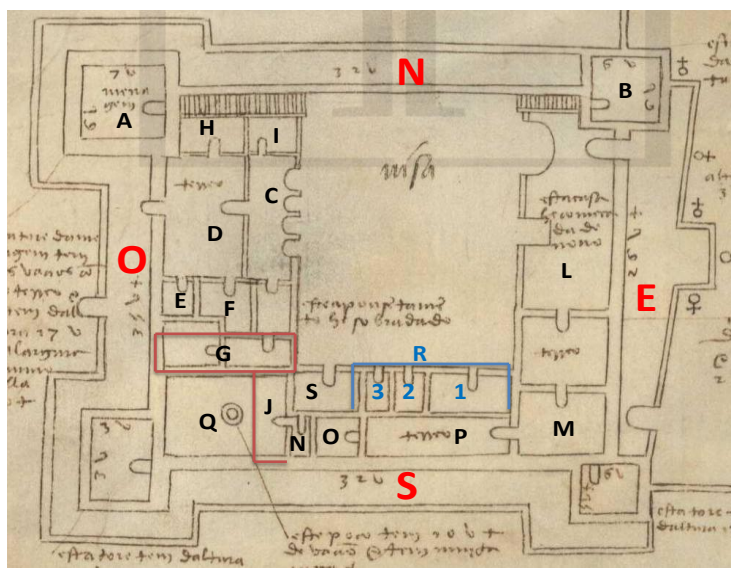
Interiores: duas;

Escadas: quatro;

Exterior: uma;

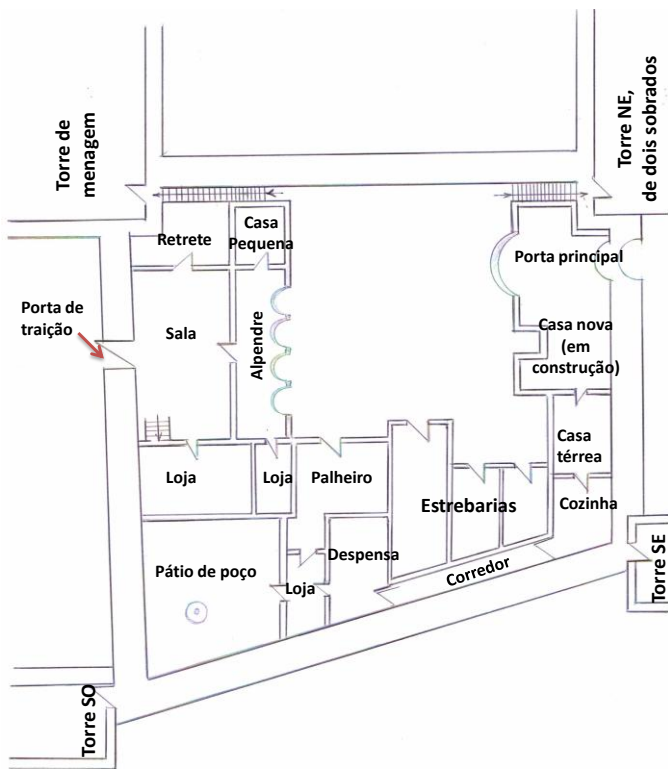
⁴²⁸ O Tombo foi feito em 28 de Dezembro de 1505, a este tempo todas as torres encontravam-se em bom estado, mas, passados três anos, na altura da visita de Duarte d'Armas, apresentavam fortes sinais de degradação.

	<p><u>Interior</u>: três. <u>Chaminés</u>: não.</p>
<p>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: <u>Descrição nos Tombos</u>: Fl. 52v^o e sobre a dicta porta (porta da entrada do castelo) hũa torre forte de dous sobrados telhada de telha uãa e debaixo della hũa logea abouedada que ho dicto dom joham de sousa comendador e alcaide moor e senhor da dicta villa mandou fazer. e tem ao leuante hũa chaminee e hũa janella com suas. portas boas. (...) <u>Informação do Livro das Fortalezas</u>: é a torre NE, esta tore he sobradada e tem daltura 14v; tem 6v de lado, telhado em quatro águas, uma janela grande em arco virada a E (chaminé indicado nos Tombos não aparece nos desenhos); a porta da entrada está aberta na parede O e é servida por escada do canto NE. Não tem ligações interiores com outras casas da praça.</p>	<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo os <i>Tombos</i> e o <i>Livro das Fortalezas</i>): <u>Cobertura</u>: de telha, em quatro águas. <u>Vãos</u>: dois; <u>Com abóboda</u>: um. <u>Janelas</u>: uma, em arco. <u>Portas</u>: três; <u>Exteriores</u>: duas; uma em arco; <u>Interiores</u>: uma; <u>De verga reta</u>: não há informação. <u>Escadas</u>: três; <u>Exterior</u>: uma; <u>Interior</u>: duas. <u>Chaminés</u>: uma.</p>
<p><u>Materiais de construção</u>: <u>Informação de Tombos</u>: alvenaria de pedra e barro, cantaria e <i>pedraria</i> para construção de portas do castelo e da barbacã; muralhas do castelo em cantaria; forra da porta do castelo em pele de boi, da porta de traição – em ferro; coberturas em telha, forra de tetos em madeira e em cortiça; portadas e escadas de madeira; cal. <u>Livro das Fortalezas</u>: grade de ferro para proteção de janela.</p>	
<p><u>Elementos decorativos</u>: não há informação.</p>	
<p><u>Informação suplementar</u>: Dados de <i>Numeramento de 1527*</i> (p. 64): a vila é do mestrado de Cristo e é cercada e <i>com hum castello e bom apousamento de que he alcaide mor o comde da Vidygueira</i>. A vila tinha 295 fogos, e o termo tinha 54 fogos.</p>	

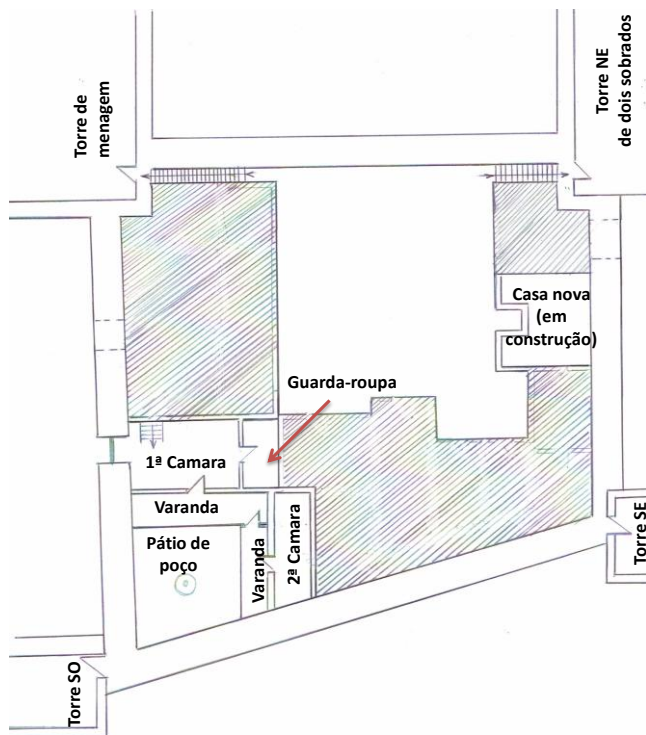


Castelo de Nisa. Localização, funções e dimensões das casas, segundo os *Tombos*.

- A – torre de menagem:
 - piso térreo, 6v x 5v (36.3m²);
 - 1º andar, 6v x 5v (36.3m²);
 - 2º andar, 6v x 5v (36.3m²).
- B – torre NE:
 - loja, 5.5v x 5.5v (36.6m²);
 - 1º andar, 5.5v x 5.5v (36.6m²).
- C – alpendre;
- D – sala, 11v x 6v (79.9m²);
- E – camara, 7v x 5v (42.35m²);
 - loja, 7v x 5v (42.35m²).
- F – guarda-roupa, 5v x 2.5v (15.13m²);
 - loja, 5v x 2.5v (15.13m²).
- G – varanda, 9v x 3v (32.67m²);
- H – retrete;
- I – casa pequena, 4v x 3v (14.52m²);
- J – varandas;
- L – futura casa de alcaide em construção;
- M – cozinha, 4v x 4v (19.36m²);
- N – camara; 5v x 2.5v (15.13m²);
- O – despensa, 6v x 4v (29.04m²);
- P – corredor;
- Q – quintal do poço;
- R – estrebarias:
 - 1ª - 4v x 4v (19.36m²);
 - 2ª - 6v x 4v (29.04m²);
 - 3ª - 10v x 5v (60.5m²).
- S – palheiro.



Castelo de Nisa.
Casas da alcaidaria.
Planta do piso
térreo.



Castelo de Nisa.
Casas da alcaidaria.
Planta do primeiro andar

19. Castelo Branco.

Localização: Beira Baixa; Distrito Castelo Branco, Concelho Castelo Branco; Freguesia de Castelo Branco.

Anos de construção e intervenções posteriores: A região da Beira Baixa foi conquistada aos mouros no reinado de D. Afonso Henriques em 1165, que, no mesmo ano, a doou aos Templários para povoarem e protegerem. A doação foi confirmada por D. Sancho I e, mais tarde, por D. Afonso II, em 1214. Nessa altura era o Mestre dos Templários D. Pedro Alvito que, no mesmo ano, concedeu foral à vila.⁴²⁹ Em 1215, o papa Inocêncio III pela Bula *Justos petentium desideris* confirma a doação de Castelo Branco à Ordem, dizendo que "*os Templários tinham construído, e fundado na fronteira dos mouros huma villa, e Fortalesa, que vulgarmente chamavão Castello Branco, chamando-se este sítio antes a Cardosa*". Em 1229 D. Sancho II faz a nova doação, sendo então a vila "uma grande e importante povoação". 1230- os documentos do processo de escritura entre os concelhos de Covilha e de Castelo Branco permitem perceber que o castelo já se encontrava construído e que já existia a cerca da vila com quatro portas.⁴³⁰ Mais tarde com aumento do perímetro da cerca a quantidade de portas foi aumentado até sete, e depois – dez.⁴³¹ A segunda cerca foi construída no reinado de D. Afonso IV, na mesma altura que a cerca da Nisa.⁴³² É provável que nessa altura foi construída a nova torre de menagem da planta poligonal.⁴³³ Em 1319, Castelo Branco, em conjunto com outros bens que antes pertenciam aos Templários, foi doado a recém-criada ordem de Cristo, foi aqui instituída a Comenda da Ordem com residência de comendadores e jurisdição de outras comendas.⁴³⁴ O foral novo a vila de Castelo Branco recebeu em 1 de Junho de 1510.⁴³⁵ O Castelo e o Paço resistiram às guerras com Espanha dos séculos XVII e XVIII, e a invasão francesa no início do século XIX, foram destruídos por população depois da extinção de ordens Militares e consecutivo abandono.⁴³⁶

Pertença: Comenda da Ordem de Cristo

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: O castelo, a cerca da vila e a barbacã encontravam-se em muito bom estado, sem algum sinal da degradação⁴³⁷.

Alcaide-mor: D. João de Castelo Branco (1506-1516).

Estado atual: ainda existem troços das muralhas SE e N e, em ruína consolidada, a torre NE que fazia parte do Paço dos Comendadores.

Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.126.



Vista da banda do sueste (S),
fl.52.



Vista da banda do noroeste (E),
fl.53.

⁴²⁹ LEITE, Ana Cristina, *Castelo Branco*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 13.

⁴³⁰ Site de SIPA, consultado em Dezembro de 2016.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495

⁴³¹ LEITE, Ana Cristina, *Castelo Branco*. P. 16.

⁴³² NUNES, António Lopes Pires, *Castelo Branco. Uma Cidade Histórica*. P. 17. O autor deste livro chama atenção ao facto do castelo de Castelo Branco não constar na lista das fortalezas construídas ou modificadas no reinado de D. Dinis, aventando a hipótese de a torre de menagem, pela sua forma, posição que ocupa em relação à praça, e tipo de ameias, também ser feita no reinado de D. Afonso IV.

⁴³³ Site de SIPA, consultado em Dezembro de 2016.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495

⁴³⁴ LEITE, Ana Cristina, *Castelo Branco*. P.14.

⁴³⁵ Site de SIPA, consultado em Dezembro de 2016.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495

⁴³⁶ LEITE, Ana Cristina, *Castelo Branco*. P. 18.

⁴³⁷ Na planta Duarte d'Armas, ao lado da torre da entrada principal, escreveu *esta torre non se anda por ser deribada*, mas no desenho da banda de noroeste a mesma torre aparece inteira, com ameias e a porta de entrada de arco pleno.

<p>No meio da praça encontra-se uma igreja vocacionada a Virgem que divide o espaço interior em duas partes: N e S. Na parte S encontram-se duas entradas do castelo: a principal aberta na muralha SE, e a porta falsa aberta na muralha NO, as duas são enquadradas por torres que as protegem. Além disso aqui encontra-se um cruzeiro, e para esta parte estão abertas duas portas da igreja- uma a O, e outra a S. Da cabeceira da igreja parte um muro que vai até a muralha NE e tem um portão a meio; e da sua fachada O – parte outro muro que vai até a muralha NO e é sego. A parte N da praça está dividida em mais duas partes: E e O. A parte E está ocupada pelo Paço dos Comendadores. A parte O está praticamente livre de construções. A cabeceira da igreja e o Paço estão ligados por um muro que tem uma porta de comunicação entre parte E e O.</p> <p>Casas (Paço dos Comendadores): Total – sete; Com sobrados – cinco; Só térreas – duas.</p> <p>Localização: Muralha NE – seis casas em fileira dupla; Muralha SE – uma casa isolada; No centro da praça – igreja de Sta. Maria do Castelo.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: Os sobrados do Paço estão construídos por cima dos adarves das muralhas NE e SE.</p>	<p>Descrição (segundo o Livro das Fortalezas): Das oito casas do Paço, seis, em fileira dupla, estão adossadas à muralha NE do castelo, os sobrados das casas estão construídos por cima da muralha. À primeira fila correspondem três casas: a primeira é a única que tem uma porta exterior, virada a SO, e servida por uma escada, adossada ao muro (corresponde ao repartimento de meia-parede por baixo do qual está feito um aljube. <i>Tombos</i>, Fl.12). A partir desta casa, pela porta interior, virada a SE, entra-se para uma varanda com três portas interiores que dão acesso a duas casas da segunda fila e à última casa da primeira. Esta última encontra-se entre a muralha SE e a torre E (corresponde à camara com um sótão por baixo. <i>Tombos</i>, Fl. 12v^o), tem uma porta interior virada a NO que a liga à varanda. A esta casa correspondem cobertura de telha em quatro águas, uma chaminé, e duas janelas grandes: uma - em arco virada a SE (a mesma janela no desenho <i>da banda do sueste</i> aparece de verga reta), e uma - de verga reta, virada a SO.</p> <p>À segunda fila também correspondem três casas. A primeira tem uma porta interior virada a SE (corresponde à cozinha. <i>Tombos</i>, Fl.12). A segunda e terceira têm acesso a partir da varanda (a segunda casa corresponde a sala, e a terceira – a camara. <i>Tombos</i>, Fl.12 e 12v^o). À segunda casa correspondem duas janelas de verga reta, viradas a NE, e uma chaminé. À terceira casa corresponde uma janela de verga reta e uma chaminé. A partir da terceira casa, pela porta interior virada a E, entra-se no sobrado da torre E (corresponde a guarda-roupa com mais uma camara por baixo.</p>	<p>Elementos estruturais (segundo os Tombos e o Livro das Fortalezas): Coberturas: Separadas: três, todas de telha, uma de quatro águas; Comuns: uma, de telha de quatro águas;⁴³⁸ Tetos forrados: quatro, com madeira. Portas (apenas casas): treze, mais arcada aberta do alpendre; Em arco: nove (visíveis na planta); De verga reta: não há informação; De alçapão: uma; Exteriores: três; Interiores: onze. Janelas: sete⁴³⁹; cinco com assentos e três com grades ou peitoril de ferro; Em arco: uma; De verga reta: cinco. Escadas: três; Exterior: uma, de pedra; Interior: duas, uma de pedra, da outra não há informação sobre o material. Corredor: um, por cima da muralha N, liga o Paço com torre de menagem. Varandas: uma. Alpendre: um. Chaminés: quatro.</p> <p>Mobiliário: assentos das janelas; nas estrebarias - manjadoiras</p>
---	--	---

⁴³⁸ Esta cobertura diz respeito à varanda, sala e camara; é visível no desenho *da banda do sueste* que nos mostra o lado virado para interior da praça. Do lado exterior, vista *da banda do noroeste*, a cobertura é mais baixa que as ameias. Um pormenor interessante: as ameias que ladeiam a cobertura da sala e camara são altas, estreitas e de forma pentagonal, enquanto as das três torres e da muralha deste lado são retangulares e de corpo largo, o que acusa duas fases diferentes de construção bastante espaçadas no tempo, isso quer dizer que aproveitamento de muralhas para construções residenciais começou muito antes do século XV.

⁴³⁹ Nos desenhos são visíveis cinco; duas janelas, uma da sala e outra da camara, estão viradas para varanda.

<p>“Espaços verdes”: o espaço entre a igreja, a torre de menagem e o Paço está ocupado por pomar com árvores de fruto.</p>	<p><i>Tombos</i>, Fl.12v^o). Esta torre tem três janelas. Duas no sobrado: uma - em arco, virada a NE, outra - de verga reta e cruzetada, virada a E. Terceira janela, de verga reta e com grade de ferro, encontra-se no entrepiso e está virada a E. A casa isolada, adossada à muralha SE, tem uma porta virada a NE. (corresponde à estrebaria nova. <i>Tombos</i>, Fl. 11v^o).</p>	
<p>Descrição nos <i>Tombos</i>:⁴⁴⁰</p> <p>Fl. 11v^o ¶ <i>tem primeiramente há dicta hordem na dicta villa de castel branco hũus paaços que estam junto da egreja de santa maria. e som nessa maneira</i> ¶ <i>antre há oussia da dicta egreja e ho muro da çerca estaa hũu grande portal de pedraria com suas portas bem obrado e logo hũu reçibimento que leua de longo xxxij varas de medir e xx de largo e tem aa entrada logo aa mão direita hũua casa noua pera estrebaria. has paredes de pedra e barro bem madeirada e cuberta de telha noua. com seu portal nouo de pedraria e bõoas portas. leua oito varas de longo e cinco de largo./</i> ¶ <i>da outra parte da mão seestra tem hũua çisterna. que se enche da agua do telhado da dicta egreja.</i> ¶ <i>defronte da dicta entrada estaa logo hũu alpendre sobre quatro arcos de pedraria mujto bem obrados e sobre eles hũua varanda./</i> ¶ <i>debaixo da dicta uaranda tem logo hũua logea sobre que uay ha sala e serue de estrebaria com suas manjadoiras que tem noue varas de longo e quatro de largo. e estaa nella hũu portal pequeno na parede do muro contra ho norte a que chamam a porta da treiçom</i> ¶ <i>outra logea junto desta. seis uaras de longo e quatro de largo.</i> ¶ <i>outra logea junto desta que leua tres varas e meya de longo e outro tanto de largo. estas logeas tem suas portas pera dito alpendre./</i></p> <p>Fl. 12 ¶ <i>aa mão seestra do dito recebimento \\ tem hũua escada de pedraria muito bem obrada em que haa xxvij degraaos com seu mainel de pedraria debrũado e dous tauoleiros hũu ao pee e outro no çimo da dicta escaada./</i> ¶ <i>aa entrada dos dictos paaços tem logo a dicta varanda forrada d oliuel de castanho sobre as asnas armada sobre colunas de pedra com seu peitoril de pedraria bem obrado e tem hũu repartimento de hũua meia parede com sua porta fechada e ho repartimento he sobre moçiço lageado. honde dentro nelle estaa fecto hũu aljube com sua porta d alcapõoe de pedra. e leua esta varanda de comprido xvij varas de medir</i> ¶ <i>logo nesta entrada aa mão <seestra> da dicta varanda tem hũua casa terrea bem madeirada e cuberta de telha uãa e nella hũua fornalha e serue de cozinha</i> ¶ <i>tem logo hũua salla forrada d oliuel de madeira de castanho sobre as asnas com suas traues forradas e seus alizeres e cachorros d arredor e tem a hũu canto hũua chaminee de pedraria e tres grandes janelas com suas portas. hũua pera ha dita varanda ferrada com rede de ferro e duas que uam contra ho norte. hũua d assentos e outra com peitoril de ferros e leua dez varas de longo e seis de largo: \\</i></p> <p>Fl. 12v^o ¶ <i>mais adiante tem hũua camera oliuellada do mesmo theor da salla e nella outra tal chaminee e duas janelas d assentos hũua ao norte e outra ao abrego ferrada de rede sobre ha varanda. com suas portas bõoas. leua sete varas de longo e seis varas de largo.</i> ¶ <i>mais adiante tem hũua guarda roupa oliuelada do mesmo theor e com outra tal chaminee de pedraria e duas janelas d assentos hũua ao norte e outra de cruz ao levante. com suas portas bõoas. leua noue uaras de longo e iij de largo. Esta casa estaa feita em hũua torre do muro:</i> <i>Em esta casa estaa hũua escaada de madeira per que deçem a hũua camera que debaixo della estaa argamassada sobre moçiço. muito bem madeirada. e nella hũua janella d assentos com hũus ferros mujto bem obrados e bõoas portas. leua quatro varas de longo e tres e meya de largo:</i></p>		

⁴⁴⁰ GONÇALVES, Iria (coord.), *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol. 5. *Comendas da Beira Interior Sul (1505)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2009, pp. 241-244.

¶ *aa mão direita da dicta guarda roupa. vay hũa camera forrada d oliuel da sobredicta maneira e tem duas janelas d assentos. hũa ao levante e outra ao abrego sobre o recebimento com suas portas bõas e tem hũa chaminee de tijolo. leua çinquo uaras de longo e quatro e meya de largo e tem hũa porta pera ha uaranda e hũa escada que vay a hũu sotom. ho qual sotom he de tres varas e meya de longo e d outras tantas de largo: *

Fl. 13 ¶ *Estes paaços estam sobre ho muro. e has paredes delles som todas de pedraria laurada com suas juntas feitas de cal. e todollos portaaes som de pedraria e tem muj bõas portas e bem fechadas. e de todo bem repairados.*

¶ *a hũu canto da dicta salla estaa hũa escaada de pedraria de çinquo degraaos com seu portal e portas bõas que uay pera ho muro e pelo dicto muro vay hũu corredor que ora se guarneçe d ameas de nouo de hũu cabo e do outro a vay teer a hũa torre grande e forte que no canto do dicto muro estaa e chama se há torre aluarrãa e tem hũu sobrado e he forrada d oliuel e cuberta de telha.*

¶ *antre há dicta torre. igreja. paaços e muro vay hũu grande chãao com xx aruores de fruto e leua de longo xxvij braças de craueira e xvij de largo*

Torre de menagem:

Descrição nos Tombos⁴⁴¹:

Fl. 13 (...) *vay teer a hũa torre grande e forte que no canto do dicto muro estaa e chama se há torre aluarrãa e tem hũu sobrado e he forrada d oliuel e cuberta de telha.*

Informação do Livro das Fortalezas:

Esta tore damenagem tem dous vaaos e tem daltura 15v+; é uma torre de planta hexagonal, a parede virada para praça, onde está rasgada a porta de entrada, tem 6v de comprimento, duas paredes laterais têm 9.5v cada; e outras três, viradas para exterior, têm 3v cada. Em frente da entrada a muralha e a parede da torre são mais largas, formando um patamar (possivelmente coberto, já que até aqui vai o corredor de ligação com o Paço).

Segundo as vistas de Duarte de Armas, as paredes da torre são segas.

Estado atual: está completamente destruída.

Ligação com outras casas: através de um corredor feito por cima da muralha.

Elementos estruturais

(segundo os *Tombos* e *Livro das Fortalezas*):

Cobertura: de telha;

Tetos forrados: sobrado forrado de madeira;

Vãos: dois;

Com abóboda: não há.

Janelas: não há.

Portas: três;

Exteriores: duas; uma, em arco

Interiores: uma;

De verga reta: não há informação

Escadas: duas, interiores.

Chaminés: não há.

Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: Torre E.

Descrição nos Tombos:

Fl. 12vº. ¶ *mais adiante tem hũa guarda roupa oliuelada do mesmo theor e com outra tal chaminee de pedraria e duas janelas d assentos hũa ao norte e outra de cruz ao levante. com suas portas bõas. leua noue uaras de longo e iij de largo. Esta casa estaa feita em hũa torre do muro:*

Em esta casa estaa hũa escaada de madeira per que deçem a hũa camera que debaixo della estaa argamassada sobre moçoço. muito bem madeirada. e nella hũa janella d assentos com hũus ferros muijto bem obrados e bõas portas. leua quatro varas de longo e tres e meya de largo:

Informação do Livro das Fortalezas:

estatore tem dous vaaos aprouvjitados e tem daltura 11v; a torre tem 8v x 3.5v de lado, está incluída no Paço, a porta de acesso encontra-se em uma das camaras; tem três janelas, duas ao nível do primeiro andar: uma em arco, virada para NE, outra de verga reta, virada a E; terceira janela está ao nível do entrepiso, é de verga reta, com grade de ferro, virada a E.

Elementos estruturais

(segundo os *Tombos* e o *Livro das Fortalezas*):

Cobertura: não há informação.

Vãos: dois;

Com abóboda: não há;

Tetos forrados: dois, de madeira.

Janelas: três;

De arco: uma

De verga reta: duas, uma com grade de ferro.

Portas: três, uma em arco;

Exteriores: uma;

Interiores: duas.

De verga reta: não há informação.

Escadas: duas, interiores, uma de madeira.

⁴⁴¹ Nos *Tombos* está torre está referida como *torre aluarrãa*.

Chaminés: uma.

Materiais de construção:

Informação de Tombos: Uso de silhares de granito para construção das muralhas e das torres, para formação de portas e janelas; de pedra irregular e de barro para construção de casas, escadas e chaminés; de telha para coberturas; de madeira para estruturas das coberturas, fabrico de escadas, portas e portadas, e forro de tetos; de cal; de ferro para fabrico de grades e peitoris de janelas e dispositivos de segurança; de tijolo, sebo e barro para construção de chaminés.

Elementos decorativos:

Informação de Tombos: arcos *muito bem obrados* de alpendre, colunas com bases e capitéis (visíveis no desenho da banda do sueste) e o peitoril *bem obrado* da varanda; escada exterior com mainel debruado.

Além disso podemos ver nas fotografias do ano 1932 as janelas “manuelinas” da torre NE, uma das quais era em arco duplo essas janelas foram substituídas pelas suas réplicas na altura de reconstrução da torre, em 1940.

Informação suplementar:

1. A primeira descrição do paço data de 1408, como tendo três câmaras, uma torre e duas cavalariças, tendo, junto ao mesmo, uma cozinha, uma vacaria, um celeiro e uma casa para guardar a prata.⁴⁴²
2. Há uma descrição do Paço que data de 1753, e pela qual podemos analisar as alterações aqui feitas durante quase trezentos anos. Uma parte do Paço ainda existia nos anos 30 do século XX.

“Medição e discrição do palácio dos comendadores de Santa Maria do Castelo da vila de Castelo Branco”⁴⁴³

- “*Está o dito palácio fundado dentro do castelo da dita vila sobre um monte em cujas faldas, para a parte do Nascente, está situada a vila de Castelo Branco. Entrando pela porta principal da muralha do dito castelo fica à mão direita, junto da capela-mór da igreja de Santa Maria, a porta principal do palácio, que é de pedra de cantaria e as suas portas de madeira chapeadas de ferro; tem a dita porta de altura três varas e de largura duas e meia e à entrada desta está um pátio que tem do comprimento 25 varas e 4 palmos e de largo 15 varas e 4 palmos; à mão direita da entrada do dito pátio está um quarto com um balcão para onde se sobe por uma escada de pedra de 12 degraus e tem o dito quarto 2 portas em cima do dito balcão e 2 janelas na sua parede que caem sobre o pátio; e para a parte da vila tem viradas 3 janelas; era o dito quarto uma sala grande e se acha ao presente dividida em 4 quartos, dois dos quais são de telha vã e outros forrados de madeira. Há debaixo do dito balcão um arco de pedra por onde se entra para a loja que serve de cavalariça e tem todo o dito quarto de comprimento 18 varas e 2 palmos e de largo 6 varas e um palmo. Há no dito pátio um jardim cercado de pedra de cantaria de almofadas, que tem de largo 7 varas e 4 palmos e de comprido 9 varas e meia; tem algumas árvores de espinho e à roda seus jasmineiros. Fica o dito jardim debaixo de galeria que o dito palácio tem sobre o dito pátio, que consta de 4 janelas rasgadas. À parte esquerda da entrada do dito palácio está uma cisterna com as suas guardas de pedra de cantaria e por essa mesma parte cerca o dito pátio uma parede em que está uma porta que vai para uma cerca detrás da igreja de Santa Maria, que tem de circunferência 152 varas e 4 palmos e fica toda tapada com a parede da dita igreja pela parte por onde se entrava para a tribuna que os comendadores tinham na mesma e com a muralha. Dentro da dita cerca estão umas casas térreas, que serviam antigamente de armazém para tesouro e munições de guerra: estão ao presente quase arruinadas, têm 2 portas para a cerca e de comprimento 19 varas e 4 palmos e de largo 4 varas.*

“*Por cima da porta da cerca está um patim de cantaria, do qual se sobe para a escada principal do pátio que tem 26 degraus de pedra; e no cimo da dita escada está outro patim, coberto de forro de madeira, sustentado sobre três colunas. Na entrada há uma porta de 9 palmos de alto e 7 de largo por onde se entra para um recebimento lajeado de pedra sobre a abóbada, que antigamente era descoberto e consta que servia de cisterna, que tem 4 varas de comprido e 3 de largo, no qual estão duas portas e se desce pela da esquerda por uma escada de pau para uma casa térrea onde está uma*

⁴⁴² Site de SIPA, consultado em Dezembro de 2016.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495

⁴⁴³ SANTOS, Manuel Tavares dos, *Castelo Branco na História e na Arte*. Edição do autor, 1958, pp. 55-58.

chaminé e um forno; e pela outra porta se entra para a sala de espera do palácio, que tem duas janelas, uma de assentos e outra rasgada, viradas para o Nascente e uma chaminé tendo de comprimento 10 varas e 5 de largo.

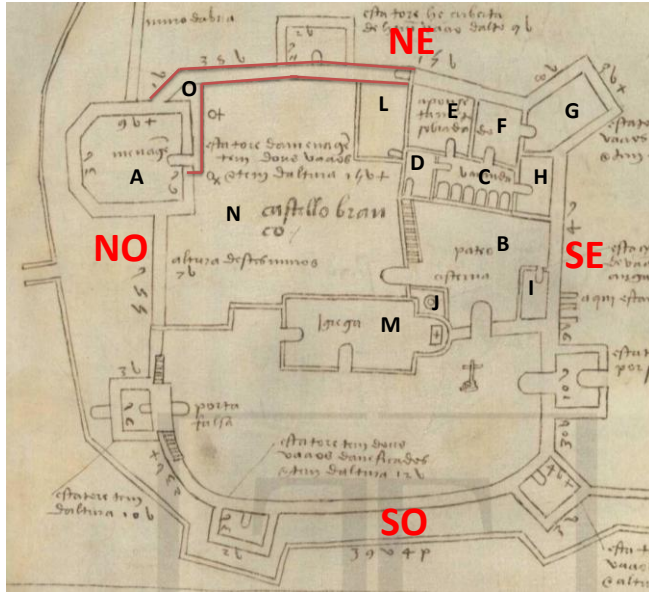
“Há nesta sala mais três portas, por uma das quais se entra para um quarto que tem uma janela rasgada sobre o pátio; e deste quarto há uma porta para outro que tem uma janela rasgada e por ali se entra por uma porta para um outro quarto com a sua janela e tem este 5 varas de comprido e 3 varas e 2 palmos de largo. Pela porta que está no canto da dita sala de espera se entra para uma outra sala com sua janela para o Norte, tendo de comprimento 6 varas e meia e 5 varas e 4 palmos de largo. Tem esta duas portas, uma à direita que dá entrada para último quarto e outra para última sala com duas janelas, uma para Norte e outra para o Nascente e uma chaminé, tendo 8 varas e meia de comprimento e 5 de largo; e havendo ainda uma outra porta para onde se entra para um quarto ladrilhado de tijolo que tem 5 varas de comprido e outras 5 de largo. Há no dito quarto três portas que dão entrada, uma para cozinha que tem 6 varas de comprido e 5 de largo, outra que dá saída para a varanda do palácio, da parte do Nascente que é ladrilhada de tijolo com sua guarda de parede pela dianteira e pelos lados tem seus alegretes para flores, tendo de comprimento 14 varas e 4 palmos, e de comprimento 4 ditas. Estão os três quartos de que se fez menção formados sobre três arcos de pedra, que estão ao presente tapados, à excepção de um pelo qual se entra, ficando à mão esquerda um portado que dá entrada para uma casa que fica debaixo do primeiro recebimento da palácio, que é de abóbada.

“Defronte do dito arco está um portado de cantaria lavrada, grande e magnífico, por onde se entra para uma sala, que fica debaixo da de espera, que é toda ladrilhada e no meio tem um florão de azulejo, tendo de comprido 10 varas e 2 palmos; e nesta sala está uma porta para o Norte, por onde se sai para um passeio ladrilhado de pedra miúda e cercado de parede com seus alegretes de roda dela, pelo que mostra que foi jardim, o qual tem de comprido 12 varas e de largo 5. No cimo da dita sala, à direita da sua entrada, está outra porta por onde se entra para uma loja que serve ao presente de tulha; e defronte da casa de abóbada há outra porta por baixo de um arco por onde se entra para a tulha do azeite.

“As paredes do palácio são todas mais altas do que os seus telhados e todas cercadas de ameias que formam a perspectiva da torre da muralha. Na forma referida é que está o sobredito palácio e todo está suficientemente reparado sem ameaçar em parte alguma ruína.”

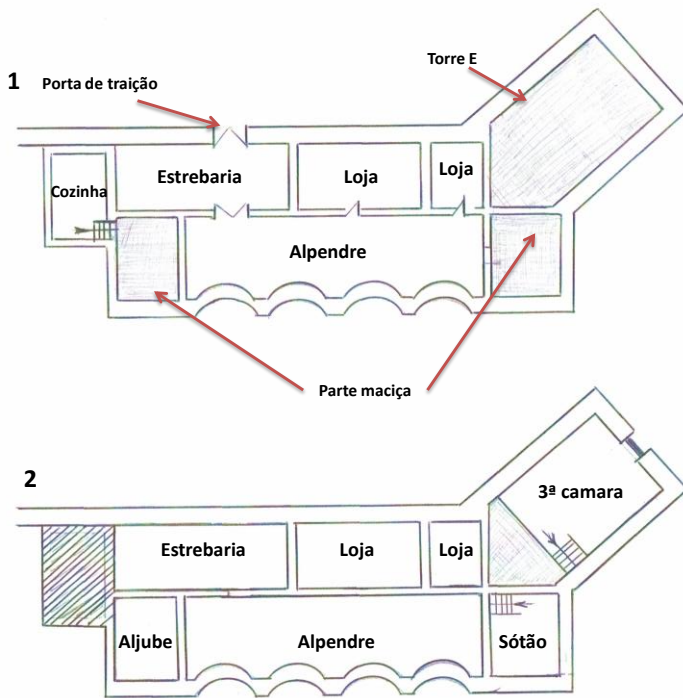
3. Dados do Numeramento de 1527: a vila intramuros tinha 870 fogos, e o termo tinha 547 fogos.⁴⁴⁴

⁴⁴⁴ GALEGO, Júlia, DAVEAU, Suzanne, *O Numeramento de 1527-1532*. P. 103 e 107.



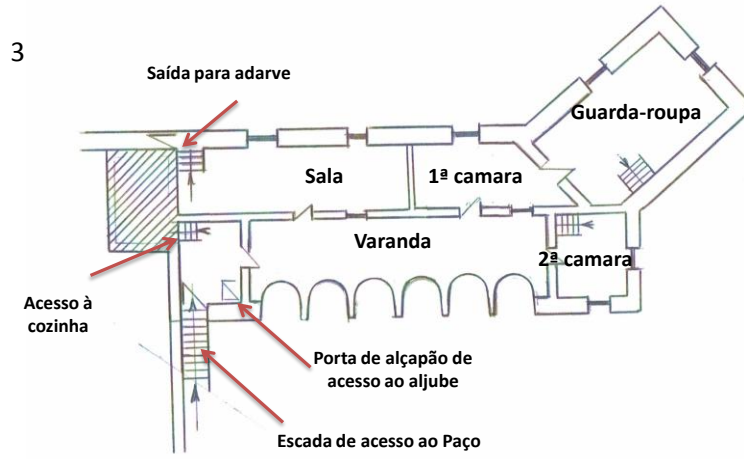
**Castelo de Castelo Branco.
Localização, funções e
dimensões das casas,
segundo os Tombo.**

- A - Torre de menagem:
- piso térreo;
- sobrado.
- B - pátio interior (recebimento);
32v x 20v (774.4 m²).
- C - varanda, 17v x 3.5v (72 m²);
- alpendre, 17v x 3.5v (72m²).
- D - repartimento de meia parede;
- aljube.
- E - sala, 10v x 6v (72.6 m²);
- estrebaria, 9v x 4v (43.56m²).
- F - camara, 7v x 6v (50.82m²);
- uma loja, 6v x 4v (29.04m²);
- segunda loja, 3.5v x 3.5v (14.82m²).
- G - torre NE:
- guarda-roupa, 9v x 4v (43.56m²);
- camara, 4 v x 3.5v (16.94m²).
- H - camara, 5v x 4.5v (27.23m²);
- sótão, 3.5v x 3.5v (14.82m²).
- I - estrebaria nova, 8v x 5 v(48.4m²).
- J - cisterna, 5v de vão.
- L - cozinha.
- M - igreja.
- N - pomar com árvores de fruto, 28br x
17br (2346m²).
- O - corredor que liga Paço com torre de
menagem.

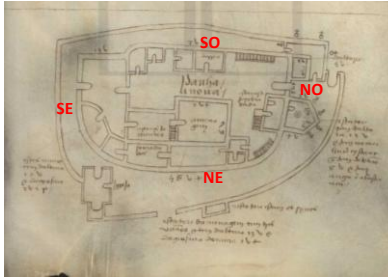

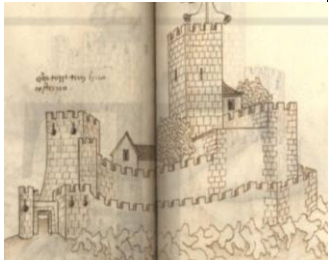


- Castelo Branco.
Paço dos comendadores.**
1. Planta do piso térreo
 2. Planta do entrespiso.

Castelo Branco.
Paço dos comendadores.
3. Planta do primeiro andar.



20. Idanha-a-Nova

<p>Localização: Beira Baixa, Distrito Castelo Branco, Concelho Idanha-a-Nova, União de Freguesias de Idanha-a-Nova e Alcafozes.</p> <p>Anos de construção e intervenções posteriores: Em 1165 a região de antiga Egítânia foi doada por D. Afonso Henriques à Ordem do Templo para povoamento e proteção.⁴⁴⁵ O castelo de Idanha-a-Nova era o mais antigo dos construídos por templários na Beira Baixa, foi feito em 1187, ainda no mestrado de D. Gualdim Pais. A vila foi doada à Ordem por D. Sancho I em 1206, está doação foi confirmada por D. Afonso II, em 1218; por D. Sancho II, em 1244. Com a extinção da Ordem do Templo, foi transferida pra os bens da Ordem de Cristo, em 1319, foi aqui instituída a comenda da Ordem. A sua barbacã foi construída no século XV e houve aqui adaptações a novas técnicas bélicas no reinado de D. Manuel.⁴⁴⁶</p> <p>Pertença: Comenda da Ordem de Cristo</p> <p>Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: O castelo estava em bom estado, a barbacã em algumas partes precisava de ameias novas.</p> <p>Alcaide-mor: D. Nuno Manuel (1508-1523).</p> <p>Estado atual: este castelo já não existe.</p>		
<p>Livro das Fortalezas: planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl.126.</p>	 <p>Vista da banda do norte (N), fl.54.</p>	 <p>Vista da banda do sul (S), fl.55.</p>
<p>O espaço da praça está dividido no sentido NE-SO por um “pequeno apartado de cantaria” em duas partes: uma, maior, servida pela entrada principal, onde se encontra a torre de menagem e a maioria das casas; e outra, mais pequena, com entrada a partir da liça do lado SE. O “apartado” tem uma porta, rasgada a meio, que liga duas partes da praça.</p> <p>Casas: Total – 12 Com sobrados – três; Só térreas – nove.</p> <p>Localização: Muralha SO – quatro casas;</p>	<p>Descrição (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Das doze casas existentes na praça, sete, em fileira dupla, estão localizadas ao longo das muralhas NE e SE, e cinco delas estão levantadas a volta da torre de menagem. Contando de NO para SE: a primeira casa, com entrada a NO (corresponde ao alpendre; <i>Tombos</i>, fl. 128) tem duas portas interiores: primeira, virada a NE, dá acesso à casa adossada à muralha NE (corresponde à dispensa; <i>Tombos</i>, fl.128); segunda, virada a SE, dá acesso à casa encaixada entre a muralha NE e a torre de menagem (corresponde à sala; <i>Tombos</i>, fl.127v°), à esta casa corresponde uma janela de verga reta,</p>	<p>Elementos estruturais (segundo os <i>Tombos e o Livro das Fortalezas</i>): Coberturas: Separadas: sim; uma de uma água (camara), uma de duas águas (casa de armas); Comuns: sim, uma, de duas águas (sala, cozinha, casa térrea), Das outras coberturas não há informação. Tetos forrados: um, de madeira (casa de armas). Portas (apenas casas): catorze;</p>

⁴⁴⁵ GOMES, Augusto, *Subsídios para História de Castelo Branco*. Tese de Licenciatura. Coimbra: Faculdade de letras, Universidade de Coimbra, 1960, p. 31.

⁴⁴⁶ NUNES, António Carlos Pires, *Castelos Templários da Beira Baixa*. 1ª Edição. Idanha-a-Nova: Camara Municipal de Idanha-a-Nova, 2005, pp. 26-73.

<p>Muralha NO – uma casa isolada; Muralhas NE – SE - sete casas em fileira dupla; No centro da praça – torre de menagem.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: Praticamente todas as casas estão adossadas às respectivas muralhas; a janela da sala está rasgada na muralha nE.</p> <p>“Espaços verdes”: Uma figueira e duas grandes moreiras.</p>	<p>rasgada em respetiva muralha, e uma cobertura de telha em duas águas⁴⁴⁷. A partir da sala, pela outra porta, virada a SE, entra-se na quarta casa (corresponde à cozinha, <i>Tombos</i>, fl. 128), e a partir dela, seguindo a mesma direção, acede-se à casa seguinte (corresponde à casa térrea; <i>Tombos</i>, fl.128). A última casa da fila, tem entrada individual, virada a SO. As duas últimas casas dessa fila encontram-se no espaço separado por <i>apartado</i>. Encaixada entre o <i>apartado</i> e a torre de menagem, paredes-meias com a cozinha, está mais uma casa que tem entrada pela porta, virada a SE, rasgada no <i>apartado</i>, no interior dessa casa encontra-se a escada de acesso à da torre de menagem (corresponde à camara; <i>Tombos</i>, fl. 128). À esta casa corresponde uma janela de verga reta e uma cobertura de telha em uma água.⁴⁴⁸</p> <p>Ao lado da entrada principal da praça, adossada à muralha NO, há uma casa isolada, com duas portas de entrada viradas a S. Uma porta corresponde ao piso térreo, outra – ao sobrado, e está servida por uma escada exterior, adossada à parede da casa. Esta casa tem cobertura de telha em duas águas, e uma janela de verga reta virada a O. À muralha O são adossadas quatro casas unidas em dois pares. O primeiro par encontra-se sensivelmente a meio da muralha, as casas têm entradas individuais; a primeira casa tem porta virada a NE (corresponde ao celeiro; <i>Tombos</i>, fl. 128v°); a segunda casa tem porta virada a SE (corresponde à estrebaria; <i>Tombos</i>, fl. 128v°)⁴⁴⁹. O segundo par está no canto S, entre a muralha e o <i>apartado</i>. As duas casas têm entradas individuais, viradas a NE (essas casas correspondem a um pardieiro e uma casa pequena; <i>Tombos</i>, fl. 128v°).</p>	<p>Exteriores: oito, todos em arco; Interiores: seis; Em arco: quatro (visíveis na planta); De verga reta: não há informação. Janelas: quatro, todas de verga reta; duas com grades de ferro. Escadas: três; Exterior: uma; Interior: duas. Chaminés: não há. Chão com soalho: um, casa de armas e mantimentos.</p> <p>Mobiliário. <i>Poyaaes de pedra</i> (bancos corridos) na sala; cantareira de adobes na cozinha.</p>
<p>Descrição nos <i>Tombos</i>⁴⁵⁰.</p>		

⁴⁴⁷ Esta cobertura de duas águas parece ser comum para conjunto de casas constituído pela sala, cozinha e casa térrea por trás dela. (*Vista da banda do norte*, Fl.54)

⁴⁴⁸ Assim parece na *vista da banda do norte* (fl.54), na *vista da banda do sull* (fl.55) a configuração do telhado tem outra forma.

⁴⁴⁹ Junto a essas casas deveria estar mais uma, mas como é praticamente subterrânea (*hũa casa em hũa coua de baixo do chão*; *Tombos*, fl.128 v°), possivelmente por isso não aparece na planta.

⁴⁵⁰ GONÇALVES, Iria (coord.); *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol. 5, pp.189-192.

Fl.127vº. ¶ primeiramente tem há hordem na dicta Villa da Idanha há noua hũu castello forte que tem hũua barbacã de pedra e barro toda bem repairada com seus cubelos e nelles mujtas bombardeiras e tem hũu portal guarnecido de nouo e sem portas E logo hũu muro largo todo de canto laurado e nelle hũu portal muj forte de pedraria com suas portas bõoas e bem fechadas. e sobre este portal hũu cubello bem obrado e forte.// dentro nesta çerca estaa hũu pequeno apartado de cantaria. e junto do dito apartado. hũua torre de menagem alta e muy forte. toda de cantaria laurada e bem ameada. e quasi no meyo della hũu portal pequeno bem feito com suas portas bõoas. e tem dous sobrados. bem madeirada de nouo e telhada de telha vãa E sobem pera esta torre per hũua escaada de pedra per dentro de hũuas casas que som apousentamento do comendador./

¶ junto da dicta torre da menagem tem hũua salla terrea pegada na torre e muro. bem madeirada telhada de telha uãa. e tem hũua janella com suas portas contra ho leuante e leua de longo sete uaras e seis de largo com seus poyaaes de pedra bem feitos de hũu cabo e do outro ¶ aalem da dita salla quasi no andar do primeiro (**Fl. 128**) sobrado da torre contra o sul. tem hũua \\ camara pequena sobradada bem madeirada cuberta de telha uãa. has paredes della som de hũua parte ho dicto apartado. e das outras de pedra e barro cafellada de dentro. leua quatro varas de longo e tres e meya de largo. e tem hũua janella contra ho ponente bem feita com suas portas nouas./

¶ junto da dicta salla tem hũua casa terrea que serue de cozinha com sua cantareira d adobes. leua çinquo uaras de longo e três e meya de largo. estaa jugalmente madeirada e cuberta de telha uãa. e has suas paredes som. ho muro e torre e há dita camera.

¶ aalem da dita cozinha uay hũua casa terrea has paredes de pedra e barro igualmente madeirada cuberta de telha vãa e leua quatro uaras de longo e tres varas de largo.

¶ junto da dita salla e aa entrada della aa mão seestra estaa hũua casa que serue de despensa pegada no dito muro e salla./ estaa bem madeirada e telhada de telha uãa e he sobradada. leua çinquo varas de longo e quatro e meya de largo./

¶ diante das ditas casas estaa hũu alpendre todo çarrado. has paredes de pedra e barro. bem madeirado telhado de telha vãa.//

¶ todas has sobreditas casas tem seus portaaes e portas bõoas e bem fechadas.\\

Fl. 128 vº. ¶ junto da dicta porta e entrada do castello tem hũua casa noua pera mantijmentos e armaria. has paredes de cantaria cafeladas de dentro e de fora a logares. oliuellada sobre has asnas de boom oliuel com hũu portal bem feito e bõoas portas. leua oito varas e meya de longo e çinquo de largo. e tem hũua boa logea de baixo forrada de tauoado sobre o chãao de todo bem corregida e cafellada de dentro com seu portal e portas muy bõoas e sobre o portal has quinas d el rey. e tem duas janellas ferradas com suas portas hũua ao sul e outra ao ponente./

¶ afastado hũu pouco da dita torre contra o ponente tem hũua casa que serue de çeleiro e esta mal corregida de madeira e paredes e telha. e aberta per partes com portas uelhas. leua ix varas de longo e tres de largo. E junto desta casa. outra casa pegada no muro que serue de estrebaria sem manjedoiras. has paredes de pedra e barro. sem portas. e leua seis uaras de longo e duas de largo. E pegada nella hũua casa em hũua coua de baixo do chãao ambas guarnecidas de nouo bem madeiradas telhadas de telha. e esta leua çinquo varas de longo e tres de largo:

¶ aalem do dicto apartado e junto com elle. tem hũu pardieiro e aalem delle hũua casa pequena pegada no muro. que leua çinquo varas de longo e duas de largo.\\

Fl.129. ¶ d outra parte estaa hũua casa pegada no dito muro que se chama há casa de forno. e estaa bem repairada. leua de longo çinquo varas e meya e tres de largo. e nella hũu forno grande./

¶ junto do dito apartado estaa hũua figueira donegal.e junto da casa dos mantijmentos estam duas grandes moreiras./

¶ detras das ditas casas junto da porta do muro estaa hũua grande çisterna com seu bocal de pedra bem feito. e sobre a dicta çisterna hũu eirado boom feito com sua capa de cal.\\

Torre de menagem:

Descrição nos Tombos:

Fl. 127vº (...) e junto do dito apartado. hũua torre de menagem alta e

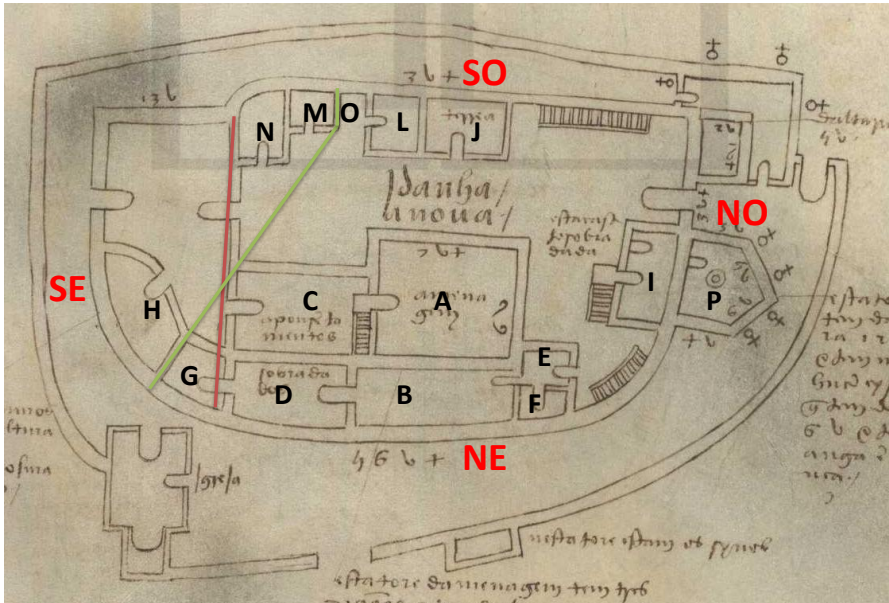
Elementos

estruturais (segundo os Tombos e o Livro

<p><i>muy forte. toda de cantaria laurada e bem ameada. e quasi no meyo della hũu portal pequeno bem feito com suas portas bõoas. e tem dous sobrados. bem madeirada de nouo e telhada de telha vãa E sobem pera esta torre per hũua escaada de pedra per dentro de hũuas casas que som apousentamento do comendador./</i></p> <p><u>Informação do Livro das Fortalezas:</u> <i>esta tore da menagem tem três vãos e tem daltura 13v e da grosura domuro 1v+; a torre tem 6v x7v de lado; a porta de acesso ao nível do primeiro andar, servida por uma escada adossada à parede SE da torre; a porta e a escada encontram-se no interior da casa de comendador (a mesma escada deve servir de acesso ao sobrado desta casa). A torre tem quatro frestas, uma em cada parede, ao nível do primeiro andar, e uma janela de arco duplo virada a NE.⁴⁵¹</i></p> <p><u>Estado atual:</u> não existe.</p> <p><u>Ligação com outras casas:</u> está incluída no conjunto habitacional – a entrada da torre encontra-se no interior da camara.</p>	<p><u>das Fortalezas):</u> <u>Cobertura:</u> de telha; <u>Tetos forrados:</u> não há. <u>Vãos:</u> três; <u>Com abóboda:</u> não. <u>Janelas:</u> uma, em arco duplo; <u>Frestas:</u> quatro. <u>Portas:</u> quatro; <u>Exteriores:</u> uma; <u>Interiores:</u> três; <u>Em arco:</u> uma (visível na planta); <u>De verga reta:</u> não há informação. <u>Escadas:</u> quatro; <u>Exterior:</u> uma (é exterior em relação à torre, mas encontra-se no interior da casa de comendador) <u>Interior:</u> três. <u>Chaminés:</u> não há.</p>
<p><u>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias:</u> torre N.</p> <p><u>Descrição nos Tombos:</u> <i>E logo hũu muro largo todo de canto laurado e nelle hũu portal muj forte de pedraria com suas portas bõoas e bem fechadas. e sobre este portal hũu cubello bem obrado e forte.//</i></p> <p><u>Informação do Livro das Fortalezas:</u> <i>esta tore tem daltura 12v e tem no meo hua cysterna que tem de vão 6v e tem auga em abastança.⁴⁵²</i></p> <p>Esta torre aparece na planta como pentagonal, mas nos desenhos parece ser de planta retangular, as medidas estão indicadas apenas para quatro paredes e todas são diferentes: 3v, 5v, 6v, 4v. A torre tem o embasamento alargado e a parte de cima dotada de troneiras cruciformes. A porta de entrada, aberta na parede SE, tem o acesso a partir do adarve. Não há ligações com outras casas da praça.</p>	<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo os Tombos e o Livro das Fortalezas): <u>Cobertura:</u> não há informação. <u>Vãos:</u> não há informação.</p>
<p><u>Materiais de construção:</u> <u>Informação de Tombos:</u> Uso de silhares (de granito) na construção da torre de menagem, casa de armas, <i>apartado</i>, muralhas, formação de portas, etc.; de pedra irregular, de barro e cal na construção da barbacã e casas; de madeira para fabrico de estruturas das coberturas das casas, forro de tetos, portas e portadas, soalho; de telha para coberturas; de adobes para fabrico de cantareira; de ferro para grades e dispositivos de segurança.</p>	
<p><u>Elementos decorativos:</u> quinas de rei em cima da porta da casa de mantimentos e armaria.</p>	
<p><u>Informação suplementar:</u></p>	

⁴⁵¹ A parede NE da torre de menagem no Códice A vê-se muito mal porque está na dobra do fólio, mas no Códice B são bem visíveis a janela em arco duplo no último sobrado, e mais três frestas: duas no andar do meio, e uma- no primeiro sobrado, ao nível do adarve. Isso não coincide com a descrição dos *Tombos*, mas corresponde à informação de Duarte de Armas.

⁴⁵² Os *Tombos* não se referem à torre onde se encontra a cisterna, segundo o *Livro das Fortalezas*, mas indicam que ela está localizada *detras das ditas casas junto da porta do muro*.



Castelo de Idanha-a-Nova.

Localização, funções e dimensões das casas, segundo os Tombos.

- A – Torre de menagem:
 - 1º sobrado;
 - 2º sobrado.
- B – sala, 7v x 6v (50.82m²).
- C – camara sobradada,
 4v x 3.5v (16.94m²).
- D – cozinha, 5v x 3.5v (21.18m²).
- E – alpendre.
- F – despensa sobradada,
 5v x 4.5v (27.23m²).
- G – casa térrea, 4vx3v (14.52m²).
- H – casa de forno, 5vx3v
 (18.15m²).
- I – casa de armas e mantimentos:
 - sobrado, 8v x 5v (48.4m²);
 - piso térreo, 8v x 5v (48.4m²).
- J – celeiro, 9v x 3 v (32.67m²).
- L – estrebaria, 6v x 2v (14.52m²).
- M – casa pequena, 5vx2v
 (12.1m²).
- N – pardieiro.
- O – casa em uma cova, de baixo do chão, 5v x 3v (18.5m²).
- P – torre com cisterna.

Nota: As direções indicadas nos Tombos não corresponde exatamente à realidade. Por exemplo, a janela da camara aberta *contra ho ponente*, deveria estar virada a SO, assim como as janelas da casa da armaria *hūua ao sul e outra ao ponente*, na realidade deveriam estar viradas para SE e SO. A linha do apartado, indicada por Duarte das Armas (cor vermelha), segundo a descrição dos Tombos deveria ter outra forma (cor verde).

21. Segura

Localização: Beira Baixa, Distrito de Castelo Branco, Concelho de Idanha-a-Nova, União de Freguesias de Zebreira e Segura.

Anos de construção e intervenções posteriores: Em Maio de 1229, D. Sancho II doou foral à vila de Salvaterra de Extremo que fixava os limites do concelho que abrangiam a região onde atualmente se encontra Segura. A primeira notícia documental dessa aldeia data de 1243 (uma sentença proferida por metropolitano de Santiago de Compostela sobre a divisão de rendimentos de igrejas entre vários dioceses). Depois de varias doações e retiradas das terras da antiga Egitânia à Ordem do Templo que aconteceram nos primeiros reinados, em 1244, D. Sancho II voltou a doar as terras de Idanha-a-Velha e de Salvaterra aos Templários. Em 1299, encontrando-se em Portalegre, D. Dinis recebeu uma carta dos moradores de Segura a pedir a autorização para construção de um castelo. A autorização foi dada com condição de construção ser feita no decorrer de dois anos. Em 1310, na sequência de um processo judicial entre o bispo de Guarda e a Ordem do Templo, Idanha-a-Velha, Salvaterra e Segura foram retirados aos Templários. Em 1319, com instituição da Ordem de Cristo, essas vilas foram doadas à nova Ordem. Em Segura foi criada a comenda com residência de um comendador no castelo, subjugado ao comendador de Castelo Branco.⁴⁵³ O seu primeiro foral a vila de Segura recebeu das mãos de D. Manuel em 01 de Junho de 1510.⁴⁵⁴ Em 1758, segundo as memórias paroquiais, o castelo de Segura permanecia sem qualquer ruína, tinha a barbacã, com três baluartes, a ponte levadiça, e a torre de menagem, onde vivia o Governador Militar. Em 1846 foram extintos governos militares de Segura e de Salvaterra, o que levou ao abandono de castelo e sua progressiva ruína acelerada por moradores que retiravam as pedras para construções particulares.⁴⁵⁵

Pertença: Comenda da Ordem de Cristo

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: as torres, muralhas e a barbacã do castelo encontravam-se em bom estado. Segundo os *Tombo*s (fl.109) que têm data de 25 de Outubro de 1505, o castelo beneficiou de grandes obras de reparação e renovação: foram feitos trabalhos na torre de menagem (reconstruída a partir de meio pra cima); uma torre nova foi enquadrada no angulo S; um balcão com matacão foi feito por cima da entrada principal; as muralhas do castelo ainda estavam a receber ameias novas na altura de inscrição nos *Tombo*s.

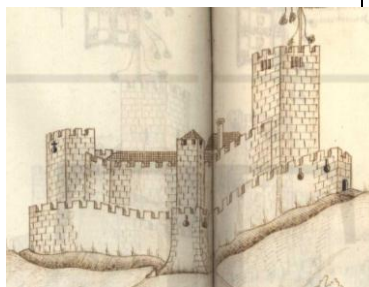
Alcaide-mor: Lourenço de Brito (1504-1510).

Estado atual: este castelo já não existe.

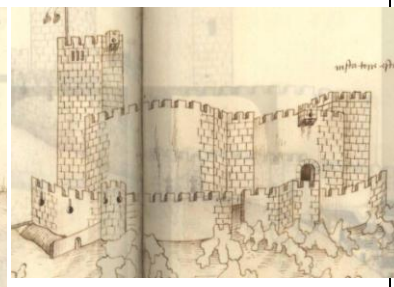
Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.126 vº.



Vista da banda do surl (S), fl.56.



Vista da banda do norte (N), fl.56⁴⁵⁶.

Casas⁴⁵⁷:

Descrição (segundo o *Livro das*

Elementos estruturais

⁴⁵³ ANDRADE, Mário Marques de, *Subsídios para a Monografia de Segura. Aldeia raiana das mais pitorescas*. Edição do Autor. Lisboa, 1949, pp. 31-42.

⁴⁵⁴ ANDRADE, Mário Marques de, *Subsídios para a Monografia de Segura*. P. 55.

⁴⁵⁵ ANDRADE, Mário Marques de, *Subsídios para a Monografia de Segura*. P. 98-99.

⁴⁵⁶ Lapso na numeração dos folios no *Livro das Fortalezas*.

⁴⁵⁷ Embora a quantidade das casas indicadas na planta de Duarte d'Armas e descritas nos *Tombo*s é igual, a sua disposição e funções divergem. Segundo os *Tombo*s, à muralha NO deveriam ser adossadas quatro casas, e na planta aparecem apenas três, enquanto do outro lado da praça, adossadas à muralha SO, temos três casas, e, pelo menos uma delas tem sobrado, mas nos *Tombo*s são indicadas somente duas e ambas térreas. É possível que haja alguns erros nos

<p>Total – seis Com sobrados – três; Só térreas – três.</p> <p>Localização: Muralha SE - não há casas; Muralha SO – três casas em fila, última casa é meia-parede com cisterna no canto O; Muralha NO - três casas em fila, última casa é paredes-meias com cisterna no canto O; Muralha NE – uma cisterna. No centro da praça – não há construções.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: Todas casas são adossadas às muralhas.</p> <p>“Espaços verdes”: há uma moreira no meio da praça.</p>	<p>Fortalezas): Todas as casas, em forma de U, encontram-se na parte O da praça. Do lado esquerdo da entrada do castelo, de quem entra, adossadas à muralha NO encontram-se duas casas com sobrados, para primeira não está indicada nenhuma porta de entrada, para segunda há duas portas: uma para piso térreo, virada a E; outra - para sobrado, virada para S e servida por uma escada com patamar em cima, adossada à parede da casa. A essas duas casas corresponde uma cobertura de telha em duas águas e com uma chaminé (desenho <i>da banda do sull</i>). Do lado direito há mais uma casa com porta de entrada virada a S. A própria entrada do castelo passa pelo interior desta casa. Mais três casas são adossadas à muralha SO. A primeira, contando do E para O, é indicada como sobradada, tem duas portas: uma exterior, virada a N; outra interior, virada a O, que dá acesso à segunda casa. A terceira casa tem entrada individual, virada a N. A essas casas corresponde outra cobertura de telha (desenho <i>da banda do sull</i>). No canto O, entre as últimas casas de dois lados e meia-parede com elas, encontra-se uma cisterna grande, de 11v de vão. Há mais uma cisterna, <i>que foi em outro tempo</i>, adossada à muralha NE ao lado da torre de menagem.</p>	<p>(segundo os <i>Tombos e o Livro das Fortalezas</i>): Coberturas: Separadas: sim; Comuns: sim; Tetos forrados: dois, com madeira nas casas de armas e de mantimentos. Portas (apenas casas): oito; Exteriores: sete; Interiores: uma; Em arcos: seis (visíveis na planta); De verga reta: não há informação. Janelas: uma, com assentos. Escadas: três, uma delas é de madeira; Exterior: uma; Interior: duas. Chaminés: duas. Chão com soalho: dois, casas de armas e de mantimentos Mobiliário: assentos da janela.</p>
<p>Descrição nos Tombos:⁴⁵⁸ Fl. 109 <i>Comenda de segura.</i> ¶ <i>junto da dicta Villa de segura contra o ponente tem há hordem hũu castello em hũu monte alto e tem hũua caua que ho çerca quasi todo arredor e aalem da dita caua tem logo hũua barbacãa com dous cubelos pequenos todo de pedra e barro com suas seteiras e bombardeiras bem corregida e ameada.e tem mais hũu muro forte de cantaria bem ameado parte delle. e ho que estaa por amear se faz ora de nouo./ tem hũu portal de pedraria bem feito com suas portas fortes e bem fechadas. e sobre o dicto portal. hũua guarita de cantaria nouamente feita. Estam no dito muro duas torres. hũua noua rasa com ho muro que se chama ha torre dos gatos. toda de cantaria bem obrada com suas ameas e juntas feitas de cal. moçiça atee ho andar do dito muro. e ha outra torre mais pequena que se chama ha torre da farinha. ha meatade della he de</i></p>		

desenhos de Duarte d’Armas, também é possível que foram feitas algumas alterações nas casas da praça durante quatro anos que separam a descrição dos *Tombos* e desenhos do *Livro das Fortalezas*.

⁴⁵⁸ GONÇALVES, Iria (coord.), *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol. 5, pp.163-165.

cantaria e ha outra meatade de pedra e cal e tem hũa janella ao norte e estaa igualmente madeirada e cuberta de telha vã./ (...)

Fl. 109vº ¶ dentro da dicta çerca estaa ho apousentamento do comendador ho qual he alcaide moor do dicto castello. e tem logo aa entrada da çerca hũa salla terrea com hũa chaminee de sebe e barro e he bem madeirada. barrada e cuberta de telha. e leua viij uaras e meya de longo e quatro e meya de largo./

¶ aa mão seestra da dita sala tem hũa camera sobradada. barrada da dita maneira e cuberta de telha pera que sobem per hũa escaada de madeira mal corregida e tem hũa janela d assentos da parte de dentro contra ho sul com suas portas bõoas com hũa chamjnee noua de cal e tijolo leua de longo per baixo seis uaras e quatro de largo e outras tantas leua pello sobrado./ E aalem desta camera (**Fl. 110**) tem outra asi sobradada e madeirada \\ da dita maneira e asi telhada. e leua de longo per baixo quatro uaras e meya e duas e meya de largo. e outro tanto pello sobrado.

¶ aalem destas casas tem hũa casa que serue de estrebaria com seu palheiro em çima. e tem hũu sobrado que nom chega ao muro e he mal cuberto de telha

Todas estas casas estam pegadas no muro da parte do norte.// tem as paredes de pedra e barro e adobes bem corregidas. fechadas com suas portas:

¶ defronte das dictas casas e dentro da dita çerca estam duas casas. hũa. a saber. de mantijmentos e outra d armaria. bem oliuelladas sobre has asnas. cubertas de telha. e solhadas de tauoado sobre o chãao com bõoas portas e bem fechadas.// ha primeira leua quatro uaras de longo e quatro de largo. e ha outra casa outro tanto./ sobre ho portal estam has quinas rreaas com sua coroa em pedra./

¶ antre has ditas casas e apousentamento do comendador estaa hũa cisterna bõoa e alta./e estaa no dito terreiro hũa moreira./

Torre de menagem:

Descrição nos Tombos:

Fl. 109 ¶ dentro da dicta çerca tem hũa torre de menagem toda de canteria. do meyo pera cima. feita de nouo e tem hũu portal pequeno com suas portas mujto forte pera ho qual sobem per hũa escaada de pedra de xij degraaos.^\\ (**Fl. 109vº**) sobre o dicto portal tem outra guarita de cantaria nouamente feita./

¶ tem ha dita torre logo na primeira entrada hũu sobrado e debaixo delle hũu a<l>jube. e tem mais acima outro sobrado pera que sobem per hũa escada de madeira com seu mainel todo bem obrado. e quasi nouo. e tem em cada sobrado sua freesta ao norte./ e do dito sobrado de çima sobem per hũa escaada de madeira e des i per outra escaada de pedra que uay pelo moçiço da parede da dita torre teer açima aa aboueda e tem no topo da escaada hũa porta d alçapõoe forte. e tem ha dita aboueda fecto ho terreiro de cima de cal mujto chãao com seu peitoril ameyado e fecto de nouo e bem obrado com suas seteiras dobradas.

Informação do Livro das Fortalezas: esta tore da menagem tem 4 vãos com aboboda e tem daltura 13v+; a torre tem 7v 2p de lado, entrada ao nível do primeiro andar servida por uma escada com patamar, adossada à parede O; no último piso da torre nas paredes N, E e S são rasgadas frestas triplas; na parede O, em cima da entrada da torre há um balcão com matacão e com uma troneira circular ao nível do eirado (na vista da banda do sull, na mesma parede não aparece balcão, mas mais uma fresta tripla).

Estado atual: esta torre não existe.

Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: A torre da farinha, adossada pelo

Elementos estruturais

(segundo os Tombos e o Livro das Fortalezas):

Cobertura: em eirado;

Tetos forrados: não há.

Vãos: quatro;

Com abóboda: um, último.

Frestas: três.⁴⁵⁹

Portas: cinco;

Exteriores: duas;

Em alçapão: uma;

Em arco: uma.

Interiores: três;

Escadas: cinco;

Exterior: uma, de pedra;

Interior: quatro;

De madeira: três;

De pedra: uma.

Chaminés: não há.

⁴⁵⁹ Nos Tombos fala-se de três frestas, uma em cada sobrado, virada ao Norte. Nos desenhos do Livro das Fortalezas também aparecem três frestas triplas, mas todas no último andar e abertas contra o N, E e S.

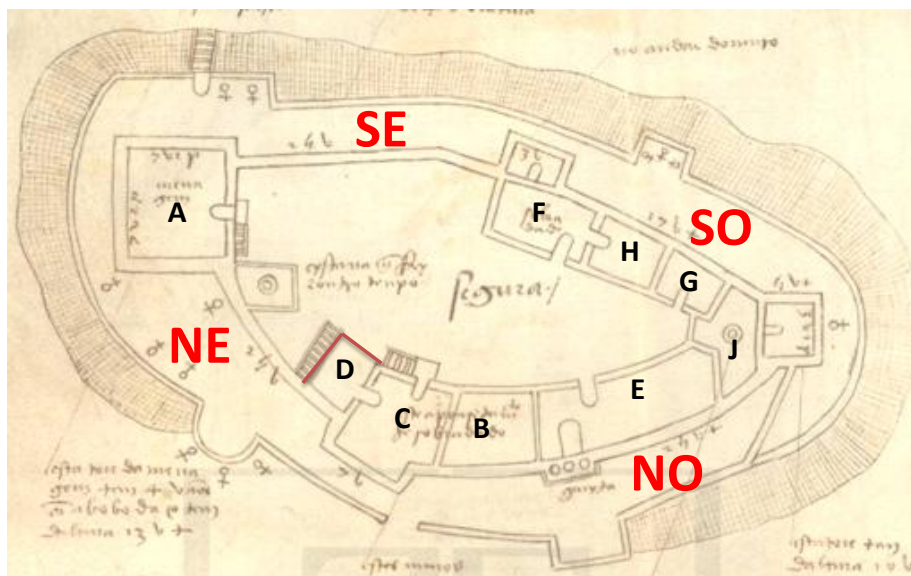
exterior do lado S, aparece nos desenhos com cobertura em quatro águas, de telha, e nos *Tombos* está escrito que *tem hũa janella ao norte e estaa igualmente madeirada e cuberta de telha vãa.* (FL. 109). Duarte de Armas indicou apenas dimensão de um dos lados – 3v, e que ela era *no andar do muro*. Possivelmente, tinha alguma função para além de militar.

Materiais de construção:

Informação de Tombos: Uso de silhares (de granito) na construção de muralhas e torres, formação de portas; de pedra irregular, adobes, argamassa e cal na construção de casas; de sebe, barro e tijolo na construção de chaminés; de madeira para fabrico das estruturas para coberturas, forra de tetos, soalhos, escadas, portas, e portadas; de telha para coberturas.

Elementos decorativos: *has quinas rreaaes com sua coroa em pedra* em cima da porta da casa de armaria e mantimentos.

Informação suplementar:



Nota: A planta de Duarte de Armas tem umas divergências com a descrição dos *Tombos*: depois da sala térrea, que se encontrava logo a entrada, deveriam estar mais duas casas sobradadas onde se encontravam as camaras, entretanto a sala está omitida, por isso atribuímos o papel da sala a primeira casa e acrescentamos mais um espaço contíguo à camara. Do outro lado da praça, pelo contrário há uma casa a mais que, eventualmente poderia ser uma construção nova, erigida depois da vistoria dos visitantes da Ordem.

**Castelo de Segura.
Localização, funções
e dimensões das
casas, segundo os
Tombos.**

A – Torre de menagem:
- aljube no piso térreo;
- primeiro sobrado;
- segundo sobrado;
- terceiro sobrado.

Casas do comendador:

B - Sala térrea
8.5v x 4.5v (46.28 m²);

C - camara no sobrado
6v x 4v (29.04m²);

- piso térreo,
6v x 4v (29.04m²).

D – camara no sobrado,
4.5v x 2.5v (13.61m²);

- piso térreo,
4.5v x 2.5v (13.61m²).

E – estrebaria no piso térreo;
- palheiro no sobrado.

F – casa de armaria,
4v x 4v (19.36m²).

H – casa de mantimentos,
4v x 4v (19.36m²).

J – cisterna, 11v de vão.

G – uma casa nova?

22. Salvaterra de Extremo.

Localização: Beira Baixa, Distrito Castelo Branco, Concelho Idanha-a-Nova, União de Freguesias de Monfortinho e Salvaterra de Extremo.

Anos de construção e intervenções posteriores: Em Maio de 1229, D. Sancho II doou foral à vila de Salvaterra de Extremo onde se fixavam os limites do concelho. Depois de varias doações e retiradas das terras da antiga Egitânia à Ordem do Templo que aconteceram nos primeiros reinados, em 1244, D. Sancho II voltou a doar as terras de Idanha-a-Velha e de Salvaterra aos Templários.⁴⁶⁰ Em 1310, na sequência de um processo judicial entre o bispo de Guarda e a Ordem do Templo, Idanha-a-Velha, Salvaterra e Segura foram retirados a Ordem. Em 1319, com instituição da Ordem de Cristo, essas vilas foram doadas à nova Ordem.⁴⁶¹ Em 1846 foram extintos governos militares de Segura e de Salvaterra, o que levou ao abandono do castelo e sua progressiva ruína acelerada por moradores que retiravam as pedras para construções particulares.⁴⁶²

O castelo de Salvaterra, provavelmente, foi construído no reinado de D. Afonso III, sofreu muitos danos durante as guerras com reino de Leão e, mais tarde, com Castela. Beneficiou das obras de reconstrução e renovação nos reinados de D. Fernando e D. João I.⁴⁶³

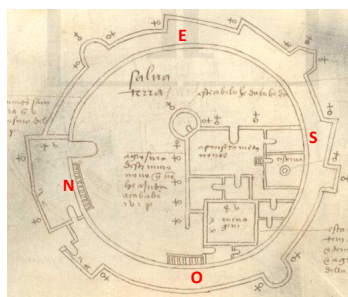
Pertença: Comenda da Ordem de Cristo

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: Segundo *os Tombos*, onde a inscrição foi feita em 25 de Outubro de 1505, no interior do castelo estavam a ser executadas algumas obras, foi feita de novo a porta de entrada do castelo, estava a ser levantada a cerca a volta das casas da praça, e as casas para alcaide-mor. A torre de menagem precisava de obras no interior. Passados quatro anos, Duarte d'Armas deixou os seguintes comentários: em relação à cerca a volta das casas – “*agrosura deste muro nouo que non he ajnda acabado lv lp*”; mas no vértice da cerca já se encontrava um cubelo *abobodado*; as casas de alcaide estão indicadas como “*apousentamentos nouos*”, em relação à torre de menagem diz-se que tem quatro vãos. Segundo os desenhos o castelo e a barbacã encontravam-se em muito bom estado, embora as obras ainda não tinham terminado.

Alcaide-mor: Lourenço de Brito (1504-1510)

Estado atual: Este castelo já não existe.

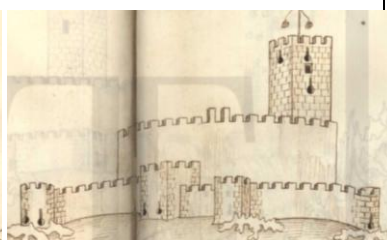
Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.126v.



Vista da banda do oeste (SE), fl.57.



Vista da banda do leste (NE), fl.58.

A planta deste castelo é circular, todas as casas encontram-se no segmento SO que está separado do resto da praça por dois muros, no vértice dos quais, praticamente no centro da praça, está levantado um cubelo.

Casas:

Descrição (segundo o *Livro das Fortalezas*):

Das oito casas existentes na praça, seis são construídas a volta da torre de menagem. Duas casas são encaixadas entre a muralha e a parede O da torre

Elementos estruturais (segundo *os Tombos e o Livro das Fortalezas*):

As casas não são visíveis nos desenhos.

Coberturas: de telha;

Tetos forrados: dois, com

⁴⁶⁰ ANDRADE, Mário Marques de, *Subsídios para a Monografia de Segura*. P.37.

⁴⁶¹ ANDRADE, Mário Marques de, *Subsídios para a Monografia de Segura*. Pp.41-42.

⁴⁶² ANDRADE, Mário Marques de, *Subsídios para a Monografia de Segura*. P. 98-99.

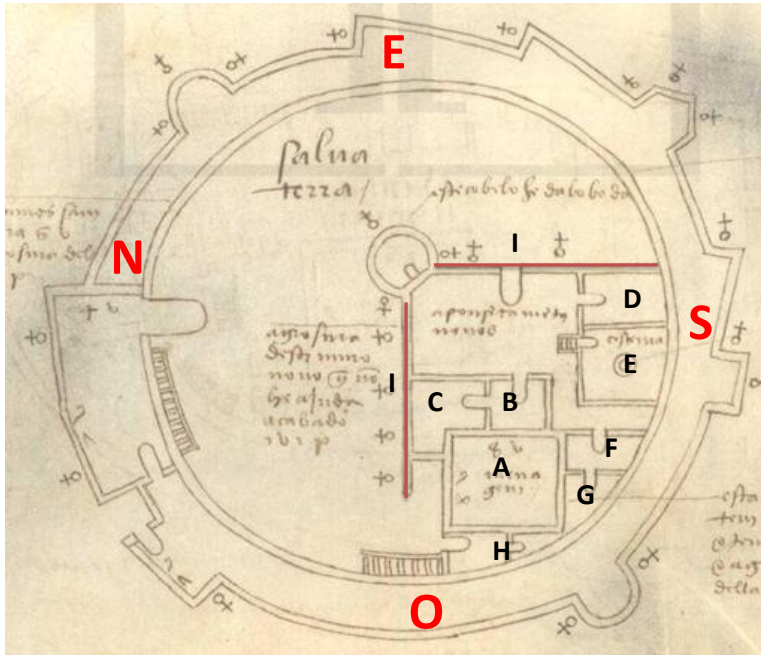
⁴⁶³ ALMEIDA, João de, *Reprodução anotada do Livro das Fortalezas de Duarte Darnas*. P. 211.

<p>Total – oito; Com sobrados – três; Só térreas – cinco. Localização: Muralha SO – seis casas, organizadas em três pares; No centro da praça – duas casas entre o muro N da nova cerca e a torre de menagem; um cubelo.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: As casas da muralha SO estão adossadas à ela.</p> <p>“Espaços verdes”: não há.</p>	<p>(correspondem às casas odiosas que rei mandou derrubar e encerrar um portal que estava ao lado delas, o portal já não aparece na planta, mas as casa ainda se encontram no mesmo sitio. <i>Tombos</i>, fl. 100v^o), mais duas entre a muralha e parede S (correspondem à estrebaria e ao palheiro. <i>Tombos</i>; fl. 101), e mais duas estão adossadas à parede E (correspondem às casas de armas e mantimentos, têm sobrados, embora na planta isso não está mencionado. <i>Tombos</i>; fl. 101). Em cada par as casas são ligadas entre si pela porta interior. Mais um par de casas encontra-se no canto entre a muralha e muro E da cerca nova. As duas têm entradas independentes (correspondem a cozinha e ao novo aposento do alcaide, construído por cima da cisterna. <i>Tombos</i>, fls. 101, 101v^o).</p>	<p>madeira (casas de armas e mantimentos). Portas (apenas casas): dez; Exteriores: cinco; Interiores: cinco; Em arcos: oito (visíveis na planta); Frestas: duas, com grades de ferro (casas de armas e de mantimentos). Escadas: duas; Exterior: uma, de pedra, Interior: uma. Chaminés: não há.</p> <p>Mobiliário: não há informação.</p>
<p>Descrição nos <i>Tombos</i>:⁴⁶⁴</p> <p>Fl. 100v^o ¶ <i>tem na dicta comenda e Villa de saluaterra hũu casteello forte que tem duas çercas. a saber. hũua barbacãa bem corregida e ameada toda com suas bonbardeiras e seteiras e tem aa entrada hũu portal fechado com suas portas. E logo hũu muro de bõoa altura ameado e bem corregido e tem hũu portal d arco de cantaria bem feito e nouo. com suas portas e postigo todo nouo com seu ferrolho e fechadura: com as quinas d el rey scolpidas em pedra./ e asi no muro como na barbacãa. he todo de pedra e barro./ e tem quatro escaadas per onde se serue./ (...)</i> ¶ <i>junto da dita torre (de menagem) estam duas casas pequenas antre ho muro e ha torre contra o norte. has quaaes ora el rey nosso senhor manda derribar por serem odiosas aa torre. e debaixo dellas estaa hũu portal que outrosi el rey manda çarrar de cantaria</i></p> <p>Fl. 101. ¶ <i>junto da dita torre contra ho sul estam duas \\ casas sobradadas bem oliueladas em tres painees com seus cãaes e frechaaes boons e tem hũu portal de canto laurado com suas portas nouas e sobre este portal has quinas reaaes. e estas casas som d armaria e mantijmentos./ ha dianteira leua de longo oito varas e quatro de largo. e ha outra leua quatro varas de largo e seis de longo. e tem hũua freesta com grades de ferro e com sua seteira. e ha outra casa tem outra tal freesta ferrada./ has paredes som de pedra e barro bem repairadas:</i> ¶ <i>junto destas casas e torre estam duas casas. hũua que leua viij. uaras de longo e duas e meya de largo e esta serue de palheiro. ha outra leua. viij. uaras de longo e iiij de largo e serue de estrebaria sem suas manjedoiras. has paredes de pedra e barro bem madeiradas e cubertas de telha. bem repairadas:</i> ¶ <i>aalem da dicta torre contra ho sul se fazem ora hũuas casas que el rey nosso senhor manda fazer pera apousentamento do alcaide moor do dito castelo pegadas no dito muro de que ora hũua dellas estaa com paredes leuantadas. ha meatade de canto laurado e ho mais d alvenaria de pedra e barro e dentro nella estaa hũua çisterna bõoa com seu bocal de pedra laurada e sobem a ella per hũua escaada de pedra e tem xij degraaos./</i> ¶ <i>aalem destas casaas se começa ora fazer hũua çerqua (Fl. 101v^o) que fica antre a dita torre e a porta principal\\ da dicta çerqua. e tem hi mais hũua casa que serue de cozinha. has paredes de pedra e barro. bem madeirada e cuberta de telha. leua seis varas de longo e duas e meya de largo:</i></p>		

⁴⁶⁴ GONÇALVES, Iria (coord.); *Tombos da Ordem de Cristo*. Vol. 5. Pp.151-153.

<p>Torre de menagem: Descrição nos Tombos: Fl.100v^o ¶ dentro nesta çerqua estaa hũa torre de menagem forte e de bõoa altura. de cantaria e aluenaria fectas has paredes rebocadas de cal. bem ameada. ha qual torre sohia teer tres sobrados. e agora tem dous. hũu debaixo mujto uelho e podre e mujto roto. e no de çima estam soos duas vigas sem outra nenhũa madeira E no andar do segundo sobrado tem ho portal per onde se serue. com suas portas uelhas. com duas seteiras hũa ao levante e outra ao sul. e tem no andar de çima duas janelas./ he bem madeirada do castanho e mal telhada de telha uãa. e leua oito uaras de longo e quatro e meya de largo./ Informação do Livro das Fortalezas: esta tore damenagem tem quatro vaaos e tem daltura 12v e agrosura do muro della 1v+; a torre tem 8v de lado; na parede N há uma janela de verga reta e duas troneiras, uma por cima e outra por baixo da janela; na parede E há mais uma janela de verga reta, na parede S há uma troneira. (A entrada da torre não aparece na planta e nos desenhos, segundo <i>Tombos</i>, encontra-se ao nível do segundo sobrado, como não há indicações de que o acesso se encontrava no interior de uma das casas, a porta, provavelmente, estava aberta na parede N, única livre das construções, e servida por uma escada amovível). Estado atual: esta torre já não existe.</p>	<p>Elementos estruturais (segundo os <i>Tombos</i> e o <i>Livro das Fortalezas</i>): Cobertura: de telha; Tetos forrados: não há. Vãos: quatro; Com abóboda: não há. Janelas: duas, de verga reta. Portas: cinco; Exteriores: duas; Interiores: três. Escadas: cinco; Exterior: uma; Interior: quatro. Chaminés: não há.</p>
<p>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: Este castelo não tinha outras torres, além da torre de menagem.</p>	
<p>Materiais de construção: Informação de Tombos: Uso de silhares de pedra para formação de portas e construção da torre de menagem e da parte inferior da casa do alcaide; de pedra irregular, argamassa e cal para construção das muralhas, muros e casas; de madeira para fabrico de estruturas das coberturas, portas e portadas, forro de tetos; de ferro para grades, ferrolhos e fechaduras; de telha para coberturas.</p>	
<p>Elementos decorativos: quinas de rei esculpidas em pedra e colocadas por cima das portas de entrada da barbacã, do castelo e da casa de armas.</p>	
<p>Informação suplementar: Em 1496, em Salvaterra do Extremo e seu termo contavam-se 136 fogos.⁴⁶⁵</p>	

⁴⁶⁵ DIAS, João José Alves, *A Beira Interior em 1496 (Sociedade, Administração e Demografia)*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1982, p.142.

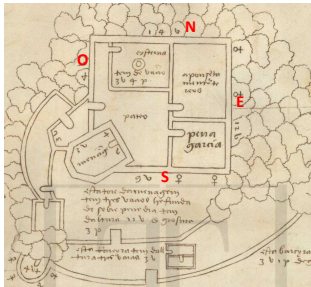




Castelo de Salvaterra de Extremo
Localização, funções e
dimensões das casas, segundo os
Tombos.

- A – Torre de menagem:
 - primeiro sobrado 3 x (8v x 4.5v)
 - segundo sobrado (130.68 m2).
 - terceiro sobrado
- B - casa de armas, com sobrado, 8v x 4v (38.72m2).
- C – casa de mantimentos-com sobrado, 4v x 6 v (29.04 m2).
- D – cozinha, térrea, 6v x 2.5v (18.15 m2);
- E – casa de alcaide-mor, no sobrado.
- F – estrebaria, 8v x 4v (38.72 m2).
- G – palheiro, (v x 2.5v (24.2 m2).
- H – “casas odiosas”?
- I – cerca nova.

Nota: A orientação da localização das casas não corresponde à indicada nos *Tombos*, onde as “casas odiosas” estão indicadas como situadas a norte da torre de menagem, e a armaria e a casa de mantimentos – a sul. Com está disposição a casa de mantimentos, localizada por trás da armaria não podia ter fresta. Por isso transferimos essas casas para parede E da torre de menagem, único local onde as duas poderiam ter fenestrações, do lado oposto indicamos as “casas odiosas” (embora poderiam ser umas novas construções), e, adossadas à parede S da torre encontram-se palheiro e estrebaria.

23. Penha Garcia.

<p>Localização: Beira Baixa, Distrito Castelo Branco, Concelho Idanha-a-Nova, Freguesia Penha Garcia.</p> <p>Anos de construção e intervenções posteriores: A história deste castelo é praticamente desconhecida⁴⁶⁶. O seu primeiro foral Penha Garcia recebeu em 1256 das mãos de D. Afonso III. Em 1303, quando foi doada à Ordem do Templo por D. Dinis, já existia aqui o castelo.⁴⁶⁷ Com a criação da Ordem de Cristo em Penha Garcia foi instituída uma comenda dessa Ordem com residência de um comendador. Pelas notícias de Memórias Paroquiais, em 1758, o castelo de penha Garcia estava em algumas partes arruinado por intempéries.⁴⁶⁸</p> <p>Pertença: Comenda da Ordem de Cristo.</p> <p>Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: A inscrição nos <i>Tombos</i>, datada de 15 de Outubro de 1505, fala de construção de um novo cubelo com bombardeiras no extremo O da primeira cerca; além disso há referência aos novos telhados da cozinha e despensa no interior da praça. Passados quatro anos, na altura da visita de Duarte d'Armas o cubelo já se encontrava concluído, mas a cerca à qual ele era adossado precisava ainda não tinha ameias; a segunda cerca e o castelo estavam em boas condições. Não há provas documentais, mas as divergências entre os <i>Tombos</i> e o <i>Livro das Fortalezas</i> na descrição da torre de menagem fazem pensar na hipótese de esta também ter sido reconstruída.</p> <p>Comendador e alcaide-mor: João da Rosa (1481-1515).</p> <p>Estado atual: As muralhas do castelo foram alvo de trabalhos de restauro no século XX, do decorrer dos quais foi aberta uma entrada do lado sul servida por uma nova escada de acesso. No interior da praça persistem a cisterna e as ruínas de construções que coincidem com a planta de Duarte de Armas. A torre de menagem e as construções que se encontravam nos espaços das liças já não existem.</p>		
<p>Livro das Fortalezas: planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl.127.</p>	 <p>Vista da banda do oeste (SO), fl.59.</p>	 <p>Vista da banda do leste (E), fl.60.</p>
<p>Casas⁴⁶⁹: Total – cinco; Com sobrados – não há; Só térreas – cinco.</p> <p>Localização: Liça do lado S entre a 1ª e 2ª cerca – duas casas em fila; Canto SO da 2ª cerca –</p>	<p>Descrição (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Fortalezas: Duas casas situadas na liça do lado S estão ligadas entre si por uma porta interior aberta na parede S da primeira casa, que tem a porta de entrada virada a O (correspondem à estrebaria e ao palheiro; <i>Tombos</i>). A casa isolada que se encontra por trás</p>	<p>Elementos estruturais (segundo os <i>Tombos</i> e o <i>Livro das Fortalezas</i>): As casas não são visíveis nos desenhos. Coberturas: de telha e de cortiça; Separadas: sim;</p>

⁴⁶⁶ Não é conhecida a data de construção deste castelo, na vasta lista de castelos intervencionados ou levantados de raiz no reinado de D. Dinis, o de Penha Garcia não está incluído, o que é justo se ele foi erguido no reinado de D. Afonso III.

⁴⁶⁷ ANTUNES, A. Pires, *Penha Garcia na Ordem de Cristo*. In CARDOSO, J. Ribeiro (dir.), *Subsídios para a História Regional da Beira Baixa*. Edição da Junta Provincial da Beira Baixa, 1950, pp. 338-339.

⁴⁶⁸ ANTUNES, A. Pires, *Penha Garcia na Ordem de Cristo*. P. 345.

⁴⁶⁹ Nos *Tombos* não há indicações sobre a existência de uma cisterna. Eventualmente, a cisterna poderia ser construída durante quatro anos que separam uma fonte de informação da outra. Na planta de Duarte d'Armas não aparece o forno mencionado nos *Tombos*, e que deveria estar no espaço formado pela segunda cerca.

<p>uma casa isolada.</p> <p><u>Praça:</u> Muralha E – duas casas em fila, Muralha N – cisterna; No centro da praça – não há construções.</p> <p><u>Aproveitamento de muralhas:</u> As duas casas e cisterna são adossadas às muralhas.</p> <p><u>”Espaços verdes”:</u> não há.</p>	<p>do cubelo, no angulo SO da segunda cerca, tem porta virada a N (corresponde à casa do celeiro; <i>Tombos</i>). À esta casa corresponde a cobertura de telha de duas águas, visível no desenho <i>da banda do oeste</i>.</p> <p>No interior da praça há três casas que, em forma de L, ocupam parte das muralhas N e S e todo comprimento da muralha E. Todas casas têm entradas individuais viradas a O (duas casas adossadas à muralha E correspondem à cozinha e à despensa; <i>Tombos</i>. A terceira casa é a cisterna).⁴⁷⁰</p> <p>No desenho <i>da banda do leste</i>, é perceptível um balcão na muralha N. Segundo os desenhos mostram e os <i>Tombos</i> indicam, <i>da parte de aguião vai uma grande fraga e muito ingreme à maravilha</i>, o que significa que a presença de balcão com matacão aqui é desnecessária, por isso deve ser uma latrina.</p>	<p><u>Comuns:</u> não há informação; <u>Tetos forrados:</u> um, do celeiro. <u>Portas (apenas casas):</u> seis, todas em arco; <u>Exteriores:</u> cinco; <u>Interiores:</u> uma. <u>Janelas:</u> não há. <u>Escadas:</u> não há. <u>Chaminés:</u> não há. <u>Chão com soalho:</u> um, no celeiro.</p> <p><u>Mobiliário:</u> não há informação.</p>
--	---	--

Descrição nos Tombos⁴⁷¹:

Primeiramente tem a dita Comenda um castelo que está em uma fraga sobre uma serra muito alta que se chama a serra do Ramilo e é nesta maneira:

Da banda do sul tem uma cerca baixa de pedra e barro ameçada com um portal e duas portas e chega de uma ponta de fraga até a outra em redondo quanto é desta banda do sul; e no cabo dela contra o poente se faz ora um cubelo de pedra e barro rebocado com cal e suas bombardeiras, a qual cerca faz dentro um terreiro e nele está uma casa de estrebaria que leva sete varas de longo e quatro de largo e tem um repartimento que serve de palheiro, quatro varas e meia de longo e quatro de largo, as paredes de pedra e barro e cobertas de cortiça e madeiradas de carvalho.

Subindo logo mais acima vai outra tal cerca, porem pequena e do mesmo teor, com seu portal e portas e tem um forno a um canto: E logo mais acima tem outra entrada com seu portal e portas e junto do dito portal, à mão sestra, tem uma casa térrea solhada sobre traves, as paredes de pedra e barro rebocadas de cal forrada de bom olivel de castanho sobre as asnas e coberta de telha. Esta casa serve de celeiro e tem as quinas reais em uma pedra sobre a porta.

E logo mais acima vai outra entrada de parede de pedra e barro e com seu portal e portas contra o norte. E mais acima está a entrada da fortaleza com um portal e ruins portas e logo um terreno muito pequeno e à mão direita dele está uma torre de menagem pequena as paredes de pedra e barro rebocadas de cal e leva de largo duas varas e meia e duas de largo.

A sua altura será uma lança de armas pouco mais e tem dois sobrados.

E tem uma cerca pequena de bom muro ameçada, as paredes de pedra e barro rebocadas de cal com um peitoril da parte de dentro sobre duas casas que aí vão dentro e seu andaime que anda duas partes do muro: ao levante e sul e a torre está ao poente. E da parte de aguião vai uma grande fraga e muito ingreme à maravilha. Uma das ditas casas que as que estão dentro da dita cerca serve de cosinha e leva cinco varas de longo e quatro de largo, e a outra serve de dispensa e leva seis varas de longo e cinco e meia de largo, as paredes de pedra e barro e barradas por cima sobre ripas grossas e bastas e madeiradas de carvalho e cobertas de novo de

⁴⁷⁰ Atualmente a disposição dessas construções é diferente. As ruínas que correspondem à cozinha e à despensa estão separadas da casa da cisterna e há mais uma porta de entrada rasgada em muralha E.

⁴⁷¹ ANTUNES, A. Pires, *Penha Garcia na Ordem de Cristo*. Pp. 349-350.

telha.

Torre de menagem:

Descrição nos Tombos: *E mais acima está a entrada da fortaleza com um portal e ruins portas e logo um terreno muito pequeno e à mão direita dele está uma torre de menagem pequena as paredes de pedra e barro rebocadas de cal e leva de largo duas varas e meia e duas de largo.*

A sua altura será uma lança de armas pouco mais e tem dois sobrados.

Informação do Livro das Fortalezas: *esta torre de menagem tem três vãos e fundada sobre penedim de altura 11v e grossura 3p; a torre tem planta hexagonal, está enquadrada no angulo NO, a parede mais comprida tem 4v, outras duas têm 3 v cada, e para restantes paredes não estão indicadas as medidas. Segundo os desenhos, as paredes da torre são segas.*

Estado atual: esta torre de menagem já não existe.

Elementos estruturais

(segundo os Tombos e o Livro das Fortalezas):

Cobertura: não há informação;

Tetos forrados: não há;

Vãos: três;

Com abóboda: não há.

Janelas: não há.

Portas: quatro;

Exteriores: uma, em arco;

Interiores: três.

Escadas: quatro;⁴⁷²

Exterior: uma;

Interior: três.

Chaminés: não há.

Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: Este castelo não tinha outras torres, além da torre de menagem.

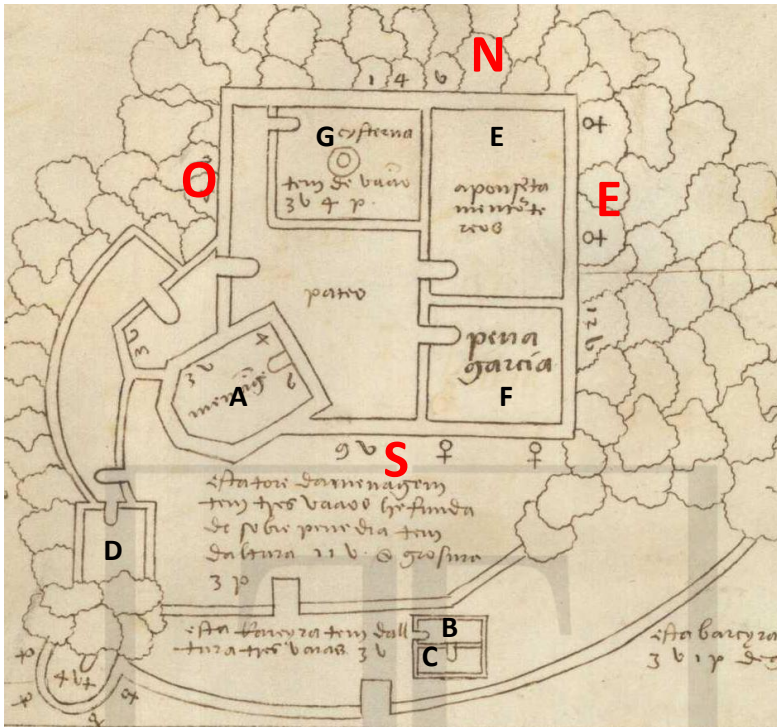
Materiais de construção:

Informação de Tombos: Uso de pedra irregular e argamassa em todos os tipos de construções; de madeira para estruturas das coberturas, soalho, forro de teto, portas; de telha e cortiça para coberturas.

Elementos decorativos: *as quinas reais em uma pedra sobre a porta do celeiro.*

Informação suplementar:

⁴⁷² Calculando o número de escadas partimos do pressuposto que o castelo foi construído por Templários, a torre de menagem tem porta de acesso ao nível do primeiro andar, provavelmente servida por uma escada móvel, e no interior da torre há mais três escadas de acesso ao piso térreo, ao segundo sobrado e à cobertura.



**Castelo de Penha Garcia.
Localização, funções e
dimensões das casas,
segundo os Tombo.**

- A - torre de menagem:
 - primeiro sobrado } = 29m²
 - segundo sobrado }
 B - estrebaria, 7v x 4v (33.88m²);
 C - palheiro, 4v x 4v (19.36m²);
 D - celeiro;
 E - cozinha, 5v x 4v (24.2m²);
 F - despensa, 6v x 5.5v (39.93m²);
 G - cisterna (não está indicada nos Tombo).

NOTA: As descrições e as dimensões da torre de menagem apresentadas nos Tombo e no Livro das Fortalezas são diferentes. Considerando as dimensões do embasamento da torre, achamos que Duarte d'Armas apresentou números mais próximos à realidade. Baseando-nos nesses números, calculamos a área útil de cada vão como área de um retângulo.

24. Monsanto

Localização: Beira Baixa, Distrito de Castelo Branco, Conselho Idanha-a-Nova, União de Freguesias de Monsanto e Idanha-a-Velha.

Anos de construção e intervenções posteriores: As vastas terras da antiga Egitânia foram entregues para povoamento e defesa à Ordem do Templo, em 1165, por D. Afonso Henriques. Em 1171 o castelo de Monsanto já se encontrava construído. Em 1172, por razão desconhecida, D. Afonso Henriques retirou o castelo da Ordem do Templo e entregou o à Ordem de Santiago. Em 1174, o castelo e a povoação integram os bens da Coroa, neste ano foi concedido o primeiro foral à povoação de Monsanto, mas a região na altura encontrava-se praticamente desabitada.⁴⁷³ O foral de Monsanto foi confirmado por D. Sancho I, em 1190; por D. Afonso II, em 1217. D. Sancho II mandou repovoar Monsanto e reedificar o castelo, que também foi intervencionado nos reinados de D. Fernando, D. João I e D. Manuel. O foral novo que elevou a povoação ao estatuto de vila foi concedido a Monsanto por D. Manuel em 1510.⁴⁷⁴ O castelo foi fortemente intervencionado no início do século XIX (ver a Informação complementar); a torre de menagem foi completamente destruída pela forte explosão do paiol de pólvora instalado no interior dela, no início da segunda década do século XIX.⁴⁷⁵

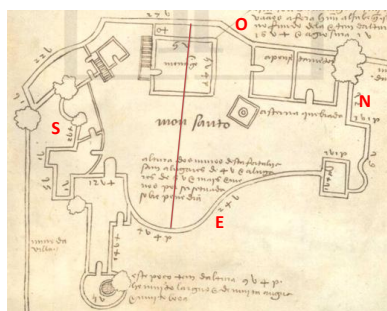
Pertença: Coroa.

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: as muralhas do castelo, torres, cercas da vila encontravam-se em bom estado sem sinais de degradação.

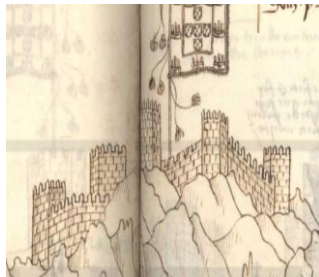
Alcaide-mor: D. Pedro de Castro (1496-1529); 3º Conde de Monsanto.

Estado atual: A cerca da vila e as muralhas do castelo encontram-se em bom estado, no interior do castelo são visíveis fundações de construções que aqui foram feitas no início do século XIX, mas a localização delas corresponde à planta de Duarte de Armas.

Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.127.



Vista da banda do leste (E), fl.61.



Vista da banda do norte (N), fl.62.

Por causa das intervenções do século XIX, a planta atual da alcáçova não corresponde à de Duarte de Armas. Um penedo grande por cima do qual estava construída a torre de menagem divide-a em duas partes. Indicamos esta divisão com linha vermelha.

Casas:

Total – seis;

Com sobrados – sim;

Só térreas - sim.

Localização:

Descrição (segundo o Livro das Fortalezas):

Na parte S da praça encontram-se quatro casas, três delas adossadas a muralha S. A primeira casa, a partir da entrada do castelo, tem duas portas, uma exterior, virada a N, outra interior, virada a SO, que dá acesso à segunda casa. A terceira casa tem duas portas exteriores: uma, virada a NE, que dá acesso ao piso térreo;

Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas):

Coberturas: não há informação.

Portas (apenas casas): sete, todas em arco (visíveis na planta);

Exteriores: seis;

Interiores: uma.

Janelas: duas, em arco (vista da banda do norte).

⁴⁷³ NUNES, António Lopes Pires, *O Castelo de Monsanto da Beira. Cesto de gávea em nave de pedra*; in *Cadernos de Património Cultural da Beira Baixa*. Idanha-a-Nova, 2001, pp. 9-10.

⁴⁷⁴ ALMEIDA, João de; *Reprodução anotada do Livro das Fortalezas de Duarte Darmas*. Pp. 227-228.

⁴⁷⁵ NUNES, António Lopes Pires, *O Castelo de Monsanto da Beira*. P. 39.

<p>Muralha S – três, em fila; Muralha O – duas casas em fila; No centro da praça – uma casa isolada na parte S, e <i>cisterna quebrada</i> na parte N.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: Cinco das seis casas estão adossadas às muralhas S e O. Os sobrados das casas da muralha O estão construídos por cima do adarve.</p> <p>“Espaços Verdes”: não há.</p>	<p>outra, virada a NO e servida por uma escada exterior com patamar, dá acesso ao sobrado. Do outro lado da escada encontra-se a quarta casa, isolada e com entrada virada a NE.</p> <p>Na parte N da praça há duas casas adossadas à muralha O, as casas têm entradas individuais, a da primeira está virada a S, e a da segunda- a E. Embora não estão indicadas como sobradadas, segundo a vista <i>da banda do norte</i>, a essas casas correspondem duas janelas em arco abertas acima do nível do adarve.</p>	<p>Escadas: uma, exterior Chaminés: não há.</p>
<p>Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: <i>esta tore da menagem tem tres vaaos a fora huu aljube que esta no fundo dela e tem daltura 16 v+ e agrosura 1v; a torre tem 5v x 5v4p de lado; porta de acesso servida por uma escada exterior adossada à parede S; há duas frestas ao nível do piso superior, rasgadas nas paredes N e O.</i> A torre encontrava-se por cima de um penedo grande. Segundo informação de Duarte d’Armas, no fundo dela havia um aljube. A área ocupada pela torre, que supera a da superfície do penedo, e a diferença de 20 palmos (cerca de 4m) entre a sua altura exterior e interior, sugerem que, pelo menos, uma das suas paredes descia abaixo do penedo, formando um piso térreo com espaço muito exíguo e onde, provavelmente se encontrava o dito aljube. O mais seguro que era a parede N, que se encontra do lado onde o penedo é menos ingreme e onde nele há marcas e ranhuras de fixação e que descem até a cota do solo. Estado atual: esta torre já não existe.</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas): Cobertura: não há informação. Vãos: três; Com abóboda: não há. Janelas: não há informação. Frestas: duas (visíveis no desenhos <i>da banda do norte</i>). Portas: quatro; Exteriores: duas; uma em arco (visível na planta); Interiores: duas. Escadas: quatro; Exterior: uma; Interior: três. Chaminés: não há.</p>	
<p>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: A segunda torre deste castelo não é visível nos desenhos. Tinha a planta retangular com 1v4p x 2v1p de lado, e acesso a partir do adarve. Não há outras informações.</p>		
<p>Materiais de construção: Silhares de granito usados na construção de muros, escadas, formação de portas, fundações de casas, cisterna.</p>		
<p>Elementos decorativos: Na parede E do baluarte que protege a Porta da Vila ainda está visível uma esfera armilar.</p>		
<p>Informação suplementar:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Durante quase trezentos anos (1460-1745) a vila de Monsanto foi a cabeça de um condado. O primeiro a receber este título das mãos de D. Afonso V, em 1460, foi D. Álvaro de Castro. O seu filho varão morreu sem descendência e o título passou para sua filha D. Joana de Castro, senhora das vilas de Monsanto, Castelo Mendo e outras, que se casou com D. João de Noronha. O filho deles, D. Pedro de Castro, foi o terceiro 		

conde de Monsanto e alcaide-mor do seu castelo. O título foi extinto em 1745 por morte de último herdeiro.⁴⁷⁶

2. O castelo de Monsanto e a cerca da vila medieval foram gravemente intervencionados no início do século XIX, quando várias das suas torres foram demolidas para aproveitamento de pedra na construção de novas linhas de defesa. Na torre de menagem (uma das mais antigas de Portugal) foi instalado um paiol de pólvora, ao lado dela, no lugar de duas casas indicadas na planta de Duarte de Armas como *apousentamentos*, foi construído um hospital. Tanto a torre, como o hospital foram completamente destruídos por explosão deste paiol que ocorreu entre 1813 e 1815. No relatório do major do Real Corpo de Engenheiros, Eusébio Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado, datado de 1813, está escrito: *Este castelo domina toda a montanha e não é abordável com comodidade se não pelo lado da porta principal e daquela chamada das sortidas, oposta à primeira. Tem as suas muralhas perpendiculares, revestidas interior e exteriormente de cantaria lavrada muito bem ligadas e sólidas. Tem de grossura de 9 a 10 palmos até a altura dos parapeitos que têm de 3 a 4 palmos de grossura. Os seus perfis variam segundo as desigualdades dos penedos em que estão assentados.*

Tem o castelo duas entradas a primeira e principal que olha para a vila e a segunda fronteira a esta. A primeira coberta por um tambor, em roda do qual construí uma banquetta ou andaime para mosqueteria e fora da porta deste tambor estabeleci sobre a calçada 3 baterias para mosqueteria dominantes umas as outras e que servem para proteger a retirada dos defensores da vila e bater a mesma calçada, sendo este o ponto por onde parece que naturalmente o inimigo dirigirá com mais comodidade os seus ataques.

Além destes fogos exteriores construí na distancia de 168 palmos no terreno mais alto do interior do castelo uma bateria paralela à muralha da entrada apoiada de um e outro lado a penedos, e nela servem duas canhoneiras (...) esta bateria tem uma altura regular de 15 palmos, a sua grossura é de 10 palmos e do parapeito é de 4, tudo revestido interior e exteriormente de cantaria, e de um o outro lado sobre os rochedos estabeleci parapeitos e muralha que ligam os intervalos dos mesmos penedos, ficando desta maneira inteiramente fechada toda a comunicação com o interior do castelo, que portanto não pode ser entrado por lado algum sem ser por escalada. (...) A igreja serve de depósito de víveres, é assás espaçosa e cómoda para este fim. Tem água nativa mui abundante e de excelente qualidade, e não há notícia de se ter jamais exaurido.

*Dentro da pequena cidadela se vêem os edifícios que servem de depósito da pólvora que é uma grande torre quasi quadrada e qujas muralhas têm 8 palmos em toda a sua grossura, a sua altura exterior é de 50 palmos e a interior é de 70, foi dividida em três pavimentos mui sólidos e neles se acham recolhidas todas as munições. (...) Junto a Hospital há uma cisterna bem vedada que tem um vão de 100 palmos cúbicos, para onde estão encaminhadas todas as águas dos telhados. Além de uma porta nova que fecha esta cidadela, e mui sólida, construí na sua frente em toda a sua largura um travéz de cantaria, é fechado com uma forte barreira, cuja comunicação é feita por uma ponte levadiça.⁴⁷⁷ Passados dois anos, em 1815, Maximiliano José Serra, autor de "*Plantas de Fortes e Fortalezas do Norte de Portugal*", desenhou a planta do castelo de Monsanto na qual está escrito, sob a letra G – "*penedo onde existia o paiol*".⁴⁷⁸*

3. Os dados de Numeramento de 1527: a vila com arrabaldes tinha 356 fogos; o seu termo tinha 138 fogos.⁴⁷⁹

⁴⁷⁶ NEVES, Vitor M. L. Pereira, *As Aldeias Históricas de Monsanto e Idanha-a-Velha, Castelo Novo e Penha Garcia*. 2ª Edição. Alpiarça, 2010, p.92.

⁴⁷⁷ O texto desta carta encontra-se na versão mais completa in GOMES, Rita Costa; *Castelos da Raia. I – Beiras*. Lisboa: IPPAR, 1996, pp. 105-106; e na versão mais recortada in NUNES, António Lopes Pires, *O Castelo de Monsanto da Beira*. Pp. 27-28

⁴⁷⁸ NUNES, António Lopes Pires; *O Castelo de Monsanto da Beira*. P. 39.

⁴⁷⁹ GALEGO, Júlia, DAVEAU, Suzanne; *O Numeramento de 1527-1532*. Pp. 103 e 107.

25. Penamacor.

Localização: Beira Baixa, Distrito de Castelo Branco, Concelho de Penamacor, Freguesia de Penamacor.

Anos de construção e intervenções posteriores: O seu primeiro foral a vila de Penamacor recebeu de D. Sancho I, em 1209, embora o seu castelo poderia ser construído por Templários ainda antes do início do século XIII. No reinado de D. Dinis foi remodelado o castelo, acrescentados balcões com matacães, alargada a cerca da vila. Nos finais do século XIV, início do XV foram construídas barbacãs das portas. Aos meados do século XV, no reinado de D. Afonso V, foi construída a segunda cerca da vila com cubelos e barbacã. No início do século XVI foi iniciada a construção da torre de menagem, remodeladas as muralhas da cerca e do castelo com abertura de troneiras.⁴⁸⁰ Em 1497, Penamacor recebeu segundo foral com confirmação de todos privilégios das mãos de D. Manuel, que no ano seguinte confirmou que a vila para sempre pertencerá à coroa.⁴⁸¹ No reinado de D. Afonso V a vila de Penamacor foi elevada a cabeça de um condado cujo primeiro titular foi D. Lopo de Albuquerque. No início do século XVIII a vila ainda tinha o “vistoso castelo que foi construído por D. Gualdim Pais”.⁴⁸²

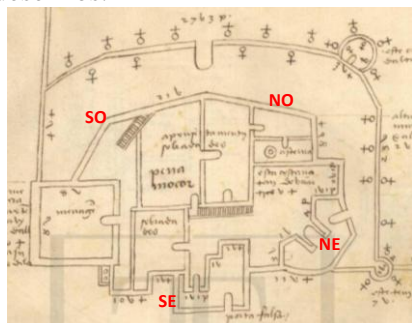
Pertença: Coroa.

Estado na altura da visita de Duarte d’Armas: o castelo e a cerca da vila encontravam-se em bom estado; a torre de menagem ainda não estava terminada; a barbacã da vila estava arruinada.

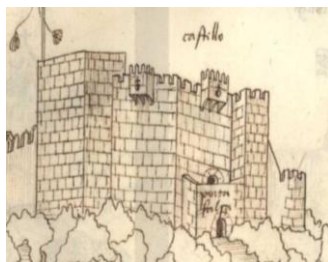
Alcaide-mor: João Rodrigues Ribeiro (1499-1539).

Estado atual: No local do castelo persiste apenas a torre de menagem.

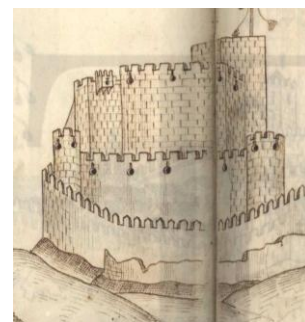
Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.127 vº.



Vista da banda do sul (SO), fl.63.



Vista da banda do norte (NE), fl.64.

Casas:

Total – cinco;
Com sobrados – sim;
Só térreas – sim.

Localização:

As casas são contíguas e atravessam a praça no sentido O-E.

Muralhas SO e NO - quatro casas em fila;

Muralha SE - uma casa, paredes-meias com primeira casa da muralha SO.

Aproveitamento de muralhas:

Todas as casas são adossadas às muralhas.

Descrição (segundo o Livro das Fortalezas):

A esquerda da porta falsa, para quem entra, encontra-se a casa adossada à muralha SE, é indicada como sobradada, tem porta virada a NE, e do lado O é meia-parede com a primeira das casas adossadas às muralhas SO e NO.

A primeira e segunda casa deste lado também estão indicadas como sobradadas. A primeira casa tem porta exterior no sobrado, virada a E, e servida por uma escada exterior adossada à parede E da segunda casa. As duas estão

Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas):

As casas não são visíveis nos desenhos.

Coberturas: não há informação.

Portas (apenas casas): seis (visíveis na planta), todas em arco;

Exteriores: três;

Interiores: três.

Janelas: não há informação.

Escadas: duas;

Exterior: uma;

Interior: uma que deve

⁴⁸⁰ NUNES, António Carlos Pires, *Castelos Templários da Beira Baixa*. P. 63.

⁴⁸¹ SILVA, Joaquim Candeias da, *Penamacor ao tempo de expansão ultramarina (séculos XV à XVII)*. In *Penamacor: 800 Anos de História*. Câmara Municipal de Penamacor, 2009, p. 61.

⁴⁸² COSTA, António Carvalho (Padre), *Corografia Portuguesa...* Tomo II, pp. 403-404.

<p>“Espaços verdes”: não há.</p>	<p>ligadas por uma porta interior. A segunda casa tem mais duas portas: uma exterior, por baixo da escada que dá acesso ao piso térreo, e outra interior, aberta na parede N, que dá acesso à terceira casa deste lado. A partir dessa última, por uma porta interior virada a E, entra-se para casa da cisterna.</p>	<p>estar no interior da casa adossada à muralha SE.</p>
<p>Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: <i>esta torre da menagem non era acabada no tempo que eu avy e estaua ja daltura 14v+ e tem degrosura ho muro dela 2v+;</i> a torre tem 8v de lado, não está ameçada; a porta de acesso em arco está virada a E, não tem janelas ou frestas. A torre encontra-se enquadrada no angulo S na praça e não tem ligações com outras casas. Estado atual:⁴⁸³ A torre foi construída por cima de uma rocha granítica que lhe serve de embasamento, tem paredes feitas de silhares de granito e com grande desnível entre alçado nascente (cerca de 15 m em altura) e poente (cerca de 22 m de altura) A porta da entrada, em forma de arco abatido, encontra-se ao nível do primeiro andar e deveria ter acesso por uma escada amovível, atualmente é servida por uma escada de ferro de dois lances. A cobertura em eirado é rodeada por machicoulis. A torre tem três vãos, o inferior (térreo) encontra-se fechado. Na parede O, ao nível do primeiro andar, há uma seteira, e na parede S, ao nível do segundo andar está rasgada uma janela de verga reta.</p>		<p>Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas): Cobertura: não há. Vãos: não há informação. Janelas: não há. Portas: uma, exterior, em arco. Escadas: não há informação. Chaminés: não há.</p>
<p>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: Este castelo não tinha outras torres, além da torre de menagem.</p>		
<p>Materiais de construção: Silhares de granito na construção da torre de menagem e muralhas do castelo.</p>		
<p>Elementos decorativos: pedra de armas em cima da porta da torre de relógio; uma moldura com corda esculpida, já muito gasta em cima da porta da torre de menagem; o brasão de D. Manuel ladeado por esferas armilares na parede N da torre de menagem.</p>		
<p>Informação suplementar: Dados de <i>Numeramento de 1527</i>: a vila de Penamacor com arrabaldes tinha 446 fogos; o seu termo tinha 418 fogos.⁴⁸⁴</p>		

⁴⁸³ Site de SIPA, consultado em Dezembro de 2016.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=844

⁴⁸⁴ GALEGO, Júlia, DAVEAU, Suzanne; *O Numeramento de 1527-1532: tratamento cartográfico*; Centro de Estudos Geográficos; Lisboa; 1986. P. 103 e 107.

26. Sabugal.

<p>Localização: Beira Alta, Distrito de Guarda, Concelho de Sabugal, União de Freguesias de Sabugal e aldeia de Sto. António.</p> <p>Anos de construção e intervenções posteriores: O concelho de Sabugal foi criado por Afonso IX de Leão entre 1209 e 1217, provavelmente nessa altura foi construído o castelo primitivo.⁴⁸⁵ A primeira notícia documental do castelo e da vila de Sabugal data de 1224 (encontro de D. Sancho II com Fernando III de Castela). Em 1296, Sabugal foi conquistado por D. Dinis e sua integração definitiva no reino de Portugal, junto com outras vilas e castelos de Riba Côa, foi feita em 1297 com Tratado de Alcañices.⁴⁸⁶ O antigo castelo de Sabugal foi completamente remodelado no reinado de D. Dinis.⁴⁸⁷ No reinado de D. Manuel foi construída uma barbacã extensa dotada de troneiras e reforçada na entrada do castelo.⁴⁸⁸</p> <p>Pertença: Coroa.</p> <p>Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: o castelo com suas torres e barbacã encontravam-se em bom estado, a cerca e barbacã da vila apresentavam fortes sinais de degradação.</p> <p>Alcaide-mor: D. Diogo de Castro (1485-1539).</p> <p>Estado atual: O castelo foi alvo de trabalhos de restauro realizados pela DGEMN nos anos 40 do século XX⁴⁸⁹. As muralhas, torres, escadas e barbacã a volta do castelo encontram-se em muito bom estado de conservação, foi desentapada a porta falsa e a ruína de cisterna; das restantes construções outrora existentes no interior da praça não há vestígios. Nas últimas décadas foram feitos no interior da praça trabalhos de adaptação do espaço à realização de eventos (construção de palco, anfiteatro, instalações sanitárias).</p>		
<p>Livro das Fortalezas: planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl.127vº.</p>	 <p>Vista da banda do oeste (O), fl.65.</p>	 <p>Vista da banda do leste (E), fl.66.</p>
<p>Casas: Total – dez; Com sobrados – sim; Só térreas – sim.</p> <p>Localização: Muralha SE- uma casa isolada (capela); Muralha SO – cinco casas em fila; uma casa no canto O; Muralha NO – casa do canto O; cisterna; Muralha NE – três casas em</p>	<p>Descrição (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): A mão esquerda de quem entra na praça, encontra-se a capela, separada da muralha SE por escada de acesso à entrada da torre de menagem. É uma casa isolada com entrada virada a NO. A seguir, a esquerda, há uma fila de cinco casas, separadas da muralha SO por escadas de acesso ao adarve. Todas têm</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): As casas não são visíveis nos desenhos. Coberturas: não há informação. Portas (apenas casas): dez, exteriores, todas em arco (visíveis na planta). Janelas: não há informação.</p>

⁴⁸⁵ CRUZ, Manuel Braga da, *Castelo Rodrigo e o Convento de Sta. Maria de Aguiar*. Edição do autor. 2006, pp.22-24.

⁴⁸⁶ VAZ, João Luís, *Sabugal. Esboço de uma Monografia*. Viseu, 1979, p. 7.

⁴⁸⁷ BARROCA, Mário Jorge, *D. Dinis e a arquitectura militar portuguesa*. Pp. 814-815.

⁴⁸⁸ BARROCA, Mário Jorge, *Tempos de resistência e de inovação...* Pp.101-102.

⁴⁸⁹ Boletim nº57, *Castelo de Sabugal*. DGEMN, 1949.

<p>fila; No centro da praça – um poço.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: A casa do canto O está adossada às muralhas NO e SO; a cisterna está adossada à muralha NO.</p> <p>“Espaços verdes”: não há.</p>	<p>entradas individuais, viradas a NE; a segunda casa está indicada como <i>apousentamentos sobradados</i>.</p> <p>No canto O encontra-se uma casa adossada às muralhas SO e NO, com porta de entrada virada a SE, ao lado dela há uma cisterna ou um poço com casa adossada à muralha NO, a volta da cisterna passa a escada de acesso à porta de tração.</p> <p>Ao longo da muralha NE, mas afastada dela, há uma fila de três casas com entradas individuais, viradas a SO.</p>	<p>Escadas: não há informação.</p> <p>Chaminés: não há informação.</p>
<p>Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: <i>esta torre da menagem tem tres vaaos e tem daltura 24v1p e agrosura do muro dela 2v1p</i>. A torre é adossada pelo lado exterior à muralha SE do castelo; a parede deste lado tem 8v de comprimento, outras quatro paredes medem 6.5v; em cada uma das cinco faces há um balcão com maticões ao nível do 3º vão; nas paredes NO e SO estão abertas frestas ao nível do segundo andar; nas outras três paredes (S, E e NE) as frestas estão abertas em dois níveis – no primeiro e no segundo andar. A porta de acesso está rasgada ao nível do adarve na parede NO, é servida por uma escada com um largo patamar em cima. A torre de menagem não tem ligações com outras casas da praça.</p> <p>Estado atual: Do lado exterior a torre está dividida em três registos: ao primeiro correspondem a porta de entrada rasgada na parede NO e uma fresta na parede E, no tímpano da qual, em baixo-relevo, estão esculpidas cinco quinas de Portugal; ao segundo registo correspondem quatro frestas rasgadas nas paredes E, S, NO e SO; ao terceiro – cinco balcões com maticões, um em cada face da torre. Na parede S, em cima do balcão, há uma gárgula de forma zoomórfica. A entrada encontra-se ao nível do adarve e tem acesso por uma escada adossada à muralha SE em frente da torre. A porta de entrada em forma de <i>sholder arch</i> tem o enalço onde, em baixo-relevo, são esculpidas cinco quinas de Portugal. A entrada tem cobertura em abóboda de berço. Atualmente o interior da torre está dividido em dois andares, ambos cobertos por abóbodas, construídas já depois da visita de Duarte de Armas, em 1512, por mestre João Ortega.⁴⁹⁰ O primeiro andar tem abóboda sextavada, com nervuras boleadas apoiadas em colunas. Para segundo andar leva uma escada de pedra apoiada em meio arco e com porta de alçapão, provavelmente também feita na altura da construção das abóbodas. O segundo andar é coberto por uma abóboda de cinco nervuras apoiadas em mísulas decoradas com motivos geométricos. As chaves de duas abóbodas têm brasão de Portugal circunscrito por uma corda. A meia altura do segundo andar está feita uma galeria, em estrutura metálica e madeira, a partir da qual há acesso aos balcões com maticões e, por uma escada de ferro, ao eirado da torre rodeado por ameias piramidais.</p>		<p>Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas):</p> <p>Cobertura: não há informação.</p> <p>Vãos: três;</p> <p>Com abóboda: não.</p> <p>Janelas: não há.</p> <p>Frestas: oito;</p> <p>Portas: nove (incluimos aqui cinco portas de acesso aos balcões);</p> <p>Exteriores: sete;</p> <p>Interiores: duas;</p> <p>Em arco: uma (visível na planta e no desenho <i>da banda do oeste</i>);</p> <p>De verga reta: não há informação.</p> <p>Escadas: quatro;</p> <p>Exterior: uma, também serve de acesso ao adarve;</p> <p>Interior: três.</p> <p>Chaminés: não há.</p>

⁴⁹⁰ Site de SIPA consultado em Dezembro de 2016.
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2961

Outras torres com funções habitacionais ou de serventias:

Embora todas as torres deste castelo têm coberturas de telha armadas em quatro águas, e a torre E tinha três vãos com frestas abertas em dois deles (atualmente todas as torre são maciças até ao nível do adarve), todas elas se encontravam afastadas das casas da praça e não nos parece que exerciam funções residenciais ou de serventia, exceto ligada à atividade militar.

Materiais de construção:

Pedra irregular e argamassa na construção de maior parte das muralhas, torres e escadas; silhares de granito para reforço dos cunhais, formação de portas e frestas, construção de algumas paredes de torres (principalmente as partes acima do adarve), balcões com matacães; madeira para fabrico de portas.⁴⁹¹

Elementos decorativos:

As impostas da porta de entrada da torre de menagem são frisadas; nos tímpanos da fresta do lado E e em cima da porta são esculpidas cinco quinas reais; as chaves de abóbodas têm brasões de Portugal circunscritas por uma corda, as nervuras das abóbodas são boleadas; as colunas do primeiro andar têm capitéis de gola dupla e bases retangulares com lóbulos; as mísulas do segundo andar são decorados com motivos geométricos

Informação suplementar:

1. **Memórias Paroquiais:** *“Tem esta villa hũ recinto de muros de cantaria que ja em algumas partes se acham arruinados dentro dos quais está situada quasi a terça parte della, e na parte que ella olha para o poente se acha situado o Castello cuja fortificação consta de hũ muro que o rodea por toda a parte com seo fosso por causa do qual havia hũa ponte levadiça para se entrar pella porta della.// Cercado deste muro distante 4 varas e meia se acha outro muro muito alto com quatro baluartes que cercam hũ plano que tem 36 varas de comprimento e 25 de largura dentro do qual havia muitas casas que serviam de armazens, de quartéis, corpos de guarda e para moradia do Alcayde Mor; e se achavam tambem dentro do dito recinto forno, atafona, e outras ofecinas, e finalmente hũ poço coadrado de excelente cantaria na mesma, ou da maior altura que a da torre de omenagem na qual vem a finalizar por hũ e por outro lado o dito muro pella parte que ella olha para o nascente e assim a dita torre como hũ e outro muro exepto as quinas he tudo de pedra piçarra ferrenha argamassada com hũa argamassa mais dura que a mesma pedra.// tem a torre de omenagem sinco quinas e de altura 25 varas e meya e tres e hũa terça de largura e aterrada quase the o meyo e dahi para sima tem tres andares o primeiro e ultimo de abobeda e de taboado o do meyo em o qual em cada face da dita torre se acha lançada para fora hũa varanda com seu parapeyto, e ameyas tudo de cantaria para dellas se palejar, e tem afirmado pessoas peritas na arte de fortificações que o dito castello era antigamente hũa das milhoras fortalezas do reyno; porem os sobrados e escadas de pao (madeira, eu) da dita torre se acham quasi inteiramente arruinadas como tambem quasi todas as casas e officinas que avia dentro do dito castello, e the o poço se acha bastantemente atopido.// Não padeceu ruína algũa no terremoto de 1755”.*⁴⁹²
2. Dados de *Numeramento de 1527* * (p.106): a vila intramuros tinha 96 fogos, o arrabalde – 127 fogos; o termo da vila tinha 804 fogos.

⁴⁹¹ Levantamento no terreno.

⁴⁹² JORGE, Carlos Henrique Gonçalves, *O Concelho de Sabugal em 1758. Memórias Paroquiais*. Edição da Associação Recreativa e Cultural dos Forcalhos, 1990, p.87.

27. Vilar Maior.

Localização: Beira Alta, Distrito de Guarda, Concelho de Sabugal, União de Freguesias de Aldeia de Ribeira, Vilar Maior e Badamalos.

Anos de construção e intervenções posteriores: A vila foi fundada por D. Afonso IX de Leão a volta de 1230. D. Dinis ocupou-a em 1296, o ano quando lhe concedeu o primeiro foral.⁴⁹³ Entrou definitivamente no domínio português, em 1297, com Tratado de Alcañices. D. Dinis mandou reparar o castelo que já era uma construção bastante antiga, e construir uma torre de menagem.⁴⁹⁴ No reinado de D. Manuel foi construída a barbacã a volta de todo castelo que incluiu uma forte barbacã da porta.⁴⁹⁵ Em 01.06.1510, D. Manuel concedeu o foral novo à vila.⁴⁹⁶ Segundo *Memórias Paroquiais*, em 1758; o castelo e todas as construções da praça não sofreram dano algum durante o terramoto de 1755, mas se encontravam em estado de ruína progressiva por falta de manutenção da parte do alcaide-mor Joaquim de José de Miranda.⁴⁹⁷

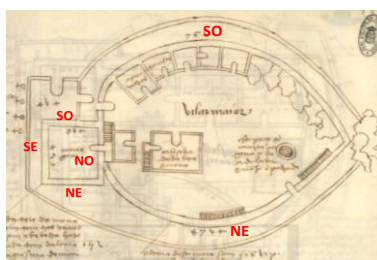
Pertença: Coroa.

Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: a torre de menagem e a barbacã do castelo encontravam-se em bom estado. As muralhas do castelo estavam bastante degradadas.

Alcaide-mor: Henrique Coreia.

Estado atual: As muralhas do castelo encontram-se em estado de degradação avançada; a torre de menagem não tem cobertura, nem pisos interiores; o poço, cuja boca ainda está bem visível no meio da praça, esta entulhado; em frente da torre de menagem estão a descoberto umas fundações que não correspondem a planta de Duarte de Armas. Provavelmente são mais tardias. Das outras construções (barbacã do castelo, barbacã da porta, casas no interior da praça) não há vestígios.

Livro das Fortalezas: planta, desenhos.



Planta, fl.128.



Vista da banda do surl (S), fl.67.



Vista da banda do norte (E), fl.68.

Casas:

Total – sete;
Com sobrados – sim;
Só térreas – sim.

Localização:

Muralha SO- cinco casas em fila;

Muralha NO – não há casas;

No centro da praça – duas casas isoladas, um poço.

Aproveitamento de muralhas:

Descrição (segundo o Livro das Fortalezas):

A direita da entrada do castelo, de quem entra, há uma casa isolada com entrada virada a NO, adossada à escada de acesso à torre de menagem.

Em frente dessa casa há outra, indicada como *casa sobradada boa enoua*, que tem duas entradas: uma do piso térreo, virada a SO; outra do sobrado, virada a SE, servida por uma escada exterior com patamar em cima e adossada à parede da

Elementos estruturais (segundo os Tombos e o Livro das Fortalezas):

Coberturas:

Separadas: sim;
Comuns: uma, de telha, em uma água;
Tetos forrados: não há informação.

Portas (apenas casas): oito, todas em arco;

Exteriores: sete;

Interiores: uma.

Janelas: não há

⁴⁹³ COSTA, António Carvalho (Padre), *Corografia Portuguesa...* Tomo II, p. 317.

⁴⁹⁴ BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. 1, p.341.

⁴⁹⁵ BARROCA, Mário Jorge, *Tempos de resistência e de inovação...* P. 99.

⁴⁹⁶ DIAS, Mário Simões, *Memórias de Beira Cõa*. Edição do autor. Coimbra, 1998, p. 96.


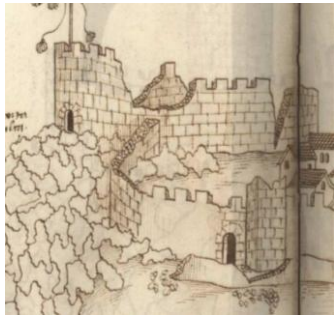

⁴⁹⁷ JORGE, Carlos Henriques Gonçalves, *O Concelho de Vilar Maior em 1758*.

<p>Cinco casas da muralha SO são adossadas à ela.</p> <p>“Espaços verdes”: não há.</p>	<p>casa.</p> <p>Das cinco casas adossadas à muralha SO, duas primeiras, a partir da entrada do castelo, e a última têm entradas individuais, todas viradas a NE. A terceira casa tem porta exterior virada a NE, e uma porta interior, virada a NO, que dá acesso à quarta casa. As duas primeiras casas são indicadas como <i>apousentamentos velhos</i>. A todas essas casas corresponde uma cobertura comum, de telha e armada em uma água, visível no desenho <i>da banda do norte</i>.</p> <p>O poço também encontra-se no centro da praça, perto da segunda porta do castelo.</p>	<p>informação.</p> <p>Escadas: uma, exterior.</p> <p>Chaminés: não há informação.</p>
<p><u>Torre de menagem:</u></p> <p><u>Informação do Livro das Fortalezas:</u> <i>esta torre da menagem tem três vãos e sem abóboda he telhada e tem daltura 15 v e a grossura do muro della 2v; a torre tem 6.5v de lado, cobertura de telha armada em quatro águas; frestas abertas em três níveis diferentes na parede SE, e em dois níveis (do 1º e 2º sobrados) nas paredes SO e NE; nas paredes SO e SE, ao nível da cobertura, há balcões com matacões feitos de madeira⁴⁹⁸. A porta da entrada é rasgada na parede NO e servida por uma escada adossada à muralha deste lado.</i></p> <p><u>Estado atual:</u></p> <p>Embora sem cobertura e sem pisos no interior, a torre encontra-se em bom estado de conservação. É uma construção feita em silhares de granito marcados por siglas de pedreiros, encostada à muralha do castelo pelo lado de fora, com tempo a torre afastou-se um pouco da muralha. Na parede SE, em moldura torneada, encontra-se o brasão de D. Dinis. A torre tem várias frestas abertas em três níveis: na parede SE há três frestas que correspondem ao piso térreo, primeiro e segundo sobrado, a do meio, maior de todas, tem uma moldura torneada que também é visível do lado interior da torre; na parede SO também há três frestas em três níveis; na parede NE há duas frestas que correspondem ao piso térreo e ao segundo sobrado, e do lado NO há uma, no segundo sobrado em cima da porta de entrada. A porta de entrada da torre tem forma de arco quebrado apoiado diretamente em ombreiras. No topo dessa parede, em cima da porta de entrada há buracos de dois encaixes que devem corresponder ao lugar onde se encontrava o balcão com matacões feito de madeira. No interior a torre era dividida em três vãos separados por estruturas em madeira que se apoiavam em fortes cachorros pétreos que ainda permanecem intactos. No piso térreo há três frestas que abrem para interior em arcos e terminam com lintéis em <i>sholder arch</i>. O acesso a este piso a partir do primeiro sobrado deveria ser por uma escada de madeira. No primeiro sobrado há duas frestas que abrem para interior em arcos plenos, a da parede SE é maior de todas existentes na torre, e tem três</p>		<p><u>Elementos estruturais</u> <i>(segundo os Tombos e Livro das Fortalezas):</i></p> <p><u>Cobertura:</u> de telha, em quatro águas;</p> <p><u>Tetos forrados:</u> não há informação.</p> <p><u>Vãos:</u> três;</p> <p><u>Com abóboda:</u> não.</p> <p><u>Janelas:</u> não há.</p> <p><u>Frestas:</u> sete (visíveis).</p> <p><u>Portas:</u> quatro;</p> <p><u>Exteriores:</u> duas;</p> <p><u>Interiores:</u> duas;</p> <p><u>Em arco:</u> uma, visível na planta;</p> <p><u>De verga reta:</u> não há informação.</p> <p><u>Escadas:</u> quatro;</p> <p><u>Exterior:</u> uma;</p> <p><u>Interior:</u> três.</p> <p><u>Chaminés:</u> não há.</p>

⁴⁹⁸ GAMEIRO, Pedro Maria Afonso de Matos, *O Semblante Original das Fortalezas Medievais de Portugal*. Anexo II, Reprodução do Códice B, fl. 22.

<p>degraus no interior; na parede NE estão fincados degraus da escada, feitos em lages de granito, todos intactos, que leva ao segundo sobrado.</p> <p>No segundo sobrado há três frestas que abrem para interior em arcos plenos; são inferiores em tamanho que as frestas de outros pisos; na parede SE encontra-se a segunda escada, igual a do primeiro sobrado, que dava acesso à cobertura.</p>	
<p><u>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias:</u> Este castelo não tinha outras torres, além da torre de menagem.</p>	
<p><u>Materiais de construção:</u> <u>Levantamento no terreno:</u> as muralhas do castelo, bastante mais antigas que a torre de menagem, foram construídas com uso da técnica de cofragem quando as paredes exteriores da muralha são feitas em silhares de granito e o interior é preenchido com pedra miúda. A torre de menagem também é feita em silhares de granito, mais regulares que os da muralha. O poço é feito com uso de pedra irregular e argamassa.</p>	
<p><u>Elementos decorativos:</u> o brasão de D. Dinis em moldura torneada na parede SE da torre de menagem; as impostas das duas portas de entrada do castelo, a principal e a do Sol, são decoradas com cortes horizontais; uma das frestas da torre de menagem tem moldura torneada do lado exterior; os lintéis das três frestas do piso térreo em forma de <i>sholder arch</i> do lado interior.</p>	
<p><u>Informação suplementar:</u> Os dados de Numeramento de 1527 *(p.107): a vila tinha 60 fogos e o seu termo -362 fogos.</p>	

28. Castelo Mendo

<p>Localização: Beira Alta, Distrito de Guarda, Concelho de Almeida, União de Freguesias de Castelo Mendo, Ade, Monte Perobolso e Mesquitela.</p> <p>Anos de construção e intervenções posteriores: O primeiro foral a vila recebeu de D. Sancho II em 1229, provavelmente nessa altura foi construída a muralha do castelo e a primeira cerca da vila. No reinado de D. Dinis o castelo foi remodelado e foi construída a segunda cerca da vila reforçada por vários torreões.⁴⁹⁹ Durante a crise de interregno de 1383-1385, Castelo Mendo tomou o partido de Castela e foi devolvido a Portugal apenas em 1389, a base do Tratado de Monção.⁵⁰⁰ A vila recebeu o foral novo em 01.06.1510, e no reinado de D. Manuel foram feitas algumas obras no interior da vila.⁵⁰¹</p> <p>Pertença: Coroa.</p> <p>Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: As duas cercas da vila, a barbacã e a parte da muralha do castelo junto à porta falsa encontravam-se em avançado estado de degradação.. A muralha noroeste e a torre de menagem do castelo estavam bem conservadas, embora as construções no interior da praça estão indicadas como “<i>sem telhados</i>”.</p> <p>Alcaide-mor: D. Pedro de Castro.</p> <p>Estado atual: o castelo encontra-se em estado avançado de ruína, além da porta de entrada e da cisterna, ainda persistem as fundações da torre de menagem e ainda está visível o lugar onde se encontrava a porta de traição.</p>		
<p>Livro das Fortalezas: planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl.128.</p>	 <p>Vista da banda do leste (E), fl.69.</p>	 <p>Vista da banda do norte (NO), fl.70.</p>
<p>Casas: Total – quatro; Com sobrados – não há; Só térreas – quatro.</p> <p>Localização: Muralha SE- uma casa isolada; Muralha SO – uma casa e a cisterna; Muralha NO – uma casa No centro da praça – não há construções.</p> <p>Aproveitamento de muralhas: Todas as casas são adossadas às muralhas.</p>	<p>Descrição (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): A casa isolada adossada à muralha SE está indicada na planta como <i>sem telhado e terrea</i>; ela encontra-se ao lado da porta falsa e tem uma entrada virada a NO. Das três casas que, em forma de L, são adossadas às muralhas SO e NO, a primeira, contando da entrada principal do castelo, tem porta virada a NE, paredes-meias com ela, no canto O da praça, encontra-se a cisterna que tem uma escada; a seguir, está a terceira casa, com entrada virada a NE, e indicada como <i>sem</i></p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): As casas não são visíveis nos desenhos. As três portas indicadas na planta são exteriores e têm forma de arco.</p>

⁴⁹⁹ CARVALHO, Amorim de, *Castelo Mendo. Um conjunto histórico a preservar*. Edição do Autor. 1995, p. 45.

⁵⁰⁰ CARVALHO, Amorim de, *Castelo Mendo*. P. 47.

⁵⁰¹ CARVALHO, Amorim de, *Castelo Mendo*. P. 49.

Espaços verdes: não há.	<i>telhado e terrea.</i>	
Torre de menagem: Informação do Livro das Fortalezas: <i>esta tore da menagem tem hũu vaaoo tereo no andar do muro por que de para baixo he moçisa e tem daltura 9v+ e de grossura 2p+.</i> A torre tem 4v+ x 4v de lado; a cobertura é de telha armada em quatro águas e rodeada por ameias retangulares; a entrada da torre é a partir do adarve, pela porta em arco virada a NE. Estado atual: A torre foi adossada à muralha SO pelo exterior, a cota do seu embasamento é muito inferior a da praça, talvez por isso Duarte d'Armas tem indicado o único vão da torre como <i>tereo</i> ; a escada da cisterna que na realidade está adossada à muralha SO, também servia de acesso à porta da entrada da torre de menagem.		Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas): Cobertura: de telha em quatro águas. Vãos: um; Com abóboda: não. Janelas: não há informação. Portas: Exteriores: duas; uma, visível na planta, em arco; outra de acesso à cobertura. Escadas: Exterior: não há; Interior: uma, de acesso à cobertura. Chaminés: não há.
Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: este castelo não tinha outras torres além da de menagem.		
Materiais de construção: Livro das Fortalezas: telha para coberturas. Levantamento no terreno: silhares de granito para construção de muros, torres, casas (pisos inferiores), formação de entradas da vila e do castelo, lintéis e ombreiras das janelas e portas de casas; pedra irregular argamassada para construção de casas (pisos superiores).		
Elementos decorativos: no que resta do castelo não persistiu nenhuma peça, mas as portas da segunda cerca da vila têm forma de arco quebrado, apoiado em impostas chanfradas, as abóbodas de berço quebrado das entradas estão apoiadas em cornijas chanfradas (Figura ---); a porta principal da vila está ladeada por dois berrões, esculpido em granito, infelizmente sem cabeças que foram cortadas por habitantes da vila porque assustavam o gado que regressava dos pastos ⁵⁰² ; na antiga casa da camara e de cadeia que se encontra ao lado da Porta do Castelo (ou Porta de D. Sancho) está encastrada uma pedra com carantonha.		
Informação suplementar: Dados de Numeramento de 1527* (p.105): <i>vila dos muros a dentro</i> contava com 73 fogos; o seu termo contava com 704 fogos.		

⁵⁰² CARVALHO, Amorim de, *Castelo Mendo*. P. 137.

29. Castelo Bom

<p>Localização: Beira Alta, Distrito de Guarda, Concelho de Almeida, Freguesia de Castelo Bom.</p> <p>Anos de construção e intervenções posteriores: A informação sobre este castelo é muito escassa. Provavelmente existia aqui uma fortaleza antes do reinado de D. Dinis que este mandou reconstruir.⁵⁰³ O castelo deve ter sido intervencionado no reinado de D. João II (como testemunha serve o brasão deste rei que atualmente se encontra numa cerca)⁵⁰⁴. No reinado de D. Manuel foi construída uma barbacã extensa a volta da cerca da vila⁵⁰⁵ e feitas mais algumas obras, em 1510-1513, pelo mestre biscainho Pero Fernandes e seus compatriotas.⁵⁰⁶</p> <p>Pertença: Coroa.</p> <p>Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: as muralhas do castelo e a torre de menagem, ainda com ameias pentagonais, encontravam-se em bom estado, a torre que ladeia a entrada principal do castelo apresentava sinais de degradação; a cerca da vila encontrava-se em bom estado e, em alguns troços, já com ameias retangulares; a construção da barbacã extensa munida com troneiras cruzetadas já se encontrava terminada, e esta barbacã está apresentada nos desenhos.</p> <p>Alcaide-mor: Conde de Marialva (D. Francisco Coutinho) (1476-1530)</p> <p>Estado atual: deste castelo persistiu apenas a cisterna.</p>		
<p>Livro das Fortalezas: planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl.128vº.</p>	 <p>Vista da banda do [he]ste (SE), fl.71.⁵⁰⁷</p>	 <p>Vista da parte do leste (N), fl.72.</p>
<p>Casas: Total – dez; Com sobrados – sim; Só térreas – sim.</p> <p>Localização: Muralha NO - cinco casas em fileira dupla, uma casa no canto N; Muralha NE – três casas em fila, desde canto N até a torre de menagem que ocupa o ângulo E; Muralha SE – duas casas contíguas, desde torre de menagem até canto S; Muralha SO – casa no canto S. No centro da praça – não há construções.</p>	<p>Descrição (segundo o Livro das Fortalezas): Das cinco casas da muralha NO, dispostas em fileira dupla, três encontram-se em primeira e duas em segunda fila (essas duas são adossadas à muralha), contando da praça. Essas casas formam um conjunto com única porta exterior, virada a SE e localizada na casa do meio da primeira fila. A partir dessa casa três portas interiores dão acesso às duas casas da primeira fila que a ladeiam (uma porta está virada a SO, outra a NE), e à primeira casa da segunda fila que se</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o Livro das Fortalezas): As casas não são visíveis nos desenhos. Coberturas: não há informação. Portas (apenas casas): onze, visíveis na planta, todas em arco. Exteriores: seis; Interiores: cinco. Janelas: não há informação. Escadas: uma, exterior, visível na planta. Chaminés: não há</p>

⁵⁰³ BARROCA, Mário Jorge; *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. Vol. 1, P. 341.

⁵⁰⁴ Site do SIPA. Consultado em Dezembro de 2016.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1367

⁵⁰⁵ BARROCA, Mário Jorge; *Tempos de resistência e de inovação...* . P.99.

⁵⁰⁶ VITERBO, Sousa; *Diccionario Historico e Documental dos Architectos*. P. 344.

⁵⁰⁷ A posição da torre de menagem nessa vista é deslocada, segundo a posição da vila, a torre deveria se encontrar do lado direito. Esta distorção confirma-se pela aferição de orientações feita por Pedro Gameiro. (GAMEIRO, Pedro Maria Afonso de Matos; *O Semblante Original das Fortalezas Medievais de Portugal*. Anexo II, pp. 212-217.)

<p><u>Aproveitamento de muralhas:</u> Todas casas, exceto as da primeira fila das cinco casas da muralha E, são adossadas às muralhas.</p> <p><u>“Espaços verdes”:</u> há, pelo menos, uma árvore no meio da praça (<i>vista da banda do [he]ste</i>, fl. 71).</p>	<p>encontra por trás dela (porta virada a NO). As duas casas da segunda fila estão ligadas por uma porta interior virada a SO, no interior dessas casas há uma escada de acesso ao adarve.</p> <p>As três casas adossadas à muralha NE ocupam todo comprimento dela desde o canto N até a parede NO da torre de menagem, que enquadra o ângulo E. Essas casas são indicadas como <i>apousentamentos térreos</i>; as duas primeiras, contando do N, têm entradas individuais viradas a SO; da segunda casa, pela porta interior virada a SE, entra-se para terceira casa.</p> <p>Das duas casas adossadas à muralha SE, a primeira, contando da torre de menagem, é a casa da cisterna, tem uma porta rasgada na parede NO e está separada da torre de menagem por uma escada que lhe serve de acesso. A segunda casa ocupa o canto S, a legenda indica que <i>esta casa he boa sobradada</i>. Tem duas portas exteriores, uma do piso térreo, virada a NO, outra do sobrado, virada a NE e servida por uma escada exterior.</p>	<p>informação.</p>
<p><u>Torre de menagem:</u> <u>Informação do Livro das Fortalezas:</u> <i>esta tore da menagem tem daltura 18v+ agrosura do muro della 1v4p</i>. A torre enquadra o ângulo E do castelo; tem 10v+ x 11v1p de lado; é coberta por telha armada em quatro águas, a cobertura está rodeada por ameias pentagonais. Pela posição das frestas calcula-se que tem dois andares acima do adarve; no primeiro andar há três frestas rasgadas nas paredes SO, NE e NO; no segundo andar há duas frestas, rasgadas nas paredes NO e NE; a porta de entrada está rasgada na parede SO ao nível do primeiro andar e tem acesso por uma escada adossada à parede da torre e com um patamar em cima.</p> <p><u>Estado atual:</u> esta torre já não existe.</p>	<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): <u>Cobertura:</u> de telha armada em quatro águas; <u>Vãos:</u> dois, visíveis nos desenhos; <u>Com abóboda:</u> não há. <u>Frestas:</u> cinco. <u>Portas:</u> três; <u>Exteriores:</u> duas; uma, visível na planta, em arco; segunda de acesso à cobertura. <u>Interiores:</u> uma, entre sobrados. <u>Escadas:</u> três; <u>Exterior:</u> uma; <u>Interior:</u> duas, entre pisos e de acesso à cobertura.</p>	

	Chaminés: não há.
Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: não há outras torres a quais poderiam ser atribuídas funções de residência ou de serventia.	
Materiais de construção:	
<i>Livro das Fortalezas:</i> telha para coberturas.	
Fotografias e registos da SIPA: as partes inferiores e mais antigas das muralhas construídas com uso da técnica de cofragem (silhares de granito para paredes exteriores de muralha; enchimento do interior com pedra miúda); partes superiores e mais tardias de muralhas construídas em alvenaria; silhares de granito para formação da entrada e arco da porta, fabrico de lintéis, ombreiras e soleiras das portas e janelas das casas. ⁵⁰⁸	
Elementos decorativos: não há informações.	
Informação suplementar:	
Dados de <i>Numeramento de 1527*</i> (p.108): a vila intramuros tinha 82 fogos, o seu arrabalde – 14, e o termo – 400 fogos.	

⁵⁰⁸ Site do SIPA. Consultado em Dezembro de 2016.
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1367

30. Almeida

Localização: Beira Alta; Distrito da Guarda; Concelho de Almeida; Freguesia de Almeida.

Anos de construção e intervenções posteriores: Em 1209, por Afonso IX de Leão foram definidos os limites do concelho de Castelo Rodrigo que incluíam as terras do futuro concelho de Almeida. A primeira notícia de Almeida data de 1217, e está relacionada com presença de Afonso IX nesta povoação, a partir da qual ordenou a doação das pesqueiras do rio Aguiar ao Mosteiro de Sta. Maria. A data da fundação do concelho de Almeida e da concessão do primeiro foral encontra-se entre 1209 e 1227-1230, datas da delimitação dos concelhos de Vilar Maior e Castelo Bom.⁵⁰⁹

A vila foi tomada por D. Dinis em 1296, no mesmo ano o monarca português confirmou o seu foral; foi integrada no território de Portugal pelo Tratado de Alcañices, em 1297. Nos finais do século XIII, início do XIV foi construído o castelo dionisiano e, possivelmente, a cerca da vila.⁵¹⁰

Em 1362, D. Pedro I confirmou os privilégios do concelho; em 1372, D. Fernando mandou fazer trabalhos de reparação do castelo e da cerca. A vila ficou no domínio de Castela entre 1372-1376 (guerras fernandinas), e entre 1383-1386 (guerra da crise dinástica em Portugal). Possivelmente o castelo beneficiou das obras de reparação no reinado de D. João I.⁵¹¹

Em 1506 D. Manuel concede à vila o foral novo, confirmado em 1510. Na primeira década do século XVI o castelo dionisiano é reconstruído por mando deste monarca.⁵¹² Desde a segunda metade do século XV a vila é documentada como porto “seco”.⁵¹³

A grande parte do castelo, incluindo as torres dionisianas, foi destruída pela explosão do paiol de pólvora em 1695, provocada pela tempestade. Em 1810, houve a segunda explosão do paiol, erigido no século XVIII, que arruinou o resto do castelo medieval.⁵¹⁴

Pertença: Coroa.

Estado na altura da visita de Duarte d’Armas: o castelo, um dos primeiros de transição, encontrava-se recém-reconstruído. Na opinião dos autores acima citados, as discrepâncias entre as imagens dos Códices A e B devem-se ao facto de os trabalhos ainda não serem terminados, e Duarte de Armas tiver que fazer alterações da vista de nordeste (fl.74) conforme as informações recebidas em Lisboa, já durante os trabalhos “de gabinete”.⁵¹⁵

Alcaide-mor: D. Fernão de Meneses, 2º Marquês da Vila Real (1499-1523).⁵¹⁶

Estado atual: este castelo já não existe.

⁵⁰⁹ CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da, *Da Vila Cercada à Praça de Guerra. Formação do espaço urbano em Almeida (Séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002, pp. 31-32.

⁵¹⁰ Nos desenhos de Duarte de Armas a vila não tem cerca, mas a existência desta é confirmada por alguns documentos, embora de forma muito imprecisa. Não se conhece a data da sua construção, nem a data da sua demolição. (CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da; *Da Vila Cercada à Praça de Guerra*. Pp. 31-40).

⁵¹¹ CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da; *Da Vila Cercada à Praça de Guerra*. Pp. 40-42.

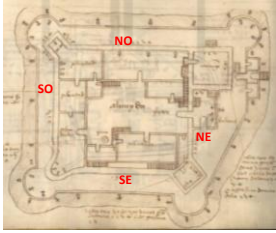


⁵¹² CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da; *Da Vila Cercada à Praça de Guerra*. P. 45. Segundo João Campos, o castelo manuelino ficou com uma área cinco vezes maior que o castelo dionisiano. (CAMPOS, João, *O Castelo de D. Dinis e a Fronteira de Portugal*. Camara Municipal de Almeida. Salamanca: Imprensa Gráficas Lope, 2013, p.110)

⁵¹³ CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da; *Da Vila Cercada à Praça de Guerra*. P. 60.

⁵¹⁴ CAMPOS, João; *O Castelo de D. Dinis e a Fronteira de Portugal*. Pp. 114 e 120 respetivamente.

⁵¹⁵ CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da; *Da Vila Cercada à Praça de Guerra*. Pp. 54-55. CAMPOS, João; *O Castelo de D. Dinis e a Fronteira de Portugal*. P. 108.

⁵¹⁶ No Códice B como alcaide de Almeida está indicado D. Pº (Pedro) irmão do Marquês (GAMEIRO, Pedro Maria Afonso de Matos; *O Semblante Original das Fortalezas Medievais de Portugal*. Anexo II, Reprodução do Códice B, fl.28). Segundo João Campos trata-se de D. Pedro de Noronha, irmão bastardo do marquês da Vila Real. (CAMPOS, João; *O Castelo de D. Dinis e a Fronteira de Portugal*. P. 104).

<p><u>Livro das Fortalezas:</u> planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl.128v^o.</p>	 <p>Vista da banda do sull (S), fl.73.</p>	 <p>Vista da banda do nordeste (E), fl.74.</p>
<p><u>Casas</u> Total – nove; Com sobrados – sim; Só térreas – sim.</p> <p><u>Localização:</u> Muralha SO – três casas em fila e mais uma no canto formado pela primeira e segunda casa; Muralha NO – duas casas, uma em frente da outra; Muralha SE – três casas em fila. No centro da praça – não há construções</p> <p><u>Aproveitamento de muralhas:</u> As casas estão adossadas às muralhas SO, NO, NE. A casa com sobrado localizada no canto O tem uma janela dupla de verga reta rasgada em espessura da muralha.</p> <p><u>“Espaços verdes”:</u> não há.</p>	<p><u>Descrição</u> (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): As casas ocupam praticamente todo o perímetro da praça. Este castelo não tem porta falsa, existe uma única entrada aberta do lado NE que dá acesso ao <i>pateo</i>. A esquerda de quem entra, ao longo da muralha SE, encontram-se três casas separadas da muralha por escadas de acesso aos adarves. A primeira casa é térrea; as outras duas têm sobrados com portas individuais, mas servidos pela mesma escada. A porta da segunda casa está virada a SO, e da terceira – a NO. As entradas do piso térreo são individuais e viradas para NO (centro da praça). À muralha SO, em todo seu cumprimento, estão adossadas três casas, todas com sobrados, ligados entre si pelas portas interiores. O acesso a esses sobrados é a partir da quarta casa, servida por uma escada exterior, e paredes-meias com a casa do canto O e a casa do meio. Para a casa do canto S está indicada a porta no piso térreo, virada a NE. O sobrado da casa no canto O integra o torreão, onde está rasgada uma janela dupla de verga reta. No canto N da praça encontram-se duas casas, uma atrás da outra, separadas da muralha NE por uma escada que sobe à entrada da torre de menagem. A primeira casa tem sobrado servido por uma escada exterior. A segunda, por trás dela, de dimensões muito generosas (segundo a planta esta casa é a maior da praça), está adossada à muralha NO e tem uma entrada no piso térreo, virada a SE.</p>	<p><u>Elements estruturais</u> (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): As casas não são visíveis nos desenhos. Coberturas: não há informação. Portas (apenas casas): Exteriores: nove; Interiores: três. Janelas: uma, dupla, de verga reta. Escadas: três, exteriores. Chaminés: uma.</p>
<p><u>Torre de menagem:</u> Informação do Livro das Fortalezas: esta torre de menagem tem</p>	<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo o <i>Livro das</i></p>	

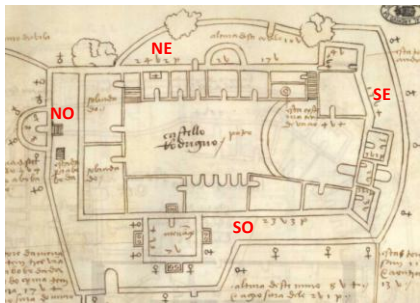
<p><i>dous vaaos ambos abobadados e tem daltura 21v+ e agrosura do muro dela2v+</i>. A torre é de planta quadrangular, tem 12 v de lado; cobertura em quatro águas, de telha; tem quatro balcões com matacões ao nível da cobertura. Tem sete frestas: na parede SE – uma; nas outras três paredes – duas em cada, em níveis diferentes e descentradas, possivelmente são rasgadas para iluminar a escada interior. O acesso à entrada é servido pela escada fixa com patamar, adossada à muralha NE.</p> <p>Estado atual: esta torre já não existe.</p>	<p>Fortalezas): Cobertura: em quatro águas, de telha. Vãos: dois; Com abóboda: dois. Frestas: sete. Portas: Exteriores: duas (de entrada e de acesso à cobertura); Interiores: duas (de acesso à escada e ao segundo vão). Escadas: Exterior: uma; Interior: uma. Chaminés: não há.</p>
<p>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias: Informação do Livro das Fortalezas: a segunda torre do castelo <i>he de três vaaos e tem daltura 15v+ e de grossura 2v</i>. É de planta retangular com 2v4p x 3v+ de lado; a entrada é a partir do adarve; tem cobertura em quatro águas de telha; duas frestas: no andar ao nível do adarve a fresta é rasgada ao E, e no andar acima – ao S. Estado atual: esta torre já não existe.</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): Cobertura: em quatro águas, de telha. Vãos: três; Com abóboda: não há; Frestas: duas. Portas: quatro, Exteriores: duas (de entrada e de acesso à cobertura); Interiores: duas (de acesso ao segundo e terceiro vãos). Escadas: duas, interiores.</p>
<p>Materiais de construção: <i>Livro das Fortalezas:</i> telha para coberturas. Registos de SIPA⁵¹⁷: A escarpa do fosso é revestida por silhares de granito com siglas de pedreiros.</p>	
<p>Elementos decorativos: não há informações.</p>	
<p>Informação suplementar:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Em 1458, por D. Afonso V a vila de Almeida com seu termo, todas as rendas, direitos, foros, tributos, emprazamentos, etc., foi doada a D. Pedro de Meneses, Marquês da Vila Real. Permaneceu no marquesado até 1641.⁵¹⁸ 2. Dados do <i>Numeramento de 1527*</i> (p. 108): a vila de Almeida tinha 264 fogos; o termo tinha 148 fogos. 	

⁵¹⁷ Site do SIPA. Consultado em Dezembro de 2016.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1382

⁵¹⁸ CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da; *Da Vila Cercada à Praça de Guerra*. Pp. 42 e 70.

31. Castelo Rodrigo

<p>Localização: Beira Alta; Distrito da Guarda; Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo; Freguesia de Castelo Rodrigo.</p> <p>Anos de construção e intervenções posteriores: Pela primeira vez as terras de Castelo Rodrigo foram conquistadas aos mouros em 1170 por D. Afonso Henriques que fundou aqui o mosteiro de Sta. Maria de Aguiar.⁵¹⁹ Em 1209, por Afonso IX de Leão foram definidos os limites do concelho de Castelo Rodrigo.⁵²⁰ A vila foi ocupada por D. Dinis, em 1296, e definitivamente integrada no território português pelo Tratado de Alcañices, em 1297.⁵²¹ O castelo e a cerca da vila foram construídos por mando de D. Dinis nos finais do século XIII, início do XIV. Durante a crise dinástica de 1383-1385, o castelo tomou o partido de Castela e foi retomado por D. João I, em 1386.⁵²² No reinado de D. Manuel o castelo e a cerca beneficiaram das obras de reparação (a primeira década do século XVI) feitas por mestre Francisco Danzilho (Danzinho).⁵²³ Em 1508, D. Manuel concedeu à vila o foral novo. Durante o reinado dos Filipes de Espanha, a vila e o castelo de Castelo Rodrigo pertenceram a Cristóvão de Moura, por duas vezes Vice-Rei de Portugal, que construiu na praça do castelo o seu paço. Este paço foi incendiado durante a Guerra de Restauração, mas o castelo foi destruído já no século XVIII, minado por espanhóis durante a Guerra dos Sete Anos.⁵²⁴</p> <p>Pertença: Coroa.</p> <p>Estado na altura da visita de Duarte d'Armas: as muralhas, as torres e a barbacã do castelo encontravam-se em muito boas condições, enquanto a cerca da vila apresentava fortes sinais de degradação.</p> <p>Alcaide-mor: D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva (1476-1530).</p> <p>Estado atual: as muralhas e as torres do castelo encontram-se em estado de ruína. No interior da praça ainda subsistem as ruínas do Paço de Moura, que em algumas partes coincidem com a planta de Duarte de Armas. No início do presente século foram feitos trabalhos de consolidação das estruturas, pavimentação e interpretação do espaço do Paço.⁵²⁵</p>		
<p>Livro das Fortalezas: planta, desenhos.</p>  <p>Planta, fl.129.</p>	 <p>Vista da banda do sull (S), fl.75.</p>	 <p>Vista da parte do nordeste (NE), fl.76.</p>
<p>Casas: Total – treze; Com sobrados – três; Só térreas – onze.</p> <p>Localização: Muralha NO – duas casas em</p>	<p>Descrição (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): A praça está dividida em duas partes por um arco (ou muro concavo) que separa o <i>pateo</i> interior da entrada. À entrada</p>	<p>Elementos estruturais (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): As casas não são visíveis nos desenhos. Coberturas: não há</p>

⁵¹⁹ ALMEIDA, João de, *Reprodução anotada do Livro das Fortalezas de Duarte Darmas*. P. 283.

⁵²⁰ CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da, *Da Vila Cercada à Praça de Guerra*. P. 31.

⁵²¹ CRUZ, Manuel Braga da, *Castelo Rodrigo e o Convento de Sta. Maria de Aguiar*. Edição do Autor. 2006, p. 25.

⁵²² CRUZ, Manuel Braga da, *Castelo Rodrigo...* P. 29-30

⁵²³ VITERBO, Sousa; *Diccionario Historico e Documental dos Architectos*, Pp. 270-273.

⁵²⁴ CRUZ, Manuel Braga da; *Castelo Rodrigo...* Pp. 37-40.

⁵²⁵ Site do SIPA. Consultado em Dezembro de 2016.

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1443

<p>fila; Muralha NE – oito casas em fila, a última, no canto E, está separada das outras por uma escada; Muralha SE – duas casas; uma no canto E, outra no canto S; Muralha SO – quatro casas em fila; No centro da praça – não há construções.</p> <p><u>Aproveitamento de muralhas:</u> Todas as casas estão adossadas às respectivas muralhas.</p> <p><u>“Espaços verdes”:</u> Não há informação.</p>	<p>ficam duas casas: dos cantos S e E. As construções que rodeiam o <i>pateo</i>: a NE, encontram-se sete casas, adossadas à muralha e ladeadas por escadas que servem de acesso aos adarves e aos sobrados. Das duas primeiras casas, a partir do arco, uma é a cisterna, outra, por trás dela, é a casa com sobrado servido pela primeira escada. A seguir vêm cinco casas em fila, todas térreas, com escadas individuais, viradas para centro da praça. A terceira dessas casas dá acesso à porta falsa, e a quinta, última, é uma capela.</p> <p>A segunda escada dá acesso ao primeiro dos dois sobrados, das casas adossadas à muralha NO. Elas ocupam o comprimento inteiro da muralha, têm portas individuais no piso térreo, ambas viradas para centro da praça. Não há indicações da ligação interior entre os sobrados.</p> <p>À muralha SO, estão adossadas três casas. A do meio é um alpendre com arcada aberta, a partir dele acede-se às casas que o ladeiam.</p>	<p>informação. Portas (apenas casas): quinze; Exteriores: treze (uma é arcada); Interiores: duas. Janelas: não há informação. Escadas: duas, exteriores. Chaminés: não há informação</p>
<p><u>Torre de menagem:</u> <u>Informação do Livro das Fortalezas:</u> <i>esta torre da menagem tem tres vaos e abobadada em todo cyma tem daltura 17v+ e agrosura do muro della 2v.</i> A torre tem planta retangular com 6v+ x 7v de lado; não estão indicadas nos desenhos frestas ou janelas. Há quatro balcões com matacões, ladeados por troneiras, ao nível da cobertura. O acesso à porta da entrada a partir do adarve. <u>Estado atual:</u> esta torre já não existe.</p>		<p><u>Elementos estruturais</u> (segundo o <i>Livro das Fortalezas</i>): <u>Cobertura:</u> não há informação. <u>Vãos:</u> três, <u>Com abóboda:</u> um, de cima. <u>Frestas:</u> não há <u>Portas:</u> quatro, <u>Exteriores:</u> duas (de entrada e de acesso à cobertura); <u>Interiores:</u> duas (de acesso ao segundo e terceiro vãos). <u>Escadas:</u> duas, interiores. <u>Chaminés:</u> não há.</p>
<p><u>Outras torres com funções habitacionais ou de serventias:</u> além da torre de menagem, o castelo tem duas torres que flanqueiam a entrada principal, a torre do angulo E, e um cubelo semicircular que protege a porta falsa. Nenhuma dessas torres parece ter outras funções se não militares.</p>		

Materiais de construção:

Livro das Fortalezas: telha para coberturas.

Levantamento no terreno: Praticamente todas as construções são feitas em alvenaria de pedra irregular e argamassa; a silharia de granito foi usada para reforço de cunhais das torres, moldura das portas do castelo (a principal, e a de traição); abertura de seteiras, troneiras e canhoneiras, e na construção do cubelo da barbacã do lado NO. As janelas e portas das casas são formadas com tijolo maciço.

Elementos decorativos: A porta da entrada principal do castelo está encimada por um frontão triangular, apoiado em restos de pilastras, com brasão de D. João I, tudo muito danificado. A base do cubelo da barbacã NO esta decorada com pérolas.

 Informação suplementar:

1. Durante o reinado de D. Manuel, a vila e o castelo pertenceram ao seu filho D. Fernando.⁵²⁶
2. Dados do *Numeramento de 1527* * (p. 109): a vila intramuros tinha 91 fogo; o termo tinha 2006 fogos.

⁵²⁶ COSTA, António Carvalho (Padre); *Corografia Portuguesa...* . Tomo II, p. 325.

Bibliografia. Anexo 1.

ALMEIDA, João de, *Reprodução anotada do Livro das Fortalezas de Duarte Darmas*. Lisboa: Editorial Império. Lda., 1943.

ALMEIDA, João de, *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, Edição do autor. Lisboa, 1948.

ANDRADE, Mário Marques de, *Subsídios para a Monografia de Segura. Aldeia raiana das mais pitorescas*. Edição do Autor. Lisboa, 1949.

ANTUNES, A. Pires; *Penha Garcia na Ordem de Cristo*. In CARDOSO, J. Ribeiro (dir.), *Subsídios para a História Regional da Beira Baixa*. Edição da Junta Provincial da Beira Baixa, 1950.

ARMAS, Duarte de, *Livro das Fortalezas*. Edição fac-similada com a introdução de Manuel da Silva Castelo Branco. 2ª Edição (1ª edição em 1990). Lisboa: Edições INAPA, 1997.

AZEVEDO, José Correia de, *Portugal Monumental. Inventário Ilustrado*. Vol. 7. Alges: Edições Nova Gesta, 1993-1994.

BARROCA, Mário Jorge, D. *Dinis e a arquitectura militar portuguesa*. In *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, II Série, vol. XV, Tomo I. Porto, 1998.

BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Fundação Calouste Gulbenkian, Porto: ORGAL Impressores, 2000.

BARROCA, Mário Jorge, *Terena. O Castelo e a Ermida de Boa Nova*. Lisboa: Edição IPPAR – direção Regional de Évora, 2006.

BARROCA, Mário Jorge, *Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)*. In *Portvgalia*, Nova Série, Vol. XXIV, 2003.

BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima Rombouts de, *O castelo de Mértola. História, Espaço e Formas, sécs XIII-XXI*. Camara Municipal de Mértola, 2013.

Boletim nº57, *Castelo de Sabugal*. DGEMN, 1949.

BUCHO, Domingos, *Fortificações de Castelo de Vide. História, Arquitetura e Restauro*. Região do Turismo de São Mamede. Projeto de Valorização Científica, Educativa e Turístico-Cultural das Fortificações do Norte Alentejano. Setúbal, 2004.

BUCHO, Domingos, *Fortificações de Campo Maior. História, Arquitetura e Restauro*. Região de Turismo de São Mamede, Projeto de Valorização Científica, Educativa e Turístico-Cultural das Fortificações do Norte Alentejano. Portalegre, 2002.

CAMPOS, João, *O Castelo de D. Dinis e a Fronteira de Portugal*. Camara Municipal de Almeida. Salamanca: Impressão Gráficas Lope, 2013.

CARVALHO, Amorim de, *Castelo Mendo. Um conjunto histórico a preservar*. Edição

do Autor, 1995.

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva, *O “Livro das Fortalezas” de Duarte de Armas*. In *Oceanos*; nº5, Lisboa: CNCDP, 1990.

CAVACO, Hugo, *Castro Marim Quinhentista. O Foral Novo (de 1504) e o Tombo da Comenda (de 1509)*. Subsídio para uma interpretação histórica da vila. Camara Municipal de Castro Marim, Castro Marim, 2000.

CID, Pedro, *As Fortificações Medievais de Castelo de Vide*. Lisboa: IPPAR, 2005.

COELHO, Adelino de Matos, *O Castelo de Noudar. Fortaleza Medieval*. Edição Camara Municipal de Barrancos. Águeda, 1999.

COLLAÇO, Júlio Tello de Magalhães, *Cadastró da população do Reino (1527). Actas das Comarcas Damtre Tejo e Odiana e da Beira*. Lisboa, 1929.

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da, *Da Vila Cercada à Praça de Guerra. Formação do espaço urbano em Almeida (Seculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

CORREA, Fernando Branco, *Elvas na Idade Média*. Universidade de Évora. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

COSTA, António Carvalho (Padre), *Corografia Portuguesa e Descrição Topografica*, Tomo II. Lisboa: Oficina de Valentim Da Costa Deslandes, Anno M.DCC.VI (1706).

CRUZ, Manuel Braga da, *Castelo Rodrigo e o Convento de Sta. Maria de Aguiar*. Edição do Autor, 2006.

DIAS, João José Alves, *A Beira Interior em 1496 (Sociedade, Administração e Demografia)*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1982.

DIAS, Mário Simões, *Memórias de Beira Côa*. Edição do autor. Coimbra, 1998.

ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora. Concelhos de Alandroal, Borba, Mourão, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Vila Viçosa*. Vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1978.

GALEGO, Francisco Pereira, *A Antiga Vila de Ouguela. Elementos para sua história*. Campo Maior, 2014.

GALEGO, Júlia, DAVEAU, Suzanne, *O Numeramento de 1527-1532: tratamento cartográfico*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1986.

GAMEIRO, Pedro Maria Afonso de Matos, *O Semblante Original das Fortalezas Medievais de Portugal*. Tese de Doutoramento em Engenharia Civil y Arquitectura, Universidade de Granada, 2014.

GOMES, Augusto, *Subsídios para História de Castelo Branco*. Tese de Licenciatura. Coimbra: Faculdade de letras, Universidade de Coimbra, 1960.

- GOMES, Rita Costa, *Castelos da Raia. I – Beiras*; Lisboa: IPPAR, 1996.
- GONÇALVES, Iria (coord.), *Tombos da Ordem de Cristo. Vol. 1. Comendas a Sul do Tejo (1505-1509)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2002.
- GONÇALVES, Iria (coord.), *Tombos da Ordem de Cristo. Vol. 5. Comendas da Beira Interior Sul (1505)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2009.
- JORGE, Carlos Henrique Gonçalves, *O Concelho de Sabugal em 1758. Memórias Paroquiais*. Edição da Associação Recreativa e Cultural dos Forcalhos, 1990.
- JORGE, Carlos Henriques Gonçalves, *O Concelho de Vilar Maior em 1758. Memórias Paroquiais*. Associação Recreativa e Cultural de Forcalhos, 1991.
- KEIL, Luís, *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Portalegre. Vol. 1*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1943.
- LEITE, Ana Cristina, *Castelo Branco*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- Livro dos Foraes, Escripturas, Doações, Privilégios e Inquirições. Vol. 3. Subsídios para a História da Ordem de Malta*. Lisboa: Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, 1948.
- MACIAS, Santiago; GASPAR, Vanessa, *Fortificações Modernas de Moura*. Camara Municipal de Moura, 2005.
- MACIAS, Santiago; GASPAR, Vanessa; VALENTE, José Gonçalo. *Castelo de Moura: Escavações Arqueológicas (1989-2013)*. Moura: Camara Municipal de Moura, 2016.
- MENDES, António Rosa; PEREIRA, Daniela, *Alcoutim. Terra de Fronteira*. Camara Municipal de Alcoutim, 2010.
- MONTEIRO, João Gouveia, *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Lisboa: Edições Colibri, 1999.
- MOREIRA, Isabel Alves, *Memórias paroquiais da Vila de Alandroal e do seu Termo (1758)*. Camara Municipal de Alandroal, 2013.
- NEVES, Vitor M. L. Pereira, *As Aldeias Históricas de Monsanto e Idanha-a-Velha, Castelo Novo e Penha Garcia. 2ª Edição*. Alpiarça, 2010.
- NUNES, António Carlos Pires, *Castelos Templários da Beira Baixa. 1ª Edição*. Camara Municipal de Idanha-a-Nova. Idanha-a-Nova, 2005.
- NUNES, António Lopes Pires, *Castelo Branco. Uma Cidade Histórica. Estrutura da urbe e as linhas do seu desenvolvimento*. Castelo Branco, 2002.
- NUNES, António Lopes Pires, *O Castelo de Monsanto da Beira. Cesto de gávea em nave de pedra*. In *Cadernos de Património Cultural da Beira Baixa*. Idanha-a-Nova, 2001.

PASCOA, Maria Cristina, *Fontes para História de Moura. Catálogo de documentos relativos a Moura existentes na Torre do Tombo*. Vol. 1. Camara Municipal de Moura, 2005.

PATRICIA, Noélia (coord.), *Fortificações de Monsaraz*. Série *O País das Maravilhas*. Lisboa: Tugaland Edições, 2007.

PEREIRA, Paulo, *A “Fabrica” Medieval. Conceção e construção na arquitectura portuguesa (1150-1550)*. Dissertação de doutoramento. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2011.

PROENÇA, Raul (coord.), *Guia de Portugal*. Vol. 2. *Estremadura, Alentejo e Algarve*. 2ª reimpr. (1ª Edição, Biblioteca Nacional, 1924). Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

RODRIGUES, Jorge, PEREIRA, Mário, *Elvas*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

SÁNCHEZ GARCIA, Rosa Maria, PIRIZ, Luís Afonso Limpo, *El Enclave de Olivenza e sus muralhas (1230-1640)*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1994.

SANTOS, Manuel Tavares dos, *Castelo Branco na História e na Arte*. Edição do autor, 1958.

SANTOS, Vítor Pavão dos, *As “Casas” do alcaide-Mor de Mértola no início do século XVI*. Braga, 1977.

SILVA, Joaquim Candeias da, *Penamacor ao tempo de expansão ultramarina (séculos XV à XVII)*. In *Penamacor: 800 Anos de História*. Camara Municipal de Penamacor, 2009.

TRINDADE, Luísa, *Urbanismo na composição de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

VAZ, João Luís, *Sabugal. Esboço de uma Monografia*. Viseu, 1979.

VIEIRA, Rui Rosado, *Centros Urbanos no Alentejo Fronteiriço. Campo Maior, Elvas e Olivença. De inícios do século XVI a meados do século XVII*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

VITERBO, Sousa, *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*. Lisboa: Imprensa nacional, 1899.

Fontes digitais:

Arquivo digital da Torre do Tombo (<http://digitarq.arquivos.pt/>)

ARMAS, Duarte de, *Livro das Fortalezas* –

<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3909707>

Arquivo do Sistema de informação para o património arquitetónico – SIPA

(<http://www.monumentos.pt>)

Castelo de Alcoutim

- http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2820

Castelo Branco - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2495

Castelo de Penamacor –

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=844

Castelo de Sabugal –

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2961

Castelo Bom - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1367

Castelo de Almeida –

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1382

Castelo Rodrigo - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1443

Penha Garcia - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8482

Castelo de Noudar - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=898

As fontes digitais foram consultadas pela última vez em Dezembro de 2016.

Faculdade de Letras

CASAS DE ALCAIDARIA (ANEXO 2)

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	CASAS DE ALCAIDARIA. Estruturas habitacionais nos castelos portugueses entre os finais da Idade Média e os princípios da Época Moderna. (Anexo 2)
Autor/a	Marina Ivanovna Mayorova
Orientador/a	Dra. Luísa Trindade
Coorientador/a	
Identificação do Curso	2º Ciclo em História da Arte
Área científica	História
Especialidade/Ramo	Arte Medieval
Data	2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1

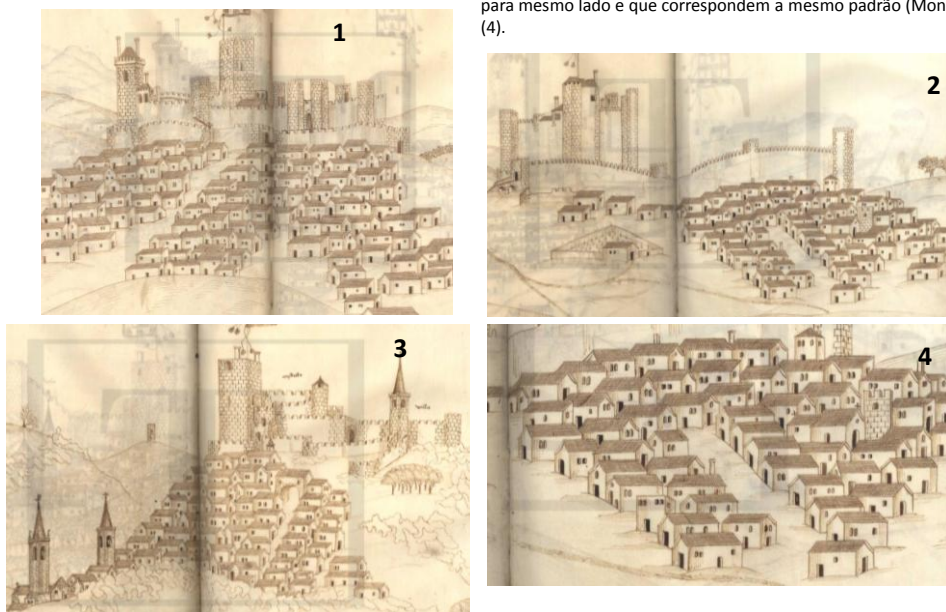
Capítulo 1.

Castelos do Algarve e Alentejo.

Figura 1. Exemplos de planeamento urbanístico.

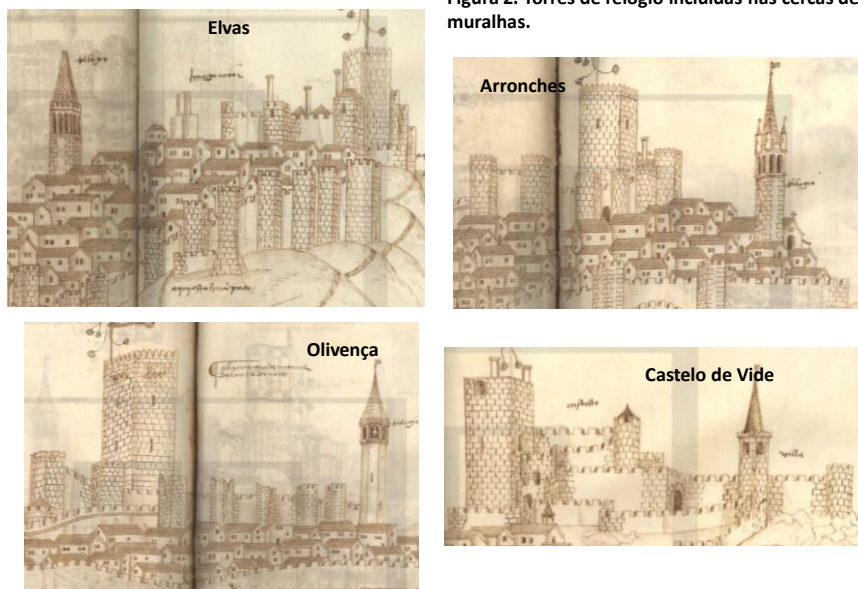
Ruas largas e direitas abertas nos arrabaldes de castelos de Alandroal (1); Monforte (2); Castelo de Vide (3)

Exemplo de loteamento de terreno com construção de casas viradas para mesmo lado e que correspondem a mesmo padrão (Monforte) (4).



4

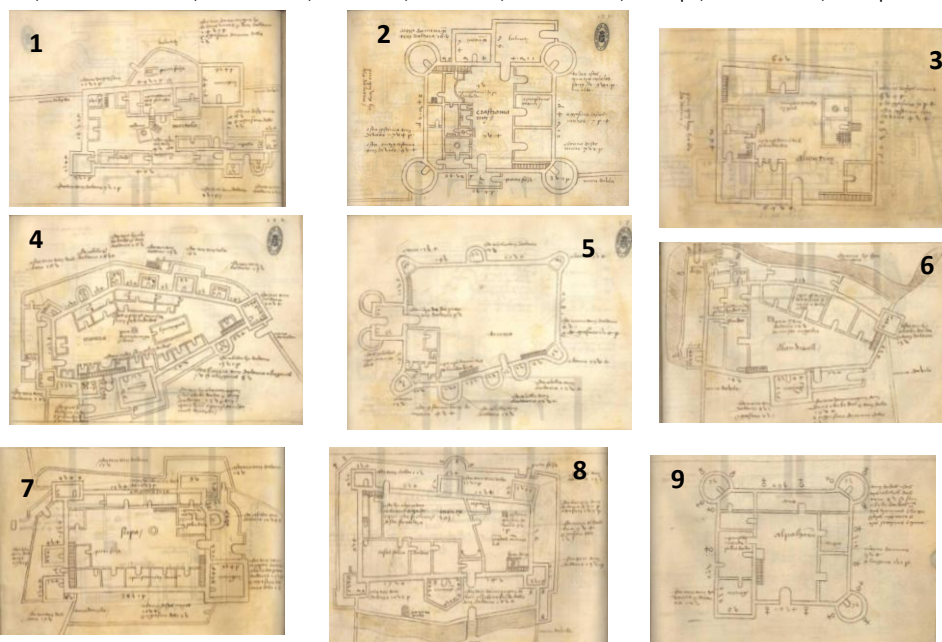
Figura 2. Torres de relógio incluídas nas cercas de muralhas.



5

Figura 3. Organização de espaço no interior das praças:

1 – Mértola; 2 – Castro Marim; 3 – Alcoutim; 4 – Moura; 5 – Terena; 6 – Alandroal; 7- Serpa; 8 – Monsaraz; 9 – Alpalhão.



6

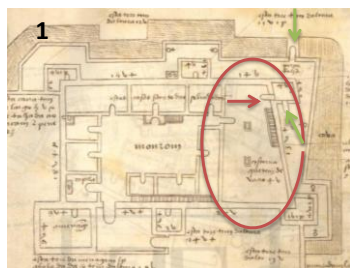
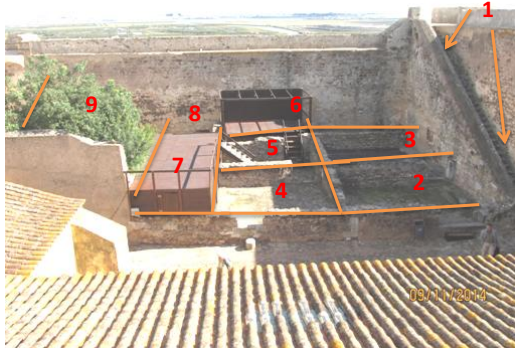


Figura 4. Organização de espaços:

1. Castelo de Mourão, a parte separada da praça com cisternas;
 2. Castelo de Olivença, a liça junto à torre-albarrã com poço de água;
 3. Castelo de Vide, a parte mais larga da liça com poço de água e uma horta.
- Com setas vermelhas estão indicados acessos a esses espaços do interior da praça; com setas verdes – do exterior.

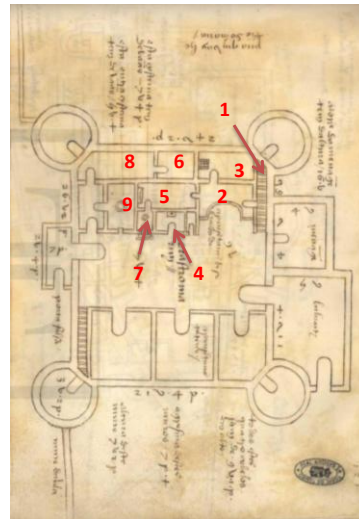
7



1. Escada a meio da qual se encontrava a porta de entrada da sala. 2. Sala.
3. Camara. 4. Oratório e a casa pequena ao seu lado.
5. Cozinha que tinha acesso a partir da sala. 6. Casa de forno.
7. Cisterna pequena que atualmente tem dimensões maiores.
8. Amassaria e dispensa. 9. Cisterna grande.

Nota. O espaço onde se encontravam a sala e a camara foi aumentado e dividido em três partes; assim com a cisterna pequena foi aumentada por conta do espaço da cozinha.

Figura 7. Castelo de Castro Marim. Cotejo da planta de Duarte d'Armas com fundações de casas atualmente visíveis. (Foto do autor).

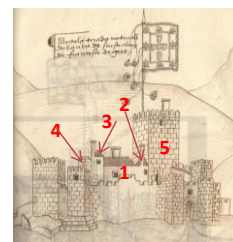


10



Figura 8. Castelo de Mértola. Reconstrução virtual da casa do alcaide. Em cima vista a partir da praça, em baixo- vista a partir do exterior do castelo.

1. Sala com duas portas de entrada, uma no piso térreo e outra para sobrado.
2. Corpo com duas camaras.
3. Corpo com sótão, entressolho ao nível da sala e uma divisão em cima.
4. Torre antiga incluída no conjunto de casas.
5. Torre de menagem.
6. Cisterna



As fotos com reconstrução de alcaidaria são retiradas do livro BOIÇA, Joaquim, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; *O castelo de Mértola. História, Espaço e Formas, sécs XIII-XXI*; Camara Municipal de Mértola, 2013.

11



1



3

Fig. 5 - Castelo de Campo Maior. Retrete junto à torre N

Figura 9. Castelo de Campo Maior. Torre Norte.

1. Sala interior. 2. Moldura de janela. 3. Latrina.



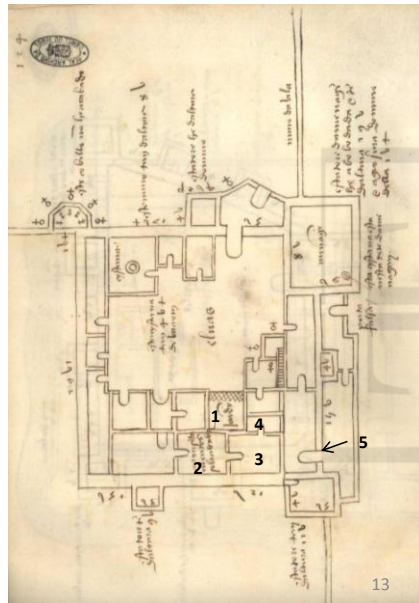
2

As primeiras duas fotografias são do autor dessa tese; a terceira fotografia é retirada de BUCHO, Domingos, *Fortificações de Campo Maior. História, Arquitetura e Restauro*. Portalegre, 2002, p. 61.

12

Figura 10. Castelo de Elvas.

1. Jardim. 2, 3 e 4 – *apousentamentos sobradados*. 5 – na foto - túnel de acesso à porta falsa, na planta é a porta falsa. (Foto do autor).



13

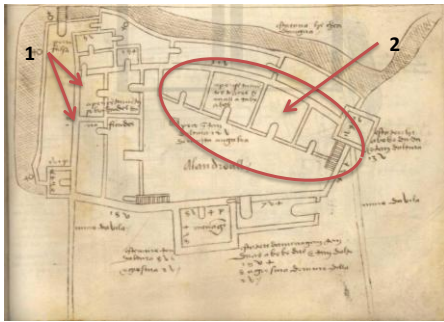


Figura 11. Castelo de Alandroal.

1. Porta de ligação entre as casas sobradadas e torres NE. Escada descoberta depois da demolição da cadeia.
 2. As casas térreas dos quais ainda são visíveis as fundações.
- (Fotos do autor)

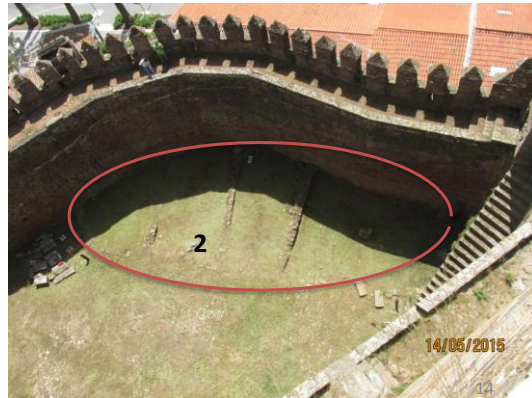


Figura 12. Castelo de Monsaraz. Torre E (Torre da Feiticeira).

1. Torre de menagem.
 2. Janela da torre E (na foto vista do interior).
 3. Chaminé virada para torre de menagem (na foto vista do interior).
- (Fotos do autor)

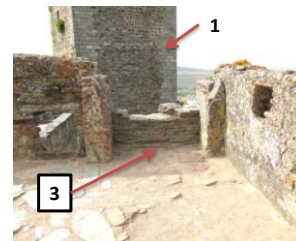
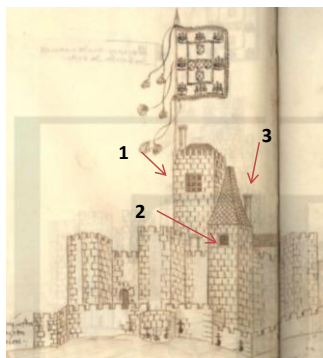
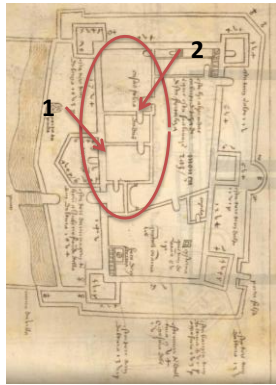


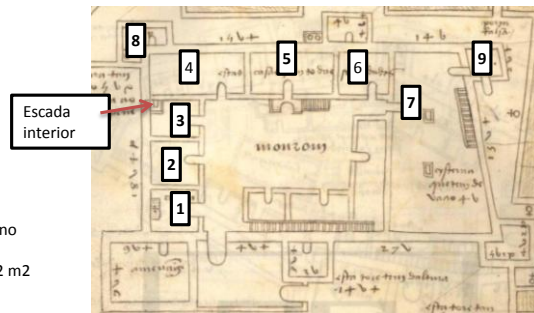
Figura 13. Castelo de Monsaraz. Torre de menagem.
 1. Muralha em qual estão abertas as portas. 2. *Apousentamentos sobradados.*
 (Fotos do autor)



16

Figura 14. Castelo de Mourão. Localização das casas.

- Casas térreas:
- 1. Capela; $3.5 \times 4 = 14 \text{ m}^2$.
 - 2. Casa; $4.9 \times 4 = 19.6 \text{ m}^2$.
 - 3. Casa com acesso à escada interior; $3.9 \times 4 = 15.6 \text{ m}^2$.
 - 7. $10.5 \times 5.2 = 54.6 \text{ m}^2$.
- Casas com sobradados:
- 4. $7 \times 4.85 = 33.95 \text{ m}^2$.
 - 5. $9.84 \times 4.85 = 47.72 \text{ m}^2$.
 - 6. $5.20 \times 4.85 = 25.22 \text{ m}^2$.
 - 8. Torre SE (reconstruída) antes da reconstrução tinha uma sala no interior com cerca de 20 m^2 ($3.85 \times 5.7 = 21.9 \text{ m}^2$).
 - 9. Torre SO (da porta de traição), tem uma sala interior com 11.2 m^2 (2.8×4.0).



(Fotos do autor)

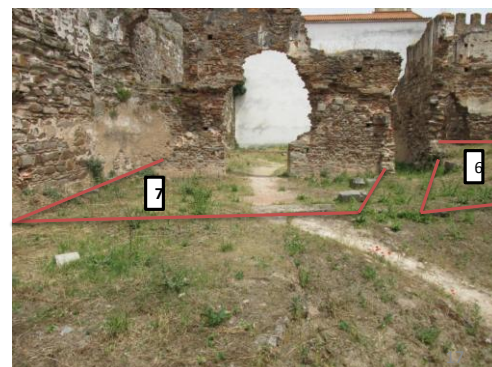
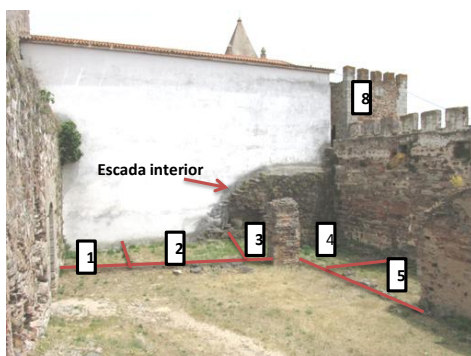


Figura 15. Castelo de Mourão.

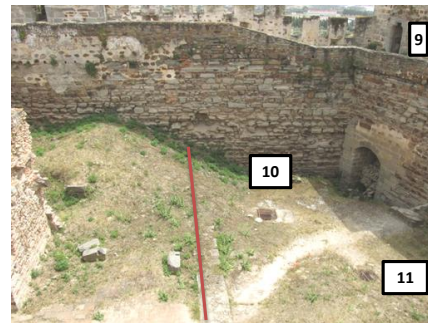
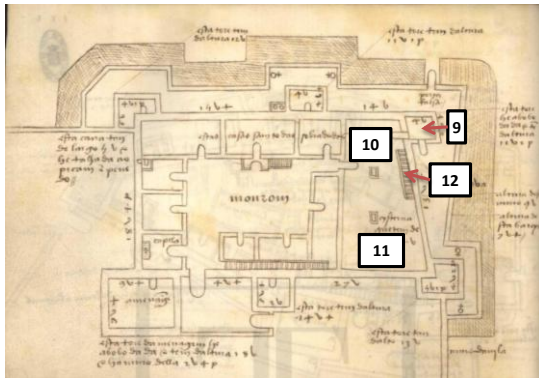
Espaço separado da zona residencial por um muro (linha vermelha),

9. Torre SO com porta de traição;

10 e 11 – bocas de cisternas;

12. Escada de acesso ao adarve.

(Fotos do autor)



18

Figura 16. Castelo de Mourão. Torre SO (da porta falsa) (número 9 nas Figuras 12 e 13).

1. Vista do interior. 2. Vista do exterior. 3. Acesso por adarve. 4. Cobertura de abóboda de berço e escada de acesso ao eirado. 5. Janela, vista do interior. 6. Matacão.

(Fotos do autor)



19



Figura 17. Castelo de Noudar.

Em cima: sala do piso térreo com abertura em abóboda.

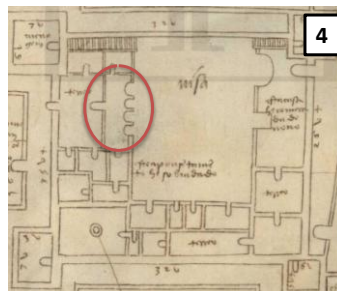
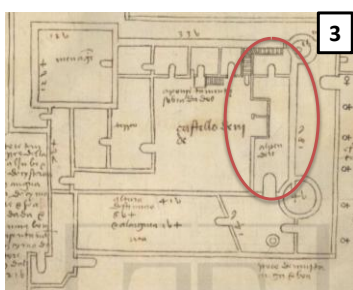
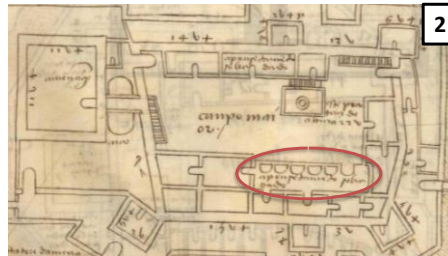
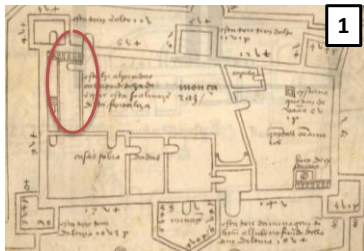
Em baixo: sala do primeiro piso com duas entradas e nicho no fundo.

(As fotos do piso térreo são gentileza do Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia de Barrancos. As fotos do primeiro andar são do autor da tese)

20

Figura 18. Alpendres.

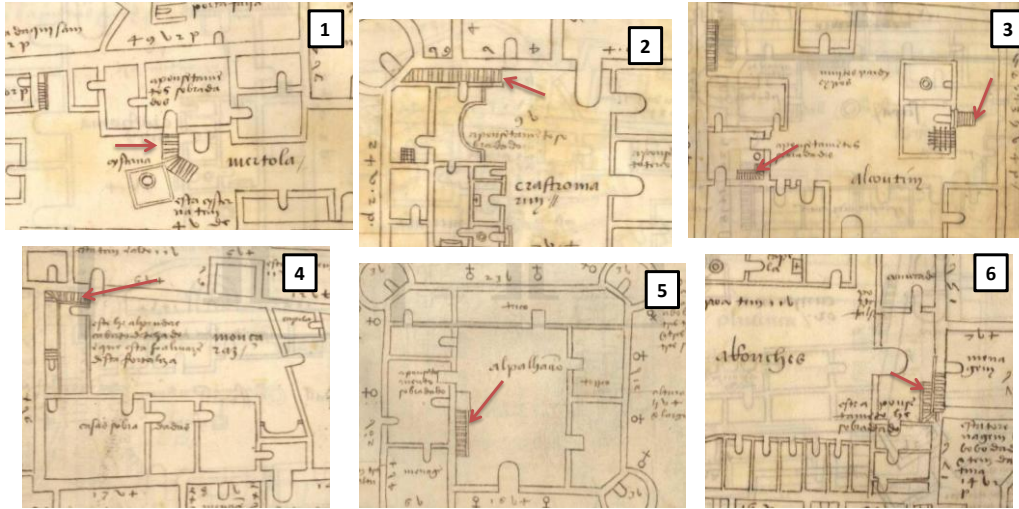
Em Monsaraz (1) – todo fechado com uma porta de acesso do exterior e sem portas interiores. Em Campo Maior (2) - em arcada fechada, com uma porta de acesso à praça e com três portas interiores de acesso a casas. Em Castelo de Vide (3) – uma porta larga de verga reta e com mainel de acesso à praça, duas portas interiores de acesso a uma casa e a liça. Em Nisa (4) – em arcada aberta para praça, três portas interiores de acesso a casas.



21

Figura 19. Escadas de acesso aos sobrados.

1. Mértola – em curva.
2. Castro Marim – a meio da escada do adarve.
3. Alcoutim – interior em L; exterior –reta.
4. Monsaraz – entre alpendre e muralha com corredor no fim.
5. Alpalhão – adossada à parede e com patamar.
6. Arronches – em dois vãos sobrepostos.



22

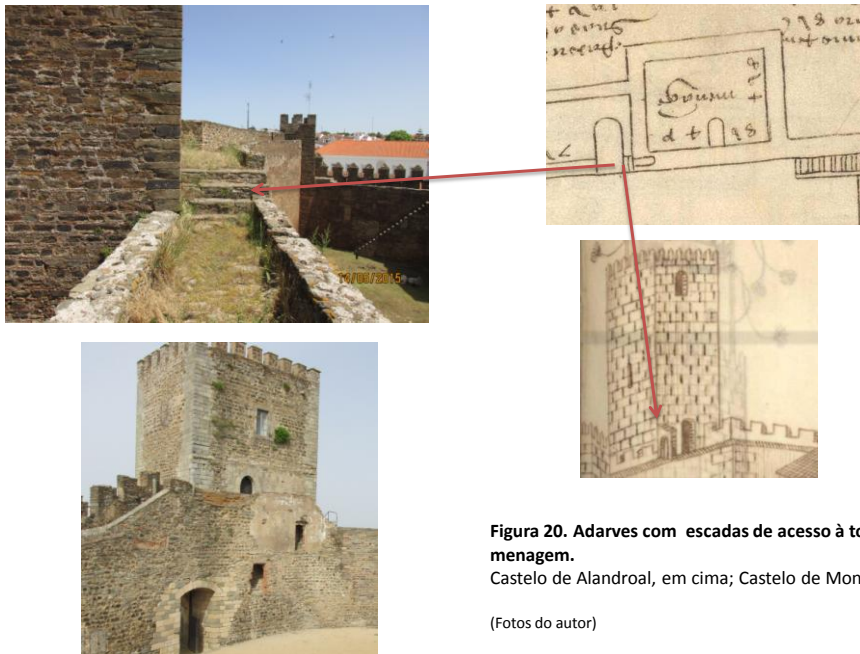


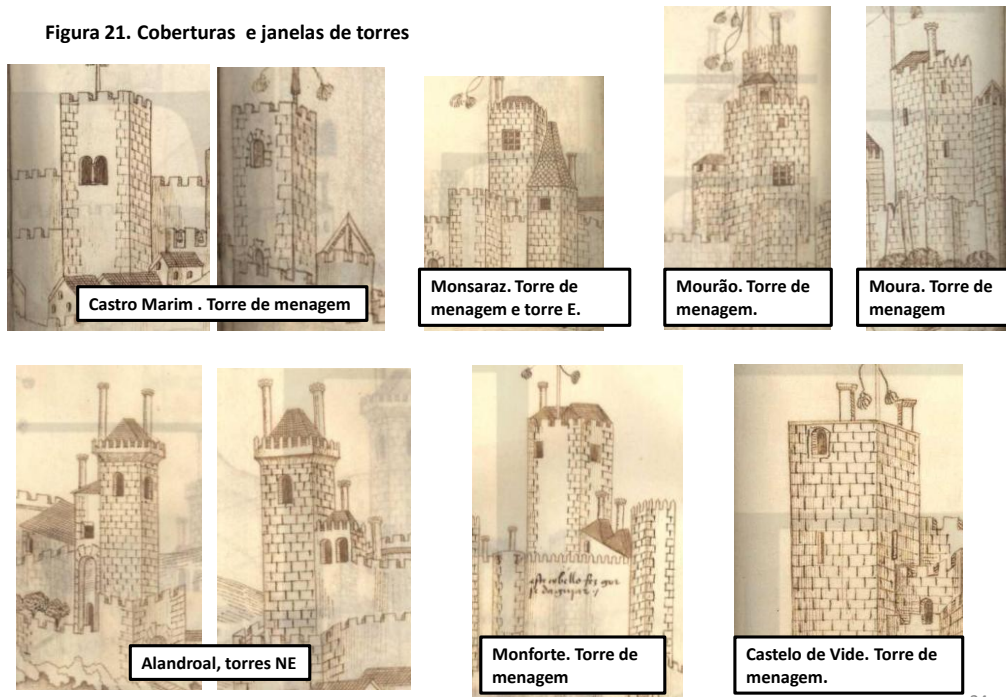
Figura 20. Adarves com escadas de acesso à torre de menagem.

Castelo de Alandroal, em cima; Castelo de Monsaraz, em baixo.

(Fotos do autor)

23

Figura 21. Coberturas e janelas de torres



24

Figura 22. Castelo de Noudar.

Piso aberto que faz a cobertura da torre de menagem

1. Escada de acesso aos adarves do terraço
2. Boca de cisterna
3. Adarves
4. Porta de acesso

(As fotos são retiradas do SIPA - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=898)

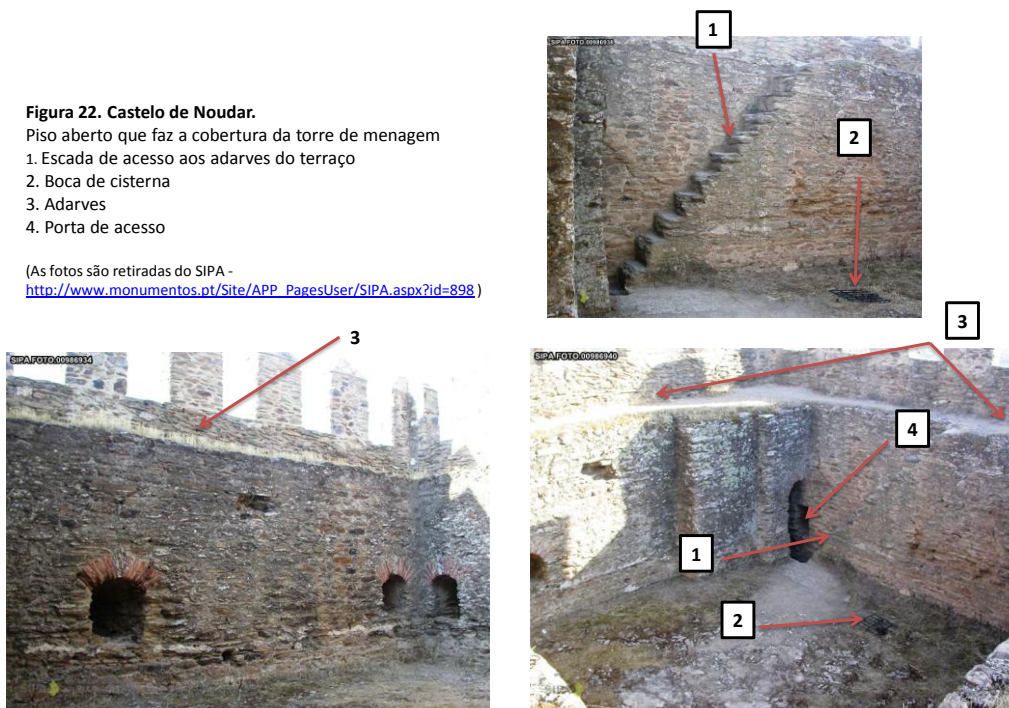
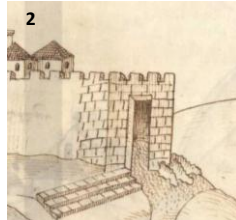


Figura 23. Diferentes tipos de portas.

1 e 2 – portas de arco e de verga reta da cerca em Castro Marim.

3 – porta em arco abatido do castelo de Alpalhão.

4 e 5 – portas falsas inscritas - em arco de ferradura no castelo de Moura, e em arco pleno no castelo de Alandroal



26

Figura 24. Portas principais dos castelos de Moura (a esquerda) e de Serpa (a direita).

(Fotos do autor)



27

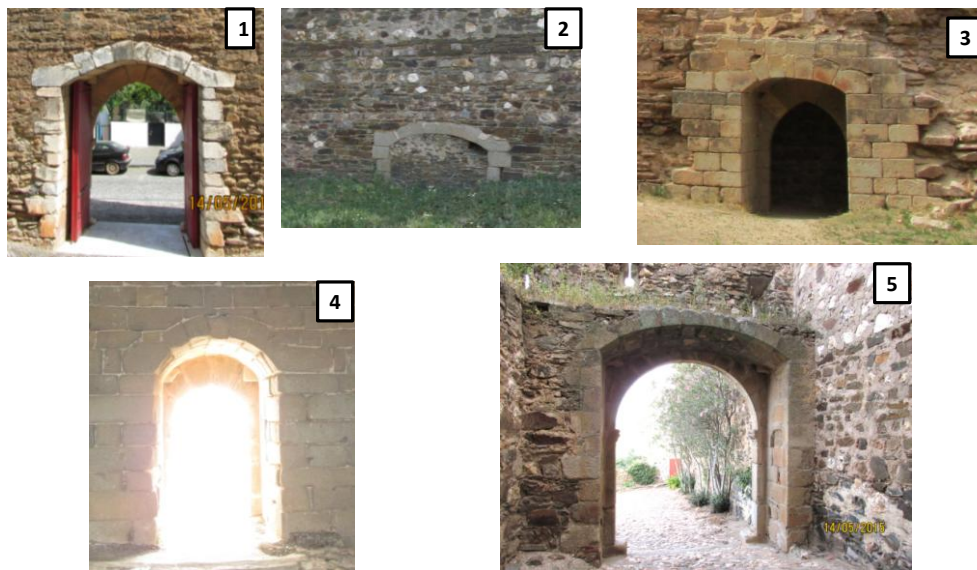


Figura 25. Uso de abóbodas abatidas com portas exteriores em arcos diferentes.

Século XIII (finais) – 1. Porta Legali, cerca de Alandroal.

Século XIV - 2. Porta do Sol, castelo de Terrena; 3. Porta de Monsaraz, cerca de Mourão; 4. Porta da torre de menagem, castelo de Mourão.

Século XVI - 5. Porta principal do castelo de Terrena

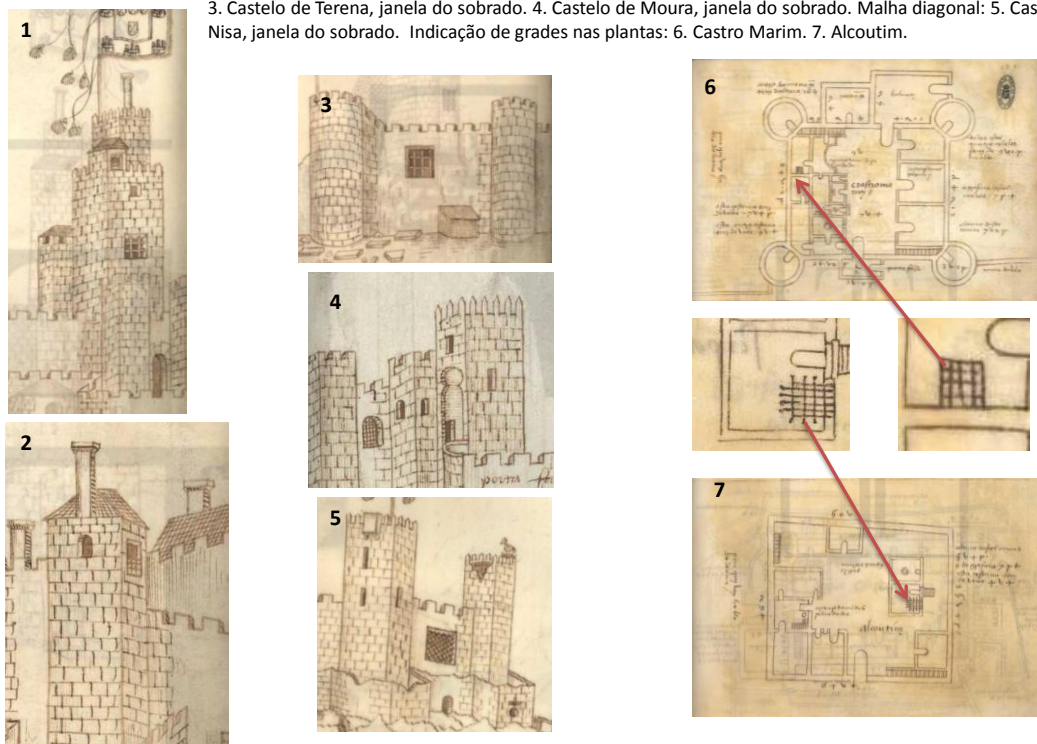
(Fotos do autor)

28

Figura 26. Janelas com grades. Malha ortogonal : 1 e 2 - Castelo de Mourão, torre de menagem e torre E.

3. Castelo de Terena, janela do sobrado. 4. Castelo de Moura, janela do sobrado. Malha diagonal: 5. Castelo de Nisa, janela do sobrado.

Indicação de grades nas plantas: 6. Castro Marim. 7. Alcoutim.



29

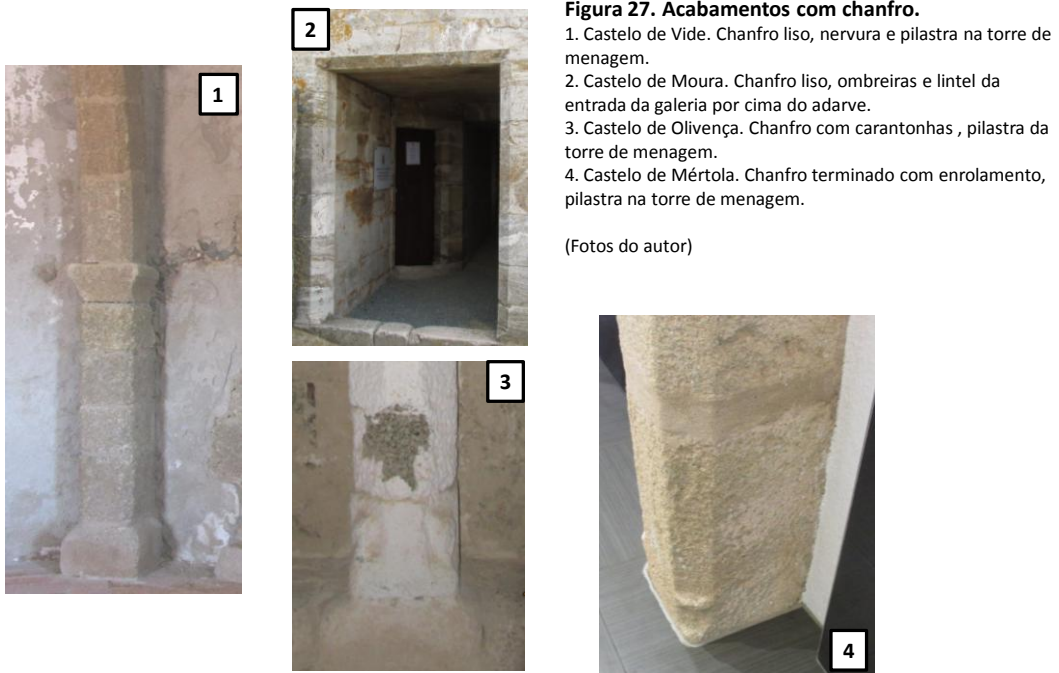


Figura 27. Acabamentos com chanfro.

1. Castelo de Vide. Chanfro liso, nervura e pilastra na torre de menagem.
2. Castelo de Moura. Chanfro liso, ombreiras e lintel da entrada da galeria por cima do adarve.
3. Castelo de Olivença. Chanfro com carantonhas , pilastra da torre de menagem.
4. Castelo de Mértola. Chanfro terminado com enrolamento, pilastra na torre de menagem.

(Fotos do autor)

Figura 28. Abóbodas das torres de menagem dos castelos .

1. Castelo de Vide. 2. Moura. 3. Elvas. 4. Mértola. 5. Olivença (sala do segundo andar). 6. Mourão.

(Fotos do autor)

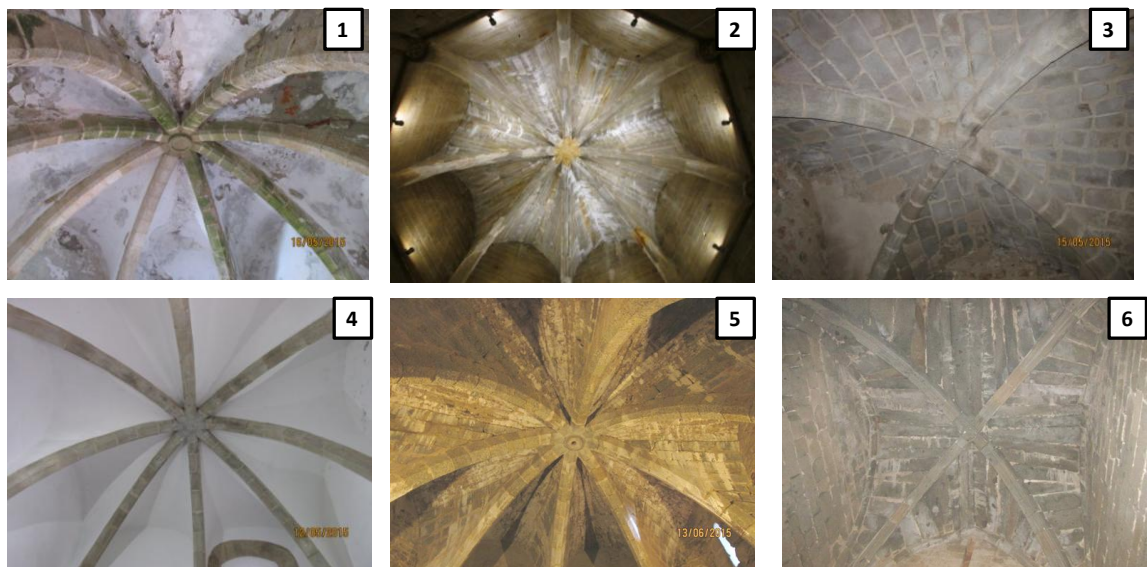
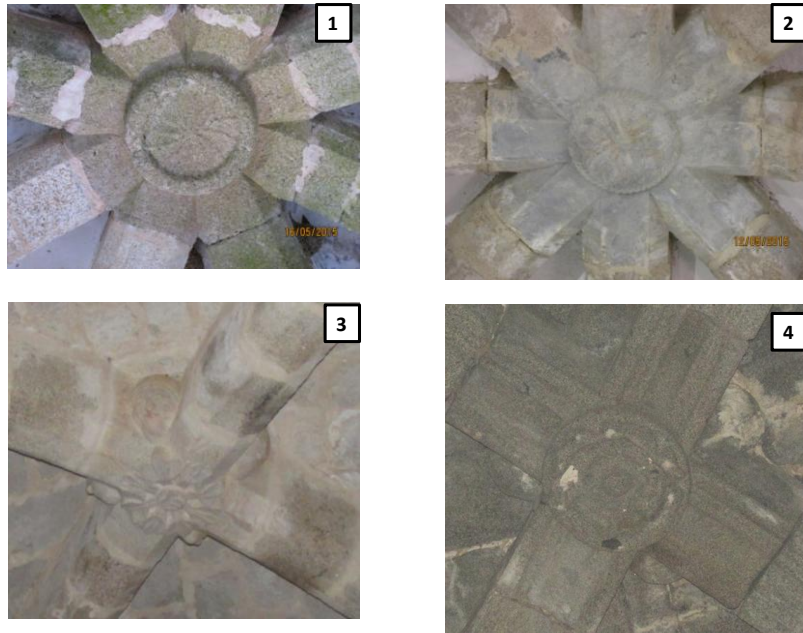


Figura 29. Chaves das abóbodas.

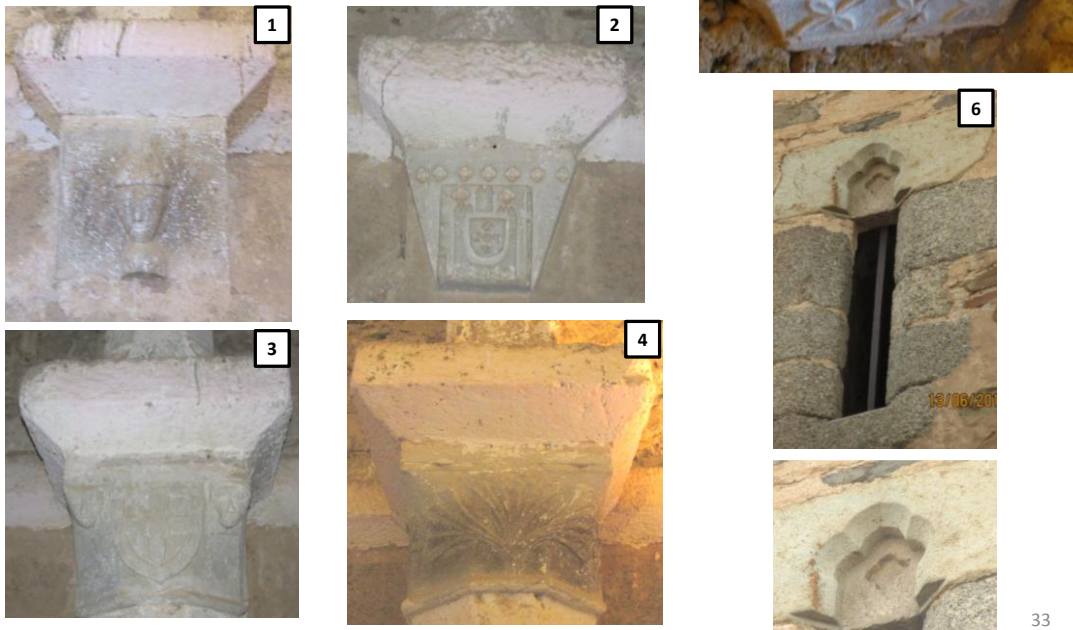
1. Castelo de Vide. 2. Mértola. 3. Elvas. 4. Mourão. (Fotos do autor)



32

Figura 30. Castelo de Olivença. Elementos decorativos da torre de menagem.

Sala do 2º andar: 1 e 2 – Mísulas com decoração. 3 e 4 – Capiteis com decoração. 5. Imposta da porta de entrada no piso térreo. 6. Acabamento de uma das frestas. (Fotos do autor)



33

Figura 31. Castelo de Terena. Elementos decorativos.

1-4 Mísula do segundo andar da torre de menagem.

5. Imposta do arco do baluarte de entrada. 6. Imposta do arco da porta principal. (Fotos do autor)



34

Figura 32. Castelo de Moura. Elementos decorativos na torre de menagem: capiteis no interior da torre, gárgula em forma de girafa. (Fotos de autor).



35

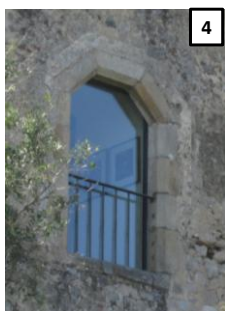
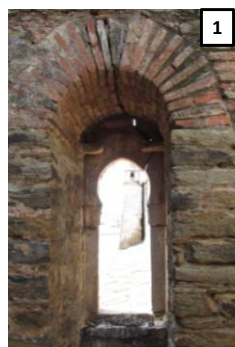


Figura 33. Elementos decorativos.

Castelo de Alandroal:

1 e 2 – janela em arco de ferradura, vista do interior e do exterior, respetivamente.

3. Uso de mármore branco para ressaltar as molduras de portas.

Castelo de Elvas:

4 e 5 – janelas de alcaidaria.

(Fotos do autor)

36



Figura 34. Castelo de Mourão.

Elementos decorativos.

1. Fresta com alfis com arco trilobado em moldura pentagonal no *Livro das Fortalezas* e atualmente. O marco geodésico está construído no lugar onde se encontrava a casa do eirado.

2. Porta de entrada em *sholder arch* da torre da porta falsa.

3. Porta em arco trilobado de acesso à escada no interior da torre de menagem.

(Fotos do autor)

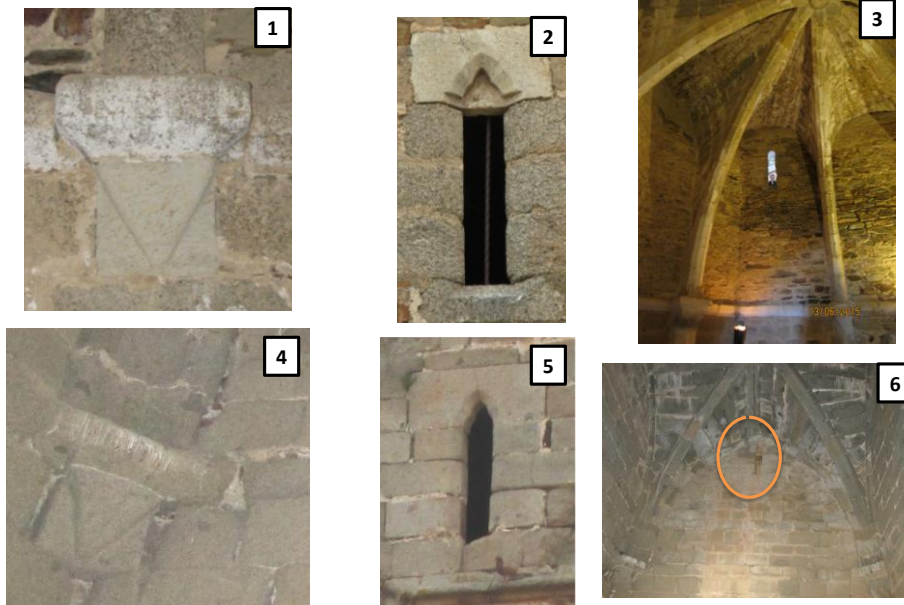


37

Figura 35. Semelhanças em acabamentos das torres de menagem de Olivença e de Mourão.

1,2 e 3 – Castelo de Olivença: mísula na sala do 2º andar, alfis com arco trilobado de uma das frestas, fresta por baixo da abóboda.

4,5 e 6 – Castelo de Mourão: mísula na sala da torre, alfis com arco trilobado de uma das frestas, fresta por baixo da abóboda.



(Fotos do autor)

38

Figura 36. Lápides.

1. Castelo de Serpa, Torre da Horta – brasão de D. Dinis e uma serpe, símbolo da vila. 2. Castelo de Elvas, entrada, brasão de D. João II e sua insígnia. 3. Castelo de Alandroal, insígnia da ordem de Avis. 4. Castelo de Mourão, entrada, texto comemorativo, brasão de D. Afonso IV ladeado por símbolos do Sol e da Lua.

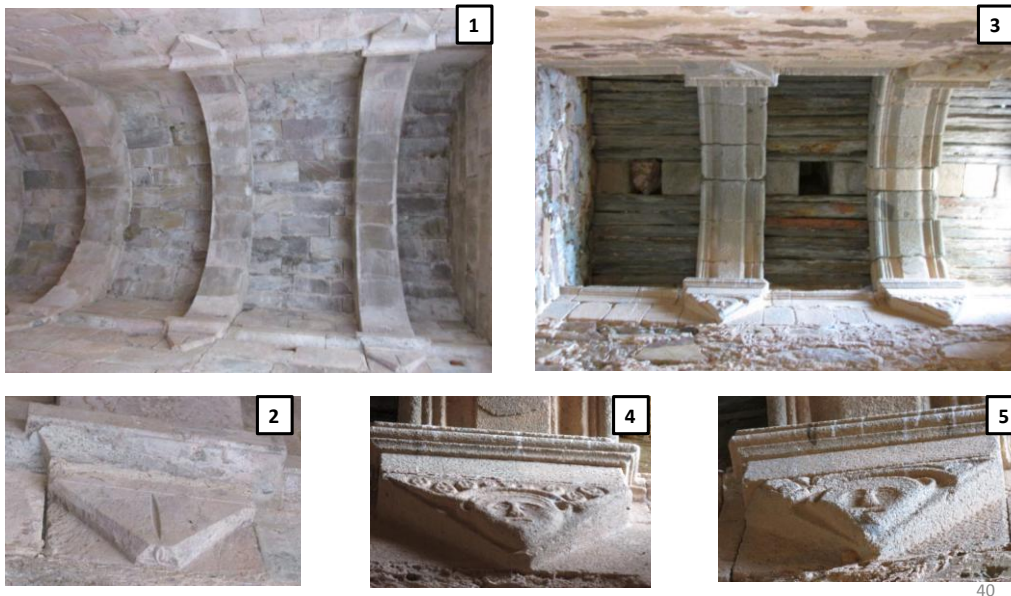


A imagem da lápide 3 foi retirada de BARROCA, Mário Jorge, *Terena e a Ermida da Boa Nova*. P. 17. As outras fotos são do autor.

39

Figura 37. Acabamentos e decorações no interior de galerias em Serpa e em Mourão:

1. Parte SE da galeria no piso térreo da Torre da Horta no castelo de Serpa. 2. Pormenor de mísula. 3. Parte O da Porta de Monsaraz em cerca de Mourão. 4 e 5. Pormenores de mísulas com decoração antropomórfica. (Fotos do autor)



40

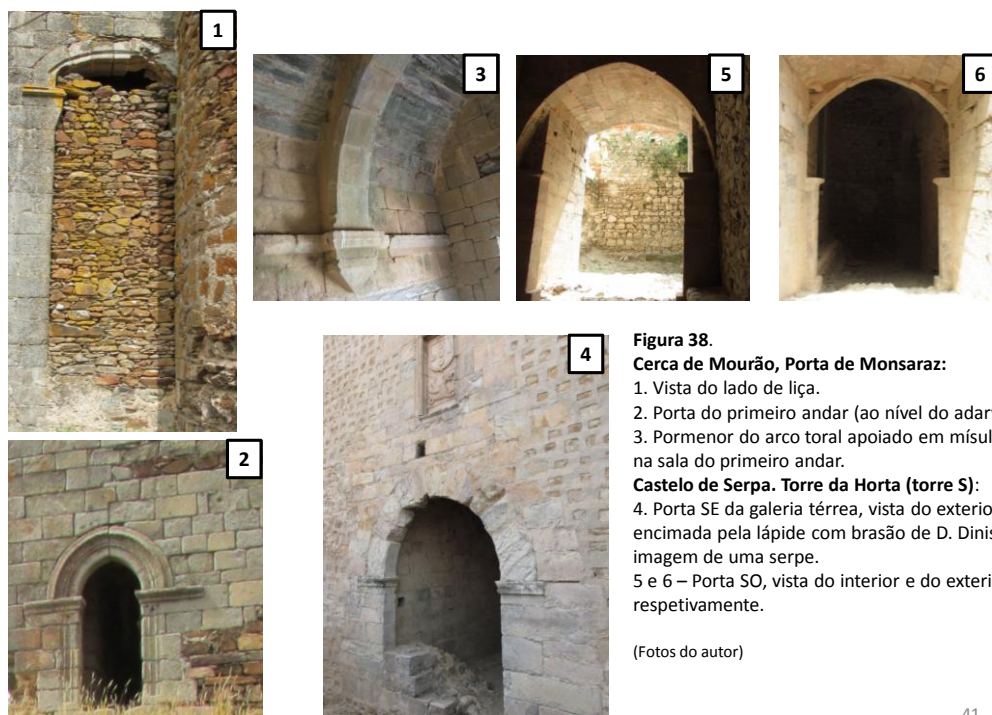


Figura 38.

Cerca de Mourão, Porta de Monsaraz:

1. Vista do lado de liça.
2. Porta do primeiro andar (ao nível do adarve)
3. Pormenor do arco toral apoiado em mísula na sala do primeiro andar.

Castelo de Serpa. Torre da Horta (torre S):

4. Porta SE da galeria térrea, vista do exterior, encimada pela lápide com brasão de D. Dinis e imagem de uma serpe.
- 5 e 6 – Porta SO, vista do interior e do exterior, respetivamente.

(Fotos do autor)

41

Figura 39. Decoração de portas e janelas. 1 e 2 – Castelo de Vide. 3 - Elvas. 4 e 5 – Monsaraz. 6 – Mértola.
(Fotos do autor)



42

Figura 40. Alcaidarias de Beja e de Óbidos.
Beija. 1 e 2 Vista geral. 3. Pormenor de janela.
Óbidos. 4. Vista geral. 5. Pormenor da porta. 6. Pormenor de janela. (Fotos do autor)



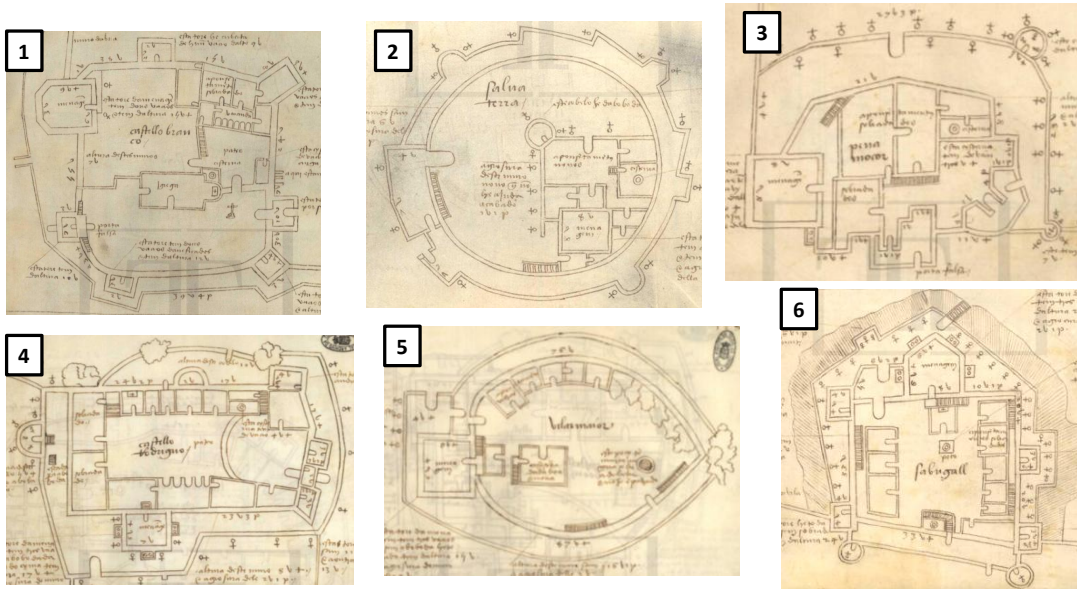
43

Capítulo 2.

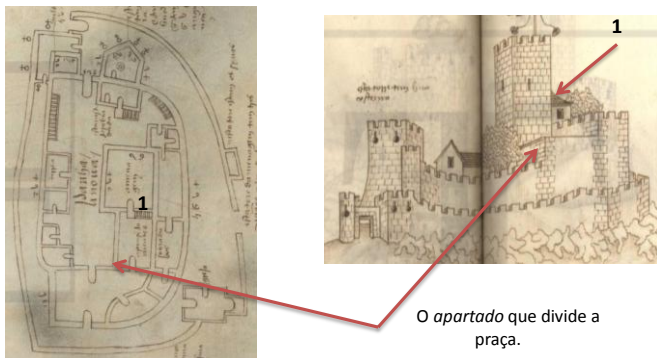
Castelos das Beiras.

Figura 41. Organização de espaço no interior das praças.

1. Castelo Branco; 2. Salvaterra; 3. Penamacor; 4. Castelo Rodrigo; 5. Vilar Maior; 6. Sabugal.



45



O *apartado* que divide a praça.

Figura 42. Organização de espaço no interior das praças.

Idanha-a-Nova. A divisão da praça; 1 – camara.

Figura 43. Aproveitamento das muralhas.

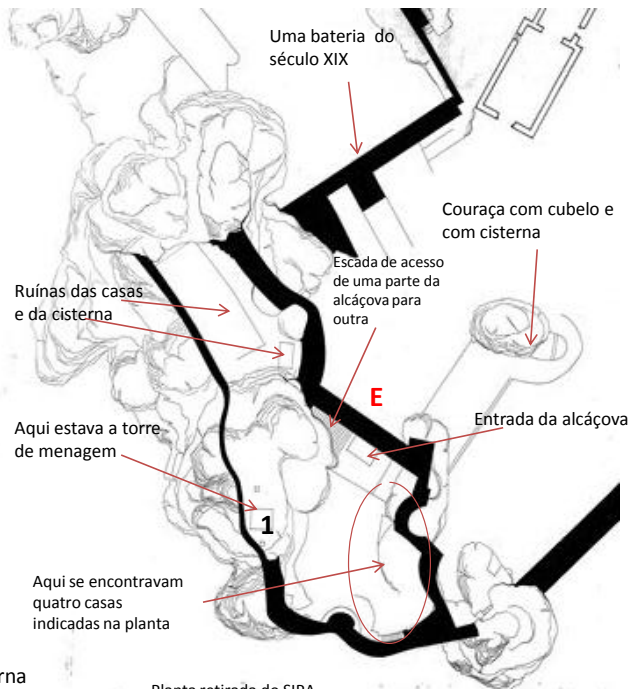
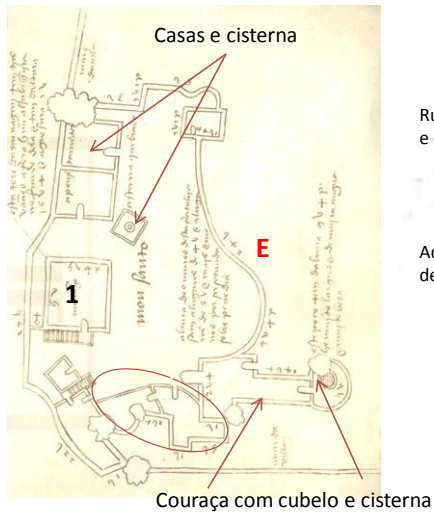
1. Castelo Branco; 2. Idanha-a-Nova; 3. Monsanto.



46

Figura 44. Castelo de Monsanto. Planta de Duarte de Armas e planta atual.

A planta do castelo foi alterada no início do século XIX – reconstrução da muralha **E** diminuiu o espaço da praça de forma que foi preciso fazer uma escada para ligar a parte N e S que ficaram separadas pelo penedo com torre de menagem (1)



Planta retirada do SIPA.
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8482

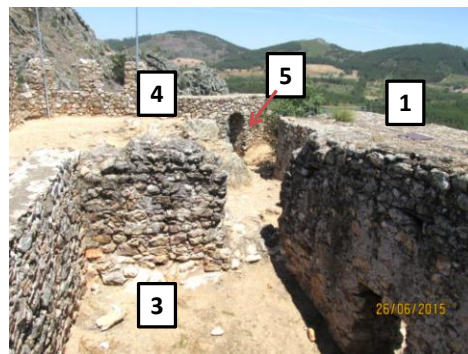
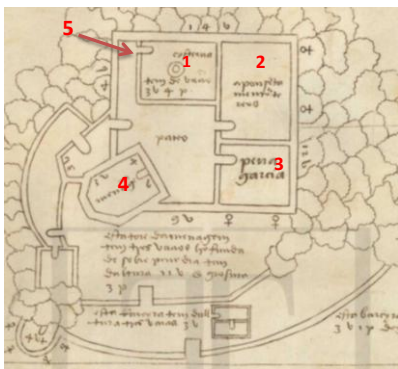


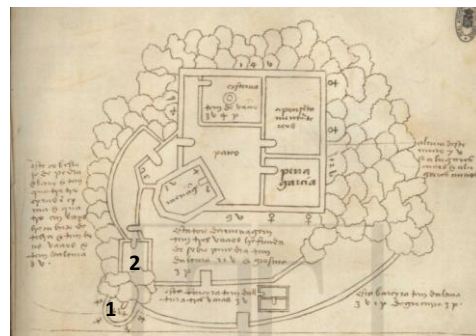
Figura 45. Castelo de Penha Garcia.
 Espaço interior da praça.

- 1 - cisterna;
 - 2 - o espaço que corresponde à cozinha;
 - 3 - o espaço que corresponde à despensa;
 - 4 - o embasamento da torre de menagem;
 - 5 - porta norte;
 - 6 - porta sul, não se encontra na planta de Duarte de Armas, foi rasgada durante trabalhos de restauro para servir a nova escada de acesso construída deste lado.
- (Fotos do autor)

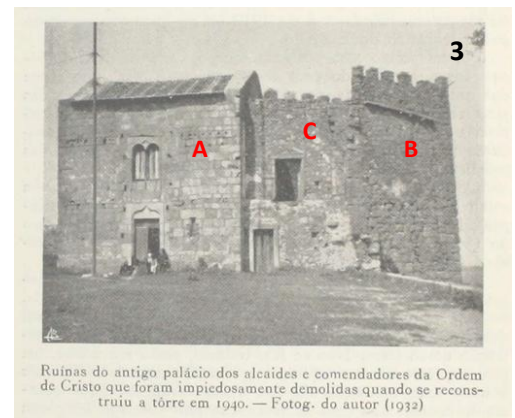
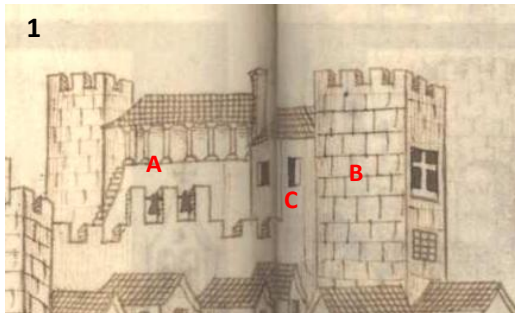




Figura 46. Castelo de Penha Garcia.
Afloramento rochoso localizado a NO da torre de menagem.
1. Local onde se encontrava o cubelo;
2. Local onde se encontrava o celeiro.
(Fotos do autor)



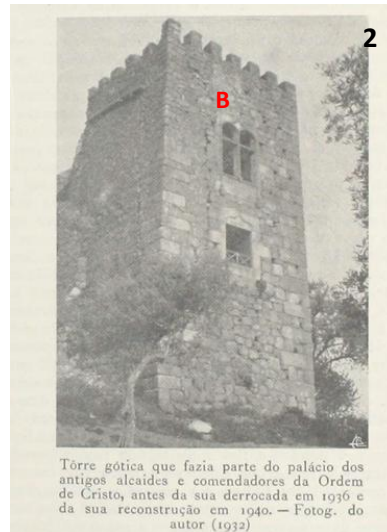
49



Ruínas do antigo palácio dos alcaides e comendadores da Ordem de Cristo que foram impiedosamente demolidas quando se reconstruiu a torre em 1940. — Fotog. do autor (1932)

Figura 47. Castelo Branco. Paço dos Comendadores.

1 - Vista da banda do sueste (Livro das Fortalezas, Fl. 52)
2 e 3 - Paço no início dos anos 30 do século XX. Fotos retiradas do livro de Manuel Tavares dos Santos "Castelo Branco na História e na Arte" (pp. 55 e 59).
Três corpos que constituíam o Paço: A - corpo principal "casa grande"; B - torre E; C - corpo turriforme "casa pequena".



Torre gótica que fazia parte do palácio dos antigos alcaides e comendadores da Ordem de Cristo, antes da sua derrocada em 1936 e da sua reconstrução em 1940. — Fotog. do autor (1932)

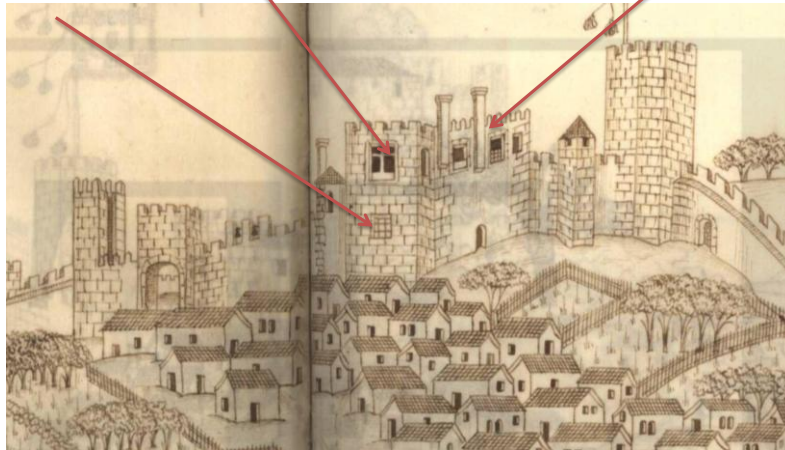
50

Figura 48. Castelo Branco. Paço dos Comendadores.

Guarda-roupa "(...) com outra tal chaminee de pedraria e duas janelas d assentos hũa ao norte e outra de cruz ao levante com sua portas bõoas."

Camara "argamassada sobre moçoço (...) e nella hũa janella d assentos com huus ferros muijto bem obrados".

Sala com hũa chaminee de pedraria e três grandes janelas com suas portas. (...) duas que uam contra ho norte. hũa d assentos e outra com peitoril de ferros".



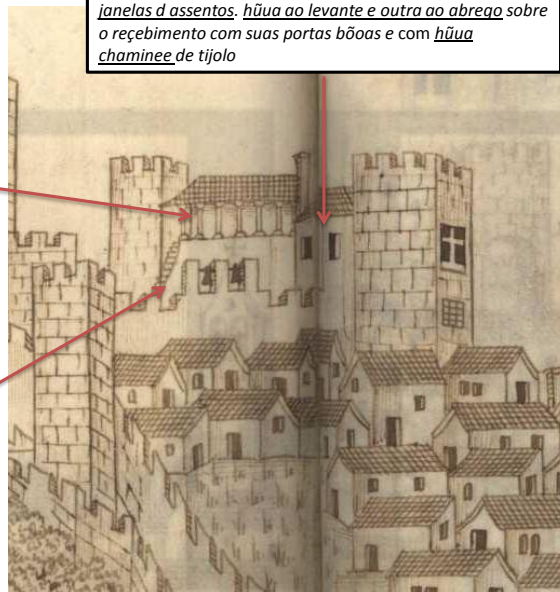
51

Figura 49. Castelo Branco. Paço dos Comendadores.

câmara forrada d oliuel da sobredicta maneira e com duas janelas d assentos. hũa ao levante e outra ao abrego sobre o recebimento com suas portas bõoas e com hũa chaminee de tijolo

varanda grande forrada d oliuel de castanho sobre as asnas armada sobre colunas de pedra com seu peitoril de pedraria bem obrado,

escada de pedraria muito bem obrada em que haa xxvij degraaos com seu mainel de pedraria debrũado e dous tauleiros hũu ao pee e outro no çimo da dicta escaada



52



Figura 50. Praça de Castelo Rodrigo.

1 - Torre de menagem; 2 - Local onde se encontrava o alpendre com arcada;
 3 - Casas com sobrados; 4 - Local onde se encontrava a capela; 5 - A casa com
 acesso à porta falsa; 6. - O *pateo*; 7 - A entrada da praça.
 (Fotos do autor)

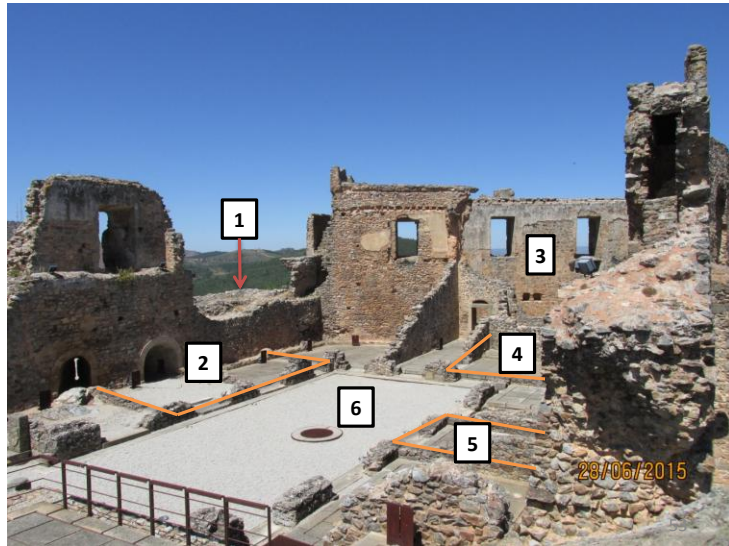
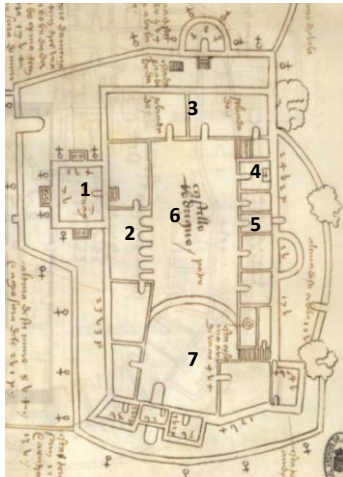


Figura 51. Castelo Rodrigo. Casas sobradadas.

Em baixo (vista do exterior) – a parede NO construída com aproveitamento total da muralha com três janelas que pertenciam ao Paço de Cristóvão de Moura.

A direita (vista do interior) : em cima - a parte sul; em baixo - a parte N com grande afloramento rochoso no fundo. A escada que dava acesso à entrada do sobrado também estava construída por cima deste penedo.

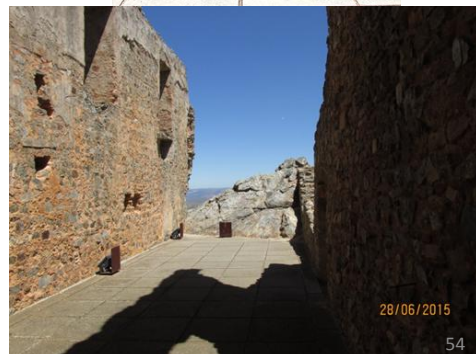
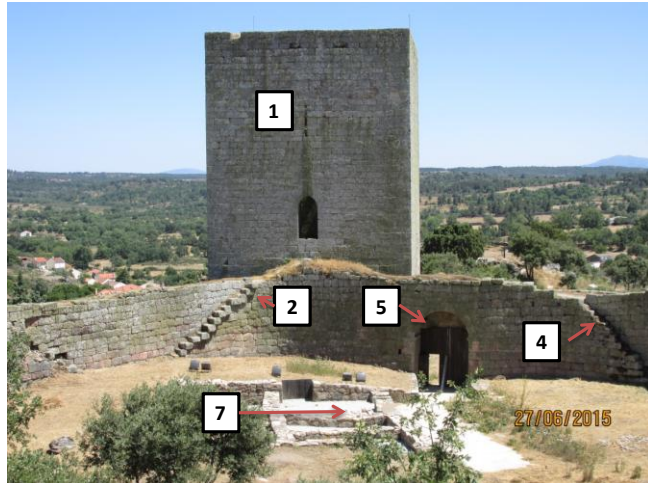
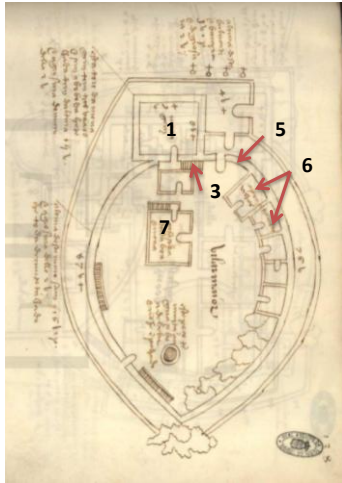


Figura 52. Castelo de Vilar Maior.

Há divergências entre a planta de Duarte d'Armas e a imagem real de acessos à torre de menagem: do lado esquerdo da torre (1) há uma escada antiga (2), com degraus fincados na muralha, que vai até a porta da entrada da torre; enquanto na planta a escada de acesso aparece do lado direito da torre(3). Na realidade, a escada à direita da torre (4) é muito mais afastada, encontra-se do outro lado da entrada do castelo (5), onde na planta se encontram as casas (6). No lugar da *casa sobradada boa e nova* (7) atualmente encontram-se as fundações das casas construídas aqui mais tarde.



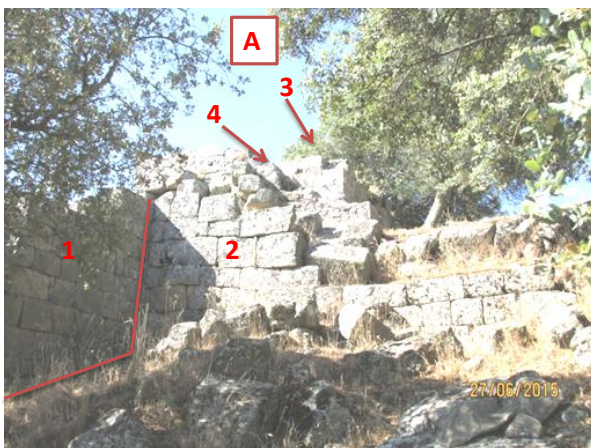
(Fotos do autor)

55

Figura 53. Castelo Mendo

A. Vista do lado exterior da praça:

- 1 – a parte inferior da torre de menagem;
- 2- resto da muralha que vai até o nível da praça;
- 3 – cisterna;
- 4 – escada da cisterna.



B. Vista do interior da praça:

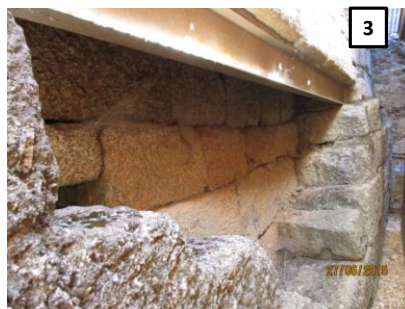
- 1 – cisterna;
- 2 – escada da cisterna.



56

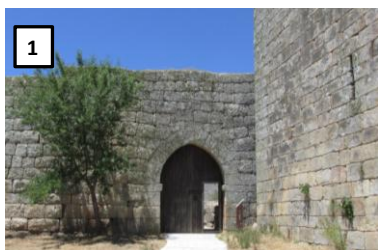
Figura 54. Sabugal. Materiais de construção.

Uso de silhares de granito nas construções anteriores ao castelo dionisiano: 1 – troço da cerca da vila ao pé do castelo; 2 e 3 – a parte inferior da muralha NO do castelo; 4 – a parte superior da muralha NO construída em alvenaria de pedra xistosa e argamassa.



(Fotos do autor)

Figura 55. Materiais de construção. Muralhas antigas de: 1- Vilar Maior (castelo); 2 – Monsanto (cerca da vila); 3 – Penamacor (cerca da vila); 4 – Castelo Bom (castelo).

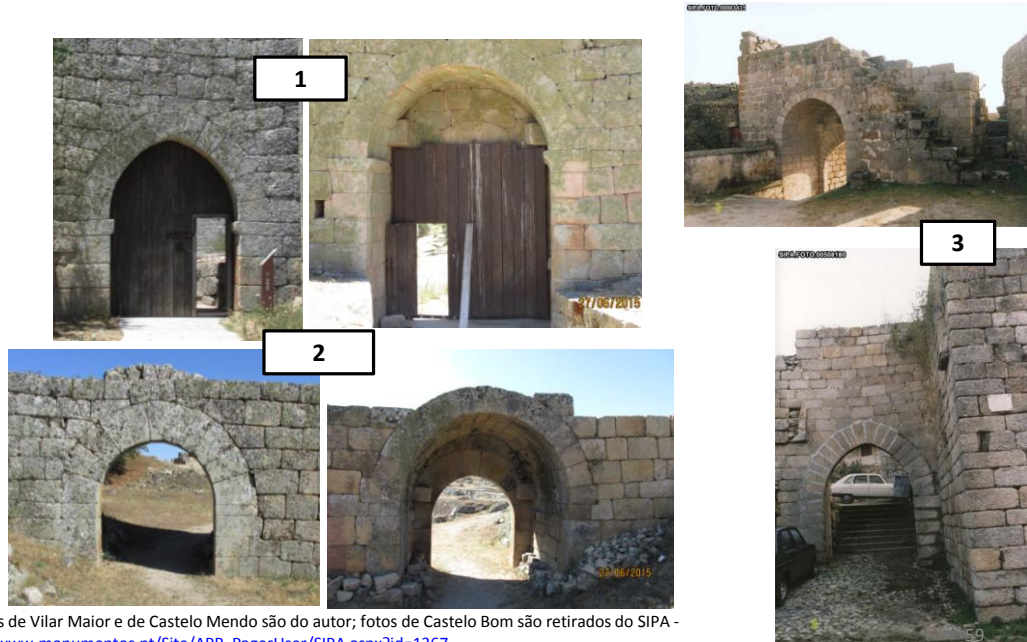


As primeiras três fotos são do Autor, a última é retirada do SIPA - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1367

58

Figura 56. Portas de castelos.

1 - Vilar Maior, porta principal, vista exterior e interior; 2 – Castelo Mendo, porta principal de alcáçova, vista exterior e interior; 3 – Castelo Bom, porta da cerca da vila, vista interior (em cima) e exterior (em baixo).

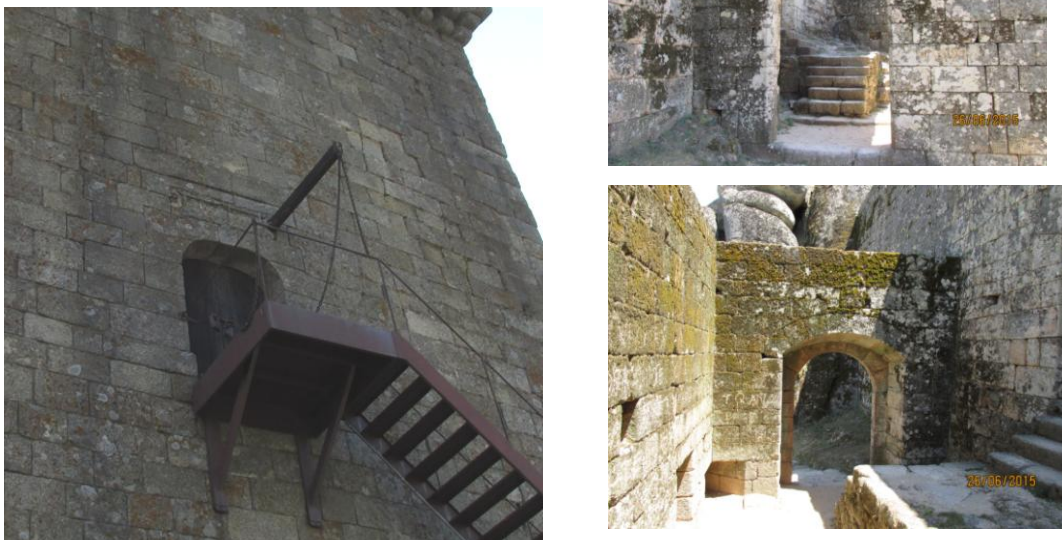


As fotos de Vilar Maior e de Castelo Mendo são do autor; fotos de Castelo Bom são retirados do SIPA - http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1367

Figura 57. Arcos abatidos.

Em baixo – a porta de entrada da torre de menagem em Penamacor;

A direita – a entrada do baluarte da proteção da porta da vila em Monsanto (vista do exterior em cima e do interior em baixo).



(Fotos do autor)

60

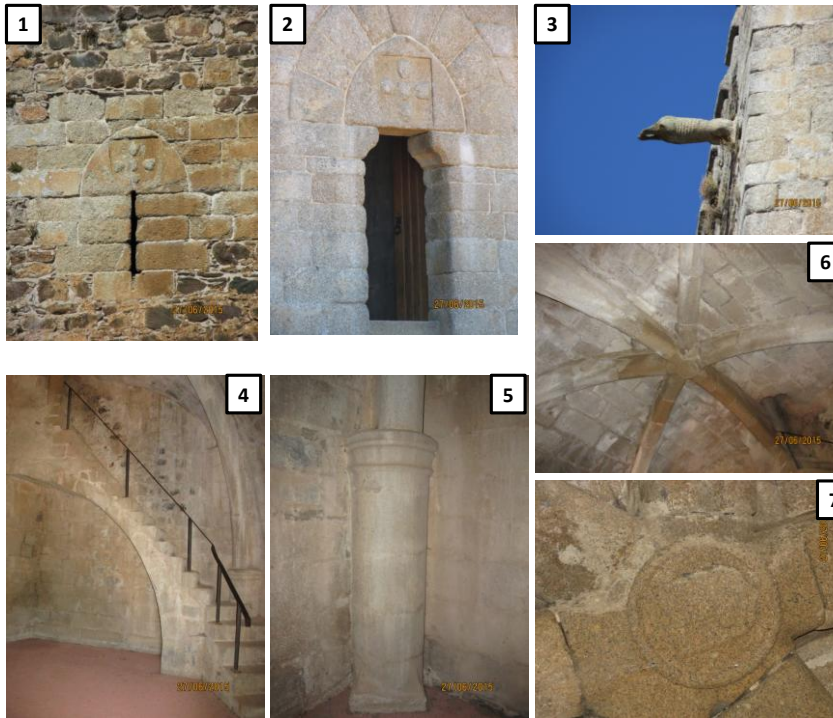


Figura 58. Castelo de Sabugal. Torre de menagem.

- 1 - Fresta no 1º andar da parede E.
- 2- A porta de entrada da torre.
- 3 – A gárgula zoomórfica na parede S da torre.
- 4 – A escada entre o 1º e 2º sobrados da torre.
- 5 – Colunas no 1º andar.
- 6 – A abóboda do 1º andar.
- 7 – A chave da abóboda.

(Fotos do autor)

61

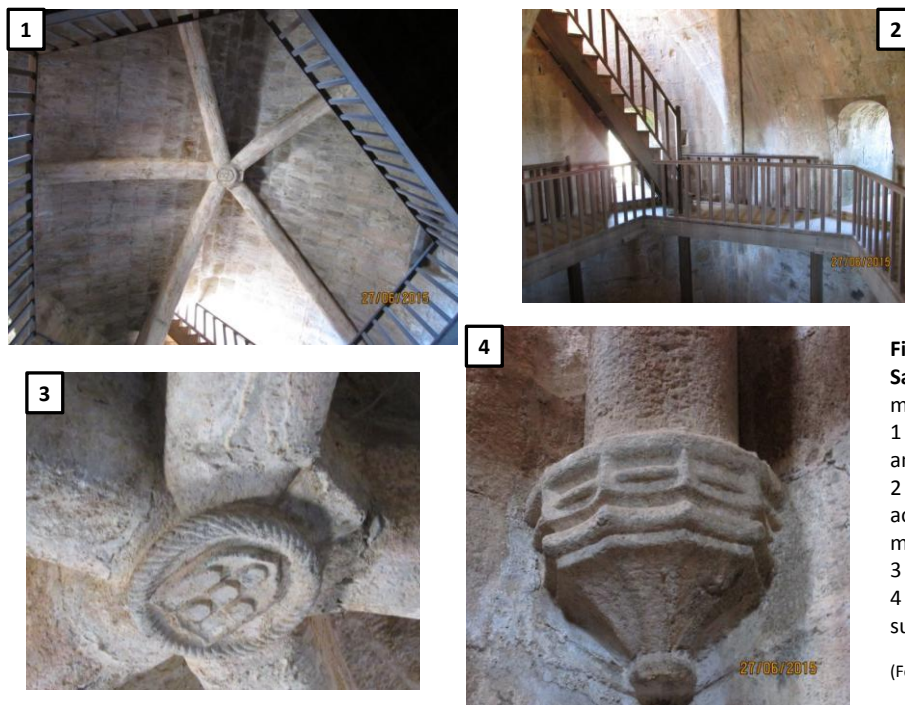


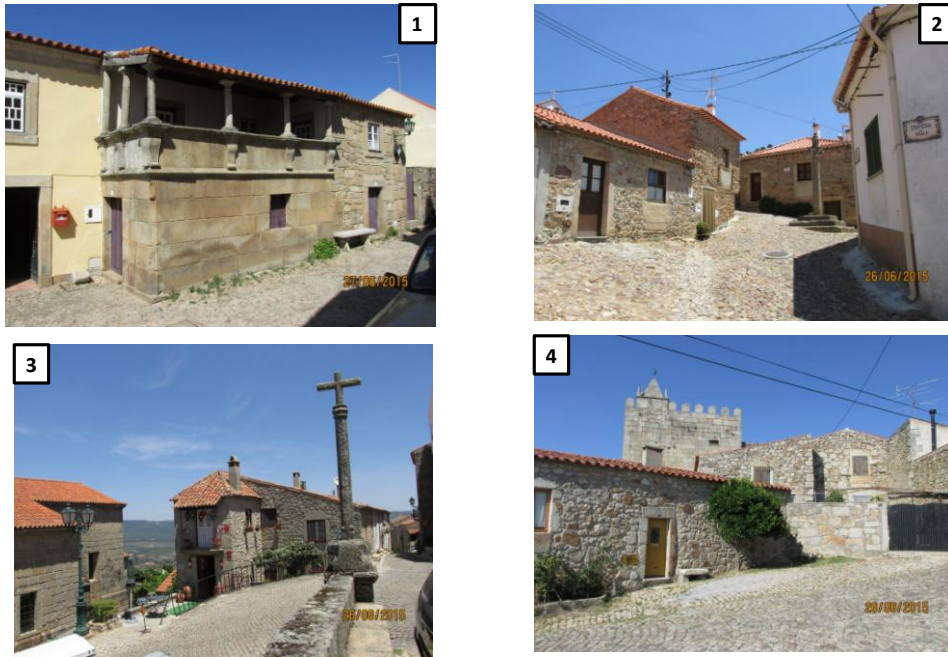
Figura 59. Castelo de Sabugal. Torre de menagem.

- 1 – A abóboda do 2º andar;
- 2 – A galeria de acesso aos balcões com maticães.
- 3 – A chave da abóboda.
- 4 – As mísulas do suporte no 2º andar.

(Fotos do autor)

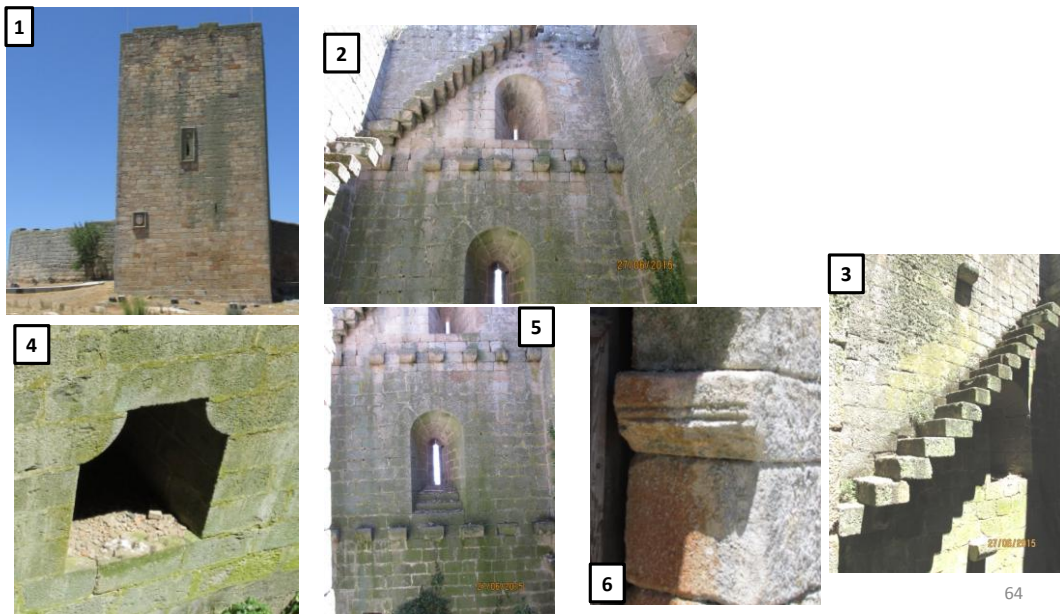
62

Figura 60. Casas do Norte em alvenaria e silhares de granito.
 1. Castelo Mendo. 2. Penha Garcia. 3. Monsanto. 4. Penamacor.
 (Fotos do autor)



63

Figura 61. Castelo de Vilar Maior. Torre de menagem.
 1 – A parede SE com molduras que envolvem o brasão de D. Dinis e a maior fresta da torre.
 2 e 3 - As escadas e cachorros de suporte dos pavimentos entre pisos.
 4 – As frestas do piso térreo. 5 – A fresta do primeiro andar. 6 – A decoração das impostas da porta principal do castelo.



64



Figura 62. Elementos decorativos e simbólicos.
1 – Esfera armilar no baluarte da porta da vila em Monsanto.
2 - Brasão de D. Manuel ladeado por esferas armilares na torre de menagem em Penamacor.
3 - As perolas no embasamento do cubelo em Castelo Rodrigo.
4 – Frontão triangular com brasão de D. João I e restos das pilastras. Porta principal da alcáçova em Castelo Rodrigo.